O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 14

ASWAMEDHA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

1

(Aswamedhika Parva)

Om! Tendo me curvado a Narayana, e Nara o principal dos seres masculinos, como também à deusa Saraswati, a palavra Jaya deve ser proferida.

"Vaisampayana disse, "Depois que o rei Dhritarashtra tinha oferecido libações de água (para o espírito de Bhishma), Yudhishthira de braços poderosos, com seus sentidos confusos, colocando o primeiro em sua frente, subiu nas margens (do rio), seus olhos banhados em lágrimas, e caiu na margem do Ganga como um elefante perfurado pelo caçador. Então incitado por Krishna, Bhima o ergueu (para não) afundar. 'Isto não deve ser assim' disse Krishna, o opressor de hostes hostis. Os Pandavas, ó rei, viram Yudhishthira, o filho de Dharma, atormentado e jazendo no chão, e também suspirando repetidamente. E vendo o rei abatido e fraco, os Pandavas, tomados pela angústia, se sentaram, circundando-o. E dotado de grande inteligência e tendo a visão da sabedoria, o rei Dhritarashtra, extremamente angustiado pelo pesar por seus filhos, dirigiu-se ao monarca, dizendo, 'Levante, ó tigre entre os Kurus. Encarregue-te agora dos teus deveres. Ó filho de Kunti, tu conquistaste a Terra segundo o costume dos Kshatriyas. Agora, ó senhor de homens, desfrute dela com teus irmãos e amigos. Ó principal dos justos, eu não vejo por que tu deves te afligir. Ó senhor da Terra, tendo perdido cem filhos como riquezas obtidas em um sonho, somos Gandhari e eu que devemos lamentar. Não tendo escutado as palavras significativas de Vidura de grande alma, que procurava nosso bem-estar, eu, de sentidos perversos, (agora) me arrependo. O virtuoso Vidura, dotado de discernimento divino, tinha me dito; ‘Tua linhagem encontrará com a aniquilação devido às transgressões de Duryodhana. Ó rei, se tu desejas a prosperidade da tua linhagem, aja de acordo com meu conselho. Rejeite este monarca de mente má, Suyodhana, e não deixe nem Karna nem Sakuni o verem por quaisquer meios. Impeça o jogo deles também, sem fazer nenhum rebuliço, e consagre o rei justo Yudhishthira. Ele de sentidos subjugados governará justamente a Terra. Se tu não admites o rei Yudhishthira, filho de Kunti, então, ó monarca, realizando um sacrifício, tu mesmo tome conta do reino, e considerando todas as criaturas com um olhar imparcial, ó senhor de homens, deixe que teus parentes, ó aumentador da tua família, subsistam de tua generosidade.' Quando, ó filho de Kunti, o perspicaz Vidura disse isso, tolo que eu era eu segui o perverso Duryodhana. Tendo me fingido de surdo às palavras gentis daquele sereno, eu obtive esta tristeza imensa como uma consequência, e tenho estado mergulhado em um oceano de dor. Veja teus velhos pai e mãe, ó rei, mergulhados em miséria. Mas, ó mestre de homens, eu não encontro motivo para a tua angústia.'"

2

"Vaisampayana disse, "Assim endereçado pelo inteligente rei Dhritarashtra, Yudhishthira, possuidor de compreensão, ficou calmo. E então Kesava (Krishna) o abordou, 'Se uma pessoa se entrega excessivamente à tristeza por seus

antepassados mortos, ela os aflige. (Portanto, banindo a dor), celebre (agora) muitos sacrifícios com presentes adequados para os sacerdotes; e gratifique os deuses com licor Soma, e os espíritos dos teus antepassados com o alimento e bebida devidos a eles. Também satisfaça teus convidados com carne e bebida e os desamparados com doações compatíveis com seus desejos. Uma pessoa de grande inteligência não deve se comportar dessa maneira. O que deve ser conhecido foi conhecido por ti; o que deve ser feito, também tem sido realizado. E tu ouviste os deveres dos Kshatriyas, declarados por Bhishma, o filho de Bhagirathi, por Krishna Dwaipayana, Narada e Vidura. Portanto tu não deves trilhar o caminho dos estúpidos; mas seguindo o costume dos teus antepassados, sustente a carga (do império). É apropriado que um Kshatriya deve alcançar o céu com certeza por seu (próprio) renome. Dos heróis, aqueles que vieram a ser mortos nunca terão que se despedir (das regiões celestes). Renuncie à tua angústia, ó soberano poderoso. Na verdade, o que aconteceu estava destinado a acontecer assim. Tu não podes de forma alguma ver aqueles que foram mortos nessa guerra.' Tendo dito isto para Yudhishthira, príncipe dos virtuosos, o espirituoso Govinda pausou; e Yudhishthira respondeu a ele dessa maneira, 'Ó Govinda, eu conheço perfeitamente bem teu afeto por mim. Tu sempre me favoreceste com teu amor e tua amizade. E, ó portador da maça e do disco, ó descendente da linhagem de Yadu, ó glorioso, se (agora) com uma mente satisfeita tu me permitires ir para o retiro dos ascetas na floresta, então tu realizarias o que é muito desejado por mim. Eu não encontro nenhuma paz depois de ter matado meu avô, e aquele principal dos homens, Karna, que nunca fugiu do campo de batalha. Ó Janardana, ordene de modo que eu possa ser libertado deste pecado hediondo e que minha mente possa ser purificada.' Quando o filho de Pritha estava falando assim, o altamente enérgico Vyasa, conhecedor dos deveres da vida, acalmando-o, falou estas palavras excelentes, 'Meu filho, tua mente ainda não está calma; e portanto tu estás novamente tomado por um sentimento infantil. E, então, ó filho, nós espalhamos repetidamente nossas palavras aos ventos? Tu conheces os deveres dos Kshatriyas, que vivem pela guerra. Um rei que realizou sua própria parte não se permitir ser dominado pela tristeza. Tu escutaste fielmente a doutrina inteira de salvação; e eu repetidamente removi tuas apreensões surgidas do desejo. Mas não prestando a devida atenção ao que eu revelei, tu de compreensão incorreta sem dúvida te esqueceste disto completamente. Não seja assim. Tal ignorância não é digna de ti. Ó impecável, tu conheces todos os tipos de expiação; e tu também ouviste das virtudes dos reis assim como os méritos da caridade. Por que então, ó Bharata, conhecedor de toda moralidade e versado em todos os Agamas, tu estás dominado (pela angústia) como se por ignorância?'"

3

"Vyasa disse, 'Ó Yudhishthira, tua sabedoria, eu penso, não é adequada. Ninguém faz alguma ação por virtude de seu próprio poder. É Deus quem o engaja em ações boas ou más, ó concessor de honra. Onde então está o espaço para arrependimento? Tu te consideras como tendo cometido atos ímpios.

Portanto, ó Bharata, ouça com muita atenção qual é o caminho pelo qual o pecado pode ser removido. Ó Yudhishthira, aqueles que cometem pecado podem sempre se livrar deles através de penitência, sacrifício e doações. Ó rei, ó principal dos homens, pessoas pecaminosas são purificadas por sacrifício, austeridades e caridade. Os celestiais de grande alma e Asuras realizam sacrifícios para assegurar mérito religioso; e, portanto sacrifícios são de importância suprema. Foi através de sacrifícios que os celestiais de grande alma se tornaram tão extraordinariamente poderosos; e tendo celebrado ritos eles derrotaram os Danavas. Ó Yudhishthira, te prepare para o Rajasuya, e Sacrifício de Cavalo, assim como, ó Bharata, para o Sarvamedha e o Naramedha (sacrifício humano). E então como o filho de Dasaratha, Rama, ou como Dushmanta e o filho de Sakuntala, teu antepassado, o senhor da Terra, o rei Bharata extremamente pujante, fizeram, de acordo com a ordenança celebre o Sacrifício de Cavalo com Dakshinas.' Yudhishthira respondeu, 'Sem dúvida o Sacrifício de Cavalo purifica príncipes. Mas eu tenho um propósito do qual cabe a ti ouvir. Tendo causado esta enorme carnificina de parentes, eu não posso, ó melhor dos regenerados, distribuir doações nem em uma pequena escala; eu não tenho riqueza para dar. Nem eu posso solicitar por riqueza estes jovens filhos de reis, estando em situação miserável, com seus ferimentos ainda frescos, e passando por sofrimento. Como, ó principal dos duas vezes nascidos, eu mesmo tendo destruído a Terra eu posso, dominado pela tristeza, arrecadar tributos para celebrar um sacrifício? Por causa do erro de Duryodhana, ó melhor dos ascetas, os reis da Terra encontraram com a destruição, e nós colhemos infâmia. Por causa de riqueza Duryodhana devastou a Terra; e a tesouraria daquele filho de mente pecaminosa de Dhritarashtra está vazia. (Neste sacrifício), a Terra é o Dakshina; esta é a regra que está prescrita em primeiro lugar. A anulação usual desta regra, embora sancionada, é observada pelos eruditos como tal. Nem, ó asceta, eu quero ter um substituto (para este processo). Nesta questão, ó senhor venerável, cabe a ti me favorecer com teu conselho.' Assim endereçado pelo filho de Pritha, Krishna Dwaipayana, refletindo por um instante, falou para o rei justo, 'Esta tesouraria, (agora) esgotada, será cheia. Ó filho de Pritha, na montanha Himavat (os Himalayas) há ouro que foi deixado para trás por Brahmanas no sacrifício de Marutta de grande alma.' (O rei Marutta celebrou um sacrifício nos Himalayas, concedendo ouro para Brahmanas. Não sendo capazes de carregar toda a quantidade, eles tinham carregado tanto quanto eles puderam, jogando fora o restante.) Yudhishthira perguntou, 'Como naquele sacrifício celebrado por Marutta tanto ouro foi acumulado? E, ó principal dos oradores, quando ele reinou?' Vyasa disse 'Se, ó filho de Pritha, tu estás ansioso para ouvir sobre aquele rei nascido da linhagem de Karandhama, então me ouça enquanto eu te conto quando aquele monarca muito poderoso possuidor de riqueza imensa reinou.'"

4

"Yudhishthira disse, 'Ó justo, eu estou desejoso de ouvir a história daquele sábio nobre Marutta. Ó Dwaipayana, narre-a para mim, ó impecável.'"

"Vyasa disse, 'Ó filho, na era Krita Manu era o senhor (da Terra) brandindo o cetro. Seu filho era conhecido sob o nome de Prasandhi. Prasandhi teve um filho chamado Kshupa, o filho de Kshupa foi aquele senhor (de homens), o rei Ikshwaku. Ele, ó rei, teve uma centena de filhos dotados de piedade preeminente. E todos eles foram feitos monarcas pelo rei Ikshwaku. O mais velho deles, de nome Vinsa, se tornou o ideal dos arqueiros. O filho de Vinsa, ó Bharata, era o auspicioso Vivinsa. Vivinsa, ó rei, teve quinze filhos; todos eles eram arqueiros poderosos, respeitosos para os Brahmanas e sinceros, amáveis e sempre falando imparcialmente. O irmão mais velho, Khaninetra, oprimiu todos os seus irmãos. E tendo conquistado o reino inteiro livre de todos os distúrbios, Khaninetra não pôde reter sua supremacia; nem o povo estava satisfeito com ele. E destronando-o, eles, ó principal dos monarcas, investiram seu filho Suvarcha com os direitos de soberania e (tendo efetuado isto) sentiram alegria (em seus corações). Vendo os reversos sofridos por seu pai assim como sua expulsão do império, ele estava sempre aplicado em ocasionar o bem-estar das pessoas, sendo devotado aos Brahmanas, falando a verdade, praticando pureza e controlando seus sentidos e pensamentos. E os súditos estavam bem satisfeitos com aquele de grande alma constante em virtude. Mas ele estando constantemente engajado em atos virtuosos, seus tesouros e veículos ficaram imensamente reduzidos. E por sua tesouraria ter ficado esgotada, os príncipes feudatários enxameando ao redor dele começaram a lhe dar problemas. Sendo assim oprimido por muitos inimigos enquanto sua tesouraria, cavalos e veículos estavam empobrecidos, o rei sofreu grande tribulação junto com seus atendentes e os habitantes de sua capital. Embora seu poder diminuísse imensamente, ainda assim os inimigos não podiam matar o rei, pois seu poder, ó Yudhishthira, estava estabelecido na justiça. E quando ele tinha alcançado o extremo da miséria junto com os cidadãos, ele soprou sua mão (com sua boca), e disso lá apareceu um abastecimento de forças. E então ele derrotou todos os reis que viviam ao longo das fronteiras de seus domínios. E a partir desta circunstância, ó rei, ele foi celebrado como Karandhama. Seu filho, (o primeiro) Karandhama que nasceu no início da era Treta, se igualou ao próprio Indra e era dotado de benevolência, e invencível até pelos imortais. Naquele tempo todos os reis estavam sob seu controle; e igualmente em virtude de sua riqueza e por sua coragem ele se tornou seu imperador. Em resumo, o rei justo de nome Avikshit se tornou como o próprio Indra em heroísmo; e ele era dado a sacrifícios, se deleitava na virtude e mantinha seus sentidos sob restrição. E em energia ele parecia com o sol e em paciência como a própria Terra; em inteligência, ele era como Vrihaspati, e em tranquilidade a própria montanha Himavat. E aquele rei deleitou os corações de seus súditos por meio de ações, pensamentos, palavras, autodomínio, e clemência. Ele realizou centenas de Sacrifícios de Cavalo, e o próprio potente e erudito Angira o servia como sacerdote. Seu filho superou seu pai na posse de boas qualidades. Chamado Marutta, aquele senhor dos reis era justo e de grande renome, e possuidor do poder de dez mil elefantes. Ele era como um segundo Vishnu. Desejoso de celebrar um sacrifício, aquele monarca virtuoso, indo para o Monte Meru no lado norte de Himavat, fez milhares de recipientes dourados brilhantes serem forjados. Lá em uma enorme colina dourada ele realizou os ritos. E ourives fizeram inumeráveis bacias e recipientes e panelas e assentos. E a área sacrifical

era perto deste lugar. E aquele justo senhor da Terra, o rei Marutta, junto com outros príncipes, realizou um sacrifício lá.'"

5

"Yudhishthira disse, 'Ó melhor dos oradores, como aquele rei se tornou tão poderoso? E como, ó duas vezes nascido, ele obteve tanto ouro? E onde está agora, ó senhor venerável, toda a sua riqueza? E, ó asceta, como nós podemos obter a mesma?'"

"Vyasa então disse, 'Como a prole numerosa do Prajapati Daksha, os Asuras e os Celestiais desafiaram uns aos outros (para combate), assim da mesma maneira os filhos de Angira, o extremamente enérgico Vrihaspati e o asceta Samvarta, de votos iguais, desafiaram um ao outro, ó rei. Vrihaspati começou a importunar Samvarta repetidas vezes. E constantemente incomodado por seu irmão mais velho, ele, ó Bharata, renunciando às suas riquezas, foi para as florestas, com nada para cobrir seu corpo salvo o céu aberto. (Naquele tempo), Vasava tendo vencido e destruído os Asuras, e obtido a soberania das regiões celestes tinha nomeado como seu sacerdote o filho mais velho de Angira, aquele melhor dos Brahmanas, Vrihaspati. Antigamente Angira era o sacerdote da família do rei Karandhama. Inigualável entre os homens em poder, destreza e caráter; poderoso como Satakratu, de alma justa e de votos rígidos, ó rei, ele tinha veículos, e guerreiros, e muitos partidários, e armações de cama excelentes e caras, produzidas por meio de meditação pelo ar de sua boca. E por suas virtudes naturais, o monarca tinha trazido todos os príncipes sob seu domínio. E tendo vivido tanto quanto ele desejava, ele ascendeu para o céu em sua encarnação corpórea. E seu filho chamado Avikshit, conquistador de inimigos, íntegro como Yayati, trouxe toda a Terra sob seu domínio. E em mérito e poder o rei parecia com seu pai. Ele teve um filho chamado Marutta, dotado de energia, e parecendo com o próprio Vasava. Esta Terra vestida em oceanos se sentiu arrastada em direção a ele. Ele sempre costumava desafiar o senhor dos celestiais; e ó filho de Pandu, Vasava também afrontava Marutta. E Marutta, mestre da Terra, era puro e possuidor de perfeições. E apesar do seu esforço, Sakra não pôde prevalecer sobre ele. E incapaz de controlá-lo, ele, andando a cavalo, junto com os celestiais, convocando Vrihaspati, falou a ele dessa maneira, 'Ó Vrihaspati, se tu desejas fazer o que é agradável para mim, não realize trabalhos sacerdotais para Marutta em nome das divindades ou Espíritos ancestrais. Eu, ó Vrihaspati, obtive a soberania dos três mundos, enquanto Marutta é meramente o senhor da Terra. Como, ó Brahmana, tendo agido como sacerdote para o rei imortal dos celestiais, tu realizarás sem hesitação a função sacerdotal para Marutta sujeito à morte? Que o bem te aconteça! Adira ao meu lado ou aquele do monarca, Marutta, ou abandonando Marutta, venha para mim alegremente.' Assim abordado pelo soberano dos celestiais, Vrihaspati, refletindo por um momento, respondeu para o rei dos imortais. 'Tu és o Senhor das criaturas, e em ti os mundos estão estabelecidos. E tu destruíste Namuchi, Viswarupa e Vala. Tu, ó herói, realizaste sozinho a prosperidade dos celestiais, e, ó matador de Vala, tu sustentas a terra

assim como o céu. Como, ó principal dos celestiais, tendo oficiado como teu sacerdote, eu irei, ó castigador de Paka, servir um príncipe mortal? Ouça o que eu digo. Mesmo que o deus do fogo cesse de causar calor e tepidez, ou a terra mude sua natureza, ou o sol cesse de dar luz, eu nunca me desviarei da verdade (que eu tenho falado).'"

Vaisampayana continuou, 'Ao ouvir estas palavras de Vrihaspati Indra ficou curado de seus sentimentos invejosos, e então o elogiando ele se dirigiu para sua própria mansão.'"

6

"Vyasa disse, 'A antiga lenda de Vrihaspati e do sábio Marutta é citada com relação a isto. Ao saber do pacto feito pelo filho de Angira Vrihaspati com o senhor dos deuses (Indra), o rei Marutta fez os preparativos necessários para um grande sacrifício. O eloquente neto de Karandhama, (Marutta) tendo concebido a idéia de um sacrifício em sua mente, foi até Vrihaspati e se dirigiu a ele dessa maneira, 'Ó asceta venerável, eu planejo realizar o sacrifício o qual tu me propuseste uma vez em uma ocasião anterior e de acordo com tuas instruções, e eu agora desejo te nomear como o sacerdote oficiante naquele sacrifício, os materiais do qual também foram reunidos por mim. Ó excelente, tu és nosso sacerdote familiar, portanto pegue aquelas coisas sacrificais e realize tu mesmo o sacrifício.'"

Vrihaspati disse, 'Ó senhor da terra, eu não desejo realizar teu sacrifício. Eu fui nomeado como sacerdote pelo Senhor dos deuses (Indra) e eu prometi para ele agir como tal.'"

Marutta disse, 'Tu és sacerdote hereditário da nossa família, e por esta razão eu nutro grande respeito por ti, e eu adquiri o direito de ser ajudado em sacrifícios por ti, e, portanto é apropriado que tu oficies como sacerdote no meu sacrifício.'"

Vrihaspati disse, 'Tendo, ó Marutta, agido como sacerdote para os Imortais, como eu posso agir como tal para homens mortais? Tu partas daqui ou fique, eu te digo que eu parei de agir como sacerdote para qualquer pessoa exceto os Imortais. Ó tu de braços poderosos, eu não posso agir como teu sacerdote agora. E de acordo com teu próprio desejo, tu podes nomear alguém como teu sacerdote que irá realizar teu sacrifício.'"

Vyasa disse, 'Assim comunicado, o rei Marutta ficou desconcertado com vergonha, e enquanto voltava para casa com sua mente oprimida pela ansiedade, ele encontrou com Narada em seu caminho. E aquele monarca ao ver o divino Rishi Narada permaneceu perante ele com a devida saudação, com suas palmas unidas. Então Narada se dirigindo a ele dessa maneira disse, 'Ó sábio real, tu não pareces estar bem satisfeito em tua mente; está tudo bem contigo? Onde tu estiveste, ó impecável, e de onde vem a causa desta tua inquietude mental? E, ó rei, se não houver objeção a tu me contares, ó melhor dos reis, revele (a causa de tua ansiedade) para mim para que, ó príncipe, eu possa diminuir a inquietude da tua mente com todos os meus esforços.'"

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado pelo grande Rishi Narada, o rei Marutta o informou da recusa que ele tinha recebido de seu preceptor religioso.'"

Marutta disse, 'Procurando por um sacerdote para oficiar no meu sacrifício eu fui até aquele sacerdote dos Imortais, Vrihaspati, o filho de Angira, mas ele decidiu não aceitar minha oferta. Tendo recebido esta recusa dele, eu não desejo viver mais agora, pois por ele me abandonar dessa maneira, ó Narada, eu me tornei contaminado pelo pecado.'"

Vyasa disse, 'Assim falado por aquele rei, Narada, ó príncipe poderoso, deu esta resposta para ele com palavras que pareceram reviver aquele filho de Avikshit.'"

Narada disse, 'O filho virtuoso de Angira, de nome Samvarta, está vagando por todas as regiões da terra em um estado de nudez para a surpresa de todas as criaturas; ó príncipe, vá até ele. Se Vrihaspati não deseja oficiar no teu sacrifício, o poderoso Samvarta, se satisfeito contigo, realizará teu sacrifício.'"

Marutta disse, 'Eu me sinto como se instilado com vida nova por estas tuas palavras, ó Narada, mas, ó melhor dos oradores, me diga onde eu posso achar Samvarta, e como eu posso permanecer ao lado dele, e como eu devo agir para que ele não possa me abandonar, pois eu não desejarei viver se eu encontrar com uma recusa dele também.'"

Narada disse, 'Desejoso de ver Maheswara, ó príncipe, ele perambula à vontade na cidade de Varanasi, na aparência de um homem louco. E tendo alcançado o portão daquela cidade, tu deves colocar um corpo morto em algum lugar perto dele, e o homem que se desviar ao ver o cadáver, ó príncipe, saiba que aquele homem é Samvarta, e conhecendo-o, siga seus passos para onde quer que aquele homem poderoso escolha ir e encontrando-o (finalmente) em um local solitário tu deves procurar sua proteção com tuas mãos unidas em súplica a ele. E se ele te perguntar quem foi a pessoa que te deu as informações acerca dele mesmo, diga a ele que Narada te informou sobre Samvarta. E se ele te pedir para me seguir, tu deves dizer a ele sem nenhuma hesitação que eu entrei no fogo.'"

Vyasa disse, 'Tendo expressado sua aceitação da proposta de Narada, aquele sábio nobre, depois de cultuá-lo devidamente, e recebendo sua permissão, se dirigiu à cidade de Varanasi, e tendo chegado lá, aquele príncipe famoso fez como tinha sido ordenado, e lembrando-se das palavras de Narada, ele colocou um cadáver no portão da cidade. E por coincidência aquele Brahmana também entrou no portão da cidade ao mesmo tempo. Então ao ver o cadáver, ele se desviou de repente. E ao vê-lo voltar atrás, aquele príncipe, o filho de Avikshit, seguiu seus passos com suas mãos unidas, e com o objetivo de receber instrução dele. E então o encontrando em um lugar solitário, Samvarta cobriu o rei com lama e cinzas e muco e cuspe. E embora assim atormentado e oprimido por Samvarta, o rei seguiu aquele sábio com suas mãos unidas em súplica e tentando apaziguá-lo. Finalmente dominado pela fadiga, e alcançando a sombra fresca de uma figueira

sagrada com muitos ramos, Samvarta desistiu de seu percurso e se sentou para descansar.'"

7

"Samvarta disse, 'Como tu vieste a me conhecer, e quem se referiu a mim para ti, diga-me isto verdadeiramente, se tu desejas que eu faça o que é bom para ti. E se tu falares realmente, tu obterás todos os objetos de teu desejo, e se tu disseres uma mentira, tua cabeça se rachará em cem pedaços.'"

Marutta disse, 'Eu fui informado por Narada, vagando em seu caminho, que tu és o filho do nosso sacerdote familiar, e esta (informação) inclinou minha mente (em direção a ti), com satisfação extraordinária.'"

Samvarta disse, 'Tu me disseste isto verdadeiramente. Ele (Narada) sabe que eu sou um realizador de sacrifícios. Agora me diga onde Narada está vivendo no momento.'"

Marutta disse, 'Aquele príncipe dos santos celestes (Narada) tendo me dado estas informações acerca de ti, e me confiado ao teu cuidado, entrou no fogo.'"

Vyasa disse, 'Ouvindo estas palavras do rei (Marutta) Samvarta ficou muito satisfeito, e ele disse (se dirigindo a Marutta). 'Eu também sou bastante capaz de fazer tudo isso.' Então, ó príncipe, aquele Brahmana, delirando como um lunático, e repetidamente xingando Marutta com palavras rudes, o abordou novamente dessa maneira, 'Eu sofro de uma desordem cerebral, e, eu sempre ajo segundo os caprichos aleatórios da minha própria mente. Por que tu estás empenhado em ter este sacrifício realizado por um sacerdote de tal disposição singular? Meu irmão pode oficiar em sacrifícios, e ele foi para o lado de Vasava (Indra), e está engajado em realizar seus sacrifícios, portanto tenha teu sacrifício realizado por ele. Meu irmão mais velho tirou à força de mim todos os meus bens familiares e deuses místicos, e clientes sacrificais, e agora deixou para mim somente este meu corpo físico, e, ó filho de Avikshit, como ele é digno de todo o respeito de mim, eu não posso de nenhuma maneira oficiar no teu sacrifício, a menos que com permissão dele. Tu deves, portanto ir até Vrihaspati primeiro, e recebendo sua permissão tu podes voltar para mim, se tu tens algum desejo de realizar um sacrifício, e somente então eu irei oficiar no teu sacrifício.'"

Marutta disse, 'Ouça-me, ó Samvarta, eu fui até Vrihaspati primeiro, mas desejando o patronato de Vasava ele não desejou ter a mim como seu sacrificador. Ele disse, 'Tendo assegurado o sacerdócio dos Imortais eu não desejo agir para mortais, e eu fui proibido por Sakra (Indra) de oficiar no sacrifício de Marutta, porque ele me disse que Marutta, tendo se tornado o senhor da terra, estava sempre cheio de um desejo de rivalizar com ele.' E a isto teu irmão consentiu por dizer ao Matador de Vala (Indra), 'Assim seja.' Saiba, ó melhor dos ascetas, que como ele conseguiu assegurar a proteção do Senhor dos Celestiais, eu me dirigi a ele com coração satisfeito, mas ele não concordou em agir como meu sacerdote. E assim repelido, eu agora desejo gastar tudo o que eu possuo

para ter este sacrifício realizado por ti, e para sobrepujar Vasava pelo mérito dos teus bons préstimos. Como eu fui repelido por Vrihaspati por nenhuma falha minha, eu agora não desejo, ó Brahmana, ir até ele para procurar sua ajuda neste sacrifício."

Samvarta disse, 'Eu posso certamente, ó rei, realizar tudo o que tu desejas, somente se tu concordares em fazer tudo que eu te pedir para fazer, mas eu percebo que Vrihaspati e Purandara (Indra) quando eles souberem que eu estou empenhado em realizar teu sacrifício, ficarão cheios de ira, e farão tudo o que eles puderem para te prejudicar. Portanto, me assegure da tua firmeza, para garantir minha frieza e constância, porque de outra maneira, se eu ficar cheio de ira contra ti, eu reduzirei (destruirei) a ti e teus parentes a cinzas."

Marutta disse, 'Se alguma vez eu te abandonar, que eu nunca possa alcançar as regiões abençoadas enquanto as montanhas existirem, e o sol de mil raios continuar a emitir calor: se eu te abandonar, que eu nunca possa obter sabedoria verdadeira, e permaneça para sempre afeito a ocupações mundanas (materiais)."

Samvarta disse, "Escute, ó filho de Avikshit, excelente como é a inclinação da tua mente para realizar este ato, assim também, ó rei, eu tenho em minha mente a habilidade para realizar o sacrifício, eu te digo, ó rei, que tuas coisas boas se tornarão imperecíveis, e que tu superarás Sakra e os Celestiais com Gandharvas. Por mim mesmo, eu não tenho desejo de acumular riqueza ou presentes sacrificais, eu somente farei o que é desagradável para Indra e meu irmão, eu sem dúvida te farei obter igualdade com Sakra, e eu te digo realmente que eu irei fazer o que é agradável para ti."

8

"Samvarta disse, "Há um pico chamado Munjaban nos topos das montanhas Himalaya, onde o adorável Marido de Uma (Mahadeva) está constantemente engajado em exercícios devocionais rígidos. Lá o deus poderoso e adorável de grande pujança, acompanhado por sua consorte Uma, e armado com seu tridente, cercado por trasgos selvagens de muitas espécies, perseguindo seu desejo aleatório ou capricho, reside constantemente à sombra de florestas de árvores gigantescas, ou nas cavernas, ou nos cumes acidentados da grande montanha. E lá os Rudras, os Saddhyas, Viswedevas, os Vasus, Yama, Varuna, e Kuvera com todos os seus servidores, e os espíritos e duendes, e os dois Aswins, os Gandharvas, as Apsaras, os Yakshas, como também os sábios celestes, os deuses do Sol, assim como os deuses que presidem sobre os ventos, e maus espíritos de todos os tipos, adoram o marido de grande alma de Uma, possuidor de diversas características. E lá, ó rei, o deus adorável passa seu tempo com os seguidores selvagens e brincalhões de Kuvera, possuidores de aparências estranhas e fantasmais. Brilhando com seu próprio esplendor, aquela montanha parece resplandecente como o sol da manhã. E nenhuma criatura com seus olhos naturais feitos de carne pode alguma vez averiguar sua forma ou configuração, e nem calor nem frio prevalece lá, nem o sol brilha nem os ventos sopram. E, ó rei,

nem senilidade nem fome, nem sede, nem morte, nem medo afligem alguém naquele lugar. E, ó principal dos conquistadores, em todos os lados daquela montanha existem minas de ouro, resplandecentes como os raios do sol. E, ó rei, os servidores de Kuvera, desejosos fazer bem para ele, protegem aquela minas de ouro de intrusos, com armas erguidas. Apresse-te para lá, e concilie aquele deus adorável que é conhecido pelos nomes de Sarva, Bedha, Rudra, Sitikantha, Surapa, Suvarcha, Kapardi, Karala, Haryyaksha, Varada, Tryaksha, Pushnodantabhid, Vamana, Siva, Yamya, Avyaktarupa, Sadvritta, Sankara, Kshemya, Harikesa, Sthanu, Purusha, Harinetra, Munda, Krishna, Uttarana, Bhaskara, Sutirtha, Devadeva, Ranha, Ushnishi, Suvaktra, Sahasraksha, Midhvan, Girisa, Prasanta, Yata, Chiravasa, Vilwadanda, Siddha, Sarvadandadhara, Mriga, Vyadha, Mahan, Dhanesa, Bhava, Vara, Somavaktra, Siddhamantra, Chakshu, Hiranyavahu, Ugra, Dikpati, Lelihana, Goshtha, Shiddhamantra, Vrishnu, Pasupati, Bhutapati, Vrisha, Matribhakta, Senani, Madhyama, Sruvahasta, Yati, Dhanwi, Bhargava, Aja, Krishnanetra, Virupaksha, Tikshnadanshtra, Tikshna, Vaiswanaramukha, Mahadyuti, Ananga, Sarva, Dikpati, Bilohita, Dipta, Diptaksha, Mahauja, Vasuretas, Suvapu, Prithu, Kritivasa, Kapalmali, Suvarnamukuta, Mahadeva, Krishna, Tryamvaka, Anagha, Krodhana, Nrisansa, Mridu, Vahusali, Dandi, Taptatapa, Akrurakarma, Sahasrasira, Sahasra-charana, Swadha-swarupa, Vahurupa, Danshtri, Pinaki, Mahadeva, Mahayogi, Avyaya, Trisulahasta, Varada, Tryamvaka, Bhuvaneswara, Tripuraghna, Trinayana, Trilokesa, Mahanja, Sarvabhuta-prabhava, Sarvabhuta-dharana, Dharanidhara, Isana, Sankara, Sarva, Siva, Visveswara, Bhava, Umapati, Pasupati, Viswarupa, Maheswara, Virupaksha, Dasabhuja, Vrishavadhwaja, Ugra, Sthanu, Siva, Rudra, Sarva, Girisa, Iswara, Sitakantha, Aja, Sukra, Prithu, Prithuhara, Vara, Viswarupa, Virupaksha, Vahurupa, Umapati, Anangangahara, Hara, Saranya, Mahadeva, Chaturmukha. Lá reverenciando aquela divindade, tu deves rogar sua proteção. E assim, ó príncipe, fazendo tua submissão àquele Mahadeva de grande alma de grande energia, tu irás adquirir aquele ouro. E os homens que vão para lá dessa maneira conseguem obter ouro.' Assim instruído, Marutta, o filho de Karandhama, fez como ele foi aconselhado. E fez planos sobre-humanos para a efetuação de seu sacrifício. E artesões fabricaram recipientes de ouro para aquele sacrifício. E Vrihaspati também, sabendo da prosperidade de Marutta, eclipsando aquela dos deuses, ficou imensamente aflito, e angustiado pelo pensamento que seu rival Samvarta se tornaria próspero, ficou doente, e o brilho de sua cor o deixou, e seu corpo ficou emaciado. E quando o senhor dos deuses veio a saber que Vrihaspati estava muito aflito, ele foi até ele acompanhado pelos Imortais e se dirigiu a ele dessa maneira."

9

Indra disse, "Tu, ó Vrihaspati, dormes em paz, e teus empregados são agradáveis para ti, tu procuras o bem-estar dos deuses, e os deuses, ó Brahmana, te protegem?"

Vrihaspati disse, "Eu durmo em paz na minha cama. Ó Senhor dos deuses, e meus empregados são agradáveis para mim e eu sempre procuro o bem-estar dos deuses, e eles cuidam bem de mim."

Indra disse, "De onde vem então esta dor, mental ou física, e por que tu estás pálido e alterado em aparência (cor) no momento? Diga-me, ó Brahmana, quem são aquelas pessoas que te causaram sofrimento, para que eu possa matar todas elas."

Vrihaspati disse, "Ó Indra, eu soube que Marutta realizará um grande sacrifício no qual presentes extraordinários serão dados por ele (para Brahmanas) e que em seu sacrifício Samvarta irá agir como o sacerdote oficiante, e, portanto eu desejo que ele não possa oficiar como sacerdote naquele sacrifício."

Indra disse, "Tu, ó Brahmana, obtiveste todos os objetos de teu desejo quando te tornaste o sacerdote excelente dos deuses, versado em todos os hinos sagrados, e superaste a influência da morte e caducidade, o que Samvarta pode fazer para ti agora?"

Vrihaspati disse, "A prosperidade de um rival é sempre dolorosa para os sentimentos de alguém, e por esta razão também, tu com teus deuses atendentes persegues os Asuras com seus parentes, e matas os mais prósperos entre eles; por essa razão, ó Senhor dos deuses, eu estou mudado em aparência ao pensar que o meu rival está prosperando. Portanto, ó Indra, por todos os meios, impeça Samvarta e o rei Marutta."

Indra se dirigindo a Agni disse, "Ó Jataveda, seguindo minha ordem, vá até o rei Marutta oferecer Vrihaspati para ele, e diga para ele que este Vrihaspati oficiará em seu sacrifício e o fará imortal."

Agni disse, “Eu irei agora, ó adorável, me dirigir para lá como teu mensageiro para oferecer Vrihaspati para o rei Marutta”; e para fazer verdadeiras as palavras de Indra, e para mostrar respeito por Vrihaspati, Agni partiu.

Vyasa disse, "Então o deus do fogo de grande alma foi em sua missão, devastando todas as florestas e árvores, como o vento poderoso, rugindo e girando a esmo no fim da estação do inverno."

Marutta disse, "Veja! Eu percebo o deus do fogo vindo em sua própria encarnação, hoje, portanto, ó Muni, ofereça a ele um assento e água, e uma vaca, e água para lavar os pés."

Agni disse, "Eu aceito tuas oferendas de água, assento, e água para lavar os pés, ó impecável, saiba que eu sou o mensageiro de Indra, vindo para ti de acordo com as ordens dele."

Marutta disse, "Ó Deus do fogo, o glorioso Senhor dos Celestiais está feliz, e ele está satisfeito conosco, e os outros deuses são leais a ele? Me informe devidamente sobre todos estes pontos."

Agni disse, "Ó senhor da terra, Sakra está perfeitamente feliz, ele está satisfeito contigo, e deseja te fazer livre da senilidade, e todos os outros deuses são leais a ele. Ó rei, ouça a mensagem do Senhor dos Celestiais. O objetivo pelo qual ele me enviou para ti é oferecer Vrihaspati para Marutta. Ó príncipe, que este sacerdote (dos Celestiais) realize teu sacrifício, e faça a ti, que és somente um mortal, alcançar a imortalidade."

Marutta disse, "Este Brahmana Samvarta duas vezes nascido realizará meu sacrifício, e eu rogo para Vrihaspati, que ele tendo agido como sacerdote para Mahendra (Indra), não fica bem para ele agora agir como sacerdote para homens mortais."

Agni disse, "Se este Vrihaspati oficiar como teu sacerdote, então tu pelas bênçãos de Devaraja (Indra) alcançarás a região mais sublime na mansão celeste e obtendo fama tu certamente conquistarás a região celestial. E, ó senhor de homens, se Vrihaspati agir como teu sacerdote, tu poderás conquistar todas as regiões habitadas por homens, e as regiões celestiais, e todas as regiões mais elevadas criadas por Prajapati e até todo o reino dos deuses."

Samvarta disse, "Tu nunca deves vir novamente oferecer Vrihaspati dessa maneira para Marutta, pois saiba, ó Pavaka, (Agni) se tu o fizeres, eu, perdendo minha calma, irei te queimar com meus olhos maus ferozes."

Vyasa disse, "Então Agni temendo destruição pelo fogo, e tremendo como as folhas da árvore Aswattha (Ficus religiosa), voltou para os deuses, e Sakra de grande alma vendo aquele transportador de oblações (Agni) na companhia de Vrihaspati, disse o seguinte:

Indra disse, "Ó Jataveda (Agni), tu foste oferecer Vrihaspati para Marutta segundo minha ordem? O que aquele rei sacrificante disse para ti e ele aceitou minha mensagem?"

Agni disse, "Tua mensagem não foi aceitável para Marutta e quando incitado por mim, ele, apertando as mãos de Vrihaspati, repetidamente disse que Samvarta iria agir como seu sacerdote. E ele também observou que ele não desejava obter as regiões terrestres e celestiais e todas as maiores regiões de Prajapati, e que se ele estivesse assim disposto ele aceitaria os termos de Indra."

Indra disse, "Volte àquele rei e encontrando com ele lhe diga estas minhas palavras, cheias de significado, e se ele não as obedecer, eu irei atingi-lo com meu raio."

Agni disse, "Que este rei dos Gandharvas vá para lá como teu mensageiro, ó Vasava, pois eu tenho medo de ir lá eu mesmo. Saiba, ó Sakra, que Samvarta muito enfurecido, habituado a práticas ascéticas, me disse essas palavras com raiva: 'Eu irei te queimar com meus olhos maus ferozes se tu por alguma razão voltares aqui para oferecer Vrihaspati para o rei Marutta.'"

Sakra disse, "Ó Jataveda, és tu que queimas todas as outras coisas e não há ninguém mais que possa te reduzir a cinzas. Todo o mundo tem medo de entrar

contato contigo. Ó transportador de oblações, estas tuas palavras não são dignas de crédito."

Agni disse, "Tu, ó Sakra, abarcaste o domínio do céu e da terra e do firmamento pelo poder dos teus próprios braços, mas mesmo assim como Vritra pôde (antigamente) tirar de ti à força a soberania das regiões celestes?"

Indra disse, "Eu posso reduzir meus inimigos à submissão e posso até reduzir o tamanho de uma montanha para um átomo, se eu desejar isso. Mas, ó Vahnni, como eu não aceito a libação de Soma se oferecida por um inimigo, e como eu não golpeio os fracos com meu raio, Vritra pareceu triunfar sobre mim por um tempo. Mas quem entre os mortais pode viver em paz por criar inimizade comigo? Eu bani os Kalakeyas para a terra, e removi os Danavas do céu, e terminei a existência de Prahlada no céu. Pode haver algum homem que possa viver em paz por provocar minha inimizade?"

Agni disse, "Tu, ó Mahendra, te lembras que em tempos passados, quando o sábio Chyavana oficiou no sacrifício de Saryati com os deuses gêmeos Aswins e ele mesmo se apropriou sozinho da oferenda Soma tu ficaste cheio de ira, e quando disposto a impedir o sacrifício de Saryati tu golpeaste violentamente Chyavana com teu raio? Mas aquele Brahmana, ó Purandara, cedendo à ira, foi capaz pelo poder de suas práticas religiosas de agarrar e segurar com firmeza tua mão com teu raio nela. E com raiva, ele também criou um inimigo teu de aparência terrível, o Asura chamado Mada assumindo todas as formas, ao contemplar o qual tu fechaste teus olhos com medo, de quem uma mandíbula enorme estava colocada sobre a terra, e a outra se estendia para as regiões celestes, e que parecia terrível com seus mil dentes afiados se estendendo sobre cem Yojanas, e tinha quatro proeminentes juntos, e brilhando como um pilar de prata, e se estendendo por duzentos Yojanas. E quando rangendo seus dentes ele te perseguiu com sua lança terrível e erguida com o objetivo de te matar. Tu ao contemplares aquele monstro terrível apresentaste um espetáculo (deplorável) para todos os que se encontravam próximos. Então, ó matador de Danavas, dominado por medo do monstro, com tuas mãos unidas em súplica, tu procuraste a proteção do grande sábio. O poder dos Brahmanas, ó Sakra, é maior do que o dos Kshatriyas. Ninguém é mais poderoso do que os Brahmanas, e conhecendo devidamente como eu conheço o poder dos Brahmanas, eu, ó Sakra, não desejo entrar em conflito com Samvarta."

10

"Indra disse, ‘Isto é assim mesmo; o poder dos Brahmanas é grande e não há ninguém mais poderoso do que os Brahmanas, mas eu nunca poderei tolerar com equanimidade o orgulho insolente do filho de Avikshita, e assim eu irei atingi-lo com meu raio. Portanto, ó Dhritarashtra, de acordo com minha ordem te dirija ao rei Marutta atendido por Samvarta, e entregue esta mensagem para ele: 'Ó príncipe, aceite Vrihaspati como teu preceptor espiritual, caso contrário eu te atingirei com meu raio terrível.'"

Vyasa disse, "Então Dhritarashtra se dirigiu à corte daquele monarca e entregou para ele esta mensagem de Vasava."

Dhritarashtra disse, "Ó senhor de homens, saiba que eu sou Dhritarashtra o Gandharva, vindo aqui com o objetivo de te entregar a mensagem de Indra. Ó leão entre reis, escute as palavras que o senhor de grande alma de todos os mundos destinou para ti. Aquele de realizações incompreensíveis (Indra) somente disse isto: 'Aceite Vrihaspati como teu sacerdote oficiante para o sacrifício, ou, se tu não concordares com meu pedido, eu te atingirei com meu raio terrível.'"

Marutta disse, "Tu, ó Purandara, os Viswadevas, os Vasus e os Aswins, todos vocês sabem que neste mundo não há fuga das consequências de enganar um amigo; isto é um grande pecado como aquele de assassinar um Brahmana. Que Vrihaspati (portanto) oficie como sacerdote para aquele Mahendra, o Deva (deus) supremo, o mais sublime que maneja o raio, e, ó príncipe, Samvarta agirá como meu sacerdote, já que nem as palavras dele (Indra), nem as tuas se recomendam para mim."

O Gandharva disse, "Ó leão entre príncipes, escute o terrível grito de guerra de Vasava ribombando nos céus. Indubitavelmente e abertamente Mahendra irá arremessar seu raio em ti. Portanto reflita sobre o teu bem, pois este é o momento para fazer isso."

Vyasa disse, "Assim abordado por Dhritarashtra, e ouvindo o bramido de Vasava uivando, o rei comunicou estas informações para Samvarta firme em devoção e maior de todos os homens virtuosos."

Marutta disse, "Na verdade esta nuvem de chuva flutuando no ar indica que Indra deve estar perto no momento, portanto, ó príncipe dos Brahmanas, eu busco tua proteção. Ó melhor dos Brahmanas, remova este medo de Indra da minha mente. O manejador do raio está vindo abarcando as dez direções do espaço com seu resplendor terrível e sobre-humano e meus assistentes nessa assembléia sacrifical estão dominados pelo pavor."

Samvarta disse, "Ó leão entre reis, teu medo de Sakra logo será dissipado, e eu logo removerei esta angústia terrível por meio do meu saber mágico (encantamento); fique calmo e não tenha medo de ser subjugado por Indra. Tu não tens nada a temer do deus de cem sacrifícios. Eu usarei meus encantamentos que paralisam, ó rei, e as armas de todos os deuses não terão eficácia para eles. Que o relâmpago brilhe em todas as direções do espaço, e os ventos entrando nas nuvens derramem as chuvas em meio às florestas e as águas inundem o céu e os lampejos de relâmpago que são vistos não tenham eficácia. Tu não tens nada a temer, que Vasava despeje as chuvas e lance seu raio terrível onde ele quiser, flutuando entre as massas aquosas (nuvens) para tua destruição, pois o deus Vahnni (Agni) te protegerá de todas as maneiras, e te fará obter todos os objetos do teu desejo."

Marutta disse, "Este horrível estrondo do raio junto com o uivo dos ventos parece terrível para meus ouvidos e meu coração está afligido frequentemente, ó Brahmana, e minha paz de mente está perdida no momento."

Samvarta disse, "Ó rei, o medo em tua mente deste raio terrível logo te deixará. Eu dissiparei o trovão pela ajuda dos ventos, e deixando de lado todo o medo da tua mente, aceite um benefício de mim segundo o desejo do teu coração, e eu irei realizá-lo para ti."

Marutta disse, "Eu desejo, ó Brahmana, que Indra de repente venha em pessoa a este sacrifício, e aceite a oblação oferecida para ele, e que todos os outros deuses também venham e peguem suas próprias partes das oferendas e aceitem as libações de Soma oferecidas para eles."

Samvarta disse, "Eu pelo poder dos meus encantamentos atraí Indra em pessoa para este sacrifício. Veja, ó monarca, Indra vindo com seus cavalos, e cultuado pelos outros deuses vindo depressa para este sacrifício."

Então o senhor dos Devas, acompanhado pelos outros deuses e viajando em sua carruagem puxada pelos corcéis mais excelentes, se aproximou do altar sacrifical daquele filho de Avikshit e bebeu as libações de Soma daquele monarca inigualável. E o rei Marutta com seu sacerdote se ergueu para receber Indra vindo com a hoste de deuses e, bem satisfeito em mente, ele recebeu o senhor dos Devas com as honras devidas e principais de acordo com os Sastras.

Samvarta disse, "Bem vindo, ó Indra, pela tua presença aqui, ó erudito, este sacrifício se tornou grandioso. Ó matador de Vala e Vritra, beba novamente este suco Soma produzido por mim hoje.'"

Marutta disse, "Olhe com bondade para mim, eu te reverencio, ó Indra, pela tua presença o meu sacrifício foi melhorado, e minha vida também abençoada com bons resultados. Ó Surendra, este Brahmana excelente, o irmão mais novo de Vrihaspati está dedicado a realizar meus sacrifícios."

Indra disse. "Eu conheço teu sacerdote, este asceta muito enérgico, o irmão mais novo de Vrihaspati, a convite de quem eu vim a este sacrifício. Eu estou, ó monarca, bem satisfeito contigo e meu ressentimento contra ti foi destruído."

Samvarta disse, "Se, ó príncipe dos Devas, tu estás satisfeito conosco, dê tu mesmo todas as ordens para este sacrifício, e ó Surendra, tu mesmo ordene as porções sacrificais (para os deuses), de modo que, ó deus, todo o mundo possa saber que ele foi feito por ti."

Vyasa disse, "Assim abordado pelo filho de Angira, o próprio Sakra deu ordens para todos os deuses erigirem a sala de reunião, e mil quartos excelentes bem mobiliados parecendo formidáveis como em um quadro, e completarem rapidamente a escadaria massiva e durável, para a subida dos Gandharvas e Apsaras e para mobiliar aquela parte do terreno sacrifical reservada para a dança das Apsaras, como o palácio de Indra no céu. Ó rei, assim ordenados, os renomados habitantes do céu cumpriram rapidamente as ordens de Sakra. E

então, ó rei, Indra bem satisfeito e adorado, falou dessa maneira para rei o Marutta, 'Ó príncipe, por se associarem contigo neste sacrifício, teus antepassados que morreram antes de ti, assim como os outros deuses ficaram muito satisfeitos e aceitaram as oblações oferecidas por ti. E agora, ó rei, que o principal dos seres regenerados ofereça no altar sacrifical um touro vermelho pertencente ao Deus do Fogo e um touro azul sagrado e devidamente consagrado com uma pele multicor, pertencente aos Viswedevas.' Então, ó rei, a cerimônia sacrifical cresceu em esplendor, no qual os próprios deuses reuniram o alimento, e Sakra, o senhor dos deuses, possuidor de cavalos, e adorado pelos Brahmanas, se tornou um assistente no sacrifício. E então Samvarta de grande alma, subindo no altar, e parecendo radiante como a segunda encarnação do fogo ardente, dirigindo-se em voz alta aos deuses com afabilidade, ofereceu oblações de manteiga clarificada para o fogo com encantamento dos hinos sagrados. E então o matador de Vala bebeu primeiro o suco Soma, e então a assembléia dos outros deuses bebeu Soma. E então em felicidade e com a permissão do rei eles voltaram para casa e bem satisfeitos e deleitados. Então aquele monarca, o matador de seus inimigos, com um coração encantado, colocou pilhas de ouro em diversos locais, e distribuindo a riqueza imensa para os Brahmanas, ele parecia glorioso como Kuvera, o deus da riqueza. E com um coração animado o rei encheu sua tesouraria com diferentes tipos de riqueza, e com a permissão de seu preceptor espiritual ele retornou (para seu reino) e continuou a governar o reino inteiro que se estendia até as margens do oceano. Assim virtuoso neste mundo era aquele rei, em cujo sacrifício tal quantidade enorme de ouro foi reunida, e agora, ó príncipe, tu deves reunir aquele ouro e cultuando os deuses com os ritos devidos, realize este sacrifício."

Vaisampayana continuou, "Então o príncipe Pandava Yudhishthira ficou muito satisfeito ao ouvir este discurso do filho de Satyavati (Vyasa), e desejoso de realizar seu sacrifício com aquelas riquezas, ele manteve repetidas consultas com seus ministros."

11

Vaisampayana disse, "Quando Vyasa de realizações extraordinárias tinha terminado seu discurso para o rei, o altamente pujante filho de Vasudeva (Krishna) também se dirigiu a ele. Conhecendo o rei, o filho de Pritha, afligido em mente, e privado de seus parentes e amigos mortos em batalha, e parecendo abatido como o eclipse escurecido do sol, ou fogo coberto pela fumaça, aquele esteio da linhagem Vrishni (Krishna), consolando o filho de Dharma, tentou se dirigir a ele dessa maneira."

Vasudeva disse, "Toda maldade de coração leva à destruição (perdição) e toda retidão leva a Brahman (excelência espiritual). Se isto e somente isto é o alvo e objetivo de toda sabedoria verdadeira, o que então a distração mental pode fazer (para alguém que compreende isto)? Teu Karma ainda não foi aniquilado, nem teus inimigos foram subjugados, pois tu até o momento não conheces os inimigos que ainda estão espreitando dentro da tua própria carne. Eu irei (portanto) relatar

para ti realmente, como eu a ouvi, a história da guerra de Indra com Vritra como ela ocorreu. Nos tempos antigos a Prithivi (terra), ó rei, foi cercada por Vritra, e por esta abstração de matéria terrestre, a base de todo odor, ergueram-se maus odores por todos os lados, e o Realizador de cem sacrifícios (Indra), estando muito enfurecido por este ato, arremessou seu raio em Vritra. E estando profundamente ferido pelo raio do poderoso Indra, Vritra entrou nas (águas), e por fazer isso ele destruiu a propriedade delas. As águas sendo agarradas por Vritra, sua propriedade líquida as deixou. Nisto Indra ficou muito enfurecido e novamente o atingiu com seu raio. E ele (Vritra) golpeado pelo raio pelo mais poderoso Indra se dirigiu ao Jyoti (matéria luminosa) e abstraiu sua propriedade inerente. A matéria luminosa sendo oprimida por Vritra e sua propriedade, cor e forma sendo assim perdidas, o colérico Indra outra vez arremessou seu raio nele. E assim ferido outra vez por Indra de poder incomensurável, Vritra entrou de repente dentro de Vayu (matéria gasosa), e depois disso matou sua propriedade inerente. E esta matéria sendo dominada por Vritra e sua propriedade, isto é, o tato sendo perdido, Indra ficou novamente cheio de cólera e lançou seu raio nele. E ferido dessa maneira pelo poderoso (Indra), ele dominou o Akasa (éter), e tirou sua propriedade inerente, e o Akasa sendo dominado por Vritra, e sua propriedade, som, sendo destruída, o deus de cem sacrifícios muito enfurecido novamente o golpeou com seu raio. E assim golpeado pelo poderoso Indra, ele de repente entrou no seu corpo (de Sakra), e roubou seus atributos essenciais. E apossado por Vritra, ele ficou cheio de grande ilusão. E, ó senhor venerável, o mais poderoso da linhagem de Bharata, nós ouvimos que Vasistha confortou Indra (quando ele estava assim afligido) e que o deus de cem sacrifícios matou Vritra em seu próprio corpo por meio de seu raio invisível, e saiba, ó príncipe, que este mistério religioso foi declarado por Sakra para os grandes sábios, e eles por sua vez o disseram para mim."

12

"Vasudeva disse, "Há dois tipos de doenças, físicas e mentais. Elas são produzidas pela ação mútua do corpo e mente um no outro, e elas nunca surgem sem a interação dos dois. A doença que é produzida no corpo é chamada de doença física, e aquela que tem sua base na mente é conhecida como a doença mental. Os líquidos orgânicos frios, os quentes (muco e bile) assim como os ventosos, ó rei, são as transformações essenciais geradas no corpo físico, e quando estes líquidos orgânicos estão distribuídos uniformemente, e estão presentes nas devidas proporções, eles são citados como sendo sintomáticos de boa saúde. O líquido orgânico quente é influenciado (aliviado) pelo frio, e o frio pelo quente. E Sattwa, Rajas e Tamas são os atributos da alma, e é dito pelos eruditos que sua presença em proporções adequadas indica saúde (mental). Mas se um dos três prepondera, algum remédio é prescrito (para restaurar o equilíbrio). Felicidade é superada pela tristeza, e a tristeza pelo prazer. Algumas pessoas, enquanto afligidas pela tristeza, desejam recordar a felicidade (passada), enquanto outras, enquanto no desfrute de felicidade, desejam relembrar a tristeza passada. Mas tu, ó filho de Kunti, não desejas nem recordar tuas tristezas nem

tuas alegrias; o que mais tu desejas recordar excetuando esta ilusão de tristeza? Ou, por acaso, ó filho de Pritha, esta é tua natureza inata, pela qual tu no momento estás dominado. Tu não desejas chamar de volta para a tua mente a visão dolorosa de Krishna permanecendo na sala de reunião somente com um pedaço de tecido para cobrir seu corpo, e enquanto ela estava em seu fluxo menstrual e na presença de todos os Pandavas. E não é apropriado que tu devas pensar sobre a tua saída da cidade, e teu exílio com a pele de antílope como teu manto, e tuas viagens na grande floresta, nem tu deves te lembrar da aflição proveniente de Jatasura, da luta com Chitrasena, e dos teus problemas por causa dos Saindhavas. Nem é apropriado, ó filho de Pritha, e vencedor de teus inimigos, que tu recordes o incidente de Kichaka chutando Draupadi, durante o período do teu exílio passado em absoluto segredo, nem os incidentes da luta que ocorreu entre tu mesmo e Drona e Bhishma. Agora chegou a hora na qual tu deves lutar a batalha que cada um deve lutar sozinho com sua mente. Portanto, ó chefe da linhagem de Bharata, tu deves agora te preparar para vencer a luta contra tua mente, e por meio de abstração e do mérito do teu próprio Karma, tu deves alcançar o outro lado (vencer) do misterioso e ininteligível (mente). Nesta guerra não haverá necessidade de quaisquer mísseis, nem de amigos, nem de servidores. A batalha a qual é para ser lutada sozinho e sem ajuda agora chegou para ti. E se vencido nesta luta, tu te encontrarás na situação mais desventurada, e ó filho de Kunti, sabendo disto, e agindo consequentemente, tu obterás êxito. E conhecendo esta sabedoria e o destino de todas as criaturas, e seguindo a conduta dos teus antepassados, administre devidamente o teu reino."

13

"Vasudeva disse, "Ó descendente da linhagem de Bharata, a salvação não é alcançada por abandonar as coisas externas (como reino, etc.), ela somente é alcançada por abandonar as coisas que auxiliam a satisfazer a carne (corpo). A virtude e felicidade que são obteníveis pela pessoa que renunciou somente aos objetos externos, mas que ao mesmo tempo está absorvida por paixões e fraquezas da carne, que estas sejam a porção de nossos inimigos. A palavra com duas letras é Mrit-yu (morte da alma ou perdição), e a palavra com três letras é Sas-wa-ta (Brahman) ou o espírito eterno. A consciência que esta ou aquela coisa é minha, ou o estado de ser apegado aos objetos mundanos é Mrityu e a ausência daquele sentimento é Saswatam. E estes dois, Brahman e Mrityu, ó rei, têm suas bases nas almas de todas as criaturas, e permanecendo despercebidos, eles, sem dúvida, travam guerra um com o outro. E se, ó Bharata, é verdade que nenhuma criatura jamais é destruída, então alguém não se faz culpado da morte de uma criatura por perfurar (destruir) seu corpo. O que importa o mundo para um homem, se tendo adquirido a soberania da terra inteira, com sua criação móvel e imóvel, ele não fica apegado a ela, ou absorto em seu prazer? Mas o homem que renunciou ao mundo, tendo ido para a vida de asceta na floresta, vivendo de raízes e comestíveis selvagens, se tal homem, ó filho de Pritha, tem um anseio pelas coisas boas do mundo, e é viciado nelas, ele pode ser considerado como levando Mrityu (morte) em sua boca. Ó Bharata, veja e observe o caráter dos teus

inimigos externos e internos, (por meio da tua visão espiritual). E o homem que é capaz de perceber a natureza da realidade eterna é capaz de superar a influência do grande medo (perdição). Homens não olham com aprovação para a conduta daqueles que estão absortos em desejos mundanos, e não há ação sem ter um desejo (como sua base) e todos os desejos (Kama) são, por assim dizer, os membros (ramificações) da mente. Portanto, sabendo disto homens sábios subjugam seus desejos. O Yogi que mantém comunhão com o Espírito Supremo sabe que o Yoga é o caminho perfeito (para a Salvação) por razão das práticas de seus muitos nascimentos anteriores. E lembrando que o que a alma deseja não é conducente à piedade e virtude, mas que a supressão dos desejos está na base de toda virtude verdadeira, tais homens não se dedicam à prática de caridade, ciência Védica, ascetismo e ritos Védicos cujo objetivo é a obtenção de prosperidade mundana, cerimônias, sacrifícios, regras religiosas e meditação, com o motivo de assegurar alguma vantagem dessa maneira. A fim de ilustrar esta verdade, os sábios versados em tradições antigas recitam estes Gathas chamados pelo nome de Kamagita, ó Yudhishthira, escute a narração deles em detalhes. (Kama diz): 'Nenhuma criatura pode me destruir sem recorrer aos métodos apropriados (isto é, subjugação de todos os desejos e prática de Yoga etc.) Se um homem, conhecendo meu poder, se esforça para me destruir por murmurar orações etc., eu prevaleço sobre ele por iludi-lo com a crença que eu sou o ego subjetivo dentro dele. Se ele deseja me destruir por meio de sacrifícios com muitos presentes, eu o engano por aparecer em sua mente como a criatura mais virtuosa entre a criação móvel, e se ele deseja me aniquilar por dominar os Vedas e Vedangas, eu o engano por parecer para sua mente ser a alma da virtude entre a criação imóvel. E se o homem cuja força se encontra na verdade deseja me dominar pela paciência, eu apareço para ele como sua mente, e assim ele não percebe minha existência, e se o homem de práticas religiosas austeras deseja me destruir por meio de ascetismo, eu apareço no disfarce do ascetismo em sua mente, e assim ele é impedido de me reconhecer, e o homem de erudição, que com o objetivo de obter salvação deseja me destruir, eu me divirto e rio na cara de tal homem concentrado na salvação. Eu sou o único eterno sem igual, a quem nenhuma criatura pode matar ou destruir.' Por esta razão tu também, ó príncipe, desvie teus desejos (Kama) para a Virtude, para que, por estes meios, tu possas realizar o que é bom para ti. Portanto faça preparativos para a devida execução do Sacrifício de Cavalo com doações, e vários outros sacrifícios de grande esplendor, e acompanhados com presentes. Não deixe, portanto que a angústia te domine novamente, ao ver teus amigos jazendo mortos no campo de batalha. Tu não podes ver os homens mortos nesta batalha vivos outra vez. Portanto tu deves realizar sacrifícios magníficos com presentes, para que tu possas obter renome neste mundo, e alcançar o caminho perfeito (após a morte)."

14

"Vaisampayana disse, "Com tais palavras como estas, o santo nobre Yudhishthira, privado de seus amigos, foi consolado por aqueles sábios de grandes méritos ascéticos. E, ó monarca, aquele senhor de homens exortado pelo

próprio Viswarasraba venerável, e por Dwaipayana (Vyasa), Krishna Devasthana, Narada, Bhima, Nakula, Krishna (Draupadi), Sahadeva, e o inteligente Vijaya, assim como por outros grandes homens, e Brahmanas versados nos Sastras, ficou aliviado de toda aflição mental e tristeza resultante da morte de seus parentes queridos. E aquele monarca Yudhishthira depois de realizar as cerimônias fúnebres de seus amigos falecidos, e de honrar os Brahmanas e Devas (deuses), trouxe o reino da terra com seu cinto de oceanos sob seu domínio. E aquele príncipe da linhagem de Kuru tendo recuperado seu reino, com uma mente tranquila, se dirigiu dessa maneira a Vyasa, Narada e aos outros sábios que estavam presentes. 'Eu fui consolado pelas palavras de santos tão notáveis, antigos e idosos como vocês, e eu agora não tenho causa restante para a menor aflição. E igualmente, eu tenho obtido grande riqueza, com a qual eu posso adorar os deuses. Portanto, com sua ajuda, eu irei agora realizar o sacrifício, ó melhores dos seres regenerados. Nós soubemos que aquelas regiões (Himalayan) são cheias de maravilhas. Portanto, ó Brahmana, santo e avô, ordene de modo que sob tua proteção nós possamos alcançar com segurança as montanhas Himalaya, o desempenho do meu sacrifício estando totalmente dentro do teu controle, e então o adorável santo celeste Narada e Devasthana também dirigiram palavras excelentes e bem intencionadas para o nosso bem estar. Nenhum homem infeliz em tempos de grande tribulação e infortúnio jamais teve a boa sorte de assegurar os serviços de semelhantes preceptores e amigos aprovados por todos os homens virtuosos.' Assim endereçados pelo rei, aqueles grandes santos, mandando o rei e Krishna e Arjuna se dirigirem para as regiões Himalayan, desapareceram na presença da multidão reunida, e o rei, o filho nobre de Dharma, então se sentou lá por um tempo. E os Pandavas então, em consequência da morte de Bhishma, estavam ocupados em realizar suas cerimônias fúnebres. E seu tempo, enquanto assim engajados, pareceu também muito longo em passar e realizar os últimos ritos para os restos mortais de Bhishma, Karna e outros Kauravas principais; eles doaram grandes presentes para Brahmanas. E então o principal descendente de Kuru realizou novamente com Dhritarashtra os ritos fúnebres (dos heróis mortos em batalha), e tendo doado riqueza imensa para os Brahmanas, o chefe Pandava com Dhritarashtra na frente, fez esta entrada na cidade de Hastina Nagar, e consolando seu nobre tio, possuidor da visão da sabedoria, aquele príncipe virtuoso continuou a administrar a terra com seus irmãos.'

15

Janamejaya disse, 'Ó melhor dos seres regenerados, quando os Pandavas tinham reconquistado e pacificado seu reino, o que os dois guerreiros, Vasudeva e Dhananjaya, fizeram?'

Vaisampayana disse, 'Ó senhor da terra, Vasudeva e Dhananjaya estavam muito contentes quando os Pandavas tinham conseguido recuperar e pacificar seus domínios, e eles se comportaram com grande satisfação, como Indra e sua consorte nas regiões celestes, e entre cenários de floresta pitorescos, e planaltos

de montanhas, e lugares sagrados de peregrinação, e lagos e rios; eles viajaram com grande prazer como os dois Aswins no jardim Nandana de Indra. E, ó Bharata, Krishna de grande alma e o filho de Pandu (Dhananjaya) entrando na bela sala de reuniões em Indraprastha, passaram seu tempo em grande alegria. E lá, ó príncipe, eles passaram seu tempo em relatar os incidentes excitantes da guerra, e os sofrimentos de suas vidas passadas. E aqueles dois sábios antigos de grande alma, profundamente contentes, relataram a genealogia das linhagens de santos e deuses. Então Kesava, sabendo a total importância de todas as questões, se dirigiu a Partha em uma fala gentil e bela de estilo e significância excelentes. E então Janardana consolou o filho de Pritha afligido pela morte de seus filhos, e milhares de outros parentes. E ele de grande mérito ascético e conhecendo a ciência de todas as coisas tendo-o confortado devidamente, Arjuna descansou por um tempo, como se uma grande carga tivesse sido removida de seu próprio corpo. Então Govinda (Krishna) consolando Arjuna com palavras agradáveis dirigiu estas palavras bem fundamentadas para ele.

Vasudeva disse, 'Ó Arjuna, o terror de teus inimigos, toda esta terra foi conquistada pelo rei, o filho de Dharma, confiando no poder dos teus braços. E, ó melhor dos homens, o rei virtuoso Yudhishthira agora desfruta da soberania da terra sem um rival, pelo poder de Bhimasena e dos irmãos gêmeos. Ó tu que sabes o que é virtude, foi somente pela virtude que o rei pôde recuperar seu reino livre de todos os inimigos (espinhos), e foi pela ação da virtude que o rei Suyodhana foi morto em batalha, e, ó filho de Pritha e pilar da linhagem Kuru, os filhos perversos de Dhritarashtra, avarentos, sempre rudes em palavras, e empenhados em um rumo de conduta injusto, tendo sido exterminados com seus seguidores, o rei, o filho de Dharma e senhor da terra, agora desfruta pacificamente do reino inteiro da terra com tua ajuda, e eu também, ó filho de Pandu, tenho estado passando meu tempo agradavelmente em tua companhia, em meio a cenários de floresta. Ó terror de teus inimigos, o que mais eu preciso te dizer, exceto que onde tu e Pritha, e o rei, o filho de Dharma, e o poderoso Bhimasena e os dois filhos de Madri estão, para lá eu sou atraído com satisfação extraordinária? Ó descendente de Kuru, nestes salões de assembléia encantadores e sagrados e como o paraíso um longo tempo passou rápido em tua companhia sem eu ver Vasudeva, Valadeva e outros líderes da linhagem Vrishni. E agora eu estou desejoso de me dirigir para a cidade de Dwaravati. Portanto, ó mais valente dos homens, concorde com minha partida. Quando o rei Yudhishthira foi atingido pesadamente pela aflição, eu com Bhishma narramos para ele muitas lendas apropriadas adequadas para a ocasião com um propósito de aliviar sua angústia, e o flexível e generoso Yudhishthira, embora nosso soberano e versado em todo o saber, prestou devida atenção às nossas palavras. Aquele filho de Dharma honra a verdade, e é grato e justo, portanto sua virtude e bom senso e a estabilidade do seu poder sempre irão durar. E agora, ó Arjuna, se te agradar, vá até aquele príncipe generoso e fale a ele da minha intenção de partir deste local. Pois, ó tu de braços poderosos, mesmo se a morte viesse a mim, eu não tenho vontade de fazer qualquer coisa que possa desagradá-lo, deixando apenas minha ida para a cidade de Dwaravati. Ó filho de Pritha e descendente de Kuru, eu agora te digo realmente, desejando fazer somente o que é bom e agradável para ti, e

não pode haver nada questionável nisto de nenhuma maneira, que a necessidade para a minha permanência aqui não mais existe, porque, ó Arjuna, aquele monarca o filho de Dhritarashtra foi morto com seus exércitos e servidores, e a terra, meu amigo, com seu cinto de mares e suas montanhas e bosques e florestas, e o reino do rei Kuru cheio de várias pedras preciosas, passou para o domínio daquele sábio filho de Dharma. E, ó príncipe principal da linhagem de Bharata, aquele príncipe virtuoso pode administrar o reino inteiro da terra em justiça, e com o respeito e aprovação de numerosos Siddhas de grande alma, e tendo seus louvores sempre exaltados pelos arautos da corte. Ó comandante da linhagem de Kuru, me acompanhe hoje à presença do rei, o grande aumentador da linhagem Kuru, e anuncie a ele meu retorno planejado para Dwaraka. Como Yudhishthira o rei de grande alma dos Kurus sempre merece meu amor e respeito, eu, ó filho de Pritha, coloquei este meu corpo e toda a riqueza que eu tenho em minha casa à sua disposição. E, ó príncipe Partha (filho de Pritha), quando esta terra veio sob teu domínio e aquele do venerável Yudhishthira de caráter excelente, não resta mais qualquer necessidade da minha permanência aqui exceto por meu afeto por ti.' E, ó monarca, quando o formidável Arjuna tinha sido abordado dessa maneira por Janardana de coração nobre, ele, mostrando todas as devidas honras a ele, respondeu tristemente por dizer apenas 'Assim seja.'

16

Janamejaya disse, "Quando Kesava de grande alma e Arjuna depois de matarem seus inimigos se dirigiram aos lugares de reunião, qual conversação, ó regenerado, ocorreu entre eles?"

Vaisampayana disse, "O filho de Pritha (Arjuna), tendo recuperado seu próprio reino, passou seu tempo alegremente, sem fazer nada mais, na companhia de Krishna, seu coração cheio de deleite, naquele palácio de beleza celestial. Um dia, aqueles dois procederam indiferentemente para uma parte específica do palácio que parecia, ó rei, como uma verdadeira porção do Céu. Eles mesmos cheios de satisfação, eles estavam então cercados por seus parentes e atendentes. O filho de Pandu, Arjuna, cheio de alegria na companhia de Krishna, examinou aquela mansão encantadora, e então se dirigiu ao seu companheiro, dizendo, 'Ó tu de braços poderosos, tua grandeza se tornou conhecida para mim durante a aproximação da batalha. Ó filho de Devaki, tua forma também, como o Senhor do universo, então se tornou conhecida para mim! O que tua pessoa santa me disse naquele momento, ó Kesava, por afeição, foi tudo esquecido por mim, ó chefe de homens, pela inconstância da minha mente. Repetidamente, no entanto, eu tenho estado curioso a respeito do assunto daquelas verdades. Tu, além disso, ó Madhava, retornarás logo para Dwaraka.'"

Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por ele, Krishna de energia imensa, aquele principal dos oradores, abraçou Phalguna e respondeu a ele como segue.'

'Vasudeva disse, 'Eu te fiz escutar as verdades que são consideradas como mistérios. Eu comuniquei para ti verdades que são eternas. Na verdade, eu falei para ti sobre Religião em sua forma verdadeira e sobre todas as regiões eternas. É extremamente desagradável para eu saber que tu, por insensatez, não recebeste o que eu te comuniquei. A recordação de tudo aquilo que eu te disse naquela ocasião não virá a mim agora. Sem dúvida, ó filho de Pandu, tu és desprovido de fé e tua compreensão não é boa. É impossível para eu repetir, em detalhes, ó Dhananjaya, tudo o que eu disse naquela ocasião. Aquela religião (sobre a qual eu falei para ti naquele tempo) é mais do que suficiente para compreender Brahma. Eu não posso falar sobre isto outra vez em detalhes. Eu te falei sobre o Brahma Supremo, tendo me concentrado em Yoga. Eu irei agora, no entanto, narrar para ti uma velha história sobre o mesmo tópico. Ó principal de todas as pessoas, cumpridor do dever, escute a tudo o que eu digo agora, de modo que, com uma compreensão adaptada ao meu ensino, tu possas conseguir obter o fim mais sublime. Ó castigador de inimigos, em uma ocasião, um Brahmana veio a nós das regiões do Céu. De energia irresistível, ele veio das regiões do Avô. Ele foi devidamente reverenciado por nós. Escute, ó filho de Pritha, sem ceder a dúvidas de qualquer tipo, ao que ele, ó chefe da linhagem de Bharata, disse, em resposta às nossas perguntas, de acordo com formas celestiais.'

O Brahmana disse, 'Isso que tu me perguntaste, ó Krishna, ligado com a religião de Moksha (Emancipação), levado por tua compaixão por todas as criaturas (e não para o teu próprio bem), isso, de fato, que destrói toda ilusão, ó tu que és possuidor de força suprema, eu irei agora te dizer devidamente, ó matador de Madhu. Escute com atenção concentrada enquanto eu te falo, ó Madhava. Um Brahmana de nome Kasyapa, possuidor de penitências e a principal de todas as pessoas familiarizadas com os deveres, foi a outro certo Brahmana que tinha se tornado conhecedor de todos os mistérios de religião. De fato, o último tinha dominado todo o conhecimento que as escrituras ensinam a respeito da partida e reaparição dos seres e possuidor daquele conhecimento direto de todas as coisas que o Yoga dá. Ele era bem hábil nas verdades de todos os tópicos relacionados ao mundo. Ele tinha dominado a verdade acerca do prazer e da dor. Ele sabia a verdade sobre o nascimento e a morte, e entendia as distinções entre mérito e demérito. Ele era um contemplador dos fins alcançados pelas criaturas incorporadas superiores e inferiores em consequência de suas ações. Ele vivia como alguém emancipado do mundo. Coroado com sucesso ascético e possuidor de perfeita tranquilidade de alma, ele tinha todos os seus sentidos sob completo controle. Ele parecia brilhar com a resplandecência de Brahma e era capaz de ir a todos os lugares à vontade. Ele conhecia a ciência de desaparecer à vontade perante os olhos de todos. Ele costumava vagar na companhia de Siddhas invisíveis e músicos celestes. Ele costumava sentar e conversar com eles em algum local afastado do alvoroço da humanidade. Ele era independente de todas as coisas como o vento. Kasyapa, tendo ouvido sobre ele realmente, desejou vê-lo. Possuidor de inteligência, aquele principal de todos os Brahmanas se aproximou do sábio. Ele mesmo possuidor de penitências, Kasyapa, movido pelo desejo de adquirir mérito, caiu, com um coração absorto, aos pés do sábio quando

ele tinha visto todos aqueles atributos maravilhosos. Cheio de admiração à visão daquelas habilidades extraordinárias, Kasyapa começou a servir aquele principal de todos os Brahmanas, com a reverência respeitosa de um discípulo servindo seu preceptor e conseguiu propiciá-lo. Por sua devoção, ó opressor de inimigos, prestando a ele a obediência devida de um discípulo a um preceptor, Kasyapa agradou aquele Brahmana que possuía todas aquelas habilidades e era dotado, além disso, de erudição escritural e conduta excelente. Satisfeito com Kasyapa, aquele Brahmana um dia se dirigiu a ele alegremente e falou o seguinte, com um olhar para o sucesso mais sublime. Escute aquelas palavras, ó Janardana, conforme eu as repito.

O asceta coroado com êxito disse, 'Por diversas ações, ó filho, como também pela ajuda de mérito, as criaturas mortais obtêm diversos fins aqui e residência no Céu. Em lugar nenhum está a maior felicidade; em lugar nenhum a residência pode ser eterna. Há repetidas quedas das regiões mais elevadas adquiridas com tal tristeza. Por minha indulgência em pecado, eu tive que alcançar diversos fins miseráveis e inauspiciosos, cheio como eu era de luxúria e ira, e iludido pela cobiça. Eu passei repetidamente pela morte e renascimento. Eu tenho comido diversos tipos de alimento, eu tenho mamado em diversos peitos. Eu tenho visto diversas espécies de mães e diversos pais diferentes uns dos outros. Diversos tipos de felicidade têm sido meus e diversos tipos de miséria, ó impecável. Em diversas ocasiões eu fui separado do que era agradável e unido com o que era desagradável. Tendo ganhado riqueza com grande trabalho eu tenho tido que suportar sua perda. Insultos e miséria excessiva eu tenho recebido do rei e parentes. Dor mental e física, de grande severidade, tem sido minha. Eu tenho sofrido humilhações, e morte e prisão sob circunstâncias de grande rigor. Quedas no Inferno têm sido minhas, e grandes torturas nos domínios de Yama. Decrepitude e doença repetidamente me atacaram, e calamidades, tão frequentes, em medida abundante. Neste mundo eu tenho sofrido repetidamente todas aquelas aflições que fluem de uma percepção de todos os pares de opostos. Depois de tudo isso, um dia, dominado pela tristeza, um desespero absoluto veio sobre mim. Eu me refugiei no Informe. Afligido como eu estava com grande angústia, eu desisti do mundo com todas as suas alegrias e tristezas. Percebendo então este caminho, eu me exercitei nele neste mundo. Depois, por tranquilidade de alma, eu obtive este êxito que tu vês. Eu não terei que vir para este mundo novamente (depois da minha partida daqui). Realmente, até que eu alcance absorção no eterno Brahman, até, de fato, a dissolução final do universo (Mahapralaya), eu serei mero expectador daqueles fins felizes que serão meus, e daqueles seres que constituem este universo. Tendo conseguido este êxito excelente, eu irei, depois de partir deste mundo, proceder para o que está acima deste (isto é, Satyaloka) e dali para o que é mais elevado (isto é, absorção em Brahman). Na verdade, eu chegarei à condição que é o aspecto imanifesto de Brahman. Que nenhuma dúvida seja tua com relação a isto. Ó opressor de inimigos, eu não voltarei para este mundo de criaturas mortais. Ó tu de grande sabedoria, eu fiquei satisfeito contigo. Diga-me o que eu farei por ti. Chegou o momento para a realização daquele propósito pelo qual tu vieste para cá. Na verdade, eu conheço aquele objetivo pelo qual tu me procuraste. Eu logo partirei

deste mundo. Por isso é que eu te dei esta sugestão. Ó tu de grande sabedoria e experiência, eu fiquei muito satisfeito contigo pelo teu comportamento. Questione-me. Eu irei falar sobre o que é benéfico para ti, de acordo com teu desejo. Eu penso que tua inteligência é grande. De fato, eu a elogio muito, pois foi com a ajuda daquela inteligência que tu foste capaz de me reconhecer. Certamente, ó Kasyapa, tu és possuidor de grande inteligência.'

17

Vasudeva disse, 'Tocando os pés daquele sábio, o Brahmana lhe fez algumas perguntas que eram extremamente difíceis de responder. Aquela principal de todas as pessoas justas então falou sobre aqueles deveres que foram aludidos.'

'Kasyapa disse, 'Como o corpo se dissolve, e como outro é adquirido? Como alguém se torna emancipado depois de passar por uma ronda repetida de renascimentos dolorosos? Desfrutando de Prakriti por algum tempo, como Jiva rejeita o corpo específico (que Prakriti dá)? Como Jiva, livre do corpo, chega ao que é diferente disto (isto é, Brahman)? Como um ser humano desfruta (ou sofre os resultados) das ações boas e más feitas por ele? Onde existem as ações de alguém que está livre do corpo?'

(O comentador explica que no total sete perguntas são feitas. A primeira é sobre a dissolução do corpo. A segunda se relaciona à maneira de readquirir um corpo. A terceira se refere à maneira na qual o renascimento pode ser evitado. A quarta se relaciona às causas que operam para dar um corpo a Jiva. Por Prakriti se quer dizer Natureza ou aquela Necedade que é a causa do corpo. A quinta se relaciona a como a Emancipação final ou absorção em Brahman ocorre. A sexta se refere à maneira na qual os resultados das ações são desfrutados ou suportados. A sétima pergunta sobre o modo no qual as ações se vinculam ao Jiva mesmo quando desprovido de um corpo.)

'O Brahmana disse, 'Assim estimulado por Kasyapa, o sábio emancipado respondeu aquelas questões uma após outra. Escute-me, ó descendente da linhagem Vrishni, enquanto eu narro para ti as respostas que ele deu.'

'O sábio emancipado disse, 'Após o esgotamento daquelas ações capazes de prolongar a vida e de ocasionar fama as quais são feitas em um corpo específico que Jiva assume, o Jiva incorporado, com o período de tempo de sua vida diminuído, começa a fazer ações hostis à vida e saúde. Na aproximação da destruição, sua compreensão se desvia da direção apropriada. O homem de alma impura, mesmo depois de uma apreensão correta de sua constituição e força e do período da sua própria vida e do ano, começa a comer em intervalos irregulares e a comer tal alimento que é hostil para ele. (Alimento que é benéfico no verão não o é no inverno, ou aquele que é benéfico na juventude é o contrário na velhice.) Em tal época ele se entrega a práticas que são extremamente prejudiciais. Ele às vezes come excessivamente e às vezes se abstém totalmente de comida. Ele come comida má ou carne má ou toma bebidas más, ou comida que é composta de ingredientes incompatíveis uns com os outros. Ele come alimento que é pesado

além da quantidade que é benéfica, ou antes que o alimento anteriormente ingerido tenha sido digerido. Ele se entrega ao exercício físico e prazer sexual além da medida apropriada, ou por avidez por trabalho, suprime as urgências de seu organismo corpóreo mesmo quando elas se tornam pronunciadas. Ou, ele ingere comida que é muito suculenta, ou se entrega ao sono durante o dia. Comida que não está devidamente digerida, por si mesma excita as falhas, quando chega o momento. (As falhas são três: Vento, Bile e Muco. Quando existindo em um estado de harmonia eles produzem saúde. Quando um é excitado ou dois, ou todos, a indisposição começa. Eles são chamados de dosha ou falhas por causa de sua sujeição a serem excitados e produzirem doença.) De tal excitamento das falhas em seu corpo ele obtém doença terminando na própria morte. Às vezes a pessoa se engaja em atos perversos ou antinaturais como enforcamento (para ocasionar sua morte). Através destas causas o corpo vivo da criatura se dissolve. Entenda corretamente a maneira como eu declaro isto para ti. Incitado pelo Vento o qual se torna violento, o calor no corpo, ficando excitado e alcançando todas as partes do corpo uma depois da outra, reprime todos (os movimentos dos) ares vitais. Saiba realmente que, excitado por todo o corpo o calor se torna muito forte, e penetra toda parte vital onde pode ser dito que a vida reside. Por isto, Jiva, sentindo grande dor, rapidamente parte do seu invólucro mortal. Saiba, ó principal das pessoas regeneradas, que quando as partes vitais do organismo físico ficam assim afligidas, Jiva escapa do corpo, dominado por grande dor. Todas as criaturas vivas são repetidamente afligidas pelo nascimento e morte. É visto, ó principal dos Brahmanas, que a dor que é sentida por uma pessoa quando abandonando seus corpos é como aquela que é sentida por ela quando entrando primeiramente no útero ou quando saindo dele. Suas juntas ficam quase deslocadas e ele deriva muita angústia das águas (do útero). (As torturas sentidas na morte são similares àquelas do nascimento.) Incitado adiante por (outro) vento violento, o vento que está no corpo fica excitado por causa do frio, e dissolve a união da matéria (chamada de corpo) em seus respectivos elementos numerando cinco. Aquele vento que reside nos ares vitais chamados Prana e Apana, encontrados dentro deste composto dos cinco elementos primordiais, se precipita para cima, por uma situação de angústia, deixando a criatura incorporada. É assim mesmo que o vento deixa o corpo. Então é vista a falta de respiração. O homem então fica desprovido de calor, de ar, de beleza, e de consciência. Abandonado por Brahman (pois Jiva é Brahman), a pessoa é falada como morta. Por aqueles ductos através dos quais ele percebe todos os objetos sensuais, o portador do corpo não mais os percebe. É o eterno Jiva que cria no corpo naqueles mesmos ductos os ares vitais que são gerados pelo alimento. Os elementos unidos juntos se tornam em certas partes firmemente unidos. Saiba que aquelas partes são chamadas de órgãos vitais do corpo. Isto é dito dessa maneira nos Sastras. Quando aquelas partes vitais são rompidas, Jiva, erguendo-se, entra no coração da criatura viva e reprime o princípio de animação sem nenhuma demora. A criatura então, embora ainda dotada do princípio de consciência, fracassa em conhecer qualquer coisa. As partes vitais estando todas oprimidas, o conhecimento da criatura viva se torna oprimido pela escuridão. Jiva então, que foi privado de tudo sobre o qual permanecer, é então agitado pelo vento. Ele então, dando uma longa respiração profunda e dolorosa, sai

rapidamente, fazendo o corpo inanimado tremer. Dissociado do corpo, Jiva, no entanto, é cercado por suas ações. Ele fica equipado por todos os lados com todas as suas ações auspiciosas de mérito e com todos os seus pecados. Brahmanas dotados de conhecimento e providos das conclusões certas das escrituras sabem, por indicações, se ele é possuidor de mérito ou do seu contrário. Assim como homens possuidores de olhos vêem o pirilampo aparecendo e desaparecendo em meio à escuridão, homens possuidores da visão do conhecimento e coroados com sucesso de penitências contemplam, com visão espiritual, Jiva quando ele deixa o corpo, quando ele renasce, e quando ele entra no útero. É visto que Jiva tem três regiões designadas para ele eternamente. Este mundo onde criaturas residem é chamado de campo de ação. Realizando ações boas ou más, todas as criaturas incorporadas obtêm os resultados delas. Por suas próprias ações, criaturas adquirem aqui mesmo prazeres superiores ou inferiores. Fazedores de más ações aqui, por consequência daquelas ações deles, obtêm o Inferno. Esta condição de afundar de cabeça para baixo, na qual criaturas são cozidas, é uma de grande miséria. Ela é de tal maneira que uma salvação dela é extremamente difícil. De fato; uma pessoa deve se esforçar duramente para se salvar dessa miséria. Aquelas regiões onde as criaturas moram quando elas ascendem deste mundo eu agora declararei verdadeiramente. Ouça-me com atenção. Por escutares ao que eu digo, tu obterás firmeza de compreensão e um entendimento claro das ações (boas e más). Saiba que aquelas são as regiões de todas as criaturas de ações justas, isto é, os mundos estelares que brilham no firmamento, o disco lunar, e o disco solar também que brilha no universo em sua própria luz. Após o esgotamento, além disso, de seus méritos, elas decaem daquelas regiões repetidamente. Lá, no próprio Céu, há distinção de bem-aventurança inferior, superior, e mediana. Lá, no próprio Céu, há descontentamento à visão de prosperidade mais brilhante do que a sua própria. Estas mesmas são as metas as quais eu mencionei em detalhes. Eu irei, depois disso, te falar sobre a obtenção por Jiva da condição de residência no útero. Ouça-me, com atenção concentrada, ó regenerado, enquanto eu falo para ti!'

18

"O Brahmana disse, 'As ações, boas e más, que um Jiva faz não estão sujeitas à destruição. A partir da obtenção de corpo depois de corpo, aquelas ações produzem frutos correspondentes a elas. Como uma árvore frutífera, quando chega a estação de produtividade, produz uma grande quantidade de frutos, similarmente o mérito, obtido com um coração puro, produz uma grande colheita (de felicidade). Do mesmo modo, o pecado, feito com um coração pecaminoso, produz uma grande colheita de miséria. A Alma (ou Jiva), colocando a mente adiante, se dirige para ação. Ouça então como Jiva, equipado com todos os seus atos e dominado por luxúria e ira, entra no útero. A semente vital, misturada com sangue, entra no útero das mulheres e se torna o campo (de Jiva), bom ou mau, nascido de (seus) atos. Por sua sutileza e da condição de ser imanifesto, Jiva não fica ligado a alguma coisa mesmo depois de obter um corpo. Portanto, ele é chamado de Brahman Eterno. Aquilo (isto é, Jiva ou Brahman) é a semente de

todas as criaturas. É por Ele que as criaturas vivas vivem. Aquele Jiva, entrando em todos os membros do feto parte por parte, aceitando o atributo de mente, e residindo dentro de todas as regiões que pertencem ao Prana, sustenta (a vida). Por isto, o feto se tornando dotado de mente começa a movimentar seus membros. Como ferro liquefeito, derramado (em um molde), toma a forma do molde, saiba que a entrada de Jiva no feto é exatamente dessa maneira. Como fogo, entrando em uma massa de ferro, a esquenta grandemente, saiba que a manifestação de Jiva no feto é de tal modo. Como uma lâmpada, brilhando em um quarto, revela (todas as coisas dentro dele), a mente da mesma maneira revela os diferentes membros do corpo; (isto é, os faz crescerem). Quaisquer atos, bons ou maus, que Jiva fez em um corpo anterior, têm sem dúvida que ser desfrutados ou suportados por ele. Por tal desfrute e tolerância as ações antigas são esgotadas, e outros atos, novamente, se acumulam, até que Jiva consiga obter um conhecimento dos deveres incluídos naquela contemplação que leva à Emancipação. Com referência a isto, eu te direi aqueles atos pelos quais Jiva, ó melhor dos homens, enquanto percorrendo uma repetida ronda de renascimentos, vem a ser feliz. Caridade, práticas de austeridade, Brahmacharya, dirigir-se para Brahman de acordo com as ordenanças prescritas, autodomínio, tranquilidade, compaixão por todas as criaturas, restrição de paixões, abstenção de crueldade como também de se apropriar do que pertence a outros, se abster de fazer até mentalmente todos os atos que sejam falsos e prejudiciais para criaturas vivas sobre a Terra, servir mãe e pai com reverência, honrar divindades e convidados, culto dos preceptores, piedade, pureza, controle constante de todos os órgãos, e ocasionar todas as boas ações, são considerados como constituindo a conduta dos bons. Da prática de tal conduta surge a Virtude que protege todas as criaturas eternamente. Tal conduta alguém verá sempre entre pessoas que são boas. Na verdade, semelhante conduta reside lá eternamente. Aquele rumo de práticas ao qual pessoas de almas tranquilas aderem indica Virtude. Entre elas é lançado aquele rumo de práticas que constitui Virtude eterna. Aquele que se dirigir àquela Virtude nunca terá que chegar a um fim miserável. É pela conduta dos bons que o mundo é contido nos caminhos da Virtude quando ele decai. Aquele que é um Yogin é Emancipado, e é, portanto, distinguido acima destes (isto é, dos bons). A libertação do mundo ocorre, depois de muito tempo, de alguém que age justamente e bem em toda ocasião como ele deve. Uma criatura viva assim sempre encontra com as ações feitas por ela em uma vida passada. Todas aquelas ações constituem a causa pela qual ela vem para este mundo em um estado diferente da sua verdadeira forma. (Jiva, que é puro e imaculado, toma nascimento neste mundo, decaindo de sua posição verdadeira de Brahman devido às suas ações. As ações, além disso, são eternas, nenhum início sendo concebível.) Há uma dúvida no mundo com respeito a esta questão. Pelo que a aceitação (por Jiva) de um corpo foi primeiramente determinada. O Avô de todos os mundos, isto é, Brahma, tendo primeiro formado um corpo para si próprio, então criou os três mundos, em sua totalidade, de criaturas móveis e imóveis. Tendo primeiro ele mesmo assumido um corpo, ele então criou Pradhana. Aquele Pradhana é a causa material de todas as criaturas incorporadas, por quem tudo isto é coberto e a quem todos vieram a conhecer como mais elevado. Isto que é visto é dito que é destrutível; enquanto o outro é imortal e indestrutível. Isto que (é

visto) é dito que é Kshara (o destrutível); aquele, no entanto, o qual é Para (o outro) é o Imortal, (como também) Akshara (o Indestrutível). De cada Purusha tomado separadamente, o todo é dualidade entre estes três. (Cada Purusha é uma dualidade, composta de Kshara e Akshara.) Visto aparecer primeiro em uma forma incorporada, Prajapati (então) criou todos os elementos primordiais e todas as criaturas imóveis. Esta é a audição antiga. Daquela (aceitação de corpo), o Avô ordenou um limite a respeito de tempo, e migrações entre diversas criaturas e volta ou renascimento. Tudo o que eu digo é apropriado e correto, como o que uma pessoa que é dotada de inteligência e que tenha visto sua alma diria sobre este tópico de nascimentos anteriores. A pessoa que considera prazer e dor como inconstantes, a qual, de fato, é a visão correta, que considera o corpo como uma conglomeração profana, e destruição como ordenada em ação, e que lembra que aquele pouco de prazer que há é realmente todo dor, conseguirá atravessar este oceano terrível de migração mundana que é tão difícil de atravessar. Embora atacado por decrepitude e morte e doença, aquele que compreende Pradhana vê com um olhar imparcial aquela Consciência que reside em todos os seres dotados de consciência. Procurando a base suprema, ele então se torna completamente indiferente a todas as (outras) coisas. Ó melhor dos homens, eu agora darei instrução para ti, de acordo com a verdade, a respeito disto. Ó Brahmana erudito, compreenda em inteireza aquele que constitui o conhecimento excelente, conforme eu o declaro, daquela base indestrutível.'"

19

"O Brahmana disse, 'Aquele que se torna absorvido no único receptáculo (de todas as coisas), se libertando até do pensamento de sua própria identidade com todas as coisas, de fato, cessando de pensar até na sua própria existência, rejeitando gradualmente um depois do outro, conseguirá transpor seus limites. Aquele homem que é o amigo de todos, que aguenta tudo, que é ligado à tranquilidade, que tem conquistado todos os seus sentidos, que é desprovido de medo e ira, e que é de alma controlada, consegue se emancipar. Aquele que se comporta em direção a todas as criaturas como em direção a si mesmo, que é contido, puro, livre de vaidade e privado de egoísmo é considerado como emancipado de tudo. Também é emancipado aquele que olha com um olhar igual para vida e morte, prazer e dor, lucro e perda, agradável e desagradável. Está emancipado de todas as maneiras aquele que não cobiça o que pertence a outros, que nunca desconsidera ninguém, que transcende todos os pares de opostos, e cuja alma está livre de atração. Está emancipado aquele que não tem inimigo, nem parente, e nem filho, que rejeitou religião, riqueza, e prazer, e que está livre do desejo ou cupidez. Se torna emancipado aquele que não adquire mérito nem demérito, que rejeita os méritos e deméritos acumulados em nascimentos prévios, que gasta os elementos de seu corpo para obter uma alma tranquilizada, e que transcende todos os pares de opostos. Aquele que se abstém de todas as ações, que está livre do desejo ou cobiça, que considera o universo como não durável ou como igual a uma árvore Aswattha, sempre dotado de nascimento, morte e decrepitude, cuja compreensão está fixada na renúncia, e cujos olhos estão

sempre dirigidos para seus próprios defeitos, logo consegue se emancipar dos grilhões que o retêm. Aquele que vê sua alma destituída de cheiro, de gosto e toque, de som, de pertences, de visão, e incompreensível, se torna emancipado. (A Alma sendo destituída destes se torna Chinmatra, isto é, um Chit puro sem os atributos induzidos sobre ele pela Necedade ou Ignorância.) Aquele que vê sua alma desprovida dos atributos dos cinco elementos como sendo sem forma e causa, sendo realmente desprovida de atributos embora desfrutando deles, se torna emancipado. (Informidade significa sutileza. 'Sem causa' significa incriado ou como idêntico ao Brahman eterno. Dissociação de atributos enquanto desfrutando deles significa condição emancipada.) Abandonando, com a ajuda da compreensão, todos os propósitos relativos a corpo e mente, uma pessoa gradualmente chega à cessação de existência separada, como um fogo não alimentado com combustível. (Nirvana, segundo comentadores ortodoxos, significa a aniquilação ou cessação de existência separada ou individual por absorção no universal e eterno Brahman.) Alguém que está livre de todas as impressões, que transcende todos os pares de opostos, que é desprovido de todos os pertences, e que usa todos os seus sentidos sob a orientação de penitências, se torna emancipado. (As impressões causadas por objetos fora de si mesmo são destruídas por aquelas pertencentes à contemplação. As últimas, além disso, devem ser destruídas antes que a absorção em Brahman possa ocorrer.) Tendo se tornado livre de todas as impressões, alguém então chega a Brahma o qual é Eterno e supremo, e tranquilo, e estável, e permanente, e indestrutível. Depois disto eu declararei a ciência de Yoga à qual não há nada superior, e como Yogins, pela concentração, contemplam a alma perfeita. Eu irei declarar as instruções com relação a isto devidamente. Aprenda de mim aquelas portas pelas quais governando a alma dentro do corpo alguém contempla aquilo que é sem início e fim. Afastando os sentidos de seus objetos, uma pessoa deve fixar a mente na alma; tendo anteriormente passado pelas austeridades mais rigorosas, ela deve praticar aquela concentração da mente que leva à Emancipação. (A fixação da mente na alma é aquela concentração que leva à Emancipação. Isto se torna possível por consequência das austeridades severas praticadas previamente.) Praticante de penitências e sempre praticando a concentração da mente, o Brahmana erudito, dotado de inteligência, deve cumprir os preceitos da ciência de Yoga, contemplando a alma no corpo. Se o bom homem consegue concentrar a mente na alma, ele então, habituado à meditação exclusiva, vê a Alma Suprema em sua própria alma. Autocontrolado, e sempre concentrado, e com todos os seus sentidos completamente dominados, o homem de alma purificada, por tal concentração completa da mente, consegue ver a Alma pela alma. Como uma pessoa vendo um indivíduo não visto em um sonho o reconhece dizendo, 'Este é ele', quando ela o vê depois de acordar, da mesma maneira o homem bom tendo visto a Alma Suprema na contemplação profunda do Samadhi a reconhece após acordar do Samadhi. (Ele a reconhece no universo, isto é, considera o universo como sendo nada mais do que a Alma Suprema.) Como alguém vê o núcleo fibroso depois de extraí-lo de uma folha da Saccharum Munja, assim mesmo o Yogin vê a alma, a extraindo do corpo. O corpo é chamado de Saccharum Munja, e o núcleo fibroso é dito que significa a alma. Esta é a ilustração excelente proposta por pessoas familiarizadas com Yoga. Quando o

portador de um corpo contempla adequadamente a alma em Yoga, ele então não tem ninguém que é mestre sobre ele, pois ele então se torna o senhor dos três mundos. (Isto também pode significar 'ele não tem ninguém superior a ele; nem mesmo aquele que é o Senhor do universo.') Ele consegue assumir diversos corpos de acordo com o que ele deseja. Rejeitando decrepitude e morte, ele nem se aflige nem se regozija. O homem autocontrolado, concentrado em Yoga, pode criar (para si mesmo) a divindade dos próprios deuses (ou, tal pessoa se torna o deus dos próprios deuses). Rejeitando seu corpo transitório ele chega ao imutável Brahma. Nenhum temor surge nele mesmo à visão de todas as criaturas caindo vítimas da destruição (diante de seus olhos). Quando todas as criaturas são afligidas, ele nunca pode ser afligido por ninguém. Desprovido de desejo e possuidor de uma mente tranquila, a pessoa em Yoga nunca é abalada por dor e tristeza e medo, os efeitos terríveis que fluem do apego e afeição. Armas nunca o perfuram; a morte não existe para ele. Em nenhum lugar no mundo pode ser visto alguém que é mais feliz do que ele. Tendo concentrado sua alma adequadamente, ele vive firmemente em si mesmo. Afastando decrepitude e dor e prazer, ele dorme em conforto. Rejeitando este corpo humano ele obtém (outras) formas de acordo com sua vontade. Enquanto alguém está desfrutando da soberania que o Yoga concede, ele nunca deve se desviar da dedicação ao Yoga. (Isto é, uma pessoa não deve se desviar da prática de Yoga, tentada pelo poder que o Yoga traz.) Quando alguém, depois de dedicação adequada ao Yoga, vê a Alma em si mesmo, ele então cessa de ter alguma consideração mesmo por aquele de cem sacrifícios (Indra). (O Yogin que não progrediu muito pode ser tentado pelo desejo de desfrute. Aquele, no entanto, se dedicou adequadamente ao Yoga não sente consideração nem pelo próprio Indra.) Ouça agora como alguém, se habituando à meditação exclusiva, consegue atingir o Yoga. Pensando naquele ponto do horizonte que tem o Sol atrás dele (isto é, as instruções prescritas no Vedanta como baseadas nos Srutis), a mente deve ser fixada, não do lado de fora, mas no interior daquela mansão (o corpo) na qual pode acontecer de alguém viver. Residindo dentro daquela mansão, a mente deve então, com todas as suas (operações) externas e internas, contemplar aquele quarto específico (chakra ou centros nervosos começando com aquele que é chamado de muladhara) no qual ele possa estar. Naquele momento quando, tendo meditado profundamente, ele contempla o Todo (isto é, Brahman, a Alma do universo), então não há nada externo a Brahman onde a mente possa residir. Reprimindo todos os sentidos em uma floresta que esteja livre de barulho e que seja inabitada, com a mente fixa nisso, ele deve meditar no Todo (ou Brahman universal) fora e dentro de seu corpo. Ele deve meditar nos dentes, no palato, na língua, na garganta, no pescoço igualmente; ele deve também meditar no coração e nas ligaduras do coração!" (Estas partes do corpo se referem à alimentação e outras operações, todas as quais influenciam a mente e a dispõem para a pureza e o contrário.)

"O Brahmana continuou, 'Assim endereçado por mim, aquele discípulo inteligente, ó matador de Madhu, mais uma vez me perguntou acerca desta religião de Emancipação que é tão difícil de explicar. 'Como o alimento que é comido de tempos em tempos é digerido no estômago? Como ele vem a ser transformado em suco? Como, além disso, em sangue? Como ele nutre a carne, a

medula, os tendões, os ossos? Como todos estes membros das criaturas incorporadas crescem? Como aumenta a força do homem crescente? Como ocorre a fuga de todos os elementos que não são nutritivos, e de todas as impurezas separadamente? Como este inala e também exala? Permanecendo em qual parte específica a Alma mora no corpo? Como Jiva, se esforçando, conduz o corpo? De que cor e de que espécie é o corpo no qual ele mora outra vez (deixando um corpo específico)? Ó santo, cabe a ti me dizer tudo isso com precisão, ó impecável.' Assim mesmo eu fui interrogado por aquele Brahmana erudito, ó Madhava. Eu respondi para ele, ó tu de braços poderosos, da mesma maneira que eu tinha ouvido, ó castigador de todos os inimigos. 'Como alguém colocando algum objeto precioso em sua despensa deve manter sua mente nele, assim, colocando a mente dentro do próprio corpo, alguém deve então, reprimindo todos os sentidos, procurar pela Alma, evitando toda negligência. Uma pessoa, se tornando sempre assídua neste hábito e satisfeita consigo mesma, dentro de um tempo muito curto chegará àquele Brahma por contemplar o qual ela se tornará conhecedora de Pradhana; (isto é, aquilo do qual o universo inteiro tem sido criado). Ele não pode ser apreendido pela visão; nem mesmo por todos os sentidos. É somente com a lâmpada da mente que a grande Alma pode ser vista. Ele tem mãos e pés em todos os lados; ele tem ouvidos em todos os lados; ele vive permeando todas as coisas no mundo. (Isto responde as questões a respeito da forma da Alma.) Jiva contempla a Alma como extraída do corpo (como o caule de uma folha de Saccharum Munja, quando vem o conhecimento). Então rejeitando Brahma como investido com forma, por manter a mente no corpo, ele vê Brahma como livre de todos os atributos. Ele vê a Alma com sua mente, sorrindo por assim dizer no momento. Dependendo daquele Brahma, ele então alcança a Emancipação em mim. (O orador aqui é o visitante regenerado de Krishna. O último está repetindo as palavras daquele visitante. Neste verso, Krishna, esquecendo que ele está meramente recitando as palavras de outro, se refere a ele mesmo como o Brahman Supremo em quem uma pessoa deve imergir para alcançar a Emancipação.) Ó principal dos regenerados, todo este mistério agora foi declarado por mim. Eu peço a tua permissão, pois eu deixarei este local. Tu (também) vá para onde quer que tu queiras.' Assim endereçado por mim, ó Krishna, naquela ocasião, aquele meu discípulo, dotado de penitências austeras, aquele Brahmana de votos rígidos, foi embora segundo seu desejo."

"Vasudeva continuou, 'Aquele melhor dos Brahmanas, ó filho de Pritha, tendo dito estas palavras para mim, naquela ocasião, devidamente relativas à religião de Emancipação, desapareceu. Este discurso foi ouvido por ti, ó filho de Pritha, com a mente dirigida somente em direção a ele? Isto mesmo foi o que tu ouviste naquela ocasião enquanto tu estavas no teu carro. É minha opinião, ó filho de Pritha, que isso é difícil de ser compreendido por alguém cuja compreensão está confusa, ou que não adquiriu sabedoria por meio de estudo, ou que come alimento incompatível com seu corpo, ou cuja Alma não está purificada. Ó chefe da linhagem de Bharata, é um grande mistério entre as divindades isto que foi declarado (para ti). Em nenhum tempo ou lugar, ó filho de Pritha, isto foi ouvido por homem neste mundo. Ó impecável, nenhum outro homem além de ti é digno de ouvir isto. Isto não é, nesta época, capaz de ser compreendido facilmente por

alguém cuja alma interna está confusa. O mundo das divindades está cheio, ó filho de Kunti, com aqueles que seguem a religião das ações. A cessação da forma mortal (por praticar a religião da inação) não é agradável para as divindades. (O céu é a recompensa daqueles que seguem a religião de Pravritti ou ações, tais como sacrifícios, observâncias religiosas, etc. Os seguidores, no entanto, da religião de Nivritti ou inação, isto é, aqueles que se dirigem ao caminho do conhecimento, se tornam emancipados. As divindades derivam seu sustento dos primeiros e se tornam até ciumentos dos últimos, pois o estado emancipado é mais elevado do que aquele das próprias divindades.) Ó filho de Pritha, é a meta mais elevada aquela que é constituída pelo Brahman eterno onde uma pessoa, rejeitando o corpo, obtém imortalidade e se torna sempre feliz. Por aderir a esta religião mesmo aqueles que vêm de nascimento pecaminoso, tais como mulheres e Vaisyas e Sudras, chegam à meta mais sublime. O que dizer então, ó filho de Pritha, de Brahmanas e Kshatriyas possuidores de grande erudição, sempre dedicados aos deveres das suas próprias classes e que estão aplicados (na obtenção) da região de Brahma? Isto tem sido declarado com as razões (nas quais isto se apóia); e também os meios para sua aquisição; e sua obtenção completa e fruto, isto é, Emancipação e a averiguação da verdade com relação à dor. Ó chefe da linhagem de Bharata, não há nada mais que seja repleto de maior felicidade do que isto. Aquele mortal, ó filho de Pandu, que, dotado de inteligência, e fé, e coragem, rejeita como insubstancial o que é considerado como substancial pelo mundo, consegue dentro de pouco tempo alcançar o Supremo por estes meios. Isto é tudo que é para ser dito, não há nada mais que seja mais elevado do que isto. O Yoga acontece no caso daquele, ó filho de Pritha, que se dedica à sua prática constante por um período de seis meses.'"

20

"Vasudeva disse, 'Em relação a isto é citada a narrativa antiga, ó filho de Pritha, da conversa que ocorreu entre um casal. A esposa de certo Brahmana, observando o Brahmana, seu marido, que era um mestre perfeito de todo tipo de conhecimento e sabedoria, sentado em reclusão, disse para ele, ‘Para qual região eu irei, dependendo de ti como meu marido, tu que estás sentado, tendo rejeitado todas as ações (religiosas), que és severo em tua conduta em direção a mim, e que és tão sem discernimento? É sabido por nós que uma esposa alcança aquelas regiões que são adquiridas por seu marido. Qual, de fato, é a meta que eu alcançarei, tendo obtido a ti como meu marido?’ Assim questionado, aquele Brahmana de alma tranquila então disse para ela, sorridente, ‘Ó dama abençoada, eu não estou ofendido com estas tuas palavras, ó impecável. Quaisquer obras que existem que são adotadas com a ajuda de outros, que são vistas (por sua densidade), e que são verdadeiras, são feitas como ações por homens dedicados às ações. Aquelas pessoas que são desprovidas de conhecimento somente armazenam ilusão por ações. Liberdade de ações, além disso, não pode ser obtida neste mundo nem por um momento. Do nascimento à obtenção de uma forma diferente, obras boas ou más, e realizadas por meio de ações, mente, ou palavras, existem em todos os seres. Aqueles caminhos (de ação) que são

caracterizados por objetos visíveis (tais como suco Soma e ghee como libações), sendo destruídos por Rakshasas, me desviando deles eu percebi a base (da alma) que está no corpo, sem a ajuda da alma. (Esta base, diz Nilakantha, é chamada de Avimukta e se encontra entre as sobrancelhas e o nariz.) Lá mora Brahma transcendendo todos os pares de opostos; lá Soma com Agni (ou lá o ducto chamado Ida com o ducto chamado Pingala), e lá aquele estimulador da compreensão (Vayu) sempre se move, sustendo todas as criaturas. (O sentido é este: neste local está Brahman; lá Ida e Pingala se encontram; e lá também está Vayu que incita a compreensão e sustenta todas as criaturas vivas.) É por aquela base que o Avô Brahman e outros, concentrados em Yoga, cultuam o Indestrutível. É por aquela base que homens de erudição e votos excelentes, de almas tranquilas, e de sentidos completamente dominados, se esforçam. Ela não pode ser cheirada pelo sentido do olfato; nem provada pela língua; ou tocada pelos órgãos do tato. É pela mente que ela é alcançada. Ela não pode ser conquistada pela visão. Ela transcende o sentido de audição. Ela é desprovida de cheiro, gosto, toque, e forma como atributos. É dela que procede o universo bem ordenado, e é sobre ela que ele se apóia. Os ares vitais chamados Prana e Apana e Samana e Vyana e Udana fluem dela, e é nela que eles entram novamente. Os ares Prana e Apana se movem entre Samana e Vyana. Quando a alma dorme, ambos Samana e Vyana são absorvidos. Entre Apana e Prana, Udana mora, permeando tudo. Por isso Prana e Apana não abandonam uma pessoa adormecida. Por ele controlar todos os ares vitais, o ar controlador é chamado de Udana. Por isso, proferidores de Brahman praticam penitências as quais têm eu mesmo como sua meta. (A vida mundana é regulada pelos ares vitais. Estes são ligados à Alma e levam às suas manifestações individuais. Udana controla todos os ares. Udana é controlado por penitências. É a penitência então que destrói a ronda de renascimentos e leva à absorção em Brahman.) No meio de todos aqueles ares vitais que consomem uns aos outros e se movem dentro do corpo, resplandece o fogo chamado Vaiswanara composto de sete chamas. O nariz, a língua, o olho, a pele, o ouvido que numera o quinto, a mente, e a compreensão, estas são as sete línguas daquela chama de Vaiswanara. Aquilo que é cheirado, aquilo que é visto, aquilo que é bebido, aquilo que é tocado, como também aquilo que é ouvido, aquilo que é pensado, e aquilo que é compreendido, esses são os sete tipos de combustível para mim. Aquilo que cheira, aquilo que come, aquilo que vê, aquilo que toca, aquilo que ouve numerando o quinto; aquilo que pensa, e aquilo que compreende, esses são os sete grandes sacerdotes oficiantes. Veja, ó abençoado, sacrificadores eruditos devidamente lançando sete libações de sete maneiras nos sete fogos, isto é, aquilo que é cheirado, aquilo que é bebido, aquilo que é visto, aquilo que é tocado, como também aquilo que é ouvido, aquilo que é pensado, e aquilo que é compreendido, os criam em seus próprios ventres. (O sentido parece ser este: aqueles que renunciam aos objetos sensuais podem criá-los quando eles querem. Alguém rejeitando o aroma que tem terra como seu objeto pode criar terra quando ele quer.) Terra, Ar, Éter, Água, e Luz numerada como o quinto, Mente, e Compreensão, esses sete são chamados de ventres (de todas as coisas). Todos os atributos os quais constituem as oferendas sacrificais entram no atributo que é nascido do fogo, e tendo morado dentro daquela residência se tornam renascidos em seus respectivos ventres. Lá também, isto é,

naquilo que gera todos os seres, eles permanecem absorvidos durante o período pelo qual a dissolução dura. Daquilo é produzido cheiro, daquilo é produzido gosto, daquilo é produzido cor, e daquilo é produzido toque; daquilo é produzido som; daquilo surge dúvida; e daquilo é produzida a resolução. Isso é o que é conhecido como a criação sétupla. É dessa mesma maneira que tudo isso era compreendido pelos antigos. Pelas três libações completas e finais o todo se torna repleto de luz.'"

21

"O Brahmana disse, 'Em relação a isto é citada a seguinte história antiga. Compreenda de que tipo é a instituição dos dez Hotris (sacerdotes sacrificantes). O ouvido, a pele, os dois olhos, a língua, o nariz, os dois pés, as duas mãos, o órgão genital, o ducto inferior, e a fala, estes, ó bela, são os dez sacerdotes sacrificantes. Som e toque, cor e gosto, cheiro, palavra, ação, movimento, e a saída da semente vital, da urina e das fezes, são as dez libações. Os pontos do horizonte, Quadrantes, Vento, Sol, Lua, Terra, Fogo, Vishnu, Indra, Prajapati, e Mitra, estes, ó bela, são os dez fogos (sacrificais). Os dez órgãos (de conhecimento e ação) são os sacerdotes sacrificantes. As libações, ó bela, são dez. Os objetos dos sentidos são os combustíveis que são lançados nestes dez fogos, como também a mente, a qual é a concha, e a riqueza (isto é, as ações boas e más do sacrificador). (O que é afirmado nessa passagem é, resumidamente, isto: o ouvido, etc., são os Hotris ou sacerdotes sacrificantes que devem derramar libações no fogo sacrifical. As percepções e funções daqueles órgãos constituem o Havi ou libações que devem ser derramadas. Os pontos, vento, etc., são o Agni ou fogos sagrados nos quais elas devem ser derramadas. Os objetos dos sentidos são o combustível, previamente descrito como Havi ou libações, que devem ser queimados por serem lançados nos fogos.) O que resta é o conhecimento puro, sublime. Nós sabemos que todo este universo foi bem diferenciado (do Conhecimento). Todos os objetos de conhecimento são Mente. O Conhecimento somente percebe (isto é, descobre a Mente sem ser ligado a ela). O conhecedor (ou Jiva), envolvido em forma sutil, vive dentro do corpo grosseiro que é produzido pela semente vital. O condutor do corpo é o fogo Garhapatya (coração). Dele é produzido outro. A Mente é o fogo Ahavaniya. (O fogo Ahavaniya ou mente é a boca.) Nele é derramada a oblação. Disso foi produzido o Veda (ou Palavra); (então nasceu a Mente); a Mente (desejosa de criação) se estabelece no Veda (ou a Palavra). Deles surge forma (ou cor) indistinta por cores específicas. Esta corre em direção à Mente." (Alimento ou fogo, derramado na boca se desenvolve em fala ou palavra. Primeiro surge a palavra, a mente se fixa nela, desejosa de criação.)

"A esposa do Brahmana disse, 'Por que a Palavra surgiu primeiro e por que a Mente surgiu depois, visto que a Palavra começa a existir depois de ter sido pensada pela Mente? Sobre que autoridade pode ser dito que Mati (Prana) se refugia na Mente? Por que, além disso, no sono sem sonhos, embora separado da Mente, o Prana não percebe (todos os objetos)? O que é aquilo que o reprime

então?'" (No sono sem sonhos a mente desaparece totalmente. Se é na mente que o Prana se apóia, porque o Prana também não desaparece? Ele é visto se separar da mente, pois ele continua a existir enquanto a mente não existe. Se é assim, isto é, se existente, como ele deve ser admitido, por que ele não percebe objetos? O que é que reprime seus poderes de percepção?)

"O Brahmana disse, 'O ar Apana, se tornando o senhor (isto é, trazendo o Prana sob seu controle), por tal domínio sobre ele, o faz idêntico com ele mesmo. Aquele movimento reprimido do ar Prana (o qual no momento se torna idêntico àquele do Apana) é citado como sendo o movimento da mente. Por isso a mente é dependente do Prana, não Prana da mente. Portanto, no sono sem sonhos, após o desaparecimento da mente, o Prana não desaparece. Mas já que tu me fizeste uma pergunta acerca da palavra e da mente, eu irei, portanto, relatar para ti uma conversa entre elas. Palavra e Mente, se dirigindo à Alma da matéria, (Prajapati) perguntaram a ele, 'Diga quem entre nós é superior. Ó pujante, dissipe nossa dúvida.' Naquela ocasião, o santo deu esta resposta; 'A mente sem dúvida (é superior).' Para ele a Palavra disse, 'Eu te concedo a realização de todos os teus desejos!' (É através das palavras que frutos desejáveis, visíveis e invisíveis, são obtidos. Naturalmente, palavra significa fala normal e Mantras Védicos.)

"O Brahmana disse, 'Saiba que eu tenho duas mentes, imóvel e móvel. Aquela que é imóvel está, realmente, comigo; a móvel está em seu domínio. (O Brahmana está repetindo a resposta que Bhutatman, isto é, Prajapati ou Jiva, deu para a Palavra. (Imóvel, de acordo com Nilakantha, significa 'aquilo que é perceptível pelos sentidos externos'; e móvel, 'aquilo que está além do alcance dos sentidos', tal como céu, etc. O mundo externo sendo somente uma manifestação da mente, ele é citado aqui como idêntico a ela. Assim, as idéias na mente as quais não são devido aos sentidos, são somente a mente. Esta é a mente móvel. Aquela mente depende da palavra ou as escrituras.) É na verdade chamada de móvel aquela mente que, na forma de Mantra, letra, ou voz, é atribuível ao teu domínio. Por isso, tu és superior (à outra mente a qual tem relação somente com o mundo externo). Mas já que, vindo por tua própria vontade, ó bela, tu entraste na obrigação (acerca da realização de todos os desejos), portanto, me enchendo com fôlego, eu te profiro. A deusa Palavra costumava sempre morar entre Prana e Apana. Mas, ó abençoada, caindo no Apana, embora incitada para cima, por se tornar dissociada de Prana, ela correu para Prajapati e disse, 'Fique satisfeito comigo, ó santo.' O Prana apareceu, mais uma vez nutrindo a Palavra. Por isso, a Palavra, encontrando exalação profunda, nunca profere qualquer coisa. A Palavra sempre flui como dotada de expressão vocal ou não dotada dela; (isto é, como barulhenta e silenciosa). Entre estes dois, a Palavra sem expressão vocal é superior à Palavra com expressão. Como uma vaca dotada de leite excelente, ela (a Palavra sem expressão vocal), produz diversos tipos de significado. Esta sempre produz o Eterno (isto é, Emancipação), falando de Brahman. Ó tu de belos sorrisos, a Palavra é uma vaca, por sua força que é ambas: divina e não divina. Veja a distinção destas duas formas sutis de Palavra que flui.'"

"A esposa do Brahmana disse, 'O que a deusa da Palavra então disse, nos tempos passados, quando, embora impelida pelo Desejo de falar, a Fala não pôde sair?'"

"O Brahmana disse, 'A Palavra que é gerada no corpo por Prana, então alcança o Apana do Prana. Então transformada em Udana e saindo do corpo, envolve todos os quadrantes, com Vyana. Depois disso, ela mora em Samana. Exatamente dessa maneira a Palavra falou antigamente. Por isso a Mente, por ser imóvel, é distinta, e a deusa Palavra, por ser móvel, também é distinta.'"

22

"O Brahmana disse, 'Em relação a isto é citada a história antiga, ó abençoada, de qual é a instituição dos sete sacerdotes sacrificantes. O nariz, o olho, a língua, a pele, e o ouvido numerando o quinto, a mente, e a compreensão, estes são os sete sacerdotes sacrificantes permanecendo distintamente uns dos outros. Residindo no espaço sutil, eles não percebem uns aos outros. Ó bela, conheça estes sacerdotes sacrificantes que são sete por sua natureza.'"

"A esposa do Brahmana disse, 'Como é que morando no espaço sutil estes não percebem uns aos outros? Quais são suas (respectivas) naturezas, ó santo? Diga-me isto, ó senhor.'"

"O Brahmana disse, 'Não conhecer as qualidades (de algum objeto) é ignorância (daquele objeto); enquanto conhecimento das qualidades é (chamado) de conhecimento (do objeto que possui aquelas qualidades). Estes sete nunca conseguem apreender ou conhecer as qualidades uns dos outros. A língua, o olho, o ouvido também, a pele, a mente, e a compreensão, não conseguem perceber cheiros. É só o nariz que os apreende. O nariz, a língua, o ouvido também, a pele, a mente, e a compreensão, nunca conseguem perceber as cores. É somente o olho que as apreende. O nariz, a língua, o olho também, o ouvido, a compreensão, e a mente, nunca conseguem perceber as sensações de tato. É somente a pele que as apreende. O nariz, a língua, o olho, a pele, a mente, e a compreensão, nunca conseguem perceber sons. É só o ouvido que os apreende. O nariz, a língua, o olho, a pele, o ouvido, e a compreensão nunca conseguem perceber a dúvida. É a mente que a percebe. O nariz, a língua, o olho, a pele, o ouvido, e a mente, nunca conseguem apreender determinação (certeza a respeito do conhecimento). É só a compreensão que a apreende. Com relação a isto é citada, ó senhora bela, esta antiga narrativa de uma conversa entre os sentidos e a mente.'"

"A mente disse, 'O nariz não cheira sem mim. (Sem mim) a língua não apreende o gosto. O olho não percebe cor, a pele não sente toque, o ouvido não apreende o som, quando privados de mim. Eu sou o eterno e principal entre todos os elementos. Sempre acontece que desprovidos de mim mesma os sentidos nunca brilham, como habitações vazias de moradores ou fogos cujas chamas foram apagadas. Sem mim, todas as criaturas fracassam em compreender

qualidades e objetos, mesmo com os sentidos se esforçando, assim como combustível que está molhado e seco (falhando em acender um fogo).'"

"Ouvindo estas palavras, os Sentidos disseram, 'Seria verdadeiro o que tu pensas nesta questão, se, de fato, tu pudesses desfrutar de prazeres sem nós mesmos ou nossos objetos. O que tu pensas seria verdade se, quando nós estamos extintos, houvesse satisfação e sustento da vida, e uma continuação dos teus prazeres, ou, se, quando nós estamos absorvidos e objetos estão existindo, tu pudesses ter teus prazeres somente pelo teu desejo, tão realmente quanto tu os tem com nossa ajuda. Se, além disso, tu consideras teu poder sobre nossos objetos como sendo sempre completo, então perceba cor pelo nariz, e gosto pelo olho. Também perceba o cheiro pelo ouvido, e sensações de toque pela língua. Também receba sons pela pele, e igualmente toque pela compreensão. Aqueles que são poderosos não reconhecem o domínio de quaisquer regras. Regras existem somente para aqueles que são fracos. Apreenda prazeres não desfrutados antes; não cabe a ti desfrutar do que foi experimentado antes (por outros). Como um discípulo se dirige a um preceptor para (adquirir) os Srutis, e então, tendo adquirido os Srutis, reside sobre seu significado (por obedecer as suas injunções), assim mesmo tu consideras como teus aqueles objetos que são mostrados por nós, passados ou futuros, em sono ou em vigília. Das criaturas, além disso, que são de pouca inteligência, quando sua mente fica distraída e triste, a vida é vista ser mantida sobre nossos objetos cumprindo suas funções. (Dessa maneira as criaturas podem existir por meio de nós, embora a mente possa estar fora de ordem.) É visto também que uma criatura, depois de ter formado até inúmeros propósitos e se entregado a sonhos, quando afligida pelo desejo de desfrutar, corre para objetos dos sentidos imediatamente. (Ambos, propósitos mentais e sonhos, tendo falhado em satisfazê-la.) Alguém entrando em prazeres dependendo somente de propósitos mentais e não relacionados com objetos reais de sentido, sempre encontra com a morte após o esgotamento dos ares vitais, como um fogo após o término do combustível. É verdade que nós temos conexões com nossos respectivos atributos; é verdade que nós não temos conhecimento dos atributos uns dos outros. Mas sem nós tu não podes ter percepção. Sem nós nenhuma felicidade pode chegar a ti.'"

23

"O Brahmana disse, 'A respeito disso, ó dama abençoada, é narrada a antiga história sobre qual é o tipo da instituição dos cinco sacerdotes sacrificantes. Os eruditos reconhecem como um grande princípio que Prana e Apana e Udana e Samana e Vyana são os cinco sacerdotes sacrificantes.'"

"A esposa do Brahmana disse, 'Que naturalmente há sete sacerdotes sacrificantes era a minha convicção anterior. Que o grande princípio seja declarado para mim quanto a como, realmente, é cinco o número dos sacerdotes sacrificantes.'"

'O Brahmana disse, 'O vento estimulado pelo Prana subsequentemente toma nascimento em Apana. O vento estimulado em Apana então se torna desenvolvido em Vyana. Fomentado por Vyana, o vento é então desenvolvido em Udana. Estimulado em Udana, o vento é então gerado como Samana. Aqueles bons seres nos tempos passados questionaram o Avô primogênito, dizendo; 'Diga quem entre nós é o principal. Ele (a quem tu indicares) será nosso chefe.'

"Brahmana disse, 'Ele após cuja extinção todos os ares vitais se tornam extintos nos corpos das criaturas vivas, ele sobre cujo movimento eles se movem, é realmente o principal (entre vocês). Vão para onde vocês quiserem.'"

"Prana disse, 'Após minha extinção todos os ares vitais se tornam extintos nos corpos das criaturas vivas. Sobre meu movimento eles também se movem. Eu sou (portanto) o principal. Vejam, eu entro em extinção!'"

"O Brahmana continuou, 'Prana então se tornou extinto e mais uma vez se movimentou. Então Samana e Udana também, ó abençoada, disseram estas palavras; 'Tu não moras aqui, permeando tudo isto, como nós fazemos. Tu não és o principal entre nós, ó Prana. (Somente) Apana está sob teu domínio.' Prana então se moveu, e para ele Apana falou.'"

"Apana disse, 'Quando eu me torno extinto, todos os ares vitais se tornam extintos nos corpos das criaturas vivas. Quando eu me movo, elas também movem. Eu sou, portanto, o principal. Veja, eu entro em extinção!'"

"O Brahmana continuou, 'Para Apana que disse isso, Vyana e Udana disseram; 'Ó Apana, tu não és o principal. (Somente) Prana está sob teu domínio.' Então Apana começou a se mover. Vyana mais uma vez se dirigiu a ele dizendo, 'Eu sou o principal de todos (os ares vitais). Escute por que razão. Quando eu me extingo, todos os ares vitais se extinguem nos corpos das criaturas vivas. Quando eu me movo, elas também se movem. Eu sou (portanto) o principal. Veja, eu entro em extinção!'"

"O Brahmana continuou, 'Então Vyana entrou em extinção e mais uma vez começou a se mover. Nisto, Prana e Apana e Udana e Samana se dirigiram a ele, dizendo, 'Tu não és o principal entre nós, ó Vyana! (Somente) Samana está sob teu domínio.' Vyana então começou a se mover e Samana disse para ele, 'Eu sou o principal de vocês todos. Escutem por qual razão. Quando eu me torno extinto, todos os ares vitais se extinguem nos corpos das criaturas vivas. Quando eu começo a me mover, elas também se movem. Por isso eu sou o principal. Vejam, eu entro em extinção!' Então Samana começou a se mover. Para ele Udana disse, 'Eu sou o principal de todos os ares vitais. Escute por que razão. Quando eu me torno extinto, todos os ares vitais se extinguem nos corpos das criaturas vivas. Quando eu me movo elas também se movem. Por isso eu sou o principal. Vejam, eu entro em extinção!' Então Udana, depois de ter entrado em extinção, começou mais uma vez a se mover. Prana e Apana e Samana e Vyana disseram para ele; 'Ó Udana, tu não és o principal entre nós, somente Vyana está sob teu domínio.'"

"O Brahmana continuou, 'Para eles reunidos juntos, o Senhor das criaturas, Brahma, disse, 'Nenhum de vocês é superior aos outros. Vocês são todos dotados de atributos específicos. Todos são os mais importantes em suas próprias esferas, e todos possuem atributos especiais.' Assim falou para eles, que estavam reunidos, o Senhor de todas as criaturas. 'Há um que é imóvel, e um que é móvel. Por atributos especiais, há cinco ares vitais. Meu próprio eu é um. Aquele um se multiplica em muitas formas. Tornando-se amistosos uns para os outros, e satisfazendo uns aos outros, vão em paz. Bênçãos para vocês, sustentem uns aos outros!'"

24

"O Brahmana disse, 'Com relação a isto é citada a antiga história da conversa entre Narada e o Rishi Devamata.'"

"Devamata disse, 'O que, na verdade, vem primeiro à existência, de uma criatura que toma nascimento? É Prana, ou Apana, ou Samana, ou Vyana, ou Udana?'"

"Narada disse, 'Por qualquer que a criatura seja criada, chega a ela primeiro aquele que é diferente (ou separado dela). Os ares vitais devem ser conhecidos como existindo em pares, isto é, aqueles que se movem transversalmente, para cima, e para baixo.'"

"Devamata disse, 'Por quem (entre os ares vitais) uma criatura é produzida? Quem (entre) eles vem primeiro? Diga-me quais são os pares de ares vitais que se movem transversalmente, para cima, e para baixo.'"

"Narada disse, 'De Sankalpa (desejo) surge Prazer. Ele também provém do som. Ele surge também do gosto; ele surge também da cor. Do sêmen, unido com sangue, primeiro flui Prana. Após o sêmen ser modificado por Prana, flui Apana. O prazer provém do sêmen também. Ele surge do gosto também. Esta é a forma (efeito) de Udana. Prazer é produzido da união. Sêmen é gerado pelo desejo. Do desejo é produzido o fluxo menstrual. Na união de sêmen e sangue, gerada por Samana e Vyana, o par que consiste em Prana e Apana, entra, se movendo transversalmente e para cima, Vyana e Samana formam um par que se move transversalmente. Agni (fogo) é todas as divindades. Este mesmo é o ensino do Veda. O conhecimento de Agni surge em um Brahmana com inteligência. A fumaça daquele fogo é da forma (do atributo chamado) Ignorância. O atributo que é conhecido pelo nome de Paixão está em suas cinzas. A qualidade de Bondade resulta daquela parte do fogo na qual a oblação é derramada. (A chama ardente é o atributo de Bondade.) Aqueles que estão familiarizados com sacrifícios sabem que Samana e Vyana são do atributo de Bondade. Prana e Apana são porções da oblação (de manteiga clarificada). Entre eles está o Fogo. Aquele é a forma (ou base) excelente de Udana, como os Brahmanas sabem. Escute enquanto eu digo o qual é distinto dos pares. Dia e Noite constituem um par. Entre eles está o Fogo. Aquele é o alicerce excelente de Udana como os Brahmanas sabem. O existente

e o inexistente formam um par. Entre eles está o Fogo. Aquele é a base excelente de Udana como os Brahmanas sabem. Primeiro é Samana; então Vyana. A função do último é gerenciada por este (isto é, Samana). Então, em segundo lugar, Samana mais uma vez entra em operação. Somente Vyana existe para a tranquilidade. A tranquilidade é o Brahman eterno. Esta é a base excelente de Udana como os Brahmanas sabem.'"

25

"O Brahmana disse, 'Em relação a isto é narrada a antiga história de qual é a instituição do Chaturhotra (sacrifício). Estão agora sendo devidamente declaradas as ordenanças disso em sua totalidade. Ouça-me, ó dama amável, enquanto eu declaro esse mistério extraordinário. O agente, o instrumento, a ação e a Emancipação, estes, ó dama bela, são os quatro sacerdotes sacrificantes por quem o universo é envolvido. Ouça em sua totalidade a atribuição de causas (relativas a este tópico). O nariz, a língua, o olho, a pele, o ouvido numerando o quinto, a mente, e a compreensão, estes sete devem ser entendidos como sendo causados pelo (conhecimento das) qualidades. Cheiro, gosto, cor, som, toque, numerando o quinto, os objetos da mente, e os objetos da compreensão, estes sete são causados pela ação. Aquele que cheira, aquele que come, aquele que vê, aquele que fala, aquele que ouve, numerando o quinto, aquele que pensa, e aquele que compreende, estes sete devem ser conhecidos como causados pelo agente. Possuidores de qualidades (que são bondade, paixão e ignorância), estes (ação, agente e instrumento) desfrutam de suas próprias qualidades, agradáveis ou desagradáveis. Com relação à Alma, ela é desprovida de qualidades. Estes sete são as causas da Emancipação. Para aqueles que são eruditos e possuidores de compreensão suficiente, as qualidades, as quais estão na posição de divindades, comem as oblações, cada uma em seu lugar apropriado, e de acordo com o que é ordenado. A pessoa que é desprovida de erudição, comendo diversos tipos de alimento, vem a ser tomada pelo senso de 'meu'. (O que é afirmado nesses dois versos é isto: são os Sentidos que desfrutam, e não a Alma. Isto é bem conhecido por aqueles que são eruditos. Por outro lado, aqueles que não são eruditos consideram isto ou aquilo como sendo deles, quando na realidade eles são diferentes deles. Eles são deles mesmos, e não seus sentidos, embora eles considerem a si mesmos como os últimos, se identificando de modo ignorante com coisas as quais eles não são.) Digerindo alimento para si mesmo, ele vem a ser arruinado pelo senso de 'meu'. Comer alimento que não deve ser comido, e beber vinho, o arruínam. Ele destrói a comida (que ele ingere), e tendo destruído aquela comida, ele mesmo vem a ser destruído. O homem de conhecimento, no entanto, sendo possuidor de força, destrói sua comida para reproduzi-la. A menor transgressão não surge nele da comida que ele ingere. O que quer que seja pensado pela mente, o que quer que seja proferido pela fala, o que quer que seja ouvido pelos ouvidos, o que quer que seja visto pelos olhos, o que quer que seja tocado pelo (sentido do) tato, o que quer que seja cheirado pelo nariz, constituem oblações de manteiga clarificada as quais devem todas, depois de controlar os sentidos com a mente numerando o sexto, ser despejadas naquele

fogo de grandes méritos que queima dentro do corpo, isto é, a Alma. (Isto é, controlando os sentidos e a mente, os objetos daqueles sentidos e a mente devem ser derramados como libações no fogo sagrado da Alma que está dentro do corpo.) O sacrifício constituído por Yoga está seguindo com relação a mim mesmo. A fonte de onde aquele sacrifício procede é aquela que produz o fogo do conhecimento. O ar vital Prana ascendente é o Stotra daquele sacrifício. O ar vital Apana descendente é seu Sastra. A renúncia de tudo é o Dakshina excelente daquele sacrifício. Consciência, Mente, e Compreensão, estes se tornando Brahma, são seu Hotri, Adhwaryyu, e Udgatri. O Prasastri, seu Sastra, é a verdade. (Isto é, a verdade é o Sastra do Prasastri.) A cessação da existência separada (ou Emancipação) é o Dakshina. Em relação a isto, pessoas conhecedoras de Narayana recitam alguns Richs. Para o divino Narayana animais eram oferecidos antigamente. (Os animais oferecidos antigamente para Narayana; que aqui significa Veda ou Alma; eram os sentidos oferecidos como sacrifícios.) Então são cantados alguns Samanas. Sobre este assunto há uma autoridade. Ó tímida, saiba que o divino Narayana é a alma de todos.'"

26

"O Brahmana disse, 'Há um Soberano. Não há segundo além dele. Ele que é Soberano reside no coração. Eu agora falarei dele. Impelido por Ele eu me movo como ordenado, como água ao longo de uma superfície inclinada. Há um Preceptor. Não há segundo além dele. Ele reside no coração, e dele eu falarei agora. Seja instruída por aquele preceptor; aqueles que são sempre dotados de sentimentos de animosidade são como cobras. Há um parente. Não há segundo além dele. Ele reside no coração, dele eu falarei agora. Instruídos por ele, parentes se tornam possuidores de parentes, e os sete Rishis, ó filho de Pritha, brilham no firmamento. Há um dissipador (de todas as dúvidas). Não há segundo além dele. Ele reside no coração. Dele eu falarei agora. Tendo vivido com aquele instrutor de acordo com o modo de vida apropriado, Sakra obteve a soberania de todos os mundos. Há um inimigo. Não há segundo além dele. Ele reside no coração. Dele eu falarei agora. Instruídas por aquele preceptor todas as cobras no mundo são sempre dotadas de sentimentos de animosidade. Em relação a isto é citada a história antiga da instrução das cobras, das divindades, e dos Rishis pelo Senhor de todas as criaturas. As divindades e os Rishis, as cobras, e os Asuras, sentados em volta do Senhor de todas as criaturas, o solicitaram, dizendo, 'Que aquilo que é altamente benéfico para nós seja declarado.' Para eles que tinham perguntado sobre o que é altamente benéfico, o santo proferiu somente a palavra 'Om', a qual é Brahman em uma sílaba. Ouvindo isto, eles fugiram em várias direções. Entre eles que assim fugiram em todas as direções por desejo de instrução de si mesmos, primeiro surgiu a disposição de morder nas cobras. Dos Asuras, a disposição, nascida de sua natureza para ostentações, orgulho surgiu. As divindades se dirigiram às doações, e os grandes Rishis ao autodomínio. Tendo se dirigido a um professor, e tendo sido instruídos (refinados) por uma palavra, as cobras, as divindades, os Rishis, e os Danavas, todos se dirigiram para diversas disposições diferentes. É aquele único que ouve a si mesmo quando

falando, e compreende isto devidamente. Ao mesmo tempo, além disso, é aquilo ouvido dele quando ele fala. (Isto é, é Ele que é o preceptor e o discípulo.) Não há segundo preceptor. É em obediência aos seus conselhos que a ação flui subsequentemente. O instrutor, aquele que compreende, o ouvinte, e o inimigo, são satisfeitos dentro do coração. Por agir pecaminosamente no mundo é ele que se torna uma pessoa de atos pecaminosos. Por agir auspiciosamente no mundo, é ele que se torna uma pessoa de atos auspiciosos. É ele que se torna uma pessoa de conduta desenfreada por ficar viciado nos prazeres dos sentidos, impelido pelo desejo. É ele que se torna um Brahmacharin por sempre se dedicar à subjugação de seus sentidos. É ele, além disso, que rejeita votos e ações e toma refúgio em Brahman somente. Por se movimentar no mundo, enquanto se identifica com Brahman, ele se torna um Brahmacharin. Brahman é seu combustível; Brahman é seu fogo; Brahman é sua origem; Brahman é sua água; Brahman é seu preceptor: ele está absorvido em Brahman. Brahmacharya é assim mesmo sutil, como compreendido pelos sábios. Tendo compreendido isso, eles se dirigem a isso, instruídos pelo Kshetrajna!'"

27

"O Brahmana disse, 'Tendo cruzado aquela fixidez intransponível (do mundo) a qual tem propósitos como seus moscardos e mosquitos, dor e alegria como seu frio e calor, negligência como sua escuridão cegante, cobiça e doenças como seus répteis, riqueza como seu perigo na estrada, e luxúria e ira seus ladrões, eu entrei na extensa floresta de (Brahman)'"

"A esposa do Brahmana disse, 'Onde está aquela principal, ó tu de grande sabedoria? Quais são suas árvores? Quais seus rios? Quais suas montanhas e colinas? Quão longe é aquela floresta?'"

"O Brahmana disse, 'Não existe nada que esteja separado dela. Não há nada mais encantador do que ela. Não há nada que não esteja separado dela. Não há nada mais aflitivo do que ela. Não há nada menor do que ela. Não há nada mais vasto do que ela. Não há nada mais diminuto do que ela. Não há felicidade que possa se parecer com ela. Pessoas regeneradas, entrando nela, imediatamente transcendem alegria e tristeza. Eles (então) nunca sentem medo de alguma criatura, nem alguma criatura tem medo deles. Naquela floresta há sete árvores grandes, sete frutos, e sete convidados. Há sete eremitérios, sete (formas) de concentração Yoga, e sete (formas) de iniciação. Essa é uma descrição daquela floresta. (As sete árvores grandes são os cinco sentidos, a mente, e a compreensão. Os frutos são os prazeres e dores derivados de ou através deles. Os convidados são os poderes de cada sentido, pois são eles que recebem aqueles prazeres e dores. Os eremitérios são aquelas mesmas árvores sob as quais os convidados se abrigam. As sete formas de Yoga são as extinções dos sete sentidos. As sete formas de iniciação são a rejeição, uma após outra, das ações dos sete sentidos.) As árvores que se encontram lá ocupando aquela floresta produzem flores e frutos excelentes de cinco cores. As árvores que se encontram lá ocupando aquela floresta produzem flores e frutos que são de cores

excelentes e são, além disso, de duas espécies. As árvores que se encontram lá ocupando aquela floresta produzem flores e frutos que são dotados de fragrância e que são, além disso, de duas cores. As árvores que se encontram lá ocupando aquela floresta produzem flores e frutos que são possuidores de fragrância e que são, além disso, de uma cor. As duas árvores que se encontram lá ocupando aquela floresta produzem muitas flores e frutos que são de cores imanifestas. Há um fogo aqui, possuidor de uma boa mente. Ele está relacionado com Brahmana. Os cinco sentidos são o combustível aqui. As sete formas de Emancipação fluindo deles são as sete formas de Iniciação. As qualidades são os frutos, e os convidados comem aqueles frutos. Lá, em diversos lugares, os grandes Rishis aceitam hospitalidade. Quando eles, tendo sido adorados, vêm a ser aniquilados, então outra floresta resplandece. Naquela floresta, Inteligência é a árvore; Emancipação é o fruto; Tranquilidade é a sombra da qual ela é possuidora. Ela tem conhecimento como sua casa de descanso, contentamento como sua água, e o Kshetrajna como seu sol. Seu fim não pode ser averiguado para cima, para baixo, ou horizontalmente. Sete fêmeas sempre moram lá, com rostos para baixo, possuidoras de refulgência, e dotadas da causa de gerações. Elas absorvem todos os diferentes gostos de todas as criaturas, assim como a inconstância absorve a verdade. Naquela mesma moram, e dela emergem os sete Rishis que são coroados com sucesso ascético, com aqueles sete tendo Vasishtha como seu principal. Glória, resplendor, grandeza, iluminação, vitória, perfeição, e energia, esses sete sempre seguem esta assim como raios seguindo o sol. Colinas e montanhas também existem lá, reunidas juntas; e rios e correntes levando águas em seu curso, águas que são nascidas de Brahma. E lá acontece também uma confluência de rios no local isolado para sacrifício. De lá aqueles que estão contentes com suas próprias almas procedem para o Avô. Aqueles cujos desejos foram reduzidos, cujos desejos estão direcionados para votos excelentes, e cujos pecados foram queimados por penitências, se fundindo em suas almas, conseguem chegar a Brahman. Tranquilidade é louvada por aqueles que estão familiarizados com a floresta do conhecimento. Mantendo aquela floresta em vista, eles tomam nascimento de modo a não perderem coragem. Assim mesmo é aquela floresta sagrada que é compreendida por Brahmanas, e compreendendo-a, eles vivem (de acordo com a ordenança), dirigidos pelo Kshetrajna.'"

28

"O Brahmana disse, 'Eu não cheiro perfumes. Eu não percebo gostos. Eu não vejo cores. Eu não toco. Eu igualmente não ouço os diversos sons (que surgem). Nem eu nutro propósitos de qualquer tipo. É a Natureza que deseja tais objetos que são desejados; é a Natureza que odeia tais objetos que são indesejados. Desejo e aversão provêm da Natureza, da mesma maneira dos ares vitais ascendentes e descendentes quando almas entram em corpos animados. Separados deles estão outros; neles estão disposições eternas; (estes como também) a alma de todas as criaturas, Yogins veriam no corpo. Residindo nele, eu nunca estou ligado a alguma coisa por desejo e ira, e decrepitude e morte. Não tendo qualquer desejo por algum objeto de desejo, e não tendo qualquer aversão

por algum mal, não há mácula em minhas naturezas, como não há mancha de uma gota de água nas (folhas do) lótus. Deste (princípio) constante que é mero espectador das diversas naturezas, elas são posses inconstantes. Embora ações sejam realizadas, contudo o conjunto de prazeres não se vincula a elas, assim como o conjunto de raios do sol não se vincula ao céu. Em relação a isto é contada uma história antiga de uma conversa entre um Adhwaryu e um Yati. Ouça-a, ó dama gloriosa. Contemplando um animal salpicado com água em uma cerimônia sacrifical, um Yati disse para o Adhwaryu sentado lá estas palavras em repreensão, 'Isto é destruição de vida!' Para ele o Adhwaryu disse em resposta, 'Esta cabra não será destruída. O animal (sacrificado) encontra com grande bem, se a declaração Védica sobre este assunto é verdadeira. Aquela parte desse animal que é da terra irá para a terra. Aquela parte dele que é nascida da água irá entrar na água. Seu olho entrará no sol; seu ouvido entrará nos diferentes pontos do horizonte; seus ares vitais entrarão no céu. Eu que sigo as escrituras não incorro em erro (por ajudar na morte desse animal).'"

"O Yati disse, 'Se tu vês tal bem para a cabra nessa dissociação com (seus) ares vitais, então este sacrifício é para a cabra. Que necessidade tu tens dele? Que o irmão, pai, mãe, e amigo (dessa cabra) te dêem sua aprovação nisto. Levando-a (até eles) os consulte. Esta cabra é especialmente dependente. Cabe a ti ver aqueles que podem dar seu consentimento nisto. Depois de ouvir seu consentimento; a questão virá a ser adequada para consideração. Os ares vitais dessa cabra foram feitos voltarem para suas respectivas fontes. Somente o corpo inanimado permanece. Isto é o que eu penso. Daqueles que desejam desfrutar de felicidade por meio do corpo inanimado (de um animal) o qual é comparável com combustível, o combustível (do sacrifício) é afinal o próprio animal. Abstenção de crueldade é a principal de todas as divindades. Este é o ensino dos mais velhos. Nós sabemos que esta é a proposição: 'Não matar (criaturas vivas).' Se eu disser qualquer coisa além disso, (então parecerá que) diversos tipos de atos errados podem ser feitos por ti. Sempre se abster de crueldade para com todas as criaturas é o que encontra com nossa aprovação. Nós estabelecemos isso a partir do que é diretamente perceptível. Nós não confiamos no que está além da percepção direta.'"

"O Adhwaryu disse, 'Tu desfrutas das propriedades do olfato que pertencem à terra. Tu bebes os sabores que pertencem à água. Tu vês cores que pertencem aos corpos iluminados. Tu tocas as propriedades que têm sua origem no ar. Tu ouves os sons que têm sua origem no espaço (ou éter). Tu pensas pensamentos com a mente. Todos esses entes, é tua opinião, têm vida. Tu então não te abténs de tirar vida. Realmente, tu estás dedicado à matança. Não pode haver movimento sem matança. Ou, o que pensas, ó regenerado?'"

"O Yati disse, 'O Indestrutível e o Destrutível constituem a dupla manifestação da alma. Desses o Indestrutível existe. O Destrutível é dito que é extraordinariamente inexistente. O ar vital, a língua, a mente, a qualidade de bondade, junto com a qualidade de paixão, são todos existentes. O Atman está acima dessas formas e por isso é sem dualidade e expectativa. Com relação a alguém que está livre desses objetos existentes, que transcende todos os pares

de opostos, que não nutre nenhuma esperança, que é igual para todas as criaturas, que está livre da idéia de ‘meu’, que subjugou a si mesmo, e que está livre de todos os seus circundantes, para ele nenhum medo existe de nenhuma fonte!’”

(O sentido parece ser este; os ares vitais indicam as operações dos vários órgãos de ação: a língua, que aqui significa todos os órgãos de percepção, das percepções sensuais; a mente, de todas as operações internas; a qualidade de bondade, de todo prazer; e a qualidade de paixão, de todos os tipos de dor. Esses, portanto, incluem a totalidade dos mundos internos e externos. Aquele que está livre desses transcende o pecado, pois o pecado é destruído por liberdade desses, conhecimento sendo o modo de obter aquela liberdade.)

"O Adhwaryu disse, 'Ó principal dos homens inteligentes, uma pessoa deve residir com aqueles que são bons. Ouvindo tua opinião minha compreensão brilha com luz. Ó ilustre, eu venho a ti, acreditando que tu és um deus; e eu digo que eu não tenho culpa, ó regenerado, por realizar estes ritos com a ajuda de Mantras!' (Por fazer estes ritos com a ajuda de Mantras eu fiz aquilo que tem sido aprovado desde eras passadas por aqueles que foram sempre considerados sábios. Meus olhos, no entanto, agora foram abertos por ti. Eu não devo ser considerado responsável pelo que eu fiz enquanto eu era ignorante.)

"O Brahmana continuou, 'Com essa conclusão, o Yati ficou calado depois disto. O Adhwaryu também prosseguiu com o grande sacrifício, livre de ilusão. Os Brahmanas compreendem a Emancipação, a qual é extremamente sutil, como sendo deste tipo e tendo-a compreendido, eles vivem consequentemente dirigidos pelo Kshetrajna, aquele observador de todos os tópicos.'"

29

"O Brahmana disse, 'Em relação a isto é citada a história antiga, ó senhora, da conversa entre Karttaviryya e o Oceano. Havia um rei de nome de Karttaviryya-Arjuna que era dotado de mil braços. Ele conquistou, com seu arco, a Terra, se estendendo até as margens do oceano. Foi ouvido por nós que, uma vez, enquanto ele estava andando nas margens do mar, orgulhoso de seu poder, ele despejou centenas de flechas naquele vasto receptáculo de águas. O Oceano, se curvando a ele, disse, com mãos unidas, ‘Ó herói, não atire tuas flechas (em mim)! Diga o que eu devo fazer por ti. Com essas setas poderosas atiradas por ti, aquelas criaturas que se abrigaram em mim estão sendo mortas, ó tigre entre reis. Ó senhor, lhes conceda segurança.'”

"Arjuna disse, 'Se existe algum manejador de arco que seja igual a mim em batalha, e que ofereceria resistência a mim no campo, mencione-o para mim!'”

"O Oceano disse, ‘Se tu ouviste, ó rei, do grande Rishi Jamadagni, seu filho é competente para te receber devidamente como um hóspede.’ Então aquele rei procedeu, cheio de grande ira. Chegando naquele retiro, ele encontrou o próprio Rama. Com seus parentes ele começou a fazer muitas ações que eram hostis

para Rama, e causou muito incômodo àquele herói de grande alma. Então a energia de Rama, que era incomensurável, resplandeceu, queimando as tropas do inimigo, ó de olhos de lótus. Pegando seu machado de combate, Rama de repente empregou seu poder, e cortou aquele herói de mil braços, como uma árvore de muitos ramos. Vendo-o morto e prostrado no chão, todos os seus parentes, se reunindo, e erguendo seus dardos, avançaram em Rama, que estava então sentado, de todos os lados. Rama também, erguendo seu arco e subindo rapidamente em seu carro, disparou chuvas de setas e castigou o exército do rei. Então, alguns dos Kshatriyas, afligidos com o terror do filho de Jamadagni, entraram em fortalezas montanhosas, como veados afligidos pelo leão. Deles que foram incapazes, por medo de Rama, de cumprir os deveres ordenados para sua classe, a progênie se tornou Vrishalas devido a sua inabilidade de encontrar Brahmanas. (Kshatriyas sempre precisam de Brahmanas para ajudá-los em suas ações. Estes Kshatriyas específicos, por medo de Rama, fugiram para florestas e montanhas. Eles não podiam, consequentemente, encontrar Brahmanas para ajudá-los. Seus filhos, portanto, decaíram da posição de Kshatriyas e se tornaram Vrishalas ou Sudras.) Dessa maneira Dravidas e Abhiras e Pundras, junto com os Savaras, se tornaram Vrishalas por causa daqueles homens que tinham deveres Kshatriya designados para eles (por seu nascimento), decaindo (daqueles deveres). Então os Kshatriyas que foram gerados pelos Brahmanas em mulheres Kshatriya que tinham perdido seus filhos heróicos, foram repetidamente destruídos pelo filho de Jamadagni. O massacre ocorreu vinte e uma vezes. Em seu término uma voz incorpórea, gentil e procedendo do céu, e que foi ouvida por todas as pessoas, falou para Rama, 'Ó Rama, ó Rama, desista! O que de apropriado tu vês, ó filho, em destruir assim repetidamente esses Kshatriyas inferiores?' Dessa maneira, ó dama abençoada, seus avôs, encabeçados por Richika, se dirigiram àquele de grande alma, dizendo; 'Desista.' Rama, no entanto, incapaz de perdoar a morte de seu pai, respondeu aqueles Rishis dizendo, 'Não cabe a vocês me proibirem.' Os Pitris então disseram, 'Ó principal de todos os homens vitoriosos, não cabe a ti matar esses Kshatriyas inferiores. Não é apropriado que tu mesmo, sendo um Brahmana, mate esses reis.'"

30

"Os Pitris disseram, 'Em relação a isto é citada esta velha história. Tendo-a ouvido, tu deves agir de acordo com ela, ó principal todas as pessoas regeneradas. Havia um sábio nobre de nome Alarka dotado das mais austeras das penitências. Ele era familiarizado com todos os deveres, sincero em palavras, de grande alma, e extremamente firme em seus votos. Tendo, com seu arco, conquistado a Terra inteira se estendendo até os mares, e assim realizado um feito extremamente difícil, ele colocou sua mente naquilo que é sutil. Enquanto sentado na base de uma árvore, seus pensamentos, ó tu de grande inteligência, abandonando todos aqueles feitos grandiosos, se dirigiu para aquilo que é sutil.'"

"Alarka disse, 'Minha mente se tornou forte. Tendo conquistado a mente, a conquista de alguém se torna permanente. Embora cercado por inimigos, eu irei

(de agora em diante) disparar minhas flechas em outros objetos. Já que por sua falta de firmeza ela coloca todos os mortais para realizarem ações, eu dispararei muitas flechas de pontas afiadas na mente.'"

"A mente disse, 'Estas flechas, ó Alarka, nunca irão me perfurar. Elas perfurarão somente tuas próprias partes vitais. Tuas partes vitais sendo perfuradas, tu morrerás. Procure outras flechas com as quais me destruir.' Ouvindo essas palavras e refletindo sobre elas, ele disse o seguinte."

"Alarka disse, 'Cheirando muitos perfumes, o nariz anseia por eles somente. Por isso eu dispararei flechas afiadas no nariz.'"

"O nariz disse, 'Estas flechas nunca irão me atravessar, ó Alarka. Elas perfurarão somente tuas próprias partes vitais, e tuas partes vitais sendo perfuradas, tu morrerás. Procure por outras flechas com as quais me destruir.'

Ouvindo essas palavras e refletindo sobre elas, ele disse o seguinte.

"Alarka disse, 'Esta (isto é, a língua), desfrutando de gostos saborosos, anseia por eles somente. Por isso eu dispararei flechas afiadas na língua.'"

"A língua disse, 'Estas flechas, ó Alarka, nunca irão me atravessar. Elas penetrarão somente nas tuas próprias partes vitais e tuas partes vitais sendo perfuradas, tu morrerás. Procure outras flechas com as quais me destruir.' Ouvindo essas palavras e refletindo sobre elas, ele disse o seguinte."

"Alarka disse, 'A pele, tocando diversos objetos de tato, anseia por eles somente. Por isso, eu arrancarei a pele com diversas setas equipadas com as penas do Kanka.'"

"A pele disse, 'Estas setas não irão, ó Alarka, me atravessar. Elas perfurarão somente tuas próprias partes vitais, e tuas partes vitais sendo perfuradas, tu morrerás. Procure por outras setas com as quais me destruir.' Ouvindo essas palavras e refletindo sobre elas, ele disse o seguinte."

"Alarka disse, 'Ouvindo diversos sons, (o ouvido) anseia por eles somente. Então, eu irei disparar flechas afiadas no ouvido.'"

"O ouvido disse, 'Estas flechas não irão, ó Alarka, me atravessar. Elas perfurarão somente tuas próprias partes vitais, e tuas partes vitais sendo perfuradas, tu morrerás. Procure outras flechas com as quais me destruir.' Ouvindo essas palavras e refletindo sobre elas, ele disse o seguinte."

"Alarka disse, 'Vendo muitas cores, o olho anseia por elas somente. Por isso eu destruirei o olho com setas de pontas afiadas.'"

"O olho disse, 'Estas flechas não irão, ó Alarka, me atravessar em absoluto. Elas perfurarão somente tuas próprias partes vitais, e tuas partes vitais estando perfuradas, tu morrerás. Procure então outras flechas com as quais me destruir!' Ouvindo essas palavras e refletindo sobre elas, ele disse o seguinte."

“Alarka disse, ‘Esta, (isto é, a compreensão) forma muitas determinações com a ajuda do raciocínio. Por isso eu dispararei setas afiadas na compreensão.’”

"A compreensão disse, 'Estas setas não irão, ó Alarka, me atravessar em absoluto. Elas perfurarão somente tuas próprias partes vitais, e tuas partes vitais sendo perfuradas, tu morrerás. Procure então outras setas com as quais me destruir!'”

"O Brahmana continuou, 'Então Alarka, se empenhando, lá mesmo, em penitências difíceis de realizar e extremamente rigorosas, fracassou em obter, pelo grande poder (de suas penitências) flechas para lançar naqueles sete. Dotado de força, ele então, com mente bem concentrada, começou a refletir. Então, ó melhor dos regenerados (filho de Jamadagni, pois o Brahmana está somente repetindo para sua esposa o discurso dos Pitris para Rama), Alarka, aquele principal dos homens inteligentes, tendo refletido por um longo tempo, fracassou em obter alguma coisa melhor do que Yoga. (Raja-Yoga. Anteriormente Alarka tinha estado empenhado no Hatha-Yoga, o qual frequentemente termina na destruição da pessoa que o pratica.) Fixando sua mente em um objeto, ele permaneceu perfeitamente imóvel, engajado em Yoga. Dotado de energia, ele matou rapidamente todos os sentidos com uma seta, tendo entrado por Yoga em sua alma e assim chegou ao maior êxito. Maravilhado, aquele sábio real então cantou este verso: ‘Ai, é uma pena que nós tenhamos realizado todas as ações que são externas! Ai, que nós tenhamos, dotados de ânsia por prazer, cortejado (os prazeres da) soberania antes de agora! Eu aprendi isso posteriormente. Não há felicidade que se seja mais elevada do que Yoga.’ Tu sabes disso, ó Rama. Pare de matar os Kshatriyas. Pratique as penitências mais severas. Tu irás então obter aquilo que é bom.’ Assim endereçado por seus antepassados, o filho de Jamadagni praticou as penitências mais austeras, e tendo-as praticado, aquele altamente abençoado chegou àquele êxito que é difícil de ser alcançado.'"

31

"O Brahmana disse, 'Há três inimigos no mundo. Eles são considerados como sendo nove, de acordo com suas qualidades. Exultação, satisfação, e alegria, essas três qualidades concernem à Bondade. Cobiça, ira, e ódio, essas três qualidades são citadas como concernentes à Paixão. Lassitude, procrastinação, e ilusão, essas três qualidades concernem à Ignorância. Cortando-os com chuvas de setas, o homem de inteligência, livre de procrastinação, possuidor de uma alma tranquila, e com seus sentidos sob submissão, ousa derrotar outros. (Tendo primeiro vencido os inimigos internos mencionados, o homem de inteligência, empenhado em realizar sua libertação, deve então procurar derrotar todos os inimigos externos que ficam em seu caminho.) Em relação a isto, pessoas familiarizadas com (a ocorrência dos) ciclos antigos recitam alguns versos que foram cantados antigamente pelo rei Amvarisha que tinha obtido uma alma tranquila. Quando diversos tipos de defeitos estavam em ascensão e quando os justos estavam aflitos, Amvarisha de grande renome empregou sua força para assumir soberania. Subjugando seus próprios defeitos e cultuando os justos, ele

obteve grande êxito e cantou estes versos, ‘Eu subjuguei muitos defeitos. Eu matei todos os inimigos. Mas há um, o maior vício que merece ser destruído, mas que não foi destruído por mim! Incitado por aquele defeito, este Jiva fracassa em obter liberdade de desejo. Afligido pelo desejo, alguém corre para dentro de fossos sem o saber. Incitado por aquele defeito, uma pessoa se permite fazer atos que são proibidos. Mate, mate aquela cobiça com espadas de gume afiado. Da cobiça surgem desejos. Do desejo flui ansiedade. O homem que cede ao desejo adquire muitas qualidades pertencentes à Paixão. Quando estas foram adquiridas, ele adquire muitas qualidades pertencentes à Ignorância. Por causa daquelas qualidades, ele toma nascimento repetidamente, com os elos do corpo unidos, e é impelido à ação. Após o término da vida, com corpo se tornando desmembrado e espalhado, ele outra vez encontra com a morte que é devido ao próprio nascimento. (Com a estrutura corpórea ou os elos do corpo unidos, ele nasce. Quando ele morre, aquela estrutura vem a ser desmembrada e espalhada.) Por isso, compreendendo isto devidamente, e subjugando a cobiça por meio da inteligência, uma pessoa deve desejar a soberania em sua alma. Esta é (a verdadeira) soberania. Não há outra soberania aqui. A alma, devidamente compreendida, é o rei.’ Esses mesmos foram os versos cantados pelo rei Ambarisha de grande celebridade, sobre o assunto da soberania a qual ele mantinha diante dele; aquele rei que tinha liquidado o principal defeito, isto é, a cobiça.'"

32

"O Brahmana disse, 'Em relação a isto é citada a velha narrativa, ó dama, da conversa entre um Brahmana e (o rei) Janaka. O rei Janaka (em certa ocasião), desejoso de puni-lo, disse para um Brahmana que tinha se tornado culpado de algum delito, 'Tu não deves morar dentro dos meus domínios.' Assim endereçado, o Brahmana respondeu para aquele melhor dos reis, dizendo, ‘Diga-me, ó rei, quais são os limites dos territórios sujeitos a ti. Eu desejo, ó senhor, morar dentro dos domínios de outro rei. Na verdade, eu desejo obedecer a tua ordem, ó senhor da Terra, de acordo com as escrituras.’ Assim endereçado por aquele Brahmana célebre, o rei, dando suspiros repetidos e ansiosos, não disse uma palavra em resposta. Como o planeta Rahu dominando o Sol, uma nebulosidade de compreensão dominou de repente aquele rei de energia incomensurável enquanto ele sentava mergulhado em pensamento. Quando aquela obscuridade de compreensão passou e o rei ficou confortado, ele falou depois de pouco tempo estas palavras para aquele Brahmana.'”

"Janaka disse, 'Embora uma (grande) região habitada esteja sujeita a mim dentro deste meu reino ancestral, eu ainda fracasso em encontrar meu domínio, procurando por toda a Terra. Quando eu fracassei em achá-lo na Terra, eu então procurei em Mithila (por ele). Quando eu fracassei em achá-lo em Mithila, eu então procurei por ele entre meus próprios filhos. Quando eu fracassei em achá-lo até lá, uma nebulosidade de compreensão veio sobre mim. Depois que aquela nebulosidade de compreensão passou, a inteligência voltou para mim. Então eu

pensei que eu não tenho nenhum domínio, ou que tudo é meu domínio. Nem este corpo é meu, ou a Terra inteira é minha. Ao mesmo tempo, ó melhor das pessoas regeneradas, eu penso que aquilo é tanto meu quanto ele é de outros. Portanto, more (aqui) contanto que a escolha te conduza, e desfrute por tanto tempo quanto tu quiseres.'”

"O Brahmana disse, 'Quando há uma grande região habitada em teu reino ancestral, me diga, dependendo de qual compreensão tu te livraste da idéia de ‘meu’? Qual também é a compreensão dependendo da qual tu chegaste à conclusão de que tudo constitui teu domínio? Qual, de fato, é a noção pela qual tu não tens nenhum domínio, ou tudo é teu domínio?'”

"Janaka disse, 'Todas as condições aqui, em todos os assuntos, foram compreendidas por mim como sendo finitas. Por isso eu não pude achar aquilo que deve ser chamado de meu. (Considerando) de quem é isto, eu pensei no texto Védico acerca da propriedade de alguém ('Não cobice a propriedade de outro'), eu não pude, portanto, descobrir, pela minha compreensão, o que deve ser (chamado) de meu. (Pensando naquela proibição sobre cobiçar a propriedade de outras pessoas, eu pensei como poderia ser averiguado o que pertence a outros.) Dependendo dessa noção, eu me livrei da idéia de posse. Ouça agora qual é aquela noção dependendo da qual eu cheguei à conclusão que eu tenho domínio em todos os lugares. Eu não desejo para mim mesmo nem aqueles cheiros que estão no meu nariz. Portanto, a terra, subjugada por mim, está sempre sujeita a mim. (A propriedade do cheiro se liga à terra. Eu não desejo o cheiro para meu próprio prazer. Se ele é percebido, ele é percebido pelo órgão do olfato. A terra, portanto, está sujeita a mim, não eu à terra. Eu superei minhas sensações, e portanto, os objetos aos quais elas inerem. A terra inteira representa somente os objetos das sensações. As últimas sendo dominadas, o mundo inteiro foi dominado por mim.) Eu não desejo para mim mesmo aqueles sabores que existem em contato com minha língua. Portanto, a água, subjugada por mim, está sempre sujeita a mim. Eu não desejo para mim mesmo a cor ou luz que pertence à minha visão. Portanto, a luz, subjugada por mim, está sempre sujeita a mim. Eu não desejo para mim mesmo aquelas sensações de tato as quais estão em contato com minha pele. Portanto, o ar, subjugado por mim, está sempre sujeito a mim. Eu não desejo para mim mesmo aqueles sons os quais estão em contato com meus ouvidos. Portanto os sons, subjugados por mim, estão sempre sujeitos a mim. Eu não desejo para mim mesmo a mente que está sempre em minha mente. Portanto a mente, subjugada por mim, está sujeita a mim. Todos estes meus atos são por causa das divindades, dos Pitris, dos Bhutas, junto com convidados; (ou seja, eu vivo e ajo por causa desses e não por mim mesmo).’ O Brahmana então, sorrindo, mais uma vez disse para Janaka, ‘Saiba que eu sou Dharma, que vim aqui hoje para te examinar. Tu és realmente a única pessoa para colocar esta roda em movimento, esta roda que tem a qualidade de Bondade como sua circunferência, Brahman (Vedas) como seu cubo, e a compreensão como seus raios, e que nunca volta para atrás!'"

33

"O Brahmana disse, 'Eu, ó tímida, não me movo neste mundo daquela maneira a qual tu, segundo a tua própria compreensão, censuraste. Eu sou um Brahmana possuidor de conhecimento Védico, eu estou emancipado. Eu sou um asceta da floresta. Eu sou um cumpridor dos deveres de um chefe de família. Eu cumpro votos. Eu não sou o que tu me viste em ações boas e más. Por mim é permeado tudo o que existe neste universo. Quaisquer criaturas que existam no mundo, móveis ou imóveis, saiba que eu sou o destruidor delas todas, assim como o fogo é (o destruidor) de todas as espécies de madeira. Da soberania sobre toda a Terra ou sobre o Céu (por um lado), ou este conhecimento (da minha identidade com o universo), este conhecimento é minha riqueza. (O sentido parece ser este: A soberania da Terra inteira ou do Céu, e este conhecimento da minha identidade com o universo, dessas duas alternativas eu escolho de bom grado a última.) Este é o único caminho para Brahmanas, pelo qual aqueles que o compreendem procedem para lares, ou residências na floresta, ou residência com preceptores, ou entre mendicantes. (Esses são os diferentes modos de vida.) Com numerosos símbolos não confusos, somente um conhecimento é cultuado. Aqueles que, quaisquer que sejam os símbolos e modos de vida aos quais eles adiram, adquiriram uma compreensão tendo tranquilidade como sua essência, alcançam aquela única entidade assim como numerosos rios todos encontrando o Oceano. (O conhecimento a ser adquirido é que tudo é um. Há diversas maneiras de obtê-lo. Aqueles que obtiveram tranquilidade o adquiriram.) O caminho é atravessável com a ajuda da compreensão e não deste corpo. Ações têm começo e fim, e o corpo tem ações como seus vínculos. (Ações são perecíveis e não podem levar a resultados duradouros. É pela compreensão que aquele conhecimento, que leva ao que é permanente, é para ser obtido.) Por isso, ó dama abençoada, tu não precisas ter nenhuma apreensão a respeito do mundo futuro. Com teu coração concentrado na entidade real, é minha alma na qual tu entrarás.'"

34

“A esposa do Brahmana disse, ‘Isto não pode ser entendido por uma pessoa de pouca inteligência como também por alguém cuja alma não foi purificada. Minha inteligência é muito pouca, e contraída, e confusa. Diga-me os meios pelos quais o conhecimento (do qual tu falaste) pode ser adquirido. Eu desejo saber de ti a fonte da qual esse conhecimento flui.’”

“O Brahmana disse, ‘Saiba que inteligência devotada a Brahman é o Arani inferior; o preceptor é o Arani superior; penitências e conhecimento das escrituras são para causarem o atrito. Disto é produzido o fogo do conhecimento.’”

“A esposa do Brahmana disse, ‘Com relação a este símbolo de Brahman, o qual é designado Kshetrajna, onde, de fato, ocorre uma descrição dele pelo qual ele pode ser compreendido?’”

"O Brahmana disse, 'Ele é sem símbolos, e sem qualidades. Nada existe que possa ser considerado como sua causa. Eu irei, no entanto, te dizer os meios pelos quais ele pode ser compreendido ou não. Uns bons meios podem ser encontrados; isto é, percepção de audição etc., como flores são percebidas por abelhas. Aqueles meios consistem em uma compreensão purificada pela ação. Aqueles cujas compreensões não foram purificadas dessa maneira, consideram aquela entidade, através da sua própria ignorância, como investida com as propriedades de conhecimento e outras. Não está declarado que isto deve ser feito, ou que isto não deve ser feito, nas regras para alcançar a Emancipação, isto é, um conhecimento da alma surge somente naquele que vê e ouve. (Na questão de alcançar a Emancipação nenhuma ordenança foi prescrita, positiva ou negativa, como aquelas a respeito de outras coisas. Se alguém deseja chegar ao Céu, ele deve fazer isto e se abster daquilo. Para alcançar a Emancipação, no entanto, somente ver e ouvir são prescritos. Ver significa contemplação, e ouvir significa receber instruções do preceptor.) Uma pessoa deve compreender tantas partes, imanifestas e manifestas às centenas e milhares, como ela é capaz de compreender aqui. De fato, deve-se compreender diversos objetos de diversas importâncias, e todos os objetos de percepção direta. Então virá, da prática (da contemplação e autodomínio, etc.), aquilo acima do qual nada existe.'" (O orador deseja inculcar que alguém deve primeiro contemplar um objeto de percepção direta, tal como terra, etc., e então objetos 'inobservados' como operações da mente. Tal contemplação gradualmente levará àquilo que é Supremo.)

"O santo continuou, 'Então a mente da esposa daquele Brahmana, após a destruição do Kshetrajna, se tornou aquilo que está além de Kshetrajna, pelo do conhecimento de Kshetra.'" (Quando a alma individual dela se fundiu na Alma Suprema ela se tornou identificada com Brahman. Isto foi, naturalmente, devido ao conhecimento de Kshetra como algo separado de Kshetrajna.)

"Arjuna disse, 'Onde, de fato, está a esposa daquele Brahmana, ó Krishna, e onde está aquele principal dos Brahmanas, por ambos deles terem obtido semelhante sucesso? Fale-me sobre eles, ó tu de glória imperecível.'"

"O abençoado e santo disse, 'Saiba que minha mente é o Brahmana, e que minha compreensão é a esposa do Brahmana. Aquele que foi citado como Kshetrajna sou eu mesmo, ó Dhananjaya!'"

35

"Arjuna disse, 'Cabe a ti explicar Brahma para mim, aquele que é o maior objeto de conhecimento. Pela tua generosidade, minha mente está encantada com essas indagações sutis.'"

"Vasudeva disse, 'Em relação a isto é contada a velha história da conversa entre um preceptor e seu discípulo sobre o assunto de Brahman. Uma vez, ó opressor de inimigos, um discípulo inteligente questionou certo Brahmana de votos rígidos que era seu preceptor, quando ele estava sentado (à vontade),

dizendo, ‘O que, de fato, é o maior bem? Desejoso de obter aquilo que constitui o maior bem, eu me jogo aos teus pés, ó santo. Ó Brahmana erudito, eu te peço, inclinando minha cabeça, para explicar para mim o que eu pergunto.’ Para aquele discípulo, ó filho de Pritha, que tinha falado dessa maneira, o preceptor disse; ‘Ó regenerado, eu explicarei para ti tudo acerca do que tu possas ter quaisquer dúvidas.’ Assim endereçado, ó principal da linhagem de Kuru, por seu preceptor, aquele discípulo que era extremamente dedicado ao seu preceptor, falou o seguinte, com mãos unidas. Ouça o que ele disse, ó tu de grande inteligência.'”

"O Discípulo disse, 'Onde eu estou? De onde és tu? Explique aquilo que é a verdade mais elevada. De qual fonte surgiram todas as criaturas móveis e imóveis? Por que as criaturas vivem? Qual é o limite de sua vida? O que é verdade? O que é penitência, ó Brahmana erudito? Quais são chamados de atributos pelos bons? Quais caminhos devem ser chamados de auspiciosos? O que é felicidade? O que é pecado? Ó santo, ó tu de votos excelentes, cabe a ti responder essas minhas perguntas, ó Rishi erudito, corretamente, verdadeiramente, e com exatidão. Quem mais há neste mundo além de ti que seja capaz de responder essas questões? Responda-as, ó principal de todas as pessoas conhecedoras dos deveres. Minha curiosidade é grande. Tu és célebre em todos os mundos como alguém bem hábil nos deveres relativos à Emancipação. Não há ninguém mais além de ti que seja competente para remover todos os tipos de dúvidas. Receosos da vida mundana, nós ficamos desejosos de alcançar a Emancipação.'”

"Vasudeva disse, 'Para aquele discípulo que tinha procurado sua instrução humildemente e feito as perguntas apropriadamente, que era devotado ao seu preceptor e possuidor de tranquilidade, e que sempre se comportava de uma maneira que era agradável (para seu instrutor), que vivia tão constantemente ao lado de seu instrutor como a ter quase se tornado sua sombra, que era autocontrolado, e que tinha a vida de um Yati e Brahmacharin, ó filho de Pritha, aquele preceptor possuidor de inteligência e cumpridor de votos explicou devidamente todas as questões, ó principal da linhagem de Kuru, ó castigador de todos os inimigos.'”

"O preceptor disse, 'Tudo isso foi declarado (antigamente) pelo próprio Brahma (o Avô de todos os mundos). Louvado e praticado pelos principais dos Rishis, e dependendo de um conhecimento dos Vedas, isto envolve uma consideração do que constitui a entidade real. Nós consideramos o conhecimento como o maior objetivo, e a renúncia como a melhor penitência. Aquele que, com certeza, conhece o verdadeiro objeto de conhecimento o qual não pode ser modificado pelas circunstâncias, isto é, a alma residindo em todas as criaturas, consegue ir para onde quer que ele deseje e vem a ser considerado como o mais elevado. Aquele homem erudito que vê a residência de todas as coisas em um local e sua separação também, e que vê unidade na diversidade, consegue se libertar da miséria. Aquele que não cobiça alguma coisa e que não nutre a idéia de posse com relação a qualquer coisa, vem a ser considerado, embora residindo neste mundo, como identificável com Brahman. Aquele que está familiarizado com a verdade acerca das qualidades de Pradhana (ou Natureza), familiarizado com a

criação de todos os objetos existentes, privado da idéia de posse, e sem orgulho, consegue, sem dúvida, se emancipar. Compreendendo adequadamente aquela grande árvore que tem o imanifesto como sua semente, e a compreensão como seu tronco, e a grande consciência do eu como seus ramos, e os sentidos como as células de onde seus brotos saem, e os (cinco) grandes elementos como seus botões de flor, e os elementos grosseiros como seus ramos menores; que está sempre dotada de folhas, que sempre desenvolve flores, e da qual todos os objetos existentes dependem, cuja semente é Brahman, e que é eterna, e cortando todos os tópicos com a espada afiada do conhecimento, uma pessoa obtém imortalidade e rejeita nascimento e morte. As conclusões com relação ao passado, presente, e futuro, etc., e religião, prazer e riqueza, as quais são todas bem conhecidas para conclaves de Siddhas, que concernem a ciclos remotos, e que são, de fato, eternas, eu declararei para ti, ó tu de grande sabedoria. Estas constituem o que é chamado de Bem. Homens de sabedoria, compreendendo-as neste mundo, chegam ao sucesso. Antigamente, os Rishis Vrihaspati e Bharadwaja, e Gautama e Bhargava, e Vasishtha e Kasyapa, e Viswamitra, e Atri, se reuniram para o propósito de questionar uns aos outros. Eles se reuniram dessa maneira depois de terem viajado por todos os caminhos e depois que eles tinham ficado cansados com as ações que cada um deles tinha feito. Aquelas pessoas regeneradas, colocando o filho sábio de Angiras à sua frente, procederam para a região do Avô. Lá eles viram Brahma perfeitamente purificado de todo pecado. Inclinando suas cabeças para aquele de grande alma que estava sentado à vontade, os grandes Rishis, dotados de humildade, fizeram a ele esta pergunta importante com relação ao bem mais sublime. ‘Como um homem bom deve agir? Como ele será libertado do pecado? Que caminhos são auspiciosos para nós? O que é verdade, e o que é pecado? Por qual ação os dois caminhos, do norte e do sul, são alcançados? O que é destruição? O que é Emancipação? O que é nascimento e o que é morte de todos os objetos existentes?’ Eu te direi, ó discípulo, o que o Avô, assim endereçado, disse para eles, em conformidade com as escrituras. Ouça.'”

"Brahma disse, 'É da Verdade que todas as criaturas, móveis e imóveis, nascem. Elas vivem por meio de penitência (de ação). Compreendam isso, ó vocês de votos excelentes. Em consequência de suas próprias ações elas vivem, transcendendo sua própria origem. (Sua origem é Brahman ou Verdade. Elas vivem dissociadas de sua origem, por consequência de suas ações. Quando suas ações cessam, elas retornam a e se fundem em Brahman.) Pois a Verdade, quando unida com qualidades, se torna sempre possuidora de cinco indicações. Brahman é Verdade. Penitência é verdade. Prajapati é verdade. É da Verdade que todas as criaturas surgiram. A Verdade é o universo de existência. É por isso que Brahmanas que estão sempre dedicados ao Yoga, que superaram ira e tristeza, e que sempre consideram a Religião como o passadiço (pelo qual todos devem passar para evitar o pântano abaixo), se refugiam na Verdade. Eu irei agora falar daqueles Brahmanas que são contidos por outro e possuidores de conhecimento, das ordens, e daqueles que pertencem aos quatro modos de vida. Os sábios dizem que Religião ou dever é um, (no entanto) tendo quatro quartos. Ó regenerados, eu lhes falarei agora daquele caminho que é auspicioso e produtivo

de bem. Aquele caminho tem sido trilhado constantemente por homens possuidores de sabedoria para obterem uma identidade com Brahman. Eu falarei agora daquele caminho que é o mais elevado e que é extremamente difícil de ser entendido. Compreendam, em todos os seus detalhes, ó altamente abençoados, qual é a base mais alta. O primeiro passo é dito que é o modo de vida que pertence aos Brahmacharins. O segundo passo é a vida familiar. Depois desse é a residência nas florestas. Depois o que deve ser conhecido como o passo mais sublime, isto é, aquele relativo a Adhyatma. (Isto é, aquele rumo de vida que tem como seu objetivo a aquisição de conhecimento relativo à alma. Este, é claro, inclui o conhecimento que é necessário para alcançar identificação com a Alma Suprema ou Brahman.) Luz, éter (ou Espaço), sol, vento, Indra, e Prajapati, alguém vê esses enquanto ele não obtém Adhyatma. Eu declararei os meios (pelos quais aquele Adhyatma pode ser obtido). Primeiro compreendam eles. O modo de vida da floresta que é seguido por ascetas residindo nas florestas e subsistindo de frutas e raízes e ar é prescrito para as três classes regeneradas. O modo de vida familiar é ordenado para todas as classes. Aqueles que possuem sabedoria dizem que Religião ou dever tem Fé como sua (principal) indicação. Assim eu declarei para vocês os caminhos que levam às divindades. Eles são adotados por aqueles que são bons e sábios por suas ações. Aqueles caminhos são os passadiços de piedade. Aquela pessoa de votos rígidos que adota algum desses modos separadamente sempre consegue compreender a tempo a produção e destruição de todas as criaturas. Eu agora declararei, com exatidão e com razões, os elementos que residem em partes em todos os objetos. A grande alma, o imanifesto, egoísmo (consciência de identidade), os onze órgãos (de conhecimento e ação), os cinco grandes elementos, as características específicas dos cinco elementos (isto é, cheiro ligado à terra, som ao éter, gosto à água, etc.), esses constituem a criação eterna. O número de elementos é dito que é vinte e quatro, e (mais) um. Aquela pessoa de sabedoria que compreende a produção e destruição de todos esses elementos, aquele homem entre todas as criaturas, nunca encontra com a ilusão. Aquele que compreende os elementos corretamente, todas as qualidades, todas as divindades (ou os sentidos), consegue se purificar de todo pecado. Livre de todos os grilhões, tal homem consegue desfrutar de todas as regiões de pureza imaculada.'"

36

"Brahma disse, 'Aquilo que é imanifesto, que é indistinto, que a tudo permeia, eterno, imutável, deve ser conhecido como vindo a ser a cidade (ou mansão) de nove portais, possuidora de três qualidades, e consistindo de cinco ingredientes. Rodeada por onze inclusive a Mente que distingue (objetos), e tendo a Compreensão como a soberana, esta é um conjunto de onze; (composta de três qualidades, os cinco elementos, o grupo de órgãos e sentidos como um, egoísmo e compreensão). Os três ductos que existem nela a sustentam constantemente. Estes são os três Nadis. Eles correm continuamente, e têm as três qualidades como sua essência: Ignorância, Paixão, e Bondade. Essas são chamadas de as (três) qualidades. Elas estão unidas umas com as outras. Elas existem,

dependendo umas das outras. Elas se refugiam uma na outra, e seguem uma à outra. Elas estão também combinadas umas com as outras. Os cinco (principais) elementos são caracterizados por (essas) três qualidades. Bondade é a companheira da Ignorância. Da Bondade a companheira é a Paixão. Bondade é também a companheira da Paixão, e da Bondade a companheira é a Ignorância. Lá onde a Ignorância é reprimida, a Paixão é vista fluir. Lá onde a Paixão é reprimida, a Bondade é vista fluir. A Ignorância deve ser conhecida como tendo a noite (ou obscuridade) como sua essência. Ela tem três características, e é (também) chamada de Ilusão. Ela tem injustiça (ou pecado) também como sua indicação, e ela está sempre presente em todas as ações pecaminosas. Essa é a natureza da Ignorância e ela aparece também quando limitada com outras. É dito que a Paixão tem atividade como sua essência. Ela é a causa de ações sucessivas. Quando ela prevalece, sua indicação, entre todos os seres, é produção. Esplendor, luminosidade, e fé, esses são a forma, que é luz, da Bondade entre todas as criaturas, como considerada por todos os homens bons. A verdadeira natureza de suas características agora será declarada por mim, com razões. Essas serão especificadas em agregação e separação. As compreendam. Ilusão completa, ignorância; mesquinhez, indecisão em relação à ação, sono, arrogância, medo, cobiça, angústia, reprovação de boas ações, perda de memória, estado imaturo de raciocínio, ausência de fé, violação de todas as regras de conduta, falta de discernimento, cegueira, vileza de comportamento, afirmações vaidosas de desempenho quando não houve desempenho, presunção de conhecimento em ignorância, indelicadeza (ou hostilidade), maldade de disposição, ausência de fé, raciocínio estúpido, desonestidade, incapacidade para associação, ação pecaminosa, insensibilidade, apatia, lassidão, ausência de autocontrole, degradação, todas essas qualidades são conhecidas como pertencentes à Ignorância. Quaisquer outros estados da mente, conectados com ilusão, quem existam no mundo, todos concernem à Ignorância. Falar mal de outras pessoas frequentemente, criticar as divindades e os Brahmanas, mesquinhez, vaidade, ilusão, ira, rancor, hostilidade em direção a todas as criaturas, são consideradas como as características da Ignorância. Quaisquer empreendimentos que existam que não sejam meritórios (por serem fúteis ou inúteis), quaisquer doações que existam que não sejam meritórias (pela indignidade dos donatários, a inadequação do momento, a impropriedade do objeto, etc.), comer em vão, esses também pertencem à Ignorância. Indulgência em calúnia, falta de perdão, animosidade, vaidade, e ausência de fé são também citadas como sendo características da Ignorância. Quaisquer homens que existam neste mundo que sejam caracterizados por esses e outros defeitos de um tipo similar, e que infringem as restrições (fornecidas pelas escrituras), são todos considerados como pertencentes à qualidade de Ignorância. Eu agora declararei os úteros onde estes homens, que são sempre de atos pecaminosos, têm que tomar seu nascimento. Ordenados a irem para o inferno, eles caem na ordem de existência. De fato, eles caem no inferno (do nascimento) na criação bruta. Eles se tornam entes imóveis, ou animais, ou animais de carga; ou criaturas carnívoras, ou cobras, ou vermes, insetos, e aves; ou criaturas da ordem ovípara, ou quadrúpedes de diversas espécies; ou lunáticos, ou seres humanos surdos ou estúpidos, ou homens que são afligidos por enfermidades terríveis e considerados

como impuros. Esses homens de má conduta, sempre revelando as indicações de suas ações, afundam na Ignorância. Seu rumo (de migrações) é sempre para baixo. Pertencentes à qualidade de Ignorância, eles caem em Ignorância. Eu irei, depois disso, declarar quais são os meios de seu melhoramento e subida; de fato, por quais meios eles conseguem chegar às regiões que existem para os homens de atos virtuosos. Aqueles homens que tomam nascimento em ordens a não ser a humanidade, por se desenvolverem em virtude das cerimônias religiosas de Brahmanas dedicados aos deveres da sua própria classe e desejosos de fazer o bem para todas as criaturas, conseguem, através da ajuda de tais ritos purificatórios, ascender para cima. De fato, lutando (para melhorar a si mesmos), eles finalmente alcançam as mesmas regiões com aqueles Brahmanas pios. Realmente, eles vão para o Céu. Essa é a audição Védica. Nascidos em classes diferentes da humanidade e envelhecendo em suas respectivas ações, dessa maneira eles se tornam seres humanos que são, naturalmente, ordenados a voltar. Obtendo nascimentos pecaminosos e se tornando Chandalas ou seres humanos que são surdos ou que ceceiam indistintamente, eles alcançam castas cada vez mais elevadas, uma depois da outra em período apropriado, transcendendo a classe Sudra, e outras (consequências das) qualidades concernentes à Ignorância e que residem nela no decorrer de migrações neste mundo. (Qualidades residentes na Ignorância, etc., significam aquelas qualidades que estão ligadas permanentemente à Ignorância.) Apego a objetos de desejo é considerado como grande ilusão. Aqui Rishis e Munis e divindades ficam iludidos, desejosos de prazer. Ignorância, ilusão, a grande ilusão, a grande obscuridade chamada ira, e morte, aquela obscuridade cegante, (são as cinco grandes aflições). Com relação à ira, essa é a grande obscuridade (e não aversão ou ódio como é às vezes incluído na lista). Com relação então à sua cor (natureza), suas características, e sua fonte, eu, ó Brahmanas eruditos, declarei para vocês, com precisão e na devida ordem, tudo acerca da (qualidade de) Ignorância. Quem é que realmente a compreende? Quem é que realmente a vê? Essa, de fato, é a característica da Ignorância, isto é, ver realidade no que não é real. As qualidades da Ignorância foram declaradas para vocês de várias maneiras. A Ignorância, em suas formas superiores e inferiores, foi descrita adequadamente para vocês. Aquele homem que sempre conserva na lembrança as qualidades mencionadas aqui, certamente conseguirá ficar livre de todas as características que pertencem à Ignorância.'"

37

"Brahman disse, 'Ó melhores dos seres, eu agora declararei para vocês com exatidão o que (a qualidade de) Paixão é. Ó altamente abençoados, compreendam quais são aquelas qualidades que pertencem à Paixão. Prejudicar (outros), beleza, trabalho pesado, prazer e dor, frio e calor, domínio (ou poder), guerra, paz, discussões, descontentamento, tolerância, poder, coragem, orgulho, ira, esforço, discussão (ou antagonismo), ciúme, desejo, malícia, combate, o sentimento de meu ou posse, proteção (de outros), matança, vínculos, e aflição, comprar e vender, cortar, retalhar, perfurar e remover a cota de malha que outro

tem usado (ou expor a fraqueza de outras pessoas por arrancar seus disfarces ou proteções), violência, crueldade, difamar, indicar os defeitos de outros, pensamentos totalmente dedicados a assuntos mundanos, ansiedade, animosidade, ultrajar outros, palavras falsas, doações falsas ou inúteis, hesitação e dúvida, jactância de palavras, repreensão e elogio, louvação, destreza, provocação, assistência (como aos doentes e aos fracos), obediência (às instruções de preceptores e pais), serviço ou auxílios, nutrir sede ou desejo, inteligência ou destreza de conduta, negligência de política, insolência, posses, e diversas decorações que prevalecem no mundo entre homens, mulheres, animais, coisas inanimadas, casas, aflição, incredulidade, votos e regulamentos, atos com expectativa (de bom resultado), diversos atos de caridade pública, os ritos em relação às saudações Swaha, ritos de Swadha e Vashat, oficiar nos sacrifícios de outros, dar instrução, desempenho de sacrifícios, estudo, fazer doações, aceitação de doações, ritos de expiação, ações auspiciosas, o desejo de ter isto ou aquilo, afeto gerado pelos méritos do objeto pelo qual ou quem ele é sentido, traição, engano, desrespeito e respeito, roubo, assassinato, desejo de encobrimento, vexação, vigilância, ostentação, arrogância, apego, devoção, contentamento, exultação, jogo, indulgência em escândalo, todas as relações provenientes de mulheres, apego à dança, música instrumental e canções, todas essas qualidades, ó Brahmanas eruditos, são consideradas como pertencentes à Paixão. Aqueles homens sobre a Terra que meditam no passado, presente, e no futuro, que são dedicados ao conjunto de três, isto é, Religião, Riqueza, e Prazer, que agindo por causa do impulso do desejo, se regozijam em obter afluência em relação a todo desejo, são considerados como envolvidos pela Paixão. Aqueles homens têm rumos descendentes. Renascidos repetidamente neste mundo, eles se entregam ao prazer. Eles cobiçam o que pertence a este mundo como também aqueles resultados que pertencem ao mundo futuro. Eles fazem doações, aceitam doações, oferecem oblações para os Pitris, e derramam libações no fogo sacrifical. As qualidades da Paixão foram (assim) declaradas para vocês em sua variedade. O rumo de conduta também ao qual isto leva foi descrito devidamente para vocês. O homem que sempre compreende essas qualidades consegue sempre se libertar de todas elas que concernem à Paixão.'"

38

"Brahmana disse, 'Eu irei, depois disso, falar a vocês daquela qualidade excelente a qual é a terceira (na ordem da nossa enumeração). Ela é benéfica para todas as criaturas no mundo, e irrepreensível, e constitui a conduta daqueles que são bons. Alegria, satisfação, nobreza, esclarecimento, e felicidade, ausência de mesquinhez (ou generosidade), ausência de medo, contentamento, disposição para fé, perdão, coragem, abstenção de ferir qualquer criatura, equanimidade, veracidade, retidão, ausência de ira, ausência de malícia, pureza, inteligência, destreza, (estes pertencem à qualidade de bondade). Aquele que é devotado ao dever de Yoga, considerando conhecimento como sendo inútil, conduta como sendo inútil, serviço como sendo inútil, e modo de vida como sendo inútil, alcança o que é mais elevado no mundo futuro. Liberdade da idéia de meu, liberdade de

egoísmo, liberdade de expectativas, considerar todos com um olhar imparcial, e liberdade de desejo, essas constituem a religião eterna dos bons. Confiança, modéstia, perdão, renúncia, pureza, ausência de preguiça, ausência de crueldade, ausência de ilusão, compaixão por todas as criaturas, ausência da disposição para caluniar, exultação, satisfação, êxtase, humildade, bom comportamento, pureza em todos os atos tendo por seu objetivo a obtenção de tranquilidade, compreensão justa, emancipação (de atrações), indiferença, Brahmacharya, renúncia completa, liberdade da idéia de meu, liberdade de esperanças, cumprimento incólume da retidão, crença que doações são inúteis, sacrifícios são inúteis, estudo é inútil, votos são inúteis, aceitação de doações é inútil, cumprimento de deveres é inútil, e penitências são inúteis, aqueles Brahmanas neste mundo, cuja conduta é marcada por essas virtudes, que aderem à virtude, que residem nos Vedas, são considerados como sábios e possuidores de correção de visão. Rejeitando todos os pecados e livres de angústia, aqueles homens possuidores de sabedoria chegam ao Céu e criam diversos corpos (para si mesmos). Obtendo o poder de governar tudo, autodomínio, exatidão, aqueles de grande alma fazem por meio de operações de sua própria mente, como os próprios deuses residindo no Céu. Tais homens são citados como tendo seus rumos direcionados para cima. Eles são verdadeiros deuses capazes de modificar todas as coisas. Chegando ao Céu, eles modificam todas as coisas por sua própria natureza. Eles adquirem quaisquer objetos que eles desejem e desfrutam deles. Dessa maneira, ó principais dos regenerados, eu descrevi para vocês qual é aquela conduta que pertence à qualidade de Bondade. Compreendendo essas devidamente, uma pessoa adquire quaisquer objetos que ela deseje. As qualidades que concernem à bondade foram declaradas detalhadamente. A conduta a qual aquelas qualidades constituem também foi devidamente demonstrada. Aquele homem que sempre compreende essas qualidades consegue desfrutar das qualidades ser atado por elas.'"

39

"Brahmana disse, 'As qualidades não podem ser declaradas como completamente separadas umas das outras. Paixão e Bondade e Ignorância são vistas existindo em um estado de união. Elas são ligadas umas às outras. Elas dependem umas das outras. Eles têm uma à outra como seu refúgio. Elas igualmente seguem umas às outras. Enquanto existe Bondade existe Paixão. Não há dúvida nisso. Enquanto Ignorância e Bondade existem, assim a Paixão existe. Elas fazem sua viagem juntas, em união, e se movendo coletivamente. Elas, na verdade, se movem em grupo, quando elas agem com causa ou sem causa. De todas essas as quais agem umas com as outras, no entanto, elas podem diferir muito em seu desenvolvimento, a maneira na qual seu aumento e diminuição ocorre agora será declarada. Lá onde Ignorância existe em uma medida aumentada, nas criaturas inferiores (por exemplo), a Paixão existe em uma medida menor e a Bondade em uma medida que é ainda menor. Lá onde Paixão existe em uma medida abundante, em criaturas de progresso médio, a Ignorância existe em uma medida menor e a Bondade em uma medida que é ainda menor.

Lá onde a Bondade existe em uma medida abundante, em criaturas de rumos ascendentes, a Ignorância deve ser conhecida como existindo em uma medida pequena e a Paixão em uma medida que é ainda menor. A Bondade é a fonte que causa as modificações dos sentidos. Ela é a grande esclarecedora. Nenhum dever é prescrito que seja superior à Bondade. Aqueles que residem na Bondade procedem para cima. Aqueles que residem na Paixão permanecem no meio. Aqueles que residem na Ignorância, sendo caracterizados por qualidades que são inferiores, afundam para baixo. Ignorância se encontra no Sudra; Paixão no Kshatriya; e Bondade, que é a mais elevada, no Brahmana. As três qualidades existem dessa maneira nas três classes. Mesmo de uma distância (ou de uma visão superficial), as três qualidades de Ignorância e Bondade e Paixão são vistas existirem em um estado de união e muito coletivamente. Elas nunca são vistas em um estado de separação. Contemplando o sol nascendo, homens de ações más ficam tomados pelo medo. Viajantes em seu caminho ficam afligidos pelo calor, e sofrem de angústia. O Sol é a Bondade desenvolvida, homens de ações más representam a Ignorância; o calor que viajantes sentem em seu caminho é citado como sendo uma qualidade da Paixão. O sol representando luz é Bondade; o calor é a qualidade da Paixão; o sombreamento (ou eclipse) do sol em dias Parvana deve ser conhecido como representando a Ignorância. Assim, as três qualidades existem em todos os corpos luminosos. Elas agem em intervalos em diversos lugares de diversas maneiras. Entre os objetos imóveis, a qualidade de Ignorância existe em uma medida muito grande. As qualidades concernentes à Paixão são as propriedades daqueles que sofrem mudanças constantes. Seus atributos oleaginosos pertencem à Bondade. (O que é dito aqui é isto: as três qualidades existem até nos objetos imóveis do universo. Com relação à Ignorância, ela predomina neles. Com relação à Paixão, ela reside em tais propriedades delas como pungência, acidez, doçura, etc., com mudança com tempo ou por cozimento ou por mistura. Somente suas propriedades oleaginosas são citadas como pertencentes à Bondade.) O Dia deve ser entendido como de três partes. A Noite foi ordenada para ser de três partes. Assim também são quinzenas, meses, anos, estações, e conjunções. ('Conjunções' são evidentemente os períodos juntando as estações, isto é, o fim de uma estação e o início de outra.) As doações que são vastas são triplas. Triplo é o sacrifício que flui. Triplos são os mundos; triplas são as divindades; triplo é o conhecimento; e triplo é o caminho ou fim. O passado, o Presente, e o Futuro; Religião, Riqueza e Prazer. Prana, Apana, e Udana; esses também estão repletos das três qualidades. Quaisquer objetos que existam neste mundo, tudo nele está repleto das três qualidades. As três qualidades agem em intervalos em todas as coisas e em todas as circunstâncias. Na verdade, as três qualidades sempre agem de uma forma imanifesta. A criação daquelas três, isto é, Bondade, Paixão, e Ignorância, é eterna. O imanifesto, consistindo nas três qualidades, é dito que é ignorância, despercebido, santo. Constante, não nascido, ventre, eterno. Natureza, mudança ou modificação, destruição, Pradhana, produção, e absorção, não desenvolvido, não pequeno (ou seja, vasto), firme, imóvel, fixo, existente, e inexistente. Todos esses nomes devem ser conhecidos por aqueles que meditam sobre questões ligadas com a alma. Aquela pessoa que conhece com exatidão todos os nomes do imanifesto, e as qualidades, como também as operações puras (das qualidades),

está bem familiarizada com a verdade acerca de todas as distinções e, livre do corpo, vem a ser libertada de todas as qualidades e desfruta de felicidade absoluta.'"

40

"Brahmana disse, 'Do imanifesto primeiro surgiu Mahat (a Grande Alma) dotada de grande inteligência, a fonte de todas as qualidades. É dito que essa é a primeira criação. A Grande Alma é indicada por estas palavras sinônimas: a Grande Alma, Inteligência, Vishnu, Jishnu, Sambhu de grande bravura, a Compreensão, os meios de adquirir conhecimento, os meios de percepção, como também fama, coragem, e memória. Sabendo disso, um Brahmana erudito nunca tem que enfrentar ilusão. Ele tem mãos e pés em todos os lados, tem ouvidos em todos os lados. Ele permanece permeando tudo no universo. De grande poder, aquele Ser está colocado no coração de todos. Exatidão, Luminosidade e Afluência, são dele. Ele é o senhor de tudo, e idêntico com resplendor, e não conhece decadência. Nele estão todos aqueles que compreendem a natureza da compreensão, todos aqueles que são dedicados à bondade de disposição, todos aqueles que praticam meditação, que estão sempre dedicados ao Yoga, que são firmes na verdade, que subjugaram seus sentidos, que são possuidores de conhecimento, que estão livres da cobiça, que conquistaram a ira, que são de corações alegres, que são dotados de sabedoria, que estão livres de idéias de meu (e teu), e que são desprovidos de egoísmo. Todos esses, livres de todo tipo de apego, chegam à posição de Grandeza. Aquela pessoa que compreende aquela meta sagrada e sublime, isto é, a Grande Alma, fica livre da ilusão. O autonascido Vishnu se torna o Senhor nas criações iniciais. Aquele que conhece dessa maneira o Senhor localizado na caverna, o Supremo, Ser Antigo, de forma universal, o dourado, a maior meta de todas as pessoas dotadas de compreensão, aquele homem inteligente vive, transcendendo a compreensão.'"

41

"Brahmana disse, 'Aquele Mahat que foi produzido primeiro é chamado de Egoísmo. Quando ele surgiu como Eu, ele veio a ser chamado como a segunda criação. Aquele Egoísmo é considerado como sendo a fonte de todas as criaturas, pois estas surgiram de suas modificações. Ele é pura refulgência e o sustentador da consciência. Ele é Prajapati. Ele é uma divindade, o criador das divindades, e da mente. É ele que cria os três mundos. É dito que ele é aquilo que sente, 'Eu sou tudo isso.' Aquele é o mundo eterno existente para aqueles sábios que estão satisfeitos com conhecimento relativo à alma, que têm meditado na alma, e que obtiveram sucesso por meio de estudo Védico e sacrifícios. Pela consciência da alma alguém desfruta das qualidades. Aquela fonte de todas as criaturas, aquele criador de todas as criaturas, cria (todas as criaturas) exatamente dessa maneira. É aquele que causa todas as mudanças. É aquele que faz todos os seres se moverem. Por sua própria luz ele ilumina o universo igualmente.'"

42

'Brahmana disse, ‘Do Egoísmo realmente nasceram os cinco grandes elementos. Eles são terra, ar, éter, água, e luz numerando o quinto. Nesses cinco grandes elementos, a respeito do som, toque, cor, gosto, e cheiro, todas as criaturas ficam iludidas. Quando, no fim da destruição dos grandes elementos, a dissolução do universo se aproxima, vocês que são possuidores de sabedoria, um grande temor surge em todas as criaturas vivas. Todo objeto existente é dissolvido naquele do qual ele é produzido. A dissolução ocorre em uma ordem que é o contrário daquela na qual a criação ocorre. De fato, com relação ao nascimento, eles nascem uns dos outros. Então, quando todos os objetos existentes, móveis e imóveis, são dissolvidos, homens sábios dotados de memória poderosa nunca se dissolvem. Som, toque, cor, gosto, e cheiro numerando o quinto, são efeitos. Eles são, no entanto, inconstantes, e chamados pelo nome de ilusão. Causados pela produção de cupidez, não diferentes uns dos outros, sem realidade, ligados com carne e sangue, e dependendo uns dos outros, existindo fora da alma, esses são todos incapazes e impotentes. Prana e Apana, e Udana e Samana e Vyana, esses cinco ares estão sempre ligados intimamente à alma. Junto com fala, mente, e compreensão, eles constituem o universo de oito ingredientes. Aquele cuja pele, nariz, ouvidos, olhos, língua, e palavras são controlados, cuja mente é pura, e cuja compreensão não se desvia (do caminho correto), e cuja mente nunca é queimada por aqueles oito fogos, consegue chegar àquele Brahman auspicioso ao qual não existe nada superior. Aqueles que são chamados de onze órgãos e que surgiram do Egoísmo, eu irei agora, ó regenerados, mencionar detalhadamente. Eles são os ouvidos, a pele, os dois olhos, a língua, o nariz numerando o quinto, os dois pés, o ducto inferior, o órgão de geração, as duas mãos, e a fala formando o décimo. Esses constituem o grupo de órgãos, com a mente contando como o décimo primeiro. Uma pessoa deve primeiro subjugar este grupo. Então Brahman brilhará (nela). Cinco entre esses são chamados de órgãos de conhecimento, e cinco, órgãos de ação. Os cinco começando com os ouvidos são realmente citados como estando relacionados com o conhecimento. O resto, no entanto, que está relacionado com ação é sem distinção. A mente deve ser considerada como pertencente a ambos. A compreensão é o décimo segundo no topo. Assim foram enumerados os onze órgãos na devida ordem. Homens eruditos, tendo-os compreendido, pensam que eles realizaram tudo. Eu irei, depois disto, enumerar todos os vários órgãos. Espaço (ou Éter) é a primeira entidade. Quando ligado com a alma, ele é chamado de ouvido. Quando ligado com objetos, ele é o som. A divindade que preside (isto) é os quadrantes. O Ar é a segunda entidade. Quando ligado com a alma, ele é conhecido como a pele. Quando ligado com objetos, ele é conhecido como objetos de tato; e a divindade que preside lá é o tato. A terceira é a Luz. Quando ligada com a alma, ela é conhecida como o olho. Quando ligada com objetos, ela é cor; e o sol é sua divindade. A quarta (entidade) deve ser conhecida como Água. Quando ligada com a alma, é dito que ela é a língua. Quando ligada com objetos, ela é sabor, e a divindade que preside lá é Soma. A quinta entidade é a Terra. Quando ligada com a alma, é dito que ela é o nariz. Quando ligada com objetos, ela é o cheiro; e a divindade que preside lá é o vento.

Assim foi declarado para ti o modo como as cinco entidades são divididas em conjuntos de três. Depois disso eu declararei tudo sobre os diversos (outros) órgãos. Brahmanas conhecedores da verdade dizem que os dois pés são mencionados como ligados com a alma. Quando ligados com objetos, eles são movimento; e Vishnu é lá a divindade presidente. O ar Apana, cujo movimento é para baixo, quando ligado com a alma é chamado de ducto inferior. Quando ligado com objetos, ele é as fezes que são expelidas; a divindade presidente lá é Mitra. Igualmente ligado com a alma, o órgão de geração é mencionado, o produtor de todos os seres. Quando ligado com objetos, ele é a semente vital; e a divindade presidente é Prajapati. As duas mãos são mencionadas como ligadas com a alma por pessoas conhecedoras das relações da alma. Quando ligadas com objetos, elas são ações; e a divindade presidente nesse ponto é Indra. Em seguida, ligada com a alma é a fala a qual se relaciona com todos os deuses. Quando ligada com objetos, ela é o que é falado. A divindade que preside lá é Agni. Como ligada com a alma, a mente é mencionada, a qual se move dentro da alma dos cinco elementos. (A mente, através da ajuda dos sentidos, entra em todas as coisas ou consegue conhecê-las.) Quando ligada com objetos, ela é a operação mental; e a divindade presidente é Chandramas (lua). Igualmente ligado com a alma é Egoísmo, o qual é a causa de todo o curso de vida mundana. Quando ligado com objetos, ele é a consciência de si mesmo; e a divindade que preside nesse ponto é Rudra. Ligada com a alma é a compreensão, a qual impele os seis sentidos. Quando ligada com objetos, ela é aquilo que é para ser entendido, e a divindade presidente lá é Brahma. Três são as bases de todos os objetos existentes. Uma quarta não é possível. Estas são terra, água, e éter. O modo de nascimento é quádruplo. Alguns nascem de ovos; alguns nascem de germes os quais brotam, penetrando pela terra; alguns nascem da sujeira; e alguns nascem de esferas de carne em úteros. Dessa maneira o modo de nascimento é visto ser de quatro tipos, de todas as criaturas vivas. Assim sendo, há outros seres inferiores e igualmente aqueles que percorrem o céu. Esses devem ser conhecidos como nascidos de ovos como também aqueles que rastejam sobre seus peitos. Insetos são citados como nascidos da sujeira, como também outras criaturas de uma descrição semelhante. Este é citado como sendo o segundo modo de nascimento e é inferior. Aquelas criaturas vivas que tomam nascimento depois do lapso de algum tempo, irrompendo pelo solo, são citadas como seres nascidos de semente, ó principais das pessoas regeneradas. Criaturas de dois pés ou de muitos pés e aquelas que movem de modo curvo são os seres nascidos de úteros. Entre eles alguns são deformados, ó melhores dos homens. O eterno ventre de Brahma deve ser conhecido como sendo de dois tipos, isto é, penitência e atos meritórios. Tal é a doutrina dos eruditos. (O sentido parece ser que através desses dois uma pessoa consegue tomar nascimento como um Brahmana.) Ação deve ser compreendida como sendo de vários tipos, tais como sacrifício, doações feitas em sacrifícios, e o dever meritório de estudo para cada um que é nascido; tal é o ensino dos antigos. Aquele que compreende isso adequadamente vem a ser considerado como possuidor de Yoga, ó principais das pessoas regeneradas. Saibam também que tal homem fica livre também de todos os seus pecados. Eu assim declarei para vocês devidamente a doutrina de Adhyatma. Ó Rishis conhecedores de todos os deveres, um conhecimento disto é adquirido por

aquelas que são consideradas como pessoas de conhecimento. Unindo juntos todos estes, isto é, os sentidos, os objetos dos sentidos, e as cinco grandes entidades, uma pessoa deve mantê-los na mente. (Isto é, deve-se considerá-los como realmente não distintos da mente. De fato, criados pela própria mente, esses devem sempre ser considerados como não tendo existência real além da mente.) Quando tudo é atenuado (por absorção) na mente, alguém não mais estima os prazeres da vida. Homens eruditos, cujas compreensões estão equipadas com conhecimento, consideram esta (atenuação de todas as coisas por absorção na mente) como a verdadeira felicidade. Eu irei depois disso falar para vocês da renúncia com relação a todas as entidades por meios brandos e severos, a qual produz atração por tópicos sutis e que são repletos de auspiciosidade. Aquela conduta que consiste em tratar as qualidades como não qualidades (isto é, considerar coragem, magnanimidade, etc., como realmente não méritos, pois elas levam ao orgulho), que é livre de apegos, a qual é vida solitária, que não reconhece distinções, e que é cheia de Brahman, é a fonte de toda felicidade. O homem erudito que absorve todos os desejos em si mesmo de todos os lados como a tartaruga recolhendo todos os seus membros, que é desprovido de paixão, e que é livre de tudo, está sempre feliz. Reprimindo todos os desejos dentro da alma, destruindo sua sede, concentrado em meditação, e se tornando o amigo de bom coração para todas as criaturas, ele consegue se tornar apto para assimilação com Brahman. Através da repressão de todos os sentidos os quais sempre anseiam por seus objetos, e abandono de lugares habitados, o fogo Adhyatma resplandece no homem de contemplação. Como um fogo, alimentado com combustível, se torna brilhante por causa das chamas ardentes que ele desenvolve, assim mesmo, pela repressão dos sentidos, a grande alma desenvolve sua refulgência. Quando uma pessoa com uma alma tranquila vê todos os entes em seu próprio coração, então, iluminada por seu próprio resplendor, ela alcança aquilo que é mais sutil do que o sutil e que é sem igual em excelência. É estabelecido que o corpo tem fogo como cor, água como sangue e outros líquidos, ar como sentido de tato, terra como o portador horrível da mente (isto é, carne e ossos, etc.), espaço (ou éter) como som; que ele é permeado por doença e tristeza; que ele é dominado por cinco correntes; que ele é composto dos cinco elementos; que ele tem nove portas e duas divindades (Jiva e Iswara); que ele é cheio de paixão; que ele é impróprio para ser visto (devido ao seu caráter profano); que ele é composto de três qualidades; que ele tem três elementos constituintes, (isto é, vento, bílis e muco); que ele é encantado com atrações de todo tipo, que ele é cheio de ilusões. Ele é difícil de ser movido neste mundo mortal, e ele depende da compreensão como seu suporte. Aquele corpo é, neste mundo, a roda do Tempo que está girando continuamente. Aquele (corpo), de fato, é um oceano terrível e insondável e é chamado de ilusão. É esse corpo que estica, contrai, e desperta o universo (inteiro) com os (próprios) imortais. (Através do corpo as criaturas agem, e por isso criação, destruição e recriação são devido ao corpo.) Por dominar os sentidos, uma pessoa rejeita luxúria, ira, medo, cobiça, inimizade, e falsidade, as quais são eternas e, portanto, extremamente difíceis de serem rejeitadas. Aquele que subjugou esses neste mundo, isto é, as três qualidades e os cinco elementos constituintes do corpo, tem o mais Sublime como sua base no Céu. Por ele o Infinito é alcançado. Cruzando o rio, que tem os

cinco sentidos como suas margens íngremes, as tendências mentais como suas águas poderosas, e ilusão como seu lago, alguém deve subjugar luxúria e ira. Tal homem, livre de todas as falhas, então contempla o mais Sublime, concentrando a mente dentro da mente e vendo eu no eu. Compreendendo todas as coisas, ele vê a si mesmo, por si mesmo, em todas as criaturas, às vezes como um e às vezes como diverso, mudando a forma de tempos em tempos. Sem dúvida ele pode perceber numerosos corpos como uma centena de luzes de uma luz. Na verdade ele é Vishnu, e Mitra, e Varuna, e Agni, e Prajapati. Ele é o Criador e o ordenador, ele é o Senhor possuidor de pujança, com faces viradas em todas as direções. Nele, o coração de todas as criaturas, a grande alma se torna resplandecente. Ele todos os conclaves de Brahmanas eruditos, divindades e Asuras, e Yakshas, e Pisachas, os Pitris, e aves, e bandos de Rakshasas, e bandos de seres fantasmais, e todos os grandes Rishis, louvam.'"

43

"Brahmana disse, 'Entre homens, o Kshatriya nobre é (dotado da) qualidade média. Entre os veículos, o elefante (é assim); e entre os habitantes da floresta o leão; entre todos os animais (sacrificais), a ovelha; entre todos aqueles que vivem em buracos, é a cobra; entre o gado, o touro; entre as fêmeas, a mula. (O que é dito aqui é que a qualidade de Paixão predomina nesses.) Não há dúvida que neste mundo, a Nyagrodha (Ficus Bengalensis, Linn), a Jamvu (Eugenia Jambolana, Lamk), a Pippala (Ficus religiosa, Linn), a Salmali (Bombax Malabaricum), e Sinsapa (Dalbergia Sissoo, Roxb), a Meshasringa (Asclepia geminata, Roxb), e a Kichaka (Nimba ou Melia Azadirachta, Linn), são as principais entre as árvores. Himavat, Patipatra, Sahya, Vindhya, Trikutavat, Sweta, Nila, Bhasa, Koshthavat, Guruskandha, Mahendra e Malayavat, essas são as principais das montanhas. Igualmente os Maruts são os principais dos Ganas. Surya é o senhor de todos os planetas, e Chandramas de todas as constelações. Yama é o senhor dos Pitris; o Oceano é o senhor de todos os rios. Varuna é o rei das águas. É dito que Indra é o rei dos Maruts. Arka é o rei de todos os corpos quentes, e Indra de todos os corpos luminosos. Agni é o senhor eterno dos elementos, e Vrihaspati dos Brahmanas. Soma é o senhor das ervas (decíduas), e Vishnu é o principal de todos os que são dotados de poder. Tashtri é o rei dos Rudras, e Siva de todas as criaturas. O Sacrifício é o principal de todos os ritos iniciatórios, e Maghavat das divindades. O Norte é o senhor de todos os pontos do horizonte; Soma de grande energia é o senhor de todos os Brahmanas eruditos. Kuvera é o senhor de todas as pedras preciosas, e Purandara de todas as divindades. Tal é a criação mais elevada entre todas as entidades. Prajapati é o senhor de todas as criaturas. De todas as entidades no entanto, eu, que sou cheio de Brahman, sou o principal. Não há ente que seja mais elevado do eu mesmo ou Vishnu. O grande Vishnu, que é cheio de Brahman, é o rei dos reis sobre todos. Conheça-o como o soberano, o criador, o incriado Hari. Ele é o soberano de homens e Kinnaras e Yakshas e Gandharvas, e Cobras e Rakshasas, e divindades e Danavas e Nagas. Entre aqueles que são seguidos por pessoas cheias de desejo está a grande deusa Maheswari de belos olhos. Ela é também

chamada pelo nome de Parvati. Saiba que a deusa Uma é a principal e a mais auspiciosa das mulheres. Entre as mulheres que são uma fonte de prazer as principais são as Apsaras que são possuidoras de grande esplendor. Reis são desejosos de obter piedade, e Brahmanas são caminhos de piedade. Portanto, o rei deve sempre se esforçar para proteger os duas vezes nascidos. Aqueles reis em cujos domínios bons homens enlanguescem são considerados como desprovidos das virtudes de sua classe. Futuramente eles têm que entrar em caminhos errados. Aqueles reis em cujos domínios bons homens são protegidos se regozijam neste mundo e desfrutam de felicidade após a morte. Na verdade, aqueles de grande alma obtêm o assento mais elevado. Entendam isto, ó principais dos regenerados. Eu irei depois disso declarar as indicações eternas dos deveres. Abstenção de injúria é o maior dever. Injúria é uma indicação de maldade. Esplendor é a indicação das divindades. Homens têm ações como suas indicações. Éter (ou espaço) tem som como sua característica. Vento tem tato como sua característica. A característica dos corpos iluminados é a cor, e a água tem o sabor como sua característica. Terra, a qual mantém todos os entes, tem cheiro como sua característica. A fala tem palavras como sua característica, refinadas em vogais e consoantes. A mente tem o pensamento como sua característica. O pensamento é citado, além disso, como sendo a característica da compreensão. As coisas pensadas pela mente são averiguadas com exatidão pela compreensão. Não há dúvida nisto, isto é, que a compreensão, pela perseverança, percebe todas as coisas. A característica da mente é a meditação. A característica do homem bom é viver despercebido. (O sentido parece ser que homens bons nunca permitem que outros saibam quais são suas ações. Eles são estranhos à ostentação.) Devoção tem atos como sua característica. Conhecimento é a característica da renúncia. Portanto mantendo o conhecimento perante sua vista, o homem de compreensão deve praticar renúncia. O homem que se dirigiu à renúncia e que é possuidor de conhecimento, que transcende todos os pares de opostos, como também ignorância, morte, e decrepitude, chega à meta mais sublime. Eu assim declarei para vocês devidamente quais são as indicações do dever. Eu irei, depois disso, lhes falar da apreensão (compreensão) das qualidades. Aroma, o qual pertence à terra, é apreendido pelo nariz. O ar, que mora no nariz é igualmente designado (como um agente) na percepção do aroma. Sabor é a essência da água. Este é apreendido pela língua. Soma, que reside na língua, é designado igualmente na percepção de sabor. A qualidade de um corpo iluminado é a cor. Esta é apreendida pelos olhos. Aditya que sempre reside nos olhos está estabelecido na percepção de cor. Tato sempre pertence ao ar (como sua qualidade). Este é percebido pela pele. O ar que sempre reside na pele está estabelecido em apreender o toque. A qualidade do éter é o som. Este é apreendido pelo ouvido. Todos os quadrantes, os quais residem no ouvido, têm sido estabelecidos em apreender o som. A qualidade da mente é o pensamento. Este é apreendido pela compreensão. O sustentador da consciência, residindo no coração, está estabelecido em apreender a mente. A compreensão é apreendida na forma de determinação ou certeza, e Mahat na forma de conhecimento. O inobservado (Prakriti) tem sido, é evidente, estabelecido para a apreensão de todas as coisas depois da certeza. Não há dúvida nisto. (O conhecimento da própria identidade de alguém e das coisas como diferentes umas das outras é

presidido por Prakriti. Se for perguntado de onde é o conhecimento: ‘Eu sou assim’; e que ‘Isto é assim’; a resposta é que ele vem de Prakriti ou Natureza.) O Kshetrajna que é eterno e é desprovido de qualidades com relação à sua essência não pode ser apreendido por símbolos. Por isso, a característica do Kshetrajna, o qual é sem símbolos, é puramente conhecimento. O imanifesto reside no símbolo chamado Kshetra, e é aquilo no qual as qualidades são produzidas e absorvidas. Eu sempre o vejo, conheço, e ouço (embora) ele esteja escondido. Purusha o conhece: portanto ele é chamado de Kshetrajna. O Kshetrajna percebe também as operações das qualidades e ausência de suas operações. As qualidades, que são criadas repetidamente, não conhecem a si mesmas, sendo ininteligentes, como entidades a serem criadas e dotadas de um início, meio, e fim. Nada mais alcança, somente o Kshetrajna alcança aquilo que é o mais elevado e excelente e que transcende as qualidades e aquelas entidades que nascem das qualidades. Então alguém que compreende os deveres, rejeitando as qualidades e a compreensão, e tendo seus pecados destruídos, e transcendendo as qualidades, entra no Kshetrajna. Alguém que está livre de todos os pares de opostos, que nunca curva sua cabeça para ninguém, que é desprovido de Swaha, que é inalterável, e sem lar, é o Kshetrajna. Ele é o Senhor Supremo.'"

44

"Brahmana disse, 'Eu irei agora lhes falar realmente sobre tudo aquilo que tem um início, meio, e fim, e que é dotado de nome e características, junto com os meios de compreensão. É dito que o Dia foi primeiro, então surgiu a Noite. É dito que os Meses têm as quinzenas iluminadas primeiro. As constelações têm Sravana como sua primeira; as Estações têm aquela dos orvalhos (isto é, Inverno) como sua primeira. A Terra é a fonte de todos os odores; e a Água de todos os sabores. A luz solar é a fonte de todas as cores; o Vento de todas as sensações de tato. Igualmente, do som a fonte é o espaço (ou Éter). Essas são as qualidades dos elementos. Eu irei, depois disso, declarar aqueles que são os primeiros e os mais elevados de todos os entes. O sol é o principal de todos os corpos iluminados. O fogo é dito que é o principal de todos os elementos. Savitri é o principal de todos os ramos de aprendizagem. Prajapati é a primeira de todas as divindades. A sílaba Om é o primeiro de todos os Vedas, e ar vital Prana é o primeiro de todos os ares. É chamado de Savitri tudo o que é prescrito neste mundo. (A palavra Savitri é usada aqui para significar todas as formas de culto celebradas por Brahmanas, etc., e pelos Mlechas igualmente.) O Gayatri é a principal de todas as métricas; de todos os animais (sacrificais) o primeiro é a cabra. As vacas são os principais de todos os quadrúpedes. Os duas vezes nascidos são os principais de todos os seres humanos. O falcão é a principal de todas as aves. Dos sacrifícios o principal é o de derramar manteiga clarificada no fogo. De todos os répteis o primeiro, ó principais dos regenerados, é a cobra. O Krita é o primeiro de todos os Yugas; não há dúvida nisso. O ouro é a principal de todas as coisas preciosas. Cevada é a principal de todas as plantas. Alimento é a principal de todas as coisas a serem comidas ou engolidas. De todas as substâncias líquidas a serem bebidas, a água é a principal. De todos os entes

imóveis sem distinção, é dito que Plaksha é o principal, aquele campo sempre santo de Brahman. De todos os Prajapatis eu sou o primeiro. Não há dúvida nisso. De alma inconcebível, é dito que o Vishnu existente por si mesmo é meu superior. De todas as montanhas a grande Meru é considerada como a primogênita. De todos os pontos cardeais e secundários do horizonte, o do leste é citado como sendo o principal e primogênito. Ganga de três cursos é citada como o primogênito de todos os rios. Igualmente, de todos os poços e reservatórios de águas, o oceano é citado como o primogênito. Iswara é o Senhor supremo de todas as divindades e Danavas e seres fantasmais e Pisachas, e cobras e Makshasas e seres humanos e Kinnaras e Yakshas. O grande Vishnu, que é repleto de Brahma, a quem não há ser superior nos três mundos, é o principal de todo o universo. De todos os modos de vida, aquele do chefe de família é o principal. Disso não há dúvida. O Imanifesto é a fonte de todos os mundos como, de fato, aquele é o fim de todas as coisas. Dias terminam com o pôr do sol e Noites com o nascer do sol. O fim do prazer é sempre a tristeza, e o fim da tristeza é sempre o prazer. Todos os acúmulos têm esgotamento como seu fim, e todas as subidas têm quedas como seu fim. Todas as associações têm separações como seu fim, e a vida tem a morte como seu fim. Toda ação termina em destruição, e tudo o que nasce sem dúvida encontra com a morte. Toda coisa móvel e imóvel neste mundo é transitória. Sacrifício, doações, penitências, estudo, votos, observâncias, todos esses têm destruição como seu fim. Do Conhecimento, não há fim. Por isso, alguém que possui uma alma tranquila, que subjugou seus sentidos, que está livre do senso de meu, que é desprovido de egoísmo, é libertado de todos os pecados pelo conhecimento puro.'"

45

"Brahmana disse, 'A roda da vida se move adiante. Ela tem a compreensão como sua força; a mente como o poste (sobre o qual ela se apóia); o grupo de sentidos como seus laços (ou raios), os (cinco) grandes elementos como seu cubo, e o lar como sua circunferência. (Pois como a circunferência limita a roda, da mesma maneira o lar, esposa e filhos limitam as afeições e ações da vida.) Ela é subjugada pela decrepitude e aflição, e ela tem doenças e calamidades como sua progênie. Aquela roda se relaciona com hora e lugar. Ela tem trabalho e exercício como seu barulho. Dia e Noite são as rotações daquela roda. Ela está cercada por calor e frio. Prazer e dor são suas juntas, e fome e sede são os pregos fixados nela. Luz solar e sombra são os sulcos (que ela causa). Ela pode ser agitada mesmo durante um espaço de tempo curto tal como o que é tomado pelo abrir e fechar da pálpebra. Ela está envolvida nas águas terríveis da ilusão. Ela está sempre girando e desprovida de consciência. Ela é medida por meses e meios-meses. Ela não é uniforme (sendo sempre variável), e se movimenta por todos os mundos. Penitência e votos são sua lama. A força da Paixão é seu movedor. Ela é iluminada pelo grande egoísmo, e é sustentada pelas qualidades. Aborrecimentos (causados pela não-aquisição do que é desejado) são as ligaduras que a atam de todos os lados. Ela gira no meio de dor e destruição. Ela é dotada de ações e dos instrumentos de ação. Ela é grande e é estendida por

vínculos. Ela é tornada instável por cobiça e desejo. Ela é produzida por Ignorância variada. Ela é acompanhada por medo e ilusão, e é a causa da ilusão de todos os seres. Ela se move em direção à alegria e prazer, e tem desejo e ira como sua posse. Ela é composta das entidades começando com Mahat e terminando com os elementos grosseiros. Ela é caracterizada por produção e destruição continuando incessantemente. Sua velocidade é como aquela da mente, e ela tem a mente como sua fronteira. Essa roda da vida que é associada com pares de opostos e desprovida de consciência, o universo com os próprios imortais devem rejeitar, reduzir, e controlar. Aquele homem que sempre compreende com exatidão o movimento e pausa dessa roda da vida nunca é visto ser iludido, entre todas as criaturas. Livre de todas as impressões, privado de todos os pares de opostos, livre de todos os pecados, ele alcança a meta mais sublime. O chefe de família, o Brahmacharin, o asceta da floresta e o mendicante, todos esses quatro modos de vida foram considerados como tendo o modo do chefe de família como sua fundação. Qualquer sistema de regras que seja prescrito neste mundo, seu cumprimento é benéfico. Tal cumprimento sempre é citado favoravelmente. Aquele que foi primeiro purificado por cerimônias, que tem cumprido votos adequadamente, que pertence em relação a nascimento a uma linhagem possuidora de qualificações superiores, e que compreende os Vedas, deve retornar (da casa de seu preceptor). (Significando que ele deve ir para a casa de seu preceptor, estudar e servir lá, e depois de completar seu curso, retornar para levar uma vida familiar.) Sempre devotado à sua esposa, se comportando da mesma maneira dos bons, com seus sentidos sob subjugação, e cheio de fé, ele deve neste mundo realizar os cinco sacrifícios. Aquele que come o que resta depois de alimentar divindades e convidados, que é dedicado ao cumprimento de ritos Védicos, que realiza devidamente de acordo com seus recursos sacrifícios e doações, que não é indevidamente ativo com suas mãos e pés, que não é indevidamente ativo com seus olhos, que é dedicado às penitências, que não é indevidamente ativo com sua fala e limites, está incluído na categoria de Sishta ou os bons. Ele deve sempre portar o fio sagrado, usar roupas brancas (limpas), cumprir votos puros, e deve sempre se associar com homens bons, fazendo doações e praticando autodomínio. Ele deve subjugar sua luxúria e o estômago, praticar compaixão universal, e ser caracterizado por comportamento que condiz com aos bons. Ele deve sempre levar o bastão de bambu, e um pote de água cheio com água. Tendo estudado, ele deve ensinar; igualmente também ele mesmo deve fazer sacrifícios e oficiar nos sacrifícios de outros. Ele deve também fazer doações feitas para ele mesmo. Na verdade, a conduta de alguém deve ser caracterizada por essas seis ações. Saibam que três dessas ações devem constituir o meio de vida dos Brahmanas, isto é, ensinar (pupilos), oficiar nos sacrifícios de outros, e a aceitação de doações de uma pessoa que é pura. Quanto aos outros deveres que restam, numerando três, isto é, fazer doações, estudo, e sacrifício, esses são acompanhados por mérito. (Os três últimos produzem mérito e devem, portanto, ser realizados. Os primeiros três, no entanto, são fontes de sustento.) Praticante de penitências, autocontrolado, praticando compaixão e perdão universais, e olhando para todas as criaturas com um olhar imparcial, o homem que está familiarizado com os deveres nunca deve estar desatento com relação àquelas três ações. O Brahmana erudito de coração puro,

que cumpre o modo de vida familiar e pratica votos rígidos, assim devotado e assim cumprindo todos os deveres da melhor maneira que pode, consegue conquistar o Céu.'"

46

"Brahmana disse, 'Estudando assim regularmente ao melhor de seu poder, da maneira descrita acima, e igualmente vivendo como um Brahmacharin, alguém que é dedicado aos deveres de sua própria classe, possuidor de instrução, praticante de penitências, e com todos os sentidos sob restrição, dedicado ao que é agradável e benéfico para o preceptor, firme em praticar o dever de veracidade, e sempre puro, deve, com a permissão do preceptor, comer seu alimento sem depreciá-lo. Ele deve comer Havishya feito do que é obtido em esmolas, e deve levantar, sentar, e se exercitar (como ordenado). (Havishya é alimento cozido de uma maneira específica e oferecido para as divindades. Ele deve ser livre de carne. Pode haver leite ou ghee nele, mas o cozimento deve ser feito em uma única panela ou recipiente continuamente; nenhuma mudança de recipientes é permitida.) Ele deve derramar libações no fogo duas vezes ao dia, tendo se purificado e com a mente concentrada. Ele deve sempre portar um bastão feito de Vilwa ou Palasa. (Vilwa é a Aegle marmelos, e Palasa é a Butea frondosa de Roxburgh.) Os mantos do homem regenerado devem ser de linho, ou de algodão, ou de pele de veado, ou de um tecido seja totalmente vermelho-pardo. Deve haver também um cinto feito de grama-Munja. Ele deve ter madeixas emaranhadas na cabeça, e deve realizar suas abluções todo dia. Ele deve portar o fio sagrado, estudar as escrituras, se privar da cobiça, e ser firme no cumprimento de votos. Ele deve também gratificar as divindades com oblações de água pura, com sua mente controlada. Tal Brahmacharin é digno de elogio. Com a semente vital parada e mente concentrada, alguém que é assim devotado consegue conquistar o Céu. Tendo alcançado ao assento mais elevado, ele não tem que voltar ao nascimento. Purificado por todos os ritos purificatórios e tendo vivido como um Brahmacharin, ele deve logo sair de sua aldeia e viver em seguida como um asceta nas florestas, tendo renunciado (a todas as atrações). Vestido em peles de animais ou cascas de árvores ele deve realizar suas abluções de manhã e à noite. Sempre vivendo dentro da floresta, ele nunca deve voltar para um lugar habitado. Honrando convidados quando eles chegam, ele deve lhes dar abrigo, e ele mesmo subsistir de frutas e folhas e raízes comuns, e Syamaka. Ele deve, sem ser indolente, subsistir de água tal como ele consegue, e do ar, e de todos os produtos da floresta. Ele deve viver destes, na devida ordem, segundo os regulamentos da sua iniciação. (A princípio ele deve viver de frutas e raízes e folhas, etc. Em seguida de água, e então do ar. Há diferentes facções de ascetas da floresta. O rumo de vida é determinado no momento dos ritos iniciatórios.) Ele deve honrar o convidado que vai a ele com esmolas de frutas e raízes. Ele deve então, sem preguiça, sempre dar qualquer outro alimento que ele possa ter. Enquanto reprime as palavras, ele deve comer depois de satisfazer divindades e convidados. Sua mente deve ser livre de inveja. Ele deve comer pouco, e depender sempre das divindades. Autocontrolado, praticando compaixão

universal, e possuidor de clemência, ele deve usar barba e cabelo (sem se submeter às operações do barbeiro). Realizando sacrifícios e se dedicando ao estudo das escrituras, ele deve ser firme no cumprimento do dever de sinceridade. Com corpo sempre em um estado de pureza, dotado de inteligência, sempre residindo na floresta, com mente concentrada, e sentidos em submissão, um asceta da floresta, se dedicando dessa maneira, conquistaria o Céu. Um chefe de família, ou Brahmacharin, ou asceta da floresta que desejar alcançar a Emancipação, deve recorrer àquela que é chamada de a melhor direção de conduta. Tendo concedido para todas as criaturas o penhor da completa abstenção de mal, ele deve renunciar completamente a toda ação. Ele deve contribuir para a felicidade de todas as criaturas, praticar cordialidade universal, subjugar todos os seus sentidos, e ser um asceta. Subsistindo de alimento obtido sem pedir e sem incômodo, e que veio a ele espontaneamente, ele deve fazer um fogo. Ele deve fazer sua ronda de mendicância em um local onde a fumaça cessou de espiralar e onde todos os habitantes já comeram. (O Sannyasin não deve pedir esmolas, ou, se ele alguma vez procurar por esmolas, ele deve procurá-las em uma vila ou casa onde a comida já tenha sido feita e onde todos já comeram. Esta limitação é estipulada, pois caso contrário o Sannyasin pode ser alimentado até sua saciedade pelo chefe de família que o vê.) A pessoa que está familiarizada com a conduta que leva à Emancipação deve procurar por esmolas depois que os recipientes (usados para cozinhar) tenham sido lavados. Ele nunca deve se regozijar quando obtiver alguma coisa, e nunca ficar deprimido se ele não obtiver nada. Procurando somente o que é necessário para manter a vida, ele deve, com mente concentrada, fazer sua ronda de mendicância, esperando pelo momento apropriado. Ele não deve desejar por lucros em comum com outros, nem comer quando honrado. O homem que leva a vida de mendicância deve se esconder para evitar doações com honra. Enquanto comendo, ele não deve comer tal alimento que constitui os restos do prato de outro, nem que é amargo, ou adstringente, ou pungente. Ele não deve também comer tais tipos de comida que tenham um sabor doce. Ele deve comer somente tanto quanto é necessário para se manter vivo. A pessoa familiarizada com a Emancipação deve obter sua subsistência sem obstruir nenhuma criatura. Em suas rondas de mendicância ele nunca deve seguir outro (inclinado ao mesmo propósito). Ele nunca deve ostentar sua piedade; ele deve se mover em um lugar retirado, livre de paixão. Para se abrigar ele deve recorrer a uma casa vazia, ou a uma floresta, ou ao pé de uma árvore, ou a um rio, ou a uma caverna de montanha. No verão ele deve passar uma única noite em um lugar habitado; na estação das chuvas ele pode viver em um local. Ele deve se mover pelo mundo como um verme, seu caminho indicado pelo Sol. Por compaixão pelas criaturas, ele deve andar sobre a Terra com seus olhos dirigidos para ela. Ele nunca deve fazer quaisquer acumulações e deve evitar residência com amigos. O homem familiarizado com a Emancipação deve todos os dias fazer todas as suas ações com água pura. Tal homem deve sempre realizar suas abluções com água que foi buscada (do rio ou do tanque). (Ele nunca deve mergulhar em um rio ou lago ou reservatório para se banhar.) Abstenção de mal, Brahmacharya, veracidade, simplicidade, liberdade de ira, liberdade de execrar outros, autocontrole, e liberdade habitual de maledicência: esses oito votos, com sentidos contidos, ele deve seguir firmemente. Ele deve

sempre praticar um modo de conduta impecável, que não seja enganador nem desonesto. Livre de apegos, ele deve sempre fazer alguém que chega como um convidado comer (pelo menos) um bocado de alimento. Ele deve comer somente o suficiente para o sustento, para a manutenção da vida. Ele deve comer somente tal comida que foi obtida por meios justos, e não seguir os ditames do desejo. Ele nunca deve aceitar outra coisa a não ser alimento e roupa somente. Ele deve, além disso, aceitar somente tanto quanto ele possa comer e nada mais. Ele não deve ser induzido a aceitar doações de outros, nem ele deve fazer doações para outros. Devido ao desamparo das criaturas, o homem de sabedoria deve sempre partilhar com outros. Ele não deve se apropriar do que pertence a outros, nem deve pegar alguma coisa sem ser pedido. Ele não deve, tendo desfrutado de alguma coisa, ficar tão apegado a ela quanto a desejar tê-la mais uma vez. Ele deve pegar somente terra e água e seixos e folhas e flores e frutos, que não sejam possuídos por ninguém, quando eles estão disponíveis, quando ele deseja fazer alguma ação. Ele não deve viver pela ocupação de um artesão, nem ele deve cobiçar ouro. Ele não deve odiar, nem ensinar (alguém que não procura ser ensinado); nem ele deve ter quaisquer pertences. Ele deve comer somente o que está consagrado pela fé. Ele deve se abster de controvérsias. Ele deve seguir aquela direção de conduta que é mencionada como sendo nectária. Ele nunca deve ser ligado a alguma coisa, e nunca deve estabelecer relações de intimidade com nenhuma criatura. Ele não deve realizar, nem causar a realização, de alguma ação que envolva expectativa de resultado ou destruição de vida ou a armazenagem de riqueza ou artigos. Rejeitando todos os objetos, contente com muito pouco, ele deve vagar (sem lar) adotando um comportamento imparcial para com todas as criaturas móveis e imóveis. Ele nunca deve aborrecer outro ser; nem deve se aborrecer com outro. Aquele que tem a confiança de todas as criaturas é considerado como a principal daquelas pessoas que compreendem a Emancipação. Ele não deve pensar no passado, nem se sentir ansioso sobre o futuro. Ele deve desconsiderar o presente, aguardando o tempo (isto é, permitindo que o tempo passe indiferentemente por ele), com mente concentrada. Ele nunca deve macular alguma coisa pelos olhos, mente, ou palavras. Nem ele deve fazer qualquer coisa que seja errada, abertamente ou em segredo. Retraindo seus sentidos como a tartaruga recolhendo seus membros, ele deve atenuar seus sentidos e mente, cultivar uma compreensão completamente pacífica, e procurar dominar todo tópico. Livre de todos os pares de opostos, nunca curvando sua cabeça em reverência, se abstendo dos ritos que requerem a expressão vocal de Swaha, ele deve ser livre do sentimento de posse e egoísmo. Com alma purificada, ele nunca deve procurar adquirir o que ele não tem e proteger o que ele tem. Livre de expectativas, desprovido de qualidades, ligado à tranquilidade, ele deve ser livre de todos os vínculos e não deve depender de ninguém. Ligado a si mesmo e compreendendo todos os tópicos, ele se torna emancipado sem dúvida. Aqueles que percebem o eu, o qual não tem mãos e pés e costas, que não tem cabeça e estômago, que está livre da operação de todas as qualidades, que é absoluto, imaculado, e estável, que não tem cheiro, nem gosto e tato, nem cor, e nem som; que é para ser compreendido (por estudo atento), que é livre, que é sem carne, que é livre de ansiedade, imperecível, e divino, e, por fim, que embora residindo em uma casa reside em todas as criaturas, consegue escapar da morte.

Lá a compreensão não alcança, nem os sentidos, nem as divindades, nem os Vedas, nem sacrifícios, nem as regiões (de felicidade superior), nem penitências, nem votos. É dito que o alcance disto por aqueles que possuem conhecimento é sem a compreensão de símbolos. Por isso, o homem que conhece as propriedades daquilo que é desprovido de símbolos deve praticar as verdades da piedade. (O sentido parece ser este; o eu ou alma é sem qualidades. Aquele que conhece o eu, ou melhor, aquele que busca o eu com o desejo de conhecê-lo, deve praticar as verdades da Piedade como declaradas acima. Elas constituem o caminho que leva ao eu.) O homem erudito, se dirigindo a uma vida familiar, deve adotar aquela conduta que é harmoniosa com o conhecimento verdadeiro. Embora não iludido, ele deve praticar piedade do mesmo modo de alguém que é iludido, sem encontrar defeito nisso. Sem encontrar falha nas práticas dos bons, ele mesmo deve adotar tal conduta para praticar piedade que possa induzir outros a sempre desconsiderá-lo. O homem que é dotado de tal conduta é citado como o principal dos ascetas. Os sentidos, os objetos dos sentidos, os (cinco) grandes elementos, mente, compreensão, egoísmo, o imanifesto, Purusha também, depois de compreender esses devidamente com a ajuda de inferências corretas, ele alcança o Céu, livre de todos os grilhões. Alguém familiarizado com a verdade, compreendendo esses no tempo do término de sua vida, deve meditar, se apoiando unicamente em um ponto. Então, dependendo de ninguém, ele chega à Emancipação. Livre de todos os vínculos, como o vento no espaço, com suas acumulações esgotadas, sem angústia de qualquer tipo, ele alcança sua meta mais sublime.'"

47

"Brahmana disse, 'Os antigos, que eram proferidores de verdade indubitável, dizem que Renúncia é penitência. Brahmanas, se apoiando naquilo que tem Brahman como sua origem (os Vedas), entendem o Conhecimento como sendo Brahman sublime. Brahman está à grande distância, e sua realização depende de um conhecimento dos Vedas. Ele é livre de todos os pares de opostos, ele é desprovido de todas as qualidades; ele é eterno; ele é dotado de qualidades impensáveis: ele é supremo. É pelo conhecimento e penitência que aqueles dotados de sabedoria contemplam aquilo que é o mais sublime. Realmente, aqueles que são de mente pura, que estão purificados de todo pecado, e que transcenderam toda paixão e ignorância (conseguem contemplá-lo). Aqueles que estão sempre dedicados à renúncia, e que estão familiarizados com os Vedas, conseguem chegar ao Senhor supremo que é idêntico ao caminho da felicidade e paz, pela ajuda da penitência. Penitência, isto é dito, é luz. Conduta leva à piedade. Conhecimento é citado como o mais elevado. Renúncia é a melhor penitência. Aquele que compreende a si mesmo por meio de determinação exata de todos os tópicos, que é impassível, que é idêntico ao Conhecimento, e que reside em todos os entes, consegue ir a todos os lugares. O homem erudito que vê associação, e separação, e unidade na diversidade, é libertado da miséria. Aquele que nunca deseja nada, que não despreza nada, se torna qualificado, mesmo enquanto morando neste mundo, para assimilação com Brahman. Aquele

que conhece as verdades sobre as qualidades de Pradhana, e compreende o Pradhana como existindo em todas as entidades, que está livre do sentimento de posse e egoísmo, sem dúvida se torna emancipado. Aquele que está livre de todos os pares de opostos, que não curva sua cabeça para ninguém, que transcendeu os ritos de Swadha, consegue somente pela ajuda da tranquilidade chegar àquilo que é livre dos pares de opostos, que é eterno, e que é desprovido de qualidades. Abandonando todas as ações, boas ou más, desenvolvidas das qualidades, e rejeitando verdade e falsidade, uma criatura, sem dúvida, se torna emancipada. Tendo o imanifesto como a semente de sua origem, com a compreensão como seu tronco, com o grande princípio de egoísmo como seu grupo de galhos, com os sentidos como as cavidades dos seus pequenos brotos, com os (cinco) grandes elementos como seus ramos grandes, os objetos dos sentidos como seus ramos menores, com folhas que estão sempre presentes, com flores que sempre a enfeitam e com frutos agradáveis e desagradáveis sempre produzidos, é a árvore eterna de Brahman que forma o sustento de todas as criaturas. Cortando e trespassando aquela árvore com conhecimento da verdade como a espada, o homem de sabedoria, abandonando os vínculos que são feitos de apego e que causam nascimento, decrepitude e morte, e se livrando do sentimento de posse e egoísmo, sem dúvida se torna emancipado. Estas são as duas aves, que são imutáveis, que são amigas, e que devem ser conhecidas como ininteligentes. Aquela outra que é diferente destas duas é chamada de Inteligente. Quando o eu interno, o qual é desprovido de conhecimento da natureza, que é (por assim dizer) ininteligente, se torna familiarizado com aquilo que está acima da natureza, então, compreendendo o Kshetra, e dotado de uma inteligência que transcende todas as qualidades e compreende tudo, alguém vem a ser libertado de todos os pecados.'"

48

"Brahmana disse, 'Alguns consideram Brahman como uma árvore. Alguns consideram Brahman como uma grande floresta. Alguns consideram Brahman como imanifesto. Alguns o consideram como transcendente e livre de toda aflição. Eles pensam que tudo isso é produzido de e absorvido no imanifesto. Aquele que, mesmo pelo curto espaço de tempo que é tomado por uma única respiração, quando chega seu fim, se torna equânime, chegando ao eu, se qualifica para a imortalidade. Reprimindo o eu no eu, mesmo pelo espaço de um abrir e fechar de olhos, ele vai, devido à tranquilidade do eu, para aquilo que constitui a aquisição inesgotável daqueles que são dotados de conhecimento. Reprimindo os ares vitais repetidas vezes por controlá-los de acordo com o método chamado Pranayama, pelos dez ou os doze, ele atinge aquilo que está além dos vinte e quatro. Dessa maneira tendo primeiro obtido uma alma tranquila, ele obtém a realização de todos os seus desejos. (De acordo com Nilakantha os dez significam as oito características do Yoga, isto é, Yama, Niyama, Asana, Pranayama, Pratyahara, Dharana, Dhyana, Samadhi, mais Tarka e Vairagya. Os doze significam os primeiros oito e estes quatro, isto é, Maitri, Karuna, Mudita, e Upeksha. Se dez mais doze ou vinte e dois forem considerados, então aquele número seria

composto pelos cinco modos de Yama, os cinco de Niyama, os restantes seis de Yoga começando com Asana e terminando com Samadhi, e os quatro começando com Maitri, mais os dois, isto é, Tarka e Vairagya.) Quando a qualidade de Bondade predomina naquilo que surge do Imanifesto, ele se torna preparado para a imortalidade. Aqueles que estão familiarizados com a Bondade a elogiam muito, dizendo que não há nada superior à Bondade. Por inferência nós sabemos que Purusha é dependente da Bondade. Ó melhores dos regenerados, é impossível alcançar Purusha por qualquer outro meio. Perdão, coragem, abstenção de mal, equanimidade, verdade, sinceridade, conhecimento, caridade, e renúncia, são citadas como as características daquele rumo de conduta que surge da Bondade. É por essa inferência que os sábios crêem na identidade de Purusha e Bondade. Não há dúvida nisso. Alguns homens eruditos que são devotados ao conhecimento afirmam a unidade de Kshetrajna e Natureza. Isso, no entanto, não é correto. É dito que a Natureza é diferente de Purusha: isso também implicaria em uma falta de consideração. Realmente, distinção e associação devem ser reconhecidas (como se aplicando à Purusha e Natureza). Unidade e diversidade são igualmente declaradas. Essa é a doutrina dos eruditos. No Mosquito e Udumbara unidade e diversidade são vistas. Como um peixe na água é diferente dela, tal é a relação dos dois (isto é, Purusha e Natureza). Na verdade, sua relação é como aquela das gotas de água na folha do lótus.'"

(O que é dito nessa Lição parece ser isto: o Imanifesto ou Prakriti é aquela condição na qual todas as três qualidades de Bondade, Paixão, e Ignorância existem em um estado de combinação. O imanifesto é a condição existente antes da criação. Quando uma qualidade específica, isto é, Bondade, prevalece sobre as outras, lá surge Purusha, isto é, aquele de quem tudo flui. A relação de Purusha e Natureza é unidade e diversidade. As três ilustrações do Mosquito e Udumbara e o peixe e água, e gotas de água e a folha de lótus explicam a relação entre Purusha e Natureza. Ele está na Natureza, porém é diferente dela. Há associação e dissociação.)

"O preceptor continuou, 'Assim endereçados, aqueles Brahmanas eruditos, que eram os principais dos homens, sentiram algumas dúvidas e (portanto) eles mais uma vez questionaram o Avô (de todas as criaturas).'"

49

"Os Rishis disseram, 'Qual entre os deveres é considerado como o mais digno de ser realizado? Os diversos modos de dever, nós vemos, são contraditórios. Alguns dizem que (ele permanece) depois do corpo (ser destruído). Outros dizem que ele não existe. Alguns dizem que tudo é duvidoso. Outros não têm dúvidas. (As dúvidas se referem aos deveres, se eles devem ser feitos ou não, e se eles têm quaisquer efeitos aqui e após a morte.) Alguns dizem que o (princípio) eterno não é eterno. Alguns dizem que ele existe, e alguns que ele não existe. Alguns dizem que ele é de uma forma, ou duplo, e outros que ele é mesclado. Alguns Brahmanas conhecedores de Brahman e proferidores da verdade o consideram como sendo único. Outros, que ele é distinto; e outros também que ele é

multiforme. Alguns dizem que tempo e espaço existem; outros, que isso não é assim. Alguns têm cabelos emaranhados em suas cabeças e estão vestidos em peles de veado. Outros têm cabeças raspadas e andam totalmente nus. Alguns são a favor da total abstenção de banho, e alguns a favor do banho. Tais diferenças de opiniões podem ser vistas entre divindades e Brahmanas conhecedores de Brahman e dotados de percepções da verdade. Alguns são a favor da alimentação; enquanto alguns são dedicados aos jejuns. Alguns louvam a ação; outros louvam a tranquilidade perfeita. Alguns louvam a Emancipação; alguns, vários tipos de prazeres. Alguns desejam diversos tipos de riqueza; alguns, a pobreza. Alguns dizem que os meios devem ser usados; outros, que isso não é assim. Alguns são devotados a uma vida de abstenção de mal; outros são dedicados à destruição. Alguns são a favor de mérito e glória, outros dizem que não é assim. Alguns são dedicados à bondade; outros estão estabelecidos na dúvida. Alguns são em prol do prazer; alguns são em prol da dor. Outras pessoas dizem que ele é meditação. Outros Brahmanas eruditos dizem que ele é Sacrifício. Outros, além disso, dizem que ele é caridade. Outros louvam penitências; outros, o estudo das escrituras. Alguns dizem que conhecimento e renúncia (devem ser seguidos). Outros que ponderam sobre os elementos dizem que ele é Natureza. Alguns exaltam tudo; outros, nada. Ó principal das divindades, o dever sendo assim confuso e cheio de contradições de vários tipos, nós estamos iludidos e incapazes de chegar a alguma conclusão. Pessoas defendem a ação, dizendo, 'Isto é bom', 'Isto é bom.' Aquele que é apegado a certo dever louva aquele dever como o melhor. Por essa razão nossa compreensão sucumbe e nossa mente está distraída. Nós, portanto, desejamos, ó melhor de todos os seres, saber o que é bom. Cabe a ti declarar para nós, depois disso, o que é (tão) misterioso, e que é a causa da conexão entre o Kshetrajna e a Natureza.' Assim endereçado por aqueles Brahmanas eruditos, o ilustre criador dos mundos, dotado de grande inteligência e possuidor de uma alma justa, declarou para eles com exatidão o que eles perguntaram.'"

50

"Brahmana disse, 'Bem, então eu declararei para vocês o que vocês perguntaram. Saibam o que foi dito por um preceptor para um discípulo que foi até ele. Ouvindo tudo isso, decidam apropriadamente (o que isso deve ser). Abstenção de fazer mal para qualquer criatura é considerada com o principal de todos os deveres. Esta é a base mais elevada, livre de ansiedade e constituindo uma indicação de santidade. Os antigos que eram observadores da verdade incontestável, disseram que o conhecimento é a felicidade mais sublime. Por isso, uma pessoa vem a ser libertada de todos os pecados pelo conhecimento puro. Aqueles que são dedicados à destruição e mal, aqueles que são infiéis em conduta, têm que ir para o Inferno por serem dotados de cobiça e ilusão. Aqueles que, sem procrastinação, realizam ações, impelidos a isso pela expectativa vêm a renascer repetidamente neste mundo e passam seu tempo em alegria. Aqueles homens que, dotados de erudição e sabedoria, realizam atos com fé, livres de expectativas, e possuidores de concentração mental, são citados como

percebendo claramente. Eu irei, depois disso, revelar como ocorre a associação e a separação de Kshetrajna e Natureza. Ó melhores dos homens, escutem. A relação aqui é citada como sendo aquela entre o objeto e o sujeito. (O agente que pensa e desfruta é o sujeito, e aquilo que é pensado ou desfrutado é o objeto.) Purusha é sempre o sujeito; e a Natureza é citada como sendo o objeto. Foi explicado, pelo que foi dito em uma parte anterior do discurso onde isto foi indicado, que eles existem da mesma maneira do Mosquito e o Udumbara. Um objeto de prazer como ela é, a Natureza é ininteligente e não conhece nada. Aquele, no entanto, que desfruta dela é citado como aquele que a conhece. Kshetrajna sendo desfrutador, a Natureza é desfrutada. Os sábios dizem que a Natureza é sempre composta de pares de opostos (e consiste em qualidades). Kshetrajna é, por outro lado, desprovido de pares de opostos, desprovido de partes, eterno, e livre, com relação à sua essência, de qualidades. Ele reside em tudo igualmente, e caminha, com conhecimento. Ele sempre desfruta da Natureza, como uma folha de lótus (desfruta) da água. Possuidor de conhecimento, ele nunca é maculado mesmo se trazido em contato com todas as qualidades. Sem dúvida, Purusha é livre como uma gota de água oscilante na folha do lótus. Esta é a conclusão certa (das escrituras): que a Natureza é a propriedade de Purusha. A relação entre esses dois (Purusha e Natureza) é como aquela que existe entre a matéria e seu fabricante. Como alguém entra em um local escuro levando uma luz com ele, assim mesmo aquele que deseja o Supremo procede com a luz da Natureza; (isto é, com o conhecimento da verdade que é adquirido através da Natureza). Contanto que matéria e qualidade (que são como óleo e pavio) existam, a luz brilha. A chama, no entanto, se extingue quando matéria e qualidade (ou óleo e pavio) estão esgotadas. Assim a Natureza é manifesta; enquanto Purusha é citado como imanifesto. Entendam isso, ó Brahmanas eruditos. Bem, eu agora direi a vocês algo mais. Mesmo com mil (explicações), alguém que tem uma compreensão ruim não consegue adquirir conhecimento. Alguém, no entanto, que é dotado de inteligência consegue obter felicidade, somente através de uma quarta parte (de explicações). Dessa maneira a realização do dever deve ser compreendida como dependente dos meios. Pois o homem de inteligência, tendo conhecimento dos meios, consegue chegar à felicidade suprema. Como um homem viajando por uma estrada sem provisões para sua viagem procede com grande desconforto e pode até encontrar com a destruição antes que ele alcance o fim de sua viagem, assim mesmo deve ser sabido que más ações podem não ser frutos. (Alguém que procede em uma jornada deve se abastecer com os recursos necessários, do contrário ele sem dúvida sofrerá desconforto ou até encontrará com a destruição. Dessa maneira, na jornada da vida, uma pessoa deve se munir com conhecimento como os recursos. Ela pode então evitar todo desconforto e perigo. Ação não constitui os recursos adequados. Ela pode ou não produzir resultados.) O exame do que é agradável e do que é desagradável em si mesmo é produtivo de benefício; (isto é, alguém não deve se preocupar muito com o exterior). O progresso na vida de um homem que é privado da percepção da verdade é como aquele de um homem que viaja temerariamente em uma longa estrada não vista antes. O progresso, no entanto, daqueles que são dotados de inteligência é como aquele de homens que viajam pela mesma estrada, sobre um carro ao qual estão unidos corcéis (velozes) e que

se move com rapidez. Tendo subido ao topo de uma montanha, uma pessoa não deve lançar seu olhar sobre a superfície da terra. (Isto é, alguém não precisa fazer ações ordenadas pelas escrituras depois de ter obtido conhecimento o qual é a base mais elevada.) Vendo um homem, ainda que esteja viajando em um carro, afligido e tornado insensível pela dor, o homem de inteligência viaja em um carro contanto que haja um caminho para carro. (Proceder em um carro pode nem sempre ser confortável. Contanto que haja um caminho para carros, uma pessoa deve viajar em seu carro. Se, no entanto, a estrada for de tal maneira que não seja adequada para um carro proceder ao longo dela, deve-se evitar um carro ao ir através dela, pois o carro em vez de levar ao conforto, iria, em tal caminho, ser produtivo somente de desconforto.) O homem de erudição, quando ele vê o caminho de carro terminar, abandona seu carro para seguir em frente. Assim mesmo procede o homem de inteligência que conhece as ordenanças a respeito da Verdade e Yoga (ou Conhecimento e Devoção). Conhecedor das qualidades, tal homem prossegue, compreendendo o que é seguinte e seguinte; (isto é, primeiro ação com desejo; então ação sem desejo; então conhecimento). Como alguém que mergulha, sem um barco, no oceano terrível, somente com seus dois braços, devido à ilusão, sem dúvida deseja a destruição; enquanto o homem de sabedoria, familiarizado com as distinções, entra na água com um barco equipado com remos, e logo cruza o lago sem fadiga, e tendo-o atravessado alcança a outra margem e rejeita o barco, livre do pensamento de meu. Isto realmente já foi explicado pelo exemplo do carro e do pedestre. Alguém que foi dominado pela ilusão por causa do apego, adere a isso como um pescador ao seu barco. Dominado pela idéia de meu, ele vaga dentro de sua área estreita. Depois de embarcar em um barco não é possível se mover em terra. Similarmente, não é possível se mover na água depois de alguém ter subido em um carro. Assim há várias ações com relação a vários objetos. E como ação é realizada neste mundo, assim ela resulta para aqueles que as realizam. Aquilo que é desprovido de odor, desprovido de sabor, e desprovido de tato e som, aquilo que é meditado pelos sábios com a ajuda de sua compreensão, é dito que é Pradhana. Agora, Pradhana é imanifesto. Um desenvolvimento imanifesto é Mahat. Um desenvolvimento de Pradhana quando ele se tornou Mahat é Egoísmo. Do egoísmo é produzido o desenvolvimento chamado de os grandes elementos. E dos grandes elementos respectivamente, os objetos dos sentidos são citados como sendo os desenvolvimentos. O imanifesto é da natureza da semente. Ele é produtivo em sua essência. É sabido por nós que a grande alma tem as virtudes de uma semente, e que é um produto. Egoísmo é da natureza da semente e é um produto frequentemente. E os cinco grandes elementos são da natureza da semente e produtos. Os objetos dos cincos grandes elementos são dotados da natureza da semente, e produzem produtos. Esses têm Chitta como sua propriedade. Entre eles, o espaço tem uma qualidade; o vento é citado como tendo duas. Luz, é dito, é dotada de três qualidades; e água como possuidora de quatro qualidades. Terra, abundando com móveis e imóveis, deve ser conhecida como possuidora de cinco qualidades. Ela é uma deusa que é a fonte de todos os entes e abunda com exemplos do agradável e do desagradável. Som, igualmente toque, cor, sabor, e odor numerando o quinto, essas são as cinco qualidades da terra, ó principais das pessoas regeneradas. O odor sempre pertence à terra, e o odor é citado como

sendo de vários tipos. Eu irei explicar detalhadamente as numerosas qualidades do odor. O odor é agradável ou desagradável, doce, azedo, pungente, difusivo e compacto, oleoso e seco, e puro. Assim o odor, que pertence à terra, deve ser conhecido como de dez tipos. Som, toque, igualmente cor, e sabor são mencionadas como as qualidades da água. Eu agora falarei das qualidades do sabor. O sabor é citado como sendo de vários tipos. Doce, azedo, pungente, amargo, adstringente, e salino igualmente. O sabor, o qual é citado como pertencente à água, é assim de seis variedades. Som, toque, e igualmente cor, essas são as três qualidades que a luz é citada como sendo possuidora. Cor é a qualidade da luz, e a cor é de vários tipos. Branca, escura, igualmente vermelha, azul, amarela, e cinzenta também, e curta, longa, miúda, bruta, quadrada e circular, dessas doze variedades é a cor a qual pertence à luz. Essas devem ser compreendidas por Brahmanas veneráveis por idade, conhecedores dos deveres, e sinceros em palavras. Som e toque devem ser conhecidos como as duas qualidades do vento. O toque é de vários tipos. Áspero, frio e igualmente quente, tenro e limpo, duro, oleoso, liso, escorregadio, doloroso e macio, de doze tipos é o toque, o qual é a qualidade do vento, como dito por Brahmanas coroados com sucesso, familiarizados com os deveres, e possuidores de uma visão da verdade. Agora o espaço tem uma única qualidade, e é dito que esta é o som. Eu falarei finalmente das numerosas qualidades do som. Shadaja, Rishabha, junto com Gandhara, Madhyama, e igualmente Panchama; depois disso deve ser conhecido Nishada, e então Dhaivata. (Essas são as notas da Escala Musical Hindu.) Além desses, há sons agradáveis e sons desagradáveis, breves, e de muitos ingredientes. Som o qual é nascido do espaço deve ser assim conhecido como de dez tipos. O Espaço é o maior dos (cinco) elementos. O egoísmo está acima dele. Acima do egoísmo está a compreensão. Acima da compreensão está a alma. Acima da alma está o Imanifesto. Acima do Imanifesto está Purusha. Alguém que sabe qual é superior e inferior entre as criaturas existentes, que está familiarizado com as ordenanças a respeito de todas as ações, e que constitui ele mesmo a alma de todas as criaturas, alcança a Alma Imperecível.'"

51

"Brahmana disse, 'Já que a mente é o soberano destes cinco elementos, na questão de controlá-los e produzi-los, a mente, portanto, é a alma dos elementos. A mente sempre preside sobre os grandes elementos. A compreensão manifesta poder, e é chamada de Kshetrajna. (A compreensão opera sobre o que é colocado perante ela pela mente. A compreensão é, portanto, por assim dizer, o senhor exercendo poder ou soberania, sendo servido pela mente.) A mente atrela os sentidos como um cocheiro atrela bons corcéis. Os sentidos, a mente, e a compreensão estão sempre unidos ao Kshetrajna. A alma individual, montando na carruagem à qual grandes corcéis estão unidos e que tem a compreensão como as rédeas, passeia por todos os lados. Com todos os sentidos ligados a ele (como corcéis), com a mente como o cocheiro, e a compreensão como as rédeas eternas, existe o grande carro-Brahman. Realmente, aquele homem dotado de erudição e sabedoria que sempre compreende o carro-Brahman dessa maneira,

nunca é dominado pela ilusão no meio de todas as entidades. Esta floresta de Brahman começa com o Imanifesto e termina com os objetos grosseiros. Ela inclui entes móveis e imóveis, e recebe luz da radiância do sol e da lua, e é adornada com planetas e constelações. Ela é adornada, além disso, por todos os lados por redes de rios e montanhas. Ela está sempre embelezada igualmente por diversos tipos de águas. Ela é os meios de subsistência para todas as criaturas. Ela é, além disso, a meta de todas as criaturas vivas. Naquela floresta o Kshetrajna sempre se move. Quaisquer entes que existam neste mundo, móveis e imóveis, são exatamente os primeiros a serem dissolvidos. Depois disso (são dissolvidas) aquelas qualidades que compõem todos os entes. Depois das qualidades (são dissolvidos) os cinco elementos. Tal é a gradação de entes. Deuses, homens, Gandharvas, Pisachas, Asuras, e Rakshasas, todos surgiram da Natureza, e não de ações, não de uma causa. Os Brahmanas, que são os criadores do universo, nascem aqui repetidas vezes. Tudo o que surge deles se dissolve, quando chega o momento, naqueles mesmos cinco grandes elementos como vagalhões no oceano. Todos os grandes elementos estão além daqueles elementos que compõem o universo. Aquele que está livre daqueles cinco elementos vai para a meta mais elevada. O pujante Prajapati criou tudo isto por meio da mente somente. Da mesma maneira Rishis chegaram à posição de divindades pela ajuda da penitência. Da mesma maneira, aqueles que alcançaram a perfeição, que são capazes da concentração de Yoga, e que subsistem de frutas e raízes, igualmente percebem o mundo triplo por meio da penitência. Medicamentos e ervas e todas as diversas ciências são adquiridas somente por meio da penitência, pois toda aquisição tem penitência para sua causa. O que quer que seja de aquisição difícil, difícil de aprender, difícil de vencer, difícil de transpor, são todos realizáveis pela penitência, pois a penitência é irresistível. Alguém que bebe licores alcoólicos, alguém que mata um Brahmana, alguém que rouba, alguém que destrói um feto, alguém que viola o leito de seu preceptor, vem a ser purificado de tal pecado por meio de penitência bem realizada. Seres humanos, Pitris, divindades, animais (sacrificais), animais e aves, e todas as outras criaturas móveis e imóveis, por sempre se dedicarem às penitências, se tornam coroados com êxito somente pela penitência. De modo semelhante, as divindades, dotadas de grandes poderes de ilusão, alcançaram o Céu. Aqueles que sem ociosidade realizam ações com expectativas, sendo cheios de egoísmo, se aproximam da presença de Prajapati. Aqueles de grande alma, no entanto, que são desprovidos do sentimento de posse e livres de egoísmo através da pura contemplação de Yoga, chegam às regiões grandiosas e mais sublimes. Aqueles que melhor compreendem o eu, tendo atingido a contemplação de Yoga e tendo suas mentes sempre alegres, entram na acumulação imanifesta de felicidade. Aquelas pessoas que estão livres da idéia de meu como também do egoísmo e que nascem depois de terem chegado à plenitude da contemplação Yoga, entram (quando eles partem desta vida) na região sublime reservada para os grandes, isto é, o Imanifesto. Nascido do mesmo (princípio) imanifesto e alcançando o mesmo mais uma vez, livre das qualidades de Ignorância e Paixão, e aderindo somente à qualidade da Bondade, alguém fica livre de todo pecado e cria todas as coisas. (Isto é, cria todas as coisas por chegar à condição da causa universal, pois o imanifesto é a causa universal. Entre tal pessoa e a Alma Suprema não há diferença.) Tal deve ser conhecido como sendo

o Kshetrajna em perfeição. Aquele que o conhece, conhece o Veda. (O homem que lê o livro chamado Veda não é realmente conhecedor do Veda. Aquele, no entanto, que conhece Kshetrajna é considerado como realmente conhecendo o Veda.) Obtendo conhecimento puro em consequência do (controle) da mente, o asceta deve repousar autocontrolado. Uma pessoa necessariamente se torna aquilo na qual sua mente está colocada. Esse é um mistério eterno. Aquilo que tem o imanifesto como seu início e as qualidades grosseiras como seu fim, é citado como tendo Necedade como sua indicação. Mas vocês compreendem aquilo cuja natureza é desprovida de qualidades? De duas sílabas é Mrityu (morte); de três sílabas é o Brahman eterno. Sentimento de posse é morte, e o oposto do sentimento de posse é o eterno. (O argumento é que Mrityu ou morte sendo de duas sílabas, a correspondência é justificável entre ele e Mama ou sentimento de posse o qual também é de duas sílabas. Igualmente no caso de Brahman e na-mama. Naturalmente, o que se quer dizer por sentimento de posse sendo morte e não-sentimento de posse sendo Brahman ou emancipação, não pode ser ininteligível para alguém que leu cuidadosamente os capítulos precedentes.) Alguns homens que são levados por má compreensão louvam a ação. Aqueles, no entanto, que figuram entre os antigos de grande alma nunca louvam a ação. Pela ação uma criatura nasce com corpo o qual é composto de dezesseis; (isto é, os cinco grandes elementos, cinco órgãos de conhecimento com a mente, e os cinco órgãos de ação). Conhecimento (verdadeiro) consome Purusha; (Eu com consciência do corpo, Jiva. O verdadeiro conhecimento destrói essa condição de Jiva, pois o homem de conhecimento se identifica com o universo e por meio disso se assimila à Brahman). Isso mesmo é que é altamente aceitável para comedores de Amrita. (Ou seja, para aqueles que nunca ingerem algum alimento sem oferecerem porções dele para as divindades, Pitris, e convidados.) Portanto, aqueles cuja visão se estende até o outro fim (do oceano de vida) não têm atração por ações. Este Purusha (Jiva desprovido da consciência de corpo), no entanto, é cheio de conhecimento e não cheio de ação. Não morre quem compreende Ele que é imortal, imutável, incompreensível, eterno e indestrutível, Ele que é a Alma dominada e que transcende todos os vínculos. Aquele que compreende dessa maneira a Alma à qual não há nada anterior, que é incriada, imutável, invencível, e incompreensível mesmo para aqueles que são comedores de néctar, certamente se torna ele mesmo incompreensível e imortal por esses meios. Expulsando todas as impressões e reprimindo a Alma na Alma, ele compreende aquele Brahman auspicioso ao qual não existe nada superior. Após a compreensão se tornar clara, ele consegue obter tranquilidade. A indicação de tranquilidade é como o que ocorre em um sonho. (Em um sonho o que é visto é tudo irreal. Dessa maneira, quando a tranquilidade foi obtida, todos os arredores se tornam irreais. Nilakantha diz que quando a tranquilidade foi obtida, a Alma vive sem apego ao corpo e aos objetos externos. De fato, a Alma então vive completamente em si mesma assim como ela trabalha no decorrer de um sonho.) Essa é a meta daqueles emancipados que estão concentrados no conhecimento. Eles contemplam todos aqueles movimentos que são nascidos de sucessivos desenvolvimentos. (O sentido é que eles vêem todos os objetos mundanos, presentes, passados e futuros, os quais são, naturalmente, devido ao desenvolvimento de causas anteriores.) Essa é a meta daqueles que não são

apegados ao mundo. Essa é a prática eterna. Essa é a aquisição dos homens de conhecimento. Esse é o modo de conduta não reprovado. Essa meta pode ser alcançada por alguém que é igual para todas as criaturas, que é sem vínculos, que é sem expectativas, e que olha igualmente para todas as coisas. Eu agora declarei tudo para vocês, ó principais dos Rishis regenerados. Ajam dessa maneira em seguida; você então obterão sucesso.'"

"O preceptor continuou, 'Assim endereçados pelo preceptor Brahma, aqueles sábios de grande alma agiram adequadamente e então alcançaram muitas regiões (de grande bem-aventurança). Tu também, ó abençoado, aja devidamente segundo as palavras de Brahma como declaradas por mim, ó tu de alma pura. Tu irás então alcançar o êxito.'"

"Vasudeva disse, 'Assim instruído nos princípios da religião sublime pelo preceptor, o pupilo, ó filho de Kunti, fez tudo conformemente, e então alcançou a Emancipação. Tendo feito tudo o que ele devia fazer, o pupilo, ó perpetuador da linhagem de Kuru, chegou àquela base se dirigindo à qual alguém não tem que sofrer.'"

"Arjuna disse, 'Quem, de fato, era aquele Brahmana, ó Krishna, e quem era o pupilo, ó Janardana? Realmente, se isso for apropriado para ser ouvido por mim, então me diga, ó senhor!'"

"Vasudeva disse, 'Eu sou o preceptor, ó de braços poderosos, e saiba que a mente é meu pupilo. Por minha afeição por ti, ó Dhananjaya, eu relatei esse mistério para ti. Se tu tens algum amor por mim, ó perpetuador da linhagem de Kuru, então, depois de teres ouvido essas instruções relativas à Alma, sempre aja devidamente (de acordo com elas), ó tu de votos excelentes. Então quando essa religião tiver sido devidamente praticada, ó ceifeiro de inimigos, tu te tornarás livre de todos os teus pecados e obterás emancipação absoluta. Antigamente, quando chegou a hora da batalha, esta mesma religião, ó tu de braços poderosos, foi explicada por mim (para ti)! Portanto, coloque tua mente nisto. E agora, ó chefe da linhagem de Bharata, faz muito tempo desde que eu vi o senhor meu pai. Eu desejo vê-lo novamente, com tua permissão, ó Phalguna!'

"Vaisampayana continuou, 'Para Krishna que tinha falado dessa maneira, Dhananjaya disse em resposta, 'Nós iremos hoje desta cidade para a cidade chamada pelo nome de elefante. Encontrando com o rei Yudhishthira de alma virtuosa lá, e o informando (da tua intenção) tu irás então te dirigir para a tua própria cidade!'"

52

"Vaisampayana disse, 'Depois disso, Krishna ordenou Daruka, dizendo, 'Que meu carro seja jungido.' Dentro de um espaço de tempo muito curto Daruka informou (seu mestre), dizendo, 'Ele foi jungido.' O filho de Pandu então ordenou todos os seus servidores, dizendo, 'Preparem-se e estejam prontos. Nós iremos hoje para a cidade que recebeu o nome de elefante.' Assim endereçadas, ó rei,

aquelas tropas se prepararam, e informaram o filho de Pritha de energia incomensurável, dizendo, 'Tudo está equipado.' Então aqueles dois, isto é, Krishna e o filho de Pandu, subiram em seu carro e procederam na viagem, os amigos afetuosos engajados em conversação encantadora. Para Vasudeva sentado no carro, Dhananjaya de grande energia mais uma vez disse estas palavras, ó chefe da linhagem de Bharata! 'Ó perpetuador da linhagem Vrishni, o rei obteve vitória pela tua graça. Todos os seus inimigos foram mortos, e ele recuperou seu reino sem um espinho nele (para fazê-lo desagradável). Ó matador de Madhu, por ti os Pandavas são dotados de um protetor poderoso. Tendo te obtido como nossa balsa nós cruzamos o oceano Kuru. Ó tu que tens este universo como tua obra, saudações a ti, ó Alma do universo, ó melhor de todos os seres no universo. Eu te conheço naquela medida na qual eu sou aprovado por ti. Ó matador de Madhu, a alma de toda criatura é sempre nascida da tua energia. Esporte divertido (na forma de criação, conservação, e destruição) é teu. Terra e céu, ó senhor, são tua ilusão. Todo este universo, consistindo em objetos móveis e imóveis, está estabelecido em ti. Tu crias, por modificação, as quatro ordens de existência (isto é, vivíparos, ovíparos, nascidos da sujeira, e vegetais). Tu criaste a Terra, o Firmamento, e o Céu, ó matador de Madhu. A luz lunar imaculada é teu sorriso. As estações são teus sentidos. O vento sempre movente é tua respiração, e a morte, existindo eternamente, é tua ira. Em tua graça está a deusa da prosperidade. Realmente, Sree está sempre estabelecida em ti, ó tu da inteligência mais sublime. Tu és o esporte (no qual criaturas se envolvem); tu és seu contentamento; tu és sua inteligência, tu és seu perdão, tu és suas inclinações, tu és sua beleza. Tu és o universo com seus objetos móveis e imóveis. No fim do ciclo, és tu, ó impecável, que és denominado destruição. Eu sou incapaz de recitar todas as tuas qualidades mesmo no decorrer de um longo período. Tu és Alma e a Alma Suprema. Eu te reverencio, ó tu de olhos como pétalas de lótus. Ó tu que és irresistível, eu aprendi de Narada e Devala e do (Vyasa) Nascido na Ilha, e do avô Kuru também, que todo este (universo) repousa em ti. Tu és o único Senhor de todas as criaturas. Isto, ó impecável, que tu declaraste para mim por tua benevolência com relação a mim mesmo, eu realizarei devidamente em sua totalidade, ó Janardana. Extremamente maravilhoso é isto que tu fizeste pelo desejo de fazer o que é agradável para nós, isto é, a destruição em batalha do (príncipe) Kaurava, o filho de Dhritarashtra. Aquela hoste tinha sido queimada por ti a qual eu (posteriormente) derrotei em batalha. Foi realizada por ti aquela façanha pela qual a vitória veio a ser minha. Pelo poder da tua inteligência foram mostrados os meios pelos quais foi devidamente efetuada a destruição de Duryodhana em batalha, como também de Karna, como do pecaminoso rei dos Sindhus; e Bhurisravas. Eu realizarei tudo aquilo que, ó filho de Devaki, satisfeito comigo tu me declaraste. Eu não nutro nenhum escrúpulo nisto. Dirigindo-me ao rei Yudhishthira de alma justa, eu irei, ó impecável, incitá-lo a te dar licença para partir, ó tu que estás familiarizado com todo dever. Ó senhor, tua partida para Dwaraka encontra com a minha aprovação. Tu logo verás meu tio materno, ó Janardana. Tu também verás o irresistível Valadeva e outros chefes da linhagem Vrishni.' Assim conversando um com o outro, os dois alcançaram aquela cidade que recebeu o nome de elefante. Eles então, com corações alegres, e sem qualquer ansiedade, entraram no palácio de

Dhritarashtra que parecia com a mansão de Sakra. Eles então viram, ó monarca, o rei Dhritarashtra, e Vidura de grande inteligência, e o rei Yudhishthira e o irresistível Bhimasena, e os dois filhos de Madri com Pandu; e o invencível Yuyutsu, sentados perante Dhritarashtra e Gandhari de grande sabedoria, e Pritha, e a bela Krishna, e as outras senhoras da família de Bharata com Subhadra contando primeiro. Eles também viram todas aquelas damas que costumavam servir Gandhari. Então se aproximando do rei Dhritarashtra, aqueles dois castigadores de inimigos anunciaram seus nomes e tocaram seus pés. De fato, aqueles de grande alma também tocaram os pés de Gandhari e de Pritha e do rei Yudhishthira o justo, e de Bhima. Abraçando Vidura também, eles perguntaram sobre seu bem-estar. Na companhia de todas essas pessoas, Arjuna e Krishna então se aproximaram do rei Dhritarashtra (novamente). A noite chegou e então o rei Dhritarashtra de grande inteligência despediu todos aqueles perpetuadores da linhagem de Kuru como também Janardana para se retirarem para seus respectivos aposentos. Permitidos pelo rei todos eles entraram em seus respectivos apartamentos. Krishna de grande energia procedeu para os apartamentos de Dhananjaya. Adorado devidamente e provido de todos os objetos de comodidade e prazer, Krishna de grande inteligência passou a noite em sono tranquilo com Dhananjaya como seu companheiro. Quando a noite passou e veio a manhã, os dois heróis, terminando seus ritos matinais e tratando de sua aparência apropriadamente, procederam para a mansão do rei Yudhishthira o justo. Lá Yudhishthira o justo, de grande poder, estava sentado com seus ministros. Os dois de grande alma, entrando naquele aposento bem adornado, contemplaram o rei Yudhishthira o justo como os dois Aswins contemplando o chefe dos celestiais. Encontrando o rei, ele da linhagem de Vrishni como também aquele principal herói da linhagem de Kuru, obtendo a permissão de Yudhishthira que estava muito satisfeito com eles, se sentaram. Então o rei, dotado de grande inteligência, vendo aqueles dois amigos, ficou desejoso de se dirigir a eles. Logo aquele melhor dos monarcas, aquele principal dos oradores se dirigiu a eles nas seguintes palavras.'"

"Yudhishthira disse, 'Ó heróis, ó principais das linhagens de Yadu e de Kuru, parece que vocês dois estão desejosos de dizer alguma coisa para mim. Digam o que está em suas mentes. Eu logo realizarei isto. Não hesitem.'"

"Assim endereçado, Phalguna, bom conhecedor das palavras, se aproximou humildemente do rei Yudhishthira o justo e então disse estas palavras, 'Vasudeva aqui, de grande destreza, ó rei, está muito tempo ausente de casa. Ele deseja, com tua permissão, ver seu pai. Deixe-o ir, se tu achares isto apropriado, para a cidade dos Anarttas. Cabe a ti; ó herói, lhe conceder permissão!'"

"Yudhishthira disse, 'Ó tu de olhos de lótus, abençoado sejas. Ó matador de Madhu, vá hoje mesmo à cidade de Dwaravati para ver, ó pujante, aquele principal da linhagem de Sura. Ó Kesava de braços poderosos, tua partida é aprovada por mim. Tu não tens visto meu tio materno como também a deusa Devaki por um longo tempo. Encontrando com meu tio materno e se dirigindo a Valadeva também, ó concessor de honras, tu irás, ó tu de grande sabedoria, adorá-los em meu nome como eles merecem. (Isto é, ele incumbe Krishna de levar a eles uma

mensagem de respeito e amor da parte dele.) Também pense em mim diariamente como também em Bhima, aquele principal dos homens poderosos, e em Phalguna e Nakula e Sahadeva, ó concessor de honras. Tendo visto os Anarttas, e teu pai, ó de braços poderosos, e os Vrishnis, tu voltarás para o meu Sacrifício de Cavalo, ó impecável. Então parta, levando contigo diversas espécies de pedras preciosas e vários tipos de riqueza. Ó herói da linhagem Satwata, também leve contigo qualquer coisa mais que tu queiras. Foi pela tua graça, ó Kesava, que a Terra inteira, ó herói, veio sob nosso domínio e todos os nossos inimigos foram mortos.'"

"Quando o rei Yudhishthira o justo da linhagem de Kuru falou dessa maneira, Vasudeva, aquele principal dos homens, disse estas palavras (em resposta)."

"Vasudeva disse, 'Ó de braços poderosos, todas as jóias e pedras preciosas, toda riqueza, e a Terra inteira, são tuas e só tuas. De qualquer riqueza que exista em minha residência, tu, ó majestade, és sempre o dono.' Para ele Yudhishthira, o filho de Dharma, disse, 'Assim seja,' e então adorou devidamente (Krishna) o irmão mais velho, dotado de grande energia, de Gada. Vasudeva então foi até sua tia paterna (Kunti). Honrando-a devidamente, ele a circungirou. Ele foi devidamente abordado por ela em retorno, e então por todos os outros tendo Vidura como seu primeiro. O irmão mais velho de quatro braços de Gada então saiu de Nagapura em seu carro excelente. (A cidade de Hastinapura é às vezes chamada de Nagapura, Hasti e Naga sendo palavras expressivas de elefante. 'A cidade que recebeu o nome de elefante' é a descrição usual da capital Kuru.) Colocando sua irmã, a dama Subhadra, no carro, Janardana de braços poderosos então, com a permissão de Yudhishthira e de (Kunti) sua tia paterna, saiu, acompanhado por uma grande comitiva de cidadãos. O herói que tinha o principal dos macacos em seu estandarte, como também Satyaki, e os dois filhos de Madravati, e Vidura de inteligência incomensurável, e o próprio Bhima cujo andar parecia com aquele de um príncipe de elefantes, todos seguiram Madhava. Janardana de energia imensa, fazendo todos aqueles ampliadores do reino Kuru e Vidura também retornarem, se dirigiu a Daruka, e Satyaki, dizendo, 'Incitem os corcéis a se apressarem.' Então aquele opressor de massas hostis, isto é, Janardana de grande destreza, acompanhado por Satyaki, o principal da linhagem de Sini, procedeu para a cidade dos Anarttas, depois de ter matado todos os seus inimigos, como Ele de cem sacrifícios procedendo para o Céu (depois de massacrar todos os seus inimigos).'"

53

"Vaisampayana disse, 'Quando aquele da linhagem de Vrishni estava procedendo para Dwaraka, aqueles príncipes principais da linhagem de Bharata, aqueles castigadores de inimigos o abraçaram e retrocederam com seus servidores. Phalguna repetidamente abraçou o herói Vrishni, e enquanto ele estava dentro do alcance da visão, ele repetidamente dirigiu seus olhos em direção a ele. Com grande dificuldade, o filho de Pritha afastou seu olhar que tinha caído em Govinda. O invencível Krishna também (fez o mesmo). As indicações

que foram manifestadas na ocasião da partida daquele de grande alma eu irei detalhar agora. Ouça-me. O vento soprava com grande velocidade na frente do carro, desobstruindo o caminho de grãos de areia e pó e espinhos. Vasava derramou chuvas puras e fragrantes e flores celestes diante do manejador do Saranga. Conforme o herói de braços poderosos procedia, ele chegou a um deserto mal abastecido com água. Lá ele viu aquele principal dos ascetas, chamado Utanka, de energia incomensurável. O herói de olhos grandes e grande energia adorou aquele asceta. Ele foi então adorado pelo asceta em retorno. Vasudeva então perguntou pelo seu bem-estar. Aquele principal dos Brahmanas, isto é, Utanka, abordado educadamente por Madhava, o honrou devidamente e então se dirigiu a ele nestas palavras, 'Ó Saurin, tendo te dirigido para as mansões dos Kurus e dos Pandavas, tu conseguiste estabelecer uma compreensão durável entre eles tal como deve existir entre irmãos? Cabe a ti me dizer tudo. Tu vens, ó Kesava, depois de tê-los unido em paz, eles que são teus parentes e que são sempre caros para ti, ó principal da linhagem de Vrishni? Os cinco filhos de Pandu, e os filhos de Dhritarashtra, ó opressor de inimigos, irão se divertir no mundo em alegria contigo? Todos os reis desfrutarão de felicidade em seus respectivos reinos, em consequência da pacificação dos Kauravas ocasionada por ti? Aquela confiança, ó filho, que eu sempre depositei em ti, deu resultado com relação aos Kauravas?'"

"O abençoado e santo disse, 'Eu me esforcei o melhor possível a princípio, para ocasionar uma boa compreensão, em relação aos Kauravas. Quando eu não pude por quaisquer meios conseguir estabelecê-los na paz, aconteceu que todos eles, com seus parentes e amigos, encontraram com a morte. É impossível contrariar o destino por meio de inteligência ou poder. Ó grande Rishi, ó impecável, isso também não poderia ser desconhecido para ti. Eles (Os Kauravas) desobedeceram aos conselhos que Bhishma e Vidura lhes deram com referência a mim; (isto é, à minha natureza divina). Combatendo uns aos outros eles então se tornaram convidados da residência de Yama. Somente os cinco Pandavas constituem o restante dos não mortos, todos os seus amigos e todos os seus filhos foram massacrados. Todos os filhos de Dhritarashtra também com seus filhos e parentes, foram mortos.' Quando Krishna tinha dito estas palavras, Utanka, cheio de cólera, e com olhos arregalados de raiva, se dirigiu a ele nestas palavras.'"

"Utanka disse, 'Já que, embora capaz, ó Krishna, tu não salvaste aqueles principais da linhagem de Kuru, que eram teus parentes e, portanto, caros para ti, eu irei, sem dúvida, te amaldiçoar. Já que tu não os obrigaste à força a se refrearem, portanto, ó matador de Madhu, eu irei, cheio de ira, pronunciar uma maldição sobre ti. Parece, ó Madhava, que embora totalmente capaz (de salvá-los), tu foste indiferente àqueles principais dos Kurus que, dominados pela insinceridade e hipocrisia se encontraram todos com a destruição.'"

"Vasudeva disse, 'Ó descendente da linhagem de Bhrigu, ouça o que eu digo em detalhes. Aceite minhas desculpas também. Ó tu da linhagem de Bhrigu, tu és um asceta. Depois de teres ouvido minhas palavras relativas à alma, tu podes então proferir tua maldição. Nenhum homem é capaz, por pouco mérito ascético,

de me derrubar. Ó principal dos ascetas, eu não desejo ver a destruição de todas as tuas penitências. Tu tens uma grande medida de penitências resplandecentes. Tu tens satisfeito teus preceptores e superiores. (Um asceta perde suas penitências por amaldiçoar outro acertadamente ou erradamente. Por isso o perdão era sempre praticado pelos Brahmanas que eram ascetas. A força de um Brahmana consiste no perdão. Quando mais perdoador ele era, mais poderoso ele se tornava.) Ó principal dos regenerados, eu sei que tu cumpriste as regras de Brahmacharya desde os dias da tua infância. Eu, portanto, não desejo a perda ou diminuição das tuas penitências realizadas com tanta dor.'"

54

"Utanka disse, 'Ó Kesava, me fale daquele Adhyatma impecável. Tendo ouvido tuas palavras eu ordenarei o que é para o teu bem ou pronunciarei uma maldição para ti, ó Janardana.'"

"Vasudeva disse, 'Saiba que as três qualidades de Ignorância e Paixão e Bondade existem, dependendo de mim como seu refúgio. Assim também, ó regenerado, saiba que os Rudras e os Vasus surgiram de mim. Em mim estão todas as criaturas, e em todas as criaturas eu existo; saiba disso. Que nenhuma dúvida surja em tua mente a respeito disso. Assim também, ó regenerado, saiba que todas as tribos dos Daityas, todos os Yakshas, Gandharvas, Rakshasas, Nagas, Apsaras, surgiram de mim. O que quer que seja chamado de existente e inexistente, o que quer que seja manifestado e não-manifestado, o que quer que seja destrutível e indestrutível, todos têm a mim como sua alma. Aquelas direções de dever quádruplas as quais, ó asceta, são conhecidas como ligadas aos (quatro) modos de vida, e todos os deveres Védicos, têm a mim como sua alma. O que quer que seja inexistente, o que quer que seja existente e inexistente, e o que quer que transcenda aquilo que é existente e inexistente, todos esses que constituem o universo, são provenientes de mim. (O primeiro asat ou inexistente se refere a objetos como os chifres da lebre. O segundo, existente e inexistente, se refere aos objetos que existem e encontram a destruição. Aquilo que transcende o existente e inexistente se refere ao imanifesto. O universo consiste nesses três. Tudo isso é de Vasudeva.) Não há nada superior a mim (ou além de mim) que sou o eterno deus dos deuses. Ó perpetuador da linhagem de Bhrigu, saiba que todos os Vedas iniciando com (a sílaba original) Om são idênticos a mim. Saiba, ó filho da linhagem de Bhrigu, que eu sou a estaca sacrifical; eu sou o Soma (bebido em sacrifícios); eu sou o Charu (cozido em sacrifícios para ser oferecido às divindades); eu sou o Homa (que é realizado); eu sou aquelas ações que os sacrificadores realizam para gratificar as divindades; eu sou até o derramador da libação sacrifical, e eu sou o Havi ou libação que é derramada. Eu sou o Adharyu. Eu sou o Kalpaka; e eu sou o altamente santificado Havi sacrifical. É a mim que o Udgatri, no grande sacrifício, louva pelo som de suas canções. Em todos os ritos de expiação, ó Brahmana, os pronunciadores de Mantras auspiciosos e bênçãos repletas de paz cantam meus louvores que sou o artífice, ó principal dos regenerados, do universo. Saiba, ó melhor das pessoas

regeneradas, que Dharma é meu fruto primogênito, nascido da minha mente, ó Brahmana erudito, cuja essência é compaixão por todas as criaturas. Transformando-me constantemente, eu tomo nascimento em diversos úteros, ó melhor dos homens, para sustentar aquele meu filho, com a ajuda de homens agora existindo ou que já partiram do mundo. De fato, eu faço isso para proteger a Justiça e para estabelecê-la. Naquelas formas que eu assumo para o propósito, eu sou conhecido, ó filho da linhagem de Bhrigu, nos três mundos como Vishnu e Brahman e Sakra. Eu sou a origem e eu sou a destruição de todas as coisas. Eu sou o criador de todos os objetos existentes e eu sou seu destruidor. Eu mesmo não conhecendo mudança, eu sou o destruidor de todas aquelas criaturas que vivem em pecaminosidade. Em cada Yuga eu tenho que consertar o passadiço da Justiça, entrando em diversas espécies de úteros pelo desejo de fazer o bem para minhas criaturas. Quando, ó filho da linhagem de Bhrigu, eu vivo na classe das divindades, eu então realmente ajo em todo aspecto como uma divindade. Quando eu vivo na classe dos Gandharvas, eu então, ó filho da linhagem de Bhrigu, ajo em todo aspecto como um Gandharva. Quando eu vivo na classe dos Nagas, eu então ajo como um Naga, e quando eu vivo na classe dos Yakshas ou naquela dos Rakshasas, eu ajo da mesma maneira daquela classe. Nascido agora na classe da humanidade, eu devo agir como um ser humano. Eu apelei para eles (os Kauravas) do modo mais comovente. Mas entorpecidos como eles estavam e desprovidos de sua razão, eles se recusaram a aceitar minhas palavras. Eu os assustei, cheio de ira, me referindo a algum grande temor (como a consequência de eles desdenharem minha mensagem). Mas mais uma vez eu mostrei para eles a minha forma usual (humana). Possuidores de maldade como eles eram, e atacados pela força do Tempo, todos eles foram justamente mortos em batalha, e, sem dúvida, foram para o Céu. Os Pandavas também, ó melhor dos Brahmanas, obtiveram grande fama. Eu assim te disse tudo aquilo que tu me perguntaste.'"

55

"Utanka disse, 'Eu te reconheço, ó Janardana, como sendo o criador do universo. Sem dúvida, esse conhecimento que eu tenho é o resultado da tua benevolência para comigo. Ó tu de glória imperecível, meu coração é possuidor de tranquilidade alegre por ele ser devotado a ti. Saiba, ó castigador de inimigos, que meu coração não está mais inclinado a te amaldiçoar. Se, ó Janardana, eu mereço a mínima benevolência de ti, então me mostre uma vez tua forma soberana.'"

"Vaisampayana continuou, 'Satisfeito com ele, o santo então mostrou para Utanka aquela forma Vaishnava eterna a qual Dhananjaya de grande inteligência tinha visto. Utanka contemplou a forma universal de Vasudeva de grande alma, dotado de braços poderosos. O resplendor daquela forma era como aquele de um fogo ardente de mil sóis. Ela ficou diante dele enchendo todo o espaço. Ela tinha rostos em todos os lados. Contemplando aquela forma Vaishnava sublime e extraordinária de Vishnu, de fato, vendo o Senhor Supremo (naquela aparência), o Brahmana Utanka ficou muito admirado.'"

"Utanka, disse, 'Ó tu cuja obra é o universo, eu te reverencio, ó Alma do universo, ó pai de todas as coisas. Com teus pés tu cobres a Terra inteira, e com tua cabeça tu preenches o firmamento. Aquilo que se encontra entre a Terra e o firmamento foi preenchido por teu estômago. Todos os pontos do horizonte estão cobertos por teus braços. Ó tu de glória imperecível, tu és tudo isso. Recolha essa tua forma excelente e indestrutível. Eu desejo te ver agora na tua própria forma (humana) a qual também é eterna!'"

"Vaisampayana continuou, 'Para ele, ó Janamejaya, Govinda de alma satisfeita disse estas palavras, 'Peça algum benefício.' Para ele Utanka, no entanto, disse, 'Este mesmo é um benefício suficiente de ti por agora, ó tu de grande esplendor, visto que, ó Krishna, eu contemplei essa forma, ó principal de todos os seres.' Krishna, no entanto, mais uma vez disse a ele.' Não tenha escrúpulos nessa questão. Isso deve ser feito. Uma visão da minha forma não pode ser infrutífera.'"

"Utanka disse, 'Eu devo realizar aquilo, ó senhor, que tu pensas que deve ser feito. Eu desejo ter água onde quer que meu desejo por ela possa surgir. Água é escassa em semelhantes desertos.' Recolhendo aquela energia, o Senhor Supremo então disse para Utanka, 'Onde quer que tu precises de água, pense em mim!' Tendo dito isso, ele procedeu em direção a Dwaraka. Posteriormente, um dia, o ilustre Utanka, desejoso de água e extremamente sedento, vagava pelo deserto. No decurso de suas viagens ele pensou em Krishna de glória imperecível. O Rishi inteligente então viu naquele deserto um caçador nu (da classe Chandala), todo lambuzado com sujeira, cercado por uma matilha de cachorros. Parecendo extremamente selvagem, ele carregava uma espada e estava armado com arco e flechas. Aquele principal dos regenerados viu abundantes correntezas de água emanando dos órgãos urinários daquele caçador. Logo que Utanka tinha pensado em Krishna, aquele caçador se dirigiu a ele sorridente, dizendo, 'Ó Utanka, ó tu da linhagem de Bhrigu, aceite essa água de mim. Vendo-te afligido pela sede eu senti grande compaixão por ti.' Assim endereçado pelo caçador, o asceta não mostrou inclinação para aceitar aquela água. O inteligente Utanka até começou a criticar Krishna de glória imperecível. O caçador, no entanto, repetidamente se dirigiu ao Rishi, dizendo, 'Beba!' O asceta se recusou a beber a água assim oferecida. Por outro lado, com o coração afligido pela fome e sede, ele até deu vazão à ira. Desconsiderado pelo Rishi de grande alma por causa daquela condenação, o caçador, ó rei, com sua matilha de cachorros, desapareceu imediatamente. Vendo aquele desaparecimento (extraordinário), Utanka ficou cheio de vergonha. Ele pensou mesmo que Krishna, aquele matador de inimigos, o tinha enganado (na questão do benefício que ele tinha concedido). Logo depois, o portador da concha e disco e maça, dotado de grande inteligência, chegou até Utanka pelo caminho (pelo qual o caçador tinha vindo). Dirigindo-se a Krishna, o Brahmana disse, 'Ó principal dos seres, foi mal apropriado para ti oferecer água para o principal dos Brahmanas na forma da urina de um caçador, ó senhor.' Para Utanka que disse essas palavras, Janardana de grande inteligência respondeu, confortando-o com muitas palavras gentis, 'Aquela forma a qual era apropriada assumir para te oferecer água, naquela forma água foi oferecida para ti. Mas, também, tu não pudeste compreender isso. O manejador do raio, Purandara, foi requisitado por

mim por tua causa. Minhas palavras para aquela divindade pujante foram: ‘Dê néctar na forma de água para Utanka.’ O chefe dos celestiais me respondeu dizendo: ‘Não é apropriado que um mortal se torne imortal. Que algum outro benefício seja concedido para Utanka.’ Ó filho da linhagem de Bhrigu, estas palavras foram repetidamente endereçadas a mim. O marido de Sachi, no entanto, foi mais uma vez requisitado por mim nestas palavras, isto é: ‘Certamente néctar deve ser dado para Utanka.’ O chefe dos celestiais então, me confortando, disse, 'Se, ó tu de grande inteligência, néctar é para ser dado a ele, eu então assumirei a forma de um caçador e o darei para aquele descendente de grande alma da linhagem de Bhrigu. Se aquele filho de Bhrigu aceitá-lo dessa maneira, eu então irei a ele, ó senhor, para dá-lo para ele. Se, no entanto, ele me mandar embora por desconsideração, eu então não o darei a ele em hipótese alguma.’ Tendo feito esse acordo comigo, Vasava apareceu diante de ti naquele disfarce, para te dar néctar. Tu, no entanto, o desconsideraste e o mandaste embora, visto que o ilustre tinha assumido a aparência de um Chandala. Teu erro foi grande. Mais uma vez, com relação ao teu desejo, eu estou preparado para fazer o que está em meu poder. De fato, essa tua sede dolorosa, eu providenciarei, será satisfeita. Naqueles dias, ó regenerado, nos quais tu sentires um desejo por água, nuvens bem carregadas com água se erguerão sobre este deserto. Aquelas nuvens, ó filho da linhagem de Bhrigu, te darão água saborosa para beber. Na verdade, aquelas nuvens se tornarão conhecidas no mundo como nuvens-Utanka.' Assim endereçado por Krishna, Utanka ficou cheio de alegria, e até hoje, ó Bharata, nuvens-Utanka (aparecem) e derramam chuvas sobre os desertos.'"

56

"Janamejaya disse, 'Com quais penitências era dotado Utanka de grande alma de maneira que ele nutria o desejo de pronunciar uma maldição sobre o próprio Vishnu, que é a fonte de toda pujança?'”

"Vaisampayana disse, 'Ó Janamejaya, Utanka era dotado de penitências rigorosas. Ele era devotado ao seu preceptor. Dotado de grande energia, ele se abstinha de cultuar alguém mais. Todos os filhos dos Rishis, ó Bharata, nutriam este mesmo desejo, isto é, que sua devoção aos preceptores fosse tão grande quanto aquela de Utanka. A satisfação de Gautama com Utanka e sua afeição por ele, entre seus discípulos numerosos, eram muito grandes, ó Janamejaya. De fato, Gautama estava muito satisfeito com o autodomínio e pureza de comportamento que caracterizavam Utanka, e com suas ações de destreza e os serviços que ele lhe prestou. Um após outro, milhares de discípulos receberam a permissão do preceptor para voltar para casa (depois da conclusão de sua pupilagem). Por causa, no entanto, do seu grande afeto por Utanka, Gautama não pôde permiti-lo deixar seu retiro. Gradualmente, no decorrer do tempo, ó filho, a decrepitude alcançou Utanka, aquele grande asceta. O asceta, no entanto, por sua devoção por seu preceptor, não estava consciente disso. Um dia, ele saiu, ó monarca, para ir buscar combustível para seu preceptor. Logo depois Utanka trouxe uma carga pesada de combustível. Cansado e faminto e afligido pela carga que ele levava

sobre a cabeça, ó castigador de inimigos, ele jogou a carga na Terra, ó rei. Uma de suas madeixas emaranhadas, branca como prata, tinha ficado embaraçada com a carga. Consequentemente, quando a carga foi jogada, com ela caiu no chão aquela madeixa de cabelo emaranhado. Oprimido como ele tinha estado por aquela carga e dominado pela fome, ó Bharata, Utanka, vendo aquele sinal de velhice, começou a se lamentar em voz alta por excesso de tristeza. Conhecedora de todo dever, a filha de seu preceptor, que era possuidora olhos que pareciam com as pétalas do lótus, e de quadris que eram cheios e redondos, por ordem de seu pai, procurou, com rosto triste, segurar as lágrimas de Utanka em suas mãos. Suas mãos pareciam queimar com aquelas gotas de lágrimas que ela segurava. Incapaz, consequentemente, de segurá-las mais, ela foi obrigada a jogá-las sobre a Terra. A própria Terra não pôde segurar aquelas gotas de lágrimas de Utanka. Com um coração satisfeito, Gautama então disse para o regenerado Utanka, ‘Por que, ó filho, tua mente está tão angustiada pela dor hoje? Diga-me calmamente e tranquilamente, ó Rishi erudito, pois eu desejo ouvir isto em detalhes.'”

“Utanka disse, ‘Com mente totalmente devotada a ti, e totalmente disposto a fazer o que é agradável para ti, com a devoção do meu coração dirigida para ti, e com pensamentos residindo totalmente em ti, (eu tenho morado aqui até) que a decrepitude veio sobre mim sem meu conhecimento disso em absoluto. Eu, além disso, não conheci qualquer felicidade. Embora eu tenha morado contigo por cem anos, ainda assim tu não me concedeste permissão para partir. Muitos discípulos teus, que eram mais novos do que eu, no entanto, foram permitidos por ti retornarem. De fato, centenas e milhares de Brahmanas principais, providos de conhecimento, tiveram tua permissão (para partirem do teu retiro e se estabelecerem como professores)!’”

"Gautama disse, 'Por meu amor e afeição por ti, e por teus serviços respeitosos para mim, um longo tempo passou sem meu conhecimento disso, ó principal dos Brahmanas. Se, no entanto, ó tu da linhagem de Bhrigu, é nutrido por ti o desejo de deixar este local, vá sem demora, recebendo minha permissão.'”

"Utanka disse. 'O que eu oferecerei para meu preceptor? Diga-me isto, ó melhor das pessoas regeneradas. Tendo-o trazido, eu irei embora, ó senhor, com tua permissão.'”

"Gautama disse, 'O bem que é a satisfação do preceptor é a taxa final. (Até hoje preceptores na Índia têm que alimentar e ensinar seus discípulos sem nenhuma compensação pecuniária. De fato, a venda de conhecimento tem sido estritamente proibida. Pupilos, no entanto, depois de terminarem seus estudos, tinham que dar o Dakshina final o qual variava de acordo com seus recursos. Os reis e príncipes da Índia se consideravam honrados se solicitados por pupilos em busca do Dakshina final. O que Gautama diz aqui é que o objetivo do presente final é satisfazer o preceptor. Ele (Gautama), no entanto, já tinha sido satisfeito com o comportamento respeitoso de Utanka. Não havia necessidade, portanto, de nenhum presente.) Sem dúvida, ó regenerado, eu estou muito satisfeito com teu comportamento. Saiba, ó perpetuador da linhagem de Bhrigu, que eu estou muito satisfeito contigo por isso. Se tu te tornasses hoje um homem jovem de dezesseis

anos, eu entregaria para ti, ó regenerado, esta minha própria filha para se tornar tua mulher. Nenhuma outra mulher exceto esta é capaz atender a tua energia.' A essas palavras de Gautama, Utanka se tornou um jovem novamente e aceitou aquela moça famosa como sua esposa. Recebendo a permissão do preceptor, ele então se dirigiu à esposa do seu preceptor, dizendo, 'O que eu te darei como taxa final para meu preceptor? Ordene-me. Eu desejo realizar, com riqueza ou até minha vida, o que é agradável e benéfico para ti. Qualquer pedra preciosa, extraordinariamente notável e de grande valor, que exista neste mundo, eu trarei para ti com a ajuda de minhas penitências. Eu não tenho dúvidas nisso.'"

"Ahalya disse, 'Eu estou muito satisfeita contigo, ó Brahmana erudito, com tua devoção incessante, ó impecável. Isso é suficiente. Abençoado sejas tu, vá para onde quer que tu queiras.'"

"Vaisampayana continuou, 'Utanka, no entanto, ó monarca, mais uma vez disse estas palavras, ‘Ordene-me, ó mãe. É apropriado que eu faça alguma coisa que seja agradável para ti.'"

"Ahalya disse, 'Abençoado sejas, traga para mim aqueles brincos celestiais que são usados pela esposa de Saudasa. Aquilo que é devido ao teu preceptor então estará bem pago.' Respondendo para ela 'Assim seja,' Utanka partiu, ó Janamejaya, decidido a trazer aqueles brincos para fazer o que era agradável para a esposa do seu preceptor. Aquele principal dos Brahmanas, Utanka, procedeu sem nenhuma perda de tempo até Saudasa que tinha (devido à maldição de Vasishtha) se tornado um canibal, para pedir os brincos dele. Gautama enquanto isso disse para sua esposa, 'Utanka não está sendo visto hoje.' Assim endereçada, ela o informou como ele tinha partido para buscar os brincos adornados com pedras preciosas (da rainha de Saudasa). Nisto, Gautama disse, 'Tu não agiste sabiamente. Amaldiçoado (por Vasishtha), aquele rei (que foi transformado em um comedor de homens) realmente matará Utanka.'"

"Ahalya disse, 'Sem saber disso, ó santo, eu coloquei Utanka para esta tarefa. Ele, no entanto, não cairá em nenhum perigo pela tua graça.’ Assim endereçado por ela, Gautama disse, 'Assim seja!' Enquanto isso, Utanka encontrou o rei Saudasa em uma floresta abandonada.'"

57

"Vaisampayana disse, ‘Vendo o rei, que tinha se tornado dessa maneira, de aparência terrível, usando uma barba comprida coberta com o sangue de seres humanos, o Brahmana Utanka, ó rei, não ficou agitado. Aquele monarca de grande energia, inspirando terror em todo peito e parecendo com um segundo Yama, se erguendo, se dirigiu a Utanka, dizendo, 'Por boa sorte, ó melhor dos Brahmanas, tu vieste a mim na sexta hora do dia quando eu estou à procura de alimento.'"

"Utanka disse, 'Ó rei, saiba que eu vim aqui no decurso de minhas viagens por causa do meu preceptor. Os sábios dizem que enquanto alguém está ocupado por causa de seu preceptor, ele não deve ser ferido.'"

"O rei disse, 'Ó melhor dos Brahmanas, alimento está ordenado para mim na sexta hora do dia. Eu estou com fome. Eu, portanto, não te permitirei escapar hoje.'"

"Utanka disse, 'Que seja assim, ó rei. Que este pacto seja feito comigo. Depois de eu ter parado de vagar por meu preceptor, eu virei novamente e me colocarei dentro do teu poder. Foi ouvido por mim, ó melhor dos reis, que o objeto que eu procuro para meu preceptor está sob teu controle, ó monarca. Portanto, ó soberano de homens, eu te peço por ele. Tu diariamente davas muitas das mais notáveis das pedras preciosas para Brahmanas superiores. Tu és um doador, ó chefe de homens, de quem doações podem ser aceitas, saiba que eu também sou um objeto merecedor de caridade presente diante de ti, ó melhor dos reis. Tendo aceitado de ti em doação aquele objeto para meu preceptor que está sob teu controle, eu irei, ó rei, por meu pacto, mais uma vez voltar para ti e me colocar sob teu poder. Eu te asseguro realmente disso. Não há nenhuma mentira nisso. Nunca antes eu falei alguma coisa falsa, não, nem mesmo de brincadeira. O que eu direi então de outras ocasiões?'"

"Saudasa disse, 'Se o objeto que tu procuras para o teu preceptor pode ser colocado nas tuas mãos por mim, se eu for considerado como alguém de quem uma doação pode ser aceita, então diga qual é aquele objeto.'"

"Utanka disse, 'Ó principal dos homens, ó Saudasa, em minha opinião tu és uma pessoa digna de quem doações podem ser aceitas. Eu, portanto, vim a ti para te pedir os brincos enfeitados com pedras preciosas (usados pela tua rainha).'"

"Saudasa disse, 'Aqueles brincos enfeitados com pedras preciosas, ó Rishi erudito e regenerado, pertencem à minha esposa. Eles devem ser pedidos para ela. Portanto, peça alguma outra coisa de mim. Eu a darei para ti, ó tu de votos excelentes.'"

"Utanka disse, 'Se nós somos considerados como alguma autoridade, pare então de usar esse pretexto. Dê aqueles brincos enfeitados com pedras preciosas para mim. Seja verdadeiro em palavras, ó rei.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado, o rei mais uma vez se dirigiu a Utanka e disse para ele, 'Por minha ordem, vá até minha rainha venerável, ó melhor dos homens, e peça a ela, dizendo, 'Dê!' Ela de votos puros, assim solicitada por ti, certamente, por minha ordem, te dará, ó principal das pessoas regeneradas, aqueles brincos enfeitados com pedras preciosas dela sem dúvida.'"

"Utanka disse, 'Onde, ó soberano de homens, eu poderei encontrar tua rainha? Por que tu mesmo não vais até ela?'"

"Saudasa disse, 'Tu a encontrarás hoje na vizinhança de uma fonte principal. Eu não posso vê-la ela hoje porque a sexta hora do dia chegou.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado, Utanka, ó chefe da linhagem de Bharata, então deixou aquele local. Vendo Madayanti, ele a informou do seu objetivo. Ouvindo a ordem de Saudasa, aquela dama de olhos grandes respondeu para o altamente inteligente Utanka, ó Janamejaya, nestas palavras: 'É assim mesmo, ó regenerado. Tu deves, no entanto, ó impecável, me assegurar que tu não dizes o que é falso. Cabe a ti me trazer algum sinal do meu marido. Estes meus brincos celestes, feitos de pedras preciosas valiosas, são tais que as divindades e Yakshas e grandes Rishis sempre procuram por oportunidades para roubá-los. Se colocado em algum momento sobre a Terra, este artigo valioso então será roubado pelos Nagas. Se usado por alguém que está impuro por comer, ele então será levado pelos Yakshas. Se quem o usar adormecer (sem cuidar destes brincos preciosos) as divindades então os levarão embora. Ó melhor dos Brahmanas, estes brincos podem ser roubados, quando tais oportunidades se apresentam, por divindades e Rakshasas e Nagas, se usados por uma pessoa desatenta. Ó melhor dos regenerados, estes brincos, dia e noite, sempre produzem ouro. À noite, eles brilham gloriosamente, atraindo os raios de estrelas e constelações. Ó santo, se usados por uma pessoa, ela estará livre de fome e sede e medo de todo tipo. Quem usa estes brincos também está livre do medo de veneno e fogo e todo tipo de perigo. Se usados por alguém de estatura baixa, eles se tornam curtos. Se usados por alguém de estatura alta, eles crescem em tamanho. Exatamente de tais virtudes são estes meus brincos. Eles são elogiados e honrados em todos os lugares. De fato, eles são conhecidos pelos três mundos. Portanto, traga-me algum sinal (do meu marido).'"

58

"Vaisampayana disse, 'Utanka, voltando ao rei Saudasa que estava sempre bem disposto em direção a todos os seus amigos, pediu a ele algum sinal (para convencer Madayanti do fato de ele estar realmente autorizado pelo rei). Aquele principal da linhagem de Ikshwaku então deu a ele um sinal.'"

"Saudasa disse, 'Esta minha condição atual é intolerável. Eu não vejo nenhum refúgio. Sabendo que esse é meu desejo, doe os brincos enfeitados com pedras preciosas.' (Essas palavras do rei são destinadas a serem comunicadas para sua rainha que compreenderia a alusão. O sentido é este: amaldiçoado por Vasishtha, eu me tornei um canibal. Minha condição é intolerável. Por essa doação dos brincos para um Brahmana merecedor, muito mérito pode surgir. Aquele mérito pode me ajudar.) Assim endereçado pelo rei, Utanka voltou à rainha e relatou para ela as palavras de seu marido. Ouvindo aquelas palavras, a rainha deu para Utanka seus brincos enfeitados com pedras preciosas. Tendo obtido os brincos, Utanka voltou ao rei e disse a ele, 'Eu desejo saber, ó monarca, qual é o significado daquelas palavras misteriosas que tu disseste como um sinal para tua rainha.'"

"Saudasa disse, 'Kshatriyas são vistos honrarem os Brahmanas desde o próprio início da criação. Em direção aos Brahmanas, no entanto, muitas ofensas surgem (da parte dos Kshatriyas). Em relação a mim mesmo, eu estou sempre inclinado em humildade diante deles. Eu fui surpreendido por uma grande desgraça por causa de um Brahmana. Possuidor de Madayanti, eu não vejo nenhum outro refúgio. De fato, ó principal de todas as pessoas que têm uma meta elevada, eu não vejo algum outro refúgio para mim na questão de me aproximar dos portões do Céu, ou em continuar aqui, ó melhor dos regenerados. É impossível para um rei que é hostil aos Brahmanas continuar vivendo neste mundo ou obter felicidade no próximo. Por isso eu te dei estes meus brincos enfeitados com pedras preciosas os quais eram cobiçados por ti. (Como Madayanti é seu único refúgio, ela pode salvá-lo por fazer uma ação de mérito especial, isto é, doar seus brincos caros para um Brahmana realmente merecedor.) Agora mantenha o acordo que tu fizeste comigo hoje.'"

"Utanka disse, 'Ó rei, eu sem dúvida agirei de acordo com a minha promessa. Eu realmente voltarei e me colocarei sob teu poder. Há, no entanto, uma pergunta, ó opressor de inimigos, que eu desejo te fazer.'"

"Saudasa disse, 'Diga, ó Brahmana erudito, o que está em tua mente. Eu certamente responderei às tuas palavras. Eu dissiparei qualquer dúvida que possa estar na tua mente. Eu não tenho hesitação nisto.'"

"Utanka disse, 'Aqueles que são hábeis nas regras de dever dizem que Brahmanas são de palavras contidas. Alguém que se comporta injustamente para com amigos é considerado tão vil quando um ladrão. (O sentido é este: um Brahmana nunca é de língua solta. Ele é verdadeiro. Por isso, tendo dado minha palavra para ti sobre meu retorno, tu podes estar certo que eu manterei minha palavra. Alguém, além disso, que age impropriamente para com um amigo vem a ser considerado como um ladrão. Por meio disso Utanka lembra o rei que ele não deve lhe infligir algum mal por realizar sua intenção de comê-lo.) Tu, além disso, ó rei, te tornaste meu amigo hoje. Então, ó principal dos homens, dê-me tal conselho que é aprovado pelos sábios. Com relação a mim mesmo, eu agora obtive a realização dos meus desejos. Tu, além disso, és um canibal. É apropriado que eu volte a ti ou não?'"

“Saudasa disse, ‘Se é apropriado (para mim), ó principal dos Brahmanas superiores, dizer o que tu perguntas, eu devo então, ó melhor dos regenerados uns, te dizer que tu nunca deves voltar a mim. Ó perpetuador da linhagem de Bhrigu, por agir dessa maneira, tu realizarás o que é benéfico para ti. Se tu vieres de volta, ó Brahmana erudito, tu certamente encontrarás com a morte.’”

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado pelo rei inteligente em relação ao que era benéfico para ele, Utanka se despediu do monarca e partiu para a presença de Ahalya. Desejoso de fazer o que era agradável para a esposa do seu preceptor, ele levou os brincos consigo e saiu com grande velocidade para alcançar o retiro de Gautama. Protegendo-os exatamente da maneira indicada por Madayanti, isto é, amarrando-os dentro das dobras de sua camurça preta, ele

prosseguiu em seu caminho. Depois que ele tinha prosseguido por alguma distância, ele ficou afligido pela fome. Ele então viu uma árvore Vilwa (Aegle marmelos) abaixada com o peso de frutos (maduros). Ele subiu naquela árvore. Fazendo sua pele de veado, ó castigador de inimigos, ficar pendurada em um ramo, aquela principal das pessoas regeneradas então começou a colher alguns frutos. Enquanto ele estava empenhado em colher aqueles frutos com olhos dirigidos em direção a eles, alguns deles caíram, ó rei, naquela pele de veado na qual aqueles brincos tinham sido cuidadosamente amarrados por aquele principal dos Brahmanas. Com os golpes dos frutos, o nó se desatou. De repente aquela pele de veado, com os brincos nela, caiu. Quando o nó se desatou, e a pele de veado caiu no chão, uma cobra que estava lá viu aqueles brincos enfeitados com pedras preciosas. Aquela cobra pertencia à linhagem de Airavata. Com grande agilidade ela pegou os brincos em sua boca e então entrou em um formigueiro. Vendo os brincos roubados por aquela cobra, Utanka, cheio de ira e em grande ansiedade mental, desceu da árvore. Pegando seu bastão ele começou a perfurar aquele formigueiro. Aquele melhor dos Brahmanas, queimando com cólera e o desejo por vingança, se empenhou incessantemente por trinta e cinco dias naquela tarefa. A deusa Terra, incapaz de aguentar a força do bastão de caminhada de Utanka e com o corpo dilacerado com isso, ficou extremamente ansiosa. Para aquele Rishi regenerado então, que continuava a cavar a Terra pelo desejo de fazer um caminho para as regiões inferiores habitadas pelos Nagas, o chefe dos celestiais, armado com o raio, chegou lá, em seu carro puxado por cavalos verdes. Dotado de grande energia, ele viu aquele principal dos Brahmanas, quando ele estava sentado lá ocupado em sua tarefa.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assumindo o disfarce de um Brahmana afligido com a tristeza de Utanka, o chefe dos celestiais se dirigiu a ele, dizendo, 'Este (teu propósito) não pode ser alcançado. As regiões dos Nagas estão a milhares de Yojanas longe deste lugar. Eu penso que teu propósito não pode ser realizado com teu bastão de caminhada.'"

"Utanka disse, 'Se, ó Brahmana, os brincos não forem recuperados por mim das regiões dos Nagas, eu irei abandonar meus ares vitais perante teus olhos, ó principal das pessoas regeneradas!'"

"Vaisampayana disse, 'Quando Indra armado com o raio fracassou em desviar Utanka de seu propósito, ele uniu o bastão de caminhada do último com a força do trovão. Então, ó Janamejaya, a Terra, se abrindo com aqueles golpes que tinham a força do trovão, produziu um caminho para as regiões (inferiores) habitadas pelos Nagas. Por aquele caminho Utanka entrou no mundo dos Nagas. Ele viu que aquela região se estendia por milhares de Yojanas em todos os lados. De fato, ó abençoado, ela era guarnecida com muitas paredes feitas de ouro puro e decoradas com jóias e pedras preciosas. Havia muitos tanques de água excelentes equipados com escadarias feitas de cristal puro, e muitos rios de água límpida e transparente. Ele viu também muitas árvores com diversas espécies de aves pousando nelas. Aquele perpetuador da linhagem de Bhrigu viu o portão daquela região que tinha cinco Yojanas completos de altura e cem Yojanas de largura. Contemplando a região dos Nagas, Utanka ficou muito triste. De fato, ele

desanimou de conseguir os brincos de volta. Então lá apareceu para ele um corcel preto com um rabo branco. Sua face e olhos eram de uma cor de cobre, ó tu da linhagem de Kuru, e ele parecia resplandecer com energia. Dirigindo-se a Utanka, ele disse, 'Sopre no ducto Apana do meu corpo. Tu irás então, ó Brahmana erudito, conseguir de volta os teus brincos que foram roubados por um descendente da linhagem de Airavata! Não relute cumprir minha ordem, ó filho. Tu fizeste isso muitas vezes no retiro de Gautama nos tempos passados.'"

"Utanka disse, 'Como eu te conheci no retiro do meu preceptor? De fato, eu desejo saber como eu fiz naqueles tempos o que tu me mandaste fazer agora.'"

"O corcel disse, 'Saiba, ó Brahmana erudito, que eu sou o preceptor do teu preceptor, pois eu sou o ardente Jatavedas (divindade do fogo). Por ti eu fui muitas vezes adorado por causa do teu preceptor, ó filho da linhagem de Bhrigu, adequadamente e com coração e corpo puros. Por essa razão eu irei realizar o que é para o teu bem. Cumpra minha ordem sem demora.' Assim endereçado pela divindade do fogo, Utanka fez como ele foi ordenado. A divindade então, satisfeita com ele, resplandeceu para consumir tudo. Dos poros de seu corpo, ó Bharata, por sua própria natureza, saiu uma fumaça espessa ameaçando terrores para o mundo dos Nagas. Com aquela fumaça poderosa e que se estendia sobre vasta área, ó Bharata, tudo ficou envolvido em escuridão, de modo que nada, ó rei, podia mais ser visto no mundo dos Nagas. Gritos de dor foram ouvidos por todas as mansões dos Airavatas, proferidos pelos Nagas encabeçados por Vasuki, ó Janamejaya. Envolvidos por aquela fumaça, os palácios não podiam mais ser vistos, ó Bharata. Estas pareciam bosques e colinas tomados por uma floresta densa. Com olhos que estavam vermelhos por causa da fumaça, e afligidos pela energia da divindade do fogo, os Nagas saíram de suas mansões até o filho de grande alma da linhagem de Bhrigu para averiguar qual era o assunto. Tendo ouvido qual era o assunto daquele asceta de energia incomensurável, todos os Nagas, com medo retratado em seus olhos, lhe ofereceram seu culto segundo as formas devidas. De fato, todos os Nagas colocando os velhos e os jovens perante eles, se curvaram a ele com suas cabeças e mãos unidas e se dirigiram a ele, dizendo, 'Fique satisfeito conosco, ó santo!' Tendo satisfeito aquele Brahmana e lhe oferecendo água para lavar seus pés e os ingredientes do Arghya (para honrá-lo), os Nagas lhe deram aqueles brincos celestes e muito adorados. Assim honrado por eles, Utanka de grande destreza, circungirando a divindade do fogo, partiu para o retiro do seu preceptor. De fato, se dirigindo rapidamente para o retiro de Gautama, ó rei, ele ofereceu aqueles brincos para a esposa do seu preceptor, ó impecável. Aquele melhor dos Brahmanas também disse para seu preceptor tudo sobre Vasuki e os outros Nagas que tinha ocorrido. Foi dessa maneira, ó Janamejaya, que Utanka de grande alma, tendo vagado pelos três mundos, buscou aqueles brincos enfeitados com pedras preciosas (para a esposa do seu preceptor). De tal destreza, ó chefe da linhagem de Bharata, era o asceta Utanka. Assim austeras eram as penitências com as quais ele era dotado. Eu desse modo te disse o que tu me perguntaste.'"

59

"Janamejaya disse, 'Depois de ter concedido aquela bênção para Utanka, ó principal das pessoas regeneradas, o que o poderosamente armado Govinda de grande celebridade fez em seguida?'"

"Vaisampayana disse, 'Tendo concedido aquela bênção para Utanka, Govinda, acompanhado por Satyaki, procedeu para Dwaraka em seu carro puxado por seus grandes corcéis dotados de grande velocidade. Passando por muitos lagos e rios e florestas e colinas, ele finalmente chegou à cidade encantadora de Dwaravati. Foi no momento, ó rei, quando o festival de Raivataka tinha começado, que ele de olhos como pétalas de lótus chegou com Satyaki como seu companheiro. Enfeitada com muitas coisas belas e coberta com diversos Koshas feitos de jóias e pedras preciosas, a colina Raivataka brilhava, ó rei, com grande esplendor. Aquela montanha alta, decorada com coroas de ouro excelentes e guirlandas de flores alegres, com muitas árvores grandes que pareciam com as árvores Kalpa do jardim de Indra, e com muitos postes dourados nos quais lâmpadas estavam acesas, brilhava em beleza dia e noite. Pelas cavernas e fontes a luz era tão poderosa que parecia ser dia claro. Por todos os lados bandeiras belas ondulavam no ar com pequenos sinos que tilintavam continuamente. A colina inteira ressoava com as canções melodiosas de homens e mulheres. Raivataka apresentava um panorama muito encantador como Meru com todas as suas jóias e pedras preciosas. Homens e mulheres, excitados e cheios de deleite, ó Bharata, cantavam alto. A onda de música que assim se erguia daquela principal das montanhas parecia tocar os próprios céus. Em todos os lugares eram ouvidas declamações e gritos altos de homens que estavam em todos os estágios de excitamento. O falatório de milhares de vozes fazia aquela montanha encantadora e fascinante. Ela estava adornada com muitas lojas e bancas cheias com diversas iguarias e artigos agradáveis. Havia pilhas de tecidos e guirlandas, e a música de Vinas e flautas e Mridangas era ouvida em todos os lugares. Alimento misturado com vinhos de diversos tipos era fornecido aqui e ali. Doações estavam sendo feitas incessantemente para aqueles que eram aflitos, ou cegos, ou incapazes. Por causa de tudo isso, o festival daquela montanha se tornou altamente auspicioso. Havia muitas residências sagradas construídas no leito daquela montanha, ó herói, dentro das quais residiam muitos homens de atos justos. Dessa maneira os heróis da linhagem de Vrishni se divertiam naquele festival de Raivataka. Equipada com aquelas mansões, aquela montanha brilhava como um segundo Céu. À chegada de Krishna, ó chefe da linhagem de Bharata, aquele príncipe das montanhas parecia com a residência abençoada do próprio Indra. Adorado (por seus parentes), Krishna então entrou em uma mansão bela. Satyaki também foi para seus próprios aposentos com uma alma deliciada. Govinda entrou em sua residência depois de uma longa ausência, tendo realizado feitos de grande dificuldade como Vasava em meio à hoste Danava. Os heróis das tribos Bhoja, Vrishni, e Andhaka, todos se adiantaram para receber aquele de grande alma como as divindades avançando para receber aquele de cem sacrifícios. Dotado de grande inteligência, ele os honrou em retorno e perguntou sobre seu bem-estar. Com um coração satisfeito ele então saudou seu pai e mãe. O herói

poderosamente armado foi abraçado por ambos e confortado também (por numerosas evidências de afeição). Ele então tomou seu assento com todos os Vrishnis sentados em volta dele. Tendo lavado seus pés e dissipado sua fadiga, Krishna de energia imensa, quando ele sentou lá, então relatou os principais incidentes da grande batalha em resposta às perguntas feitas a ele por seu pai.'"

60

"Vasudeva disse, 'Ó tu da linhagem de Vrishni, eu tenho repetidamente ouvido homens falando da batalha extraordinária (entre os Kurus e os Pandavas). Tu, no entanto, ó poderosamente armado, a testemunhaste com teus próprios olhos. Portanto, ó impecável, descreva a batalha em detalhes. De fato, me diga como ocorreu aquela batalha entre os Pandavas de grande alma (de um lado) e Bhishma e Karna e Kripa e Drona e Salya e outros (do outro lado), entre, realmente, outros numerosos Kshatriyas bem habilidosos em armas, diferindo uns dos outros em aparência e trajes, e vindos de diversos reinos.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado por seu pai, ele de olhos como pétalas de lótus narrou, na presença de sua mãe também, como os heróis Kaurava foram mortos em batalha.'"

"Vasudeva disse, 'Foram muito admiráveis as façanhas que foram realizadas por aqueles Kshatriyas de grande alma. Por seu grande número, elas não poderiam ser enumeradas nem em centenas de anos. Eu irei, no entanto, mencionar somente as principais delas. Ouçam-me, portanto, enquanto eu menciono em resumo aqueles feitos realizados pelos reis da Terra. Ó tu de esplendor divino, Bhishma da linhagem de Kuru se tornou o generalíssimo, tendo onze divisões (Akshauhinis) dos príncipes Kaurava sob seu comando, como Vasava dos exércitos celestes. Sikhandin de grande inteligência, protegido pelo abençoado Arjuna, se tornou o líder das sete divisões dos filhos de Pandu. A batalha entre os Kurus e os Pandavas (sob esses líderes) durou por dez dias. Ela foi tão violenta quanto a fazer os pêlos de alguém se arrepiarem. Então Sikhandin, em grande combate, ajudado pelo manejador do Gandiva, matou, com inúmeras setas, o filho de Ganga lutando bravamente. Deitado em um leito de flechas, Bhishma esperou como um asceta até o sol deixar seu caminho para o sul e entrar em seu rumo norte, quando aquele herói abandonou seus ares vitais. Então Drona, aquela principal de todas as pessoas familiarizadas com armas, aquele maior dos homens sob Duryodhana, como o próprio Kavya (Sukra, preceptor) do senhor dos Daityas, se tornou generalíssimo. Aquela principal das pessoas regeneradas, sempre se vangloriando de sua bravura em batalha, foi apoiado pelo restante da força Kaurava consistindo então em nove Akshauhinis, e protegido por Kripa e Vrisha e outros. Dhrishtadyumna conhecedor de muitas armas poderosas, e possuidor de grande inteligência, se tornou o líder dos Pandavas. Ele foi protegido por Bhima como Varuna protegido por Mitra. Aquele herói de grande alma, sempre desejoso de medir sua força com Drona, apoiado pelo (restante do) exército Pandava, e se lembrando dos males infligidos (por Drona) sobre seu pai (Drupada, o rei dos Panchalas), realizou grandes feitos em batalha. Naquele

combate entre Drona e o filho de Prishata, os reis, reunidos de diversos reinos, quase foram exterminados. Aquela batalha furiosa durou por cinco dias. Na conclusão daquele período, Drona, esgotado, sucumbiu a Dhrishtadyumna. Depois disso, Karna se tornou o generalíssimo dos exércitos de Duryodhana. Ele era apoiado em batalha pelo resto da hoste Kaurava que numerava cinco Akshauhinis. Dos filhos de Pandu havia então três Akshauhinis. Depois do massacre de inúmeros heróis, protegidos por Arjuna, eles chegaram a lutar. O filho de Suta, Karna, embora um guerreiro feroz, combatendo Partha, chegou ao seu fim no segundo dia, como um inseto encontrando um fogo ardente. Depois da queda de Karna, os Kauravas ficaram desanimados e perderam toda a energia. Numerando três Akshauhinis, eles se reuniram em volta do soberano dos Madras. Tendo perdido muitos guerreiros em carros e elefantes e cavaleiros, o resto do exército Pandava, numerando um Akshauhini e tomado pelo desânimo, apoiou Yudhishthira (como seu líder). O rei Yudhishthira, na batalha que se seguiu, realizou as façanhas mais difíceis e matou, antes da metade do dia estar terminada, o rei dos Madras. Depois da queda de Salya, Sahadeva de grande alma de destreza incomensurável matou Sakuni, o homem que tinha ocasionado a disputa (entre os Pandavas e os Kurus). Depois da queda de Sakuni, o filho nobre de Dhritarashtra, cujo exército tinha sofrido uma extensa carnificina e que por causa disso tinha ficado extremamente triste, fugiu do campo, armado com sua maça. Então Bhimasena de grande heroísmo, cheio de fúria, o perseguiu e o descobriu dentro das águas do lago Dwaipayana. Com o resto do seu exército, os Pandavas cercaram o lago e, cheios de alegria, combateram Duryodhana escondido dentro das águas. Suas flechas verbais, penetrando através das águas, perfuraram Duryodhana. Erguendo-se do lago, o último se aproximou dos Pandavas, armado com sua maça, desejoso de lutar. Então, no grande combate que se seguiu, o filho nobre de Dhritarashtra foi morto por Bhimasena que empregou sua grande destreza, na presença de muitos reis. Depois disso o resto do exército Pandava, quando ele dormia no acampamento, foi massacrado durante a noite pelo filho de Drona que não podia suportar a morte de seu pai (nas mãos de Dhrishtadyumna). Seus filhos mortos, suas tropas mortas, somente os cinco filhos de Pandu e eu mesmo e Yuyudhana estamos vivos. Com Kripa e o príncipe Bhoja Kritavarman, o filho de Drona representa o resto não morto do exército Kaurava. O filho de Dhritarashtra Yuyutsu também escapou do massacre por ter adotado o lado dos Pandavas. Após a morte do rei Kaurava (Suyodhana) com todos os seus seguidores e aliados, Vidura e Sanjaya foram à presença do rei Yudhishthira o justo. Exatamente assim ocorreu aquela batalha, ó senhor, por dezoito dias. Muitos reis da Terra, mortos nela, ascenderam para o Céu.'"

"Vaisampayana continuou, 'Os Vrishnis, quando eles ouviram, ó rei, aquele relato terrível, se encheram de angústia e tristeza e dor.'"

61

"Vaisampayana disse, 'Depois que Vasudeva de grande alma de grande destreza tinha terminado sua narração da grande batalha dos Bharatas perante

seu pai, estava claro que aquele herói tinha omitido a morte de Abhimanyu. O motivo daquele de grande alma era que seu pai não podia ouvir aquilo que era muito desagradável para ele. De fato, o inteligente Krishna não desejou que seu pai Vasudeva, ao ouvir a notícia terrível da morte do filho de sua filha, sofresse de tristeza e dor. (Sua irmã) Subhadra, reparando que a morte de seu filho não tinha sido mencionada, se dirigiu ao seu irmão, dizendo, 'Narre a morte do meu filho, ó Krishna.' E caiu no chão (desmaiada). Vasudeva viu sua filha caída no chão. Logo que ele viu isso, ele também caiu, privado de seus sentidos pela dor. (Recuperando seus sentidos) Vasudeva, afligido pela dor pela morte do filho de sua filha, ó rei, se dirigiu a Krishna, dizendo, 'Ó tu de olhos de lótus, tu és famoso sobre a Terra por seres sincero em palavras. Por que, no entanto, ó matador de inimigos, tu não me falas hoje da morte do filho de minha filha? Ó pujante, me fale em detalhes da morte do filho da tua irmã. Possuidor de olhos parecidos com os teus, ai, como ele foi morto em batalha por inimigos? Já que o meu coração por dor não se parte em cem pedaços, parece, ó tu da linhagem de Vrishni, que ele não morre com homens quando sua hora não chega. Oh, no momento de sua queda, quais palavras ele proferiu; dirigindo-se à sua mãe? Ó de olhos de lótus, o que aquele meu querido, possuidor de olhos agitados, disse para mim? Eu espero que ele não tenha sido morto por inimigos enquanto recuando da batalha com suas costas em direção a eles. Eu espero, ó Govinda, que seu rosto não tenha se tornado triste enquanto lutando. Ele era possuidor, ó Krishna, de energia imensa. Por um espírito de infantilidade, aquele herói pujante, se gabando (de sua destreza) em minha presença, costumava falar da sua habilidade (em batalha). Eu espero que aquele menino não se encontre no campo, morto fraudulentamente por Drona e Karna e Kripa e outros. Conte-me isto. Aquele filho da minha filha sempre costumava desafiar Bhishma e aquele principal de todos os guerreiros poderosos, isto é, Karna, em batalha.' Para seu pai que, por excesso de dor, se entregava a tais lamentações, Govinda, mais aflito do que ele respondeu nestas palavras, 'Seu rosto não ficou triste quando ele lutava na vanguarda da batalha. Embora aquela batalha fosse violenta, ele não deu suas costas para ela. Tendo matado centenas e milhares de reis da Terra, ele foi prejudicado por Drona e Karna e finalmente sucumbiu ao filho de Dussasana. Se, ó senhor, ele tivesse combatido um a um, sem intermissão, ele não poderia ter sido morto em batalha nem mesmo pelo manejador do raio. Quando seu pai Arjuna foi afastado do exército principal pelos Samsaptakas (que o desafiaram para lutar separadamente), Abhimanyu foi cercado pelos heróis Kaurava enfurecidos encabeçados por Drona em batalha. Então, ó pai, depois que ele tinha massacrado um número muito grande de inimigos em batalha, o filho da tua filha finalmente sucumbiu ao filho de Dussasana. Sem dúvida, ele foi para o Céu. Mate essa tua dor, ó tu de grande inteligência. Aqueles que são de compreensões purificadas nunca enlanguescem quando eles encontram com alguma calamidade. Ele por quem Drona e Karna e outros foram controlados em batalha, heróis que eram iguais ao próprio Indra em poder, porque ele não ascenderia para o Céu? Ó irresistível, mate essa tua aflição. Não te permita ser dominado pela ira. Aquele conquistador de cidades hostis alcançou aquela meta santificada que depende da morte no fio de armas. Depois da queda daquele herói, esta minha irmã Subhadra dominada pela dor se entregou a altas lamentações, quando ela viu Kunti, como

uma águia-pescadora fêmea. Quando ela encontrou Draupadi, ela perguntou a ela em aflição, ‘Ó dama venerável, onde estão todos os nossos filhos? Eu desejo vê-los.’ Ouvindo seus lamentos, todas as senhoras Kaurava a abraçaram e choraram sentando em volta dela. Vendo (sua nora) Uttara, ela disse, 'Ó moça abençoada, aonde teu marido foi? Quando ele voltar, sem perderes um momento, me avise disso. Ai, ó filha de Virata, logo que ele ouvia minha voz, ele costumava sair de seu quarto sem a perda de um momento. Por que teu marido não sai hoje? Ai, ó Abhimanyu, teus tios maternos, poderosos guerreiros em carros, estão todos com saúde. Eles costumavam te abençoar quando eles te viam chegar aqui preparado para sair para a batalha. Conte-me os incidentes da batalha hoje como antes, ó castigador de inimigos. Oh, por que tu não me respondes hoje, eu que estou chorando tão amargamente?' Ouvindo esses lamentos daquela filha da linhagem de Vrishni, Pritha, profundamente afligida pela dor, se dirigiu a ela e disse lentamente, 'Ó Subhadra, embora protegido por Vasudeva e Satyaki e por seu próprio pai, ainda assim teu filho jovem foi morto. Aquela morte é devido à influência do Tempo! Ó filha da linhagem de Yadu, teu filho era mortal. Não sofra. Irresistível em batalha, teu filho, sem dúvida, chegou à meta mais sublime. Tu és nascida em uma linhagem nobre de Kshatriyas de grande alma. Não sofra, ó tu de olhares inquietos, ó moça de olhos como pétalas de lótus. Olhe para Uttara que está grávida. Ó dama abençoada, não ceda à tristeza. Esta moça auspiciosa logo dará à luz um filho para aquele herói.’ Tendo-a consolado dessa maneira, Kunti, conhecedora de todos os deveres, ó perpetuador da linhagem de Yadu, rejeitando sua dor, ó irresistível, fez arranjos para os ritos fúnebres de Abhimanyu, com a aquiescência do rei Yudhishthira e Bhima, e dos gêmeos (Nakula e Sahadeva) que em destreza pareciam com o próprio Yama. Ela também fez muitos presentes para os Brahmanas, e concedeu para eles muitas vacas, ó perpetuador da linhagem de Yadu, Então a dama Vrishni (Kunti), um pouco confortada, se dirigiu à filha de Virata, dizendo, ‘Ó filha impecável de Virata, tu não deves te entregar à dor. Por causa do teu marido, ó tu de quadris rotundos, proteja a criança em teu ventre.’ Tendo dito essas palavras, ó tu de grande esplendor, Kunti parou. Com a permissão dela eu trouxe Subhadra aqui. Foi assim, ó concessor de honras, que o filho da tua filha encontrou sua morte. Rejeite tua dor abrasadora, ó irresistível. De fato, não coloque teu coração na tristeza.'”

62

"Vaisampayana disse, 'Tendo ouvido estas palavras de seu filho Vasudeva, aquele descendente de Sura, de alma justa, rejeitando sua angústia, fez oferendas fúnebres excelentes (para Abhimanyu). Vasudeva também realizou aqueles ritos para a ascensão (para o Céu) de seu sobrinho de grande alma, aquele herói que era sempre o querido de seu pai (Vasudeva). Ele alimentou adequadamente seis milhões de Brahmanas, dotados de grande energia, com comestíveis possuidores de toda recomendação. Oferecendo muitas roupas para eles, Krishna satisfez a sede por riqueza daqueles Brahmanas. Fenomenais eram as pilhas de ouro, o número de vacas e de camas e roupas, que foram então doadas. Os Brahmanas declaravam ruidosamente: 'Que (a riqueza de Krishna) aumente.' Então Vasudeva

da linhagem de Dasarha, e Valadeva, e Satyaki, e Satyaka, cada um realizou os ritos fúnebres de Abhimanyu. Extremamente afligidos pela dor, eles fracassaram em obter consolo. O mesmo era o caso com os filhos de Pandu na cidade que recebeu o nome de elefante. Privados de Abhimanyu, eles fracassaram em obter paz mental. A filha de Virata, ó monarca, por muitos dias, se absteve totalmente de todo alimento, extremamente afligida pela angústia por causa da morte de seu marido. Nisso todos os parentes dela ficaram mergulhados em angústia excessiva. Eles todos temiam que o embrião no útero dela pudesse ser destruído. Então Vyasa, averiguando o estado das coisas por meio de sua visão espiritual, chegou lá. O Rishi altamente inteligente, dotado de grande energia, chegando (ao palácio), se dirigiu a Pritha de olhos grandes, como também à própria Uttara, dizendo, 'Que esta dor seja abandonada. Ó dama famosa, um filho dotado de energia imensa nascerá para ti, pela pujança de Vasudeva e pela minha palavra. Aquele filho governará a Terra depois que os Pandavas (tiverem partido dela).' Vendo Dhananjaya, ele disse para ele, na audição do rei Yudhishthira o justo, e o alegrando com suas palavras, 'Ó Bharata, teu neto, ó altamente abençoado, se tornará um príncipe de grande alma. Ele governará justamente a Terra inteira até a margem do oceano. Portanto, ó principal da linhagem de Kuru, rejeite esta dor, ó ceifeiro de inimigos. Não duvide disso. Isso realmente acontecerá. Aquilo que foi proferido pelo herói Vrishni em uma ocasião passada, irá, sem dúvida, acontecer. Não pense de outra maneira. Com relação a Abhimanyu, ele foi para as regiões das divindades, conquistadas por ele com suas próprias ações. Aquele herói não deve ser lamentado por ti ou, de fato, pelos outros Kurus.' Assim endereçado por seu avô, Dhananjaya de alma justa, ó rei, rejeitou seu pesar e até ficou alegre. Teu pai, ó príncipe, que és conhecedor de todos os deveres, começou a crescer naquele útero, ó tu de grande inteligência, como a Lua na quinzena iluminada. Então Vyasa incitou o filho nobre de Dharma a realizar o Sacrifício de Cavalo. Tendo falado daquela maneira, ele se fez invisível. O inteligente rei Yudhishthira o justo, ouvindo as palavras de Vyasa, colocou sua mente na viagem para trazer riqueza (para o sacrifício).'"

63

"Janamejaya disse, 'Tendo ouvido aquelas palavras, ó regenerado, que foram faladas por Vyasa de grande alma a respeito do Sacrifício de Cavalo, quais medidas foram tomadas por Yudhishthira? Diga-me, ó principal dos regenerados, como o rei conseguiu obter a riqueza que Marutta tinha enterrado na Terra.'"

"Vaisampayana disse, 'Tendo ouvido as palavras do asceta Nascido na Ilha, o rei Yudhishthira o justo convocou todos os seus irmãos, isto é, Arjuna e Bhimasena e os filhos gêmeos de Madri, no momento apropriado e então disse para eles (as seguintes palavras), 'Ó heróis, vocês ouviram as palavras que o altamente inteligente Krishna (Vyasa) de grande alma disse por sua amizade e pelo desejo de fazer bem para os Kurus! Realmente, vocês ouviram aquelas palavras que foram proferidas por aquele asceta de penitências abundantes, aquele grande sábio desejoso de conceder prosperidade para seus amigos,

aquele preceptor de comportamento justo, isto é, Vyasa de feitos extraordinários. Vocês ouviram também o que Bhishma disse, e o que Govinda também de grande inteligência proferiu. Lembrando daquelas palavras, ó filhos de Pandu, eu desejo obedecê-las devidamente. Por obedecer a aquelas palavras deles grande bem-aventurança se vinculará a todos vocês. Aquelas palavras faladas por aqueles proferidores de Brahma sem dúvida (se obedecidas) trarão em seu séquito benefício considerável. Ó perpetuadores da linhagem de Kuru, a Terra ficou desprovida de sua riqueza. Ó reis, Vyasa, portanto, nos informou da riqueza (que jaz enterrada na Terra) de Marutta. Se vocês acham aquela riqueza abundante ou suficiente, como nós a traremos (para nossa capital)? O que, ó Bhima, tu pensas com relação a isto?' Quando o rei, ó perpetuador da linhagem de Kuru, disse essas palavras, Bhimasena, unindo suas mãos, disse estas palavras em resposta, 'As palavras que tu disseste, ó tu de braços fortes, sobre o assunto de trazer a riqueza indicada por Vyasa, são aprovadas por mim. Se, ó pujante, nós conseguirmos obter a riqueza mantida lá pelo filho de Avikshita, então este sacrifício, ó rei, proposto por nós, será facilmente realizado. Isso mesmo é o que eu penso. Nós iremos, portanto, inclinando nossas cabeças para Girisa de grande alma, e oferecendo o devido culto para aquela divindade, trazer aquela riqueza. Abençoado sejas tu. Gratificando aquele deus de deuses, como também seus companheiros e seguidores, em palavras, pensamentos, e ações, nós iremos, sem dúvida, obter aquela riqueza. Aqueles Kinnaras de aparência feroz que estão protegendo aquele tesouro certamente o entregarão para nós se a grande divindade que tem o touro como seu símbolo ficar satisfeita conosco!' Ouvindo essas palavras proferidas por Bhima, ó Bharata, o rei Yudhishthira, o filho de Dharma, ficou muito satisfeito. Os outros, encabeçados por Arjuna, ao mesmo tempo, disseram, 'Assim seja.' Os Pandavas então, tendo resolvido trazer aquela riqueza, ordenaram que suas tropas marchassem sob a constelação Dhruba (Rohini e as Uttaras numerando três) e no dia chamado pelo mesmo nome (Domingo é chamado de Dia-Dhruba). Fazendo os Brahmanas proferirem bênçãos sobre eles, e tendo devidamente adorado o grande deus Maheswara, os filhos de Pandu partiram (em seu empreendimento). Agradando aquela divindade de grande alma com Modakas e manjar e com bolos feitos de carne, os filhos de Pandu partiram com corações alegres. Enquanto eles partiam, os cidadãos, e muitos dos principais Brahmanas, com corações alegres, proferiram bênçãos auspiciosas (sobre suas cabeças). Os Pandavas, circungirando muitos Brahmanas que adoravam seus fogos diariamente, e inclinando suas cabeças para eles, procederam em sua jornada. Recebendo a permissão do rei Dhritarashtra que sofria de angústia por causa da morte de seus filhos, de sua rainha (Gandhari), e de Pritha também de olhos grandes, e mantendo o príncipe Kaurava Yuyutsu, o filho de Dhritarashtra, na capital, eles saíram, adorados pelos cidadãos e por muitos Brahmanas possuidores de grande sabedoria.'"

64

"Vaisampayana disse, 'Eles então partiram, com corações alegres, e acompanhados por homens e animais todos os quais estavam igualmente alegres. Eles encheram a Terra inteira com o estrépito alto de suas rodas. Seus louvores cantados por elogiadores e Sutas e Magadhas e bardos, e protegidos por seu próprio exército, eles pareciam muito com Adityas adornados com seus próprios raios. Com o guarda-sol branco mantido sobre sua cabeça, o rei Yudhishthira brilhava com beleza como o senhor das estrelas (lua) na noite quando ele está cheio. Aquele principal dos homens, o filho mais velho de Pandu, aceitou, com formas devidas, as bênçãos e aplausos de seus súditos alegres conforme ele prosseguia em seu caminho. Com relação aos soldados que seguiam o rei, seus murmúrios confusos pareciam encher o firmamento inteiro. Aquela hoste cruzou muitos lagos e rios e florestas e jardins agradáveis. Eles finalmente chegaram às montanhas. Chegando naquela região onde aquela riqueza estava enterrada, ó rei, o nobre Yudhishthira fixou seu acampamento com todos os seus irmãos e tropas. A região escolhida para o propósito, ó chefe da linhagem de Bharata, era perfeitamente plana e auspiciosa. Lá o rei montou seu acampamento, colocando em sua dianteira Brahmanas que eram dotados de penitências e erudição e autodomínio, como também seu sacerdote Agnivesya (Dhaumya), ó tu da linhagem de Kuru, que era bom conhecedor dos Vedas e todos os seus ramos. Então os filhos nobres de Pandu, e os outros reis (que acompanhavam aquela expedição), e os Brahmanas e sacerdotes bem hábeis em ritos sacrificais, tendo realizado devidamente algumas cerimônias propiciatórias, se espalharam por todo aquele local. Tendo colocado apropriadamente o rei e seus ministros no meio, os Brahmanas fizeram o acampamento ser montado por planejarem seis estradas e nove divisões. (Três estradas seguindo de norte a sul, e três seguindo e leste para oeste e cruzando as primeiras são as seis estradas que são ordenadas para serem traçadas ao montar acampamentos. Aquelas dão nove quadras com duas linhas divisórias em ângulos retos umas com as outras.) O rei Yudhishthira fez um acampamento separado ser feito adequadamente para os elefantes enfurecidos que acompanhavam sua tropa. Quando tudo estava completo, ele se dirigiu aos Brahmanas, dizendo, 'Ó principais dos Brahmanas, que seja feito aquilo que vocês pensam que deve ser feito em vista da questão à mão. De fato, que um dia e constelação auspiciosos sejam fixados para isso. Não deixem passar muito tempo sobre nossas cabeças enquanto nós esperamos em suspense aqui. Ó principais dos Brahmanas eruditos, tendo tomado essa decisão, que seja feito aquilo que deve ser feito depois disso.' Ouvindo essas palavras do rei, os Brahmanas com aqueles entre eles que eram bem hábeis no desempenho de ritos religiosos, ficaram cheios de alegria e desejosos de fazer o que era agradável para o rei Yudhishthira o justo, disseram estas palavras em resposta, 'Este mesmo dia é auspicioso com uma constelação auspiciosa. Nós iremos, portanto, nos esforçar para realizar aqueles ritos superiores que nós tencionamos. Nós iremos hoje, ó rei, viver só de água. Vocês todos também jejuem hoje.' Ouvindo essas palavras daqueles Brahmanas principais, os filhos reais de Pandu passaram aquela noite se abstendo de todo alimento, e deitando confiantemente em camas de grama

Kusa, como fogos ardentes em um sacrifício. E a noite passou enquanto eles escutavam os discursos dos Brahmanas eruditos (sobre diversos assuntos). Quando a manhã sem nuvens chegou, aqueles principais dos Brahmanas se dirigiram ao filho nobre de Dharma (dizendo o seguinte).'"

65

"'Os Brahmanas disseram, 'Que oferendas sejam feitas para Mahadeva de grande alma de três olhos. Tendo dedicado aquelas oferendas apropriadamente, ó rei, nós iremos então nos esforçar para atingir nosso objetivo.' Ouvindo essas palavras daqueles Brahmanas, Yudhishthira fez oferendas serem feitas devidamente para aquela divindade que adorava deitar em leitos de montanha. Satisfazendo o fogo (sacrifical) com (libações de) manteiga santificada de acordo com a ordenança, o sacerdote (Dhaumya) cozinhou Charu com a ajuda de Mantras e realizou os ritos necessários. Ele pegou muitas flores e as santificou com Mantras, ó rei. Com Modakas e manjar e carne, ele fez oferendas para a divindade. Com diversos tipos de flores e com arroz frito, de tipo muito superior, Dhaumya, bem versado nos Vedas, realizou os ritos restantes. Ele em seguida apresentou as oferendas de acordo com a ordenança para aqueles seres fantasmais que formavam o séquito de Mahadeva. E oferendas foram feitas em seguida para Kuvera, o chefe dos Yakshas, e para Manibhadra também. Para os outros Yakshas também e para aqueles que eram os principais entre os companheiros fantasmais de Mahadeva, o sacerdote ofereceu culto apropriado, tendo enchido muitos jarros com alimento, com Krisaras e carne e Nivapas misturados com sementes de gergelim. O rei doou para os Brahmanas milhares de vacas. Ele então dirigiu a apresentação, segundo os ritos devidos, das oferendas para aqueles seres que vagueiam à noite (que vivem com Mahadeva). Sobrecarregada como estava com o perfume de Dhupas, e cheia com a fragrância de flores, aquela região, sagrada para a divindade das divindades, ó rei, se tornou extremamente encantadora. Tendo realizado o culto de Rudra e de todos os Ganas, o rei, colocando Vyasa adiante, procedeu em direção ao lugar onde o tesouro estava enterrado. Mais uma vez cultuando o Senhor dos tesouros, e se curvando a ele com reverência e o saudando devidamente, com diversas espécies de flores e bolos e Krisara, tendo adorado aquelas principais das pedras preciosas, isto é, Sankha e Nidhi, e aqueles Yakshas que são os senhores das pedras preciosas, e tendo adorado muitos dos Brahmanas principais e os fazendo proferirem bênçãos, o rei dotado de grande pujança, fortalecido pela energia e pelas bênçãos auspiciosas daqueles Brahmanas, fez aquele local ser escavado. Então numerosos recipientes de formas diversas e encantadoras, e Bhringaras e Katahas e Kalasas e Bardhamanakas, e inúmeros Bhajanas de formas belas, foram escavados pelo rei Yudhishthira o justo. A riqueza assim retirada foi colocada em 'Karaputas' grandes para proteção. (Karaputa é composto de duas caixas de madeira unidas com correntes e cordas e destinado a ser carregado por camelos e touros.) Uma parte da riqueza foi feita ser carregada sobre os ombros de homens em balanços sólidos de madeira com cestos fixados como pratos de balança em ambas as extremidades. De fato, ó rei, havia outros métodos de

transporte lá para levar aquela riqueza do filho de Pandu. Havia sessenta mil camelos e cento e vinte mil cavalos, e de elefantes, ó monarca, havia cem mil. De carros havia grande número, e de carroças, também muitas, e de elefantas igualmente. De mulas e homens o número era incalculável. Aquela riqueza que Yudhishthira fez ser escavada era mesmo muito grande. Dezesseis mil moedas foram colocadas nas costas de cada camelo; oito mil em cada carro; vinte e quatro mil em cada elefante; (enquanto cargas proporcionais foram colocadas sobre cavalos e mulas e nas costas, ombros e cabeças de homens). Tendo carregado aqueles veículos com aquela riqueza e mais uma vez cultuando a grande divindade Siva, o filho de Pandu partiu para a cidade que recebeu o nome de elefante, com a permissão do Rishi Nascido na Ilha, e colocando seu sacerdote Dhaumya na dianteira. Aquele principal dos homens, isto é, o filho nobre de Pandu, fazia marchas curtas todos os dias, medidas por um Goyuta (4 milhas). Aquela hoste imensa, ó rei, afligida com o peso que carregava, voltou, levando aquela riqueza, para a capital, alegrando os corações de todos aqueles perpetuadores da linhagem de Kuru.'"

66

"Vaisampayana disse, 'Enquanto isso, Vasudeva de grande energia acompanhado pelos Vrishnis, chegou à cidade chamada pelo nome de elefante. Enquanto deixava aquela cidade para voltar para sua própria Dwaraka, ele tinha sido pedido pelo filho de Dharma para voltar. Por isso, sabendo que o tempo fixado para o Sacrifício de Cavalo tinha chegado, aquele principal dos homens retornou (à capital Kuru). Acompanhado pelo filho de Rukmini, por Yuyudhana, por Charudeshna, por Samva, por Gada, por Kritavarman, pelo heróico Sarana, por Nisatha, e pelo Unmukha, Vasudeva veio com Valadeva na vanguarda da comitiva, com Subhadra também o acompanhando. De fato, aquele herói chegou para ver Draupadi e Uttara e Pirtha e para consolar aquelas damas Kshatriya de distinção que tinham sido privadas de muitos dos seus protetores. Vendo aqueles heróis chegando, o rei Dhritarashtra, como também Vidura de grande alma, os receberam com honras apropriadas. Aquele principal dos homens, isto é, Krishna de grande energia, bem adorado por Vidura e Yuyutsu, continuou a residir na capital Kuru. Foi enquanto os heróis Vrishni, ó Janamejaya, estavam residindo na cidade Kuru, ó rei, que teu pai, aquele matador de heróis hostis, nasceu. O nobre Parikshit, ó monarca, afligido pela arma Brahma (de Aswatthaman), após sair do útero, jazia imóvel e inerte, pois vida ele não tinha. Por seu nascimento ele tinha alegrado os cidadãos, mas logo os mergulhou em aflição. Os cidadãos, sabendo do nascimento do príncipe, proferiram um grito leonino. Aquele barulho procedeu até o limite máximo de todo ponto do horizonte. Logo, no entanto, (quando foi sabido que o príncipe estava desprovido de vida), aquele barulho cessou. Com grande pressa Krishna, seus sentidos e mente consideravelmente agitados, com Yuyudhana em sua companhia, entrou nos apartamentos internos do palácio. Ele viu sua própria tia paterna (Kunti) vindo, chorando ruidosamente e chamando por ele repetidamente. Atrás dela estavam Draupadi e a famosa Subhadra, e as esposas dos parentes dos Pandavas, todas chorando lamentavelmente.

Encontrando Krishna, Kunti, aquela filha da linhagem Bhoja, disse para ele, ó principal dos monarcas, estas palavras em uma voz sufocada com lágrimas, 'Ó Vasudeva, ó herói de armas poderosas, Devaki, por ter te dado à luz, veio a ser considerada como uma excelente geratriz. Tu és nosso amparo, e nossa glória. Esta linhagem (de Pandu) depende de ti como seu protetor. Ó herói Yadava, ó pujante, este filho do filho da tua irmã saiu do útero, morto por Aswatthaman. Ó Kesava, reviva-o. Ó encantador dos Yadavas, isso mesmo foi prometido por ti, ó pujante, quando Aswatthaman tinha inspirado a folha de grama em uma arma Brahma de energia imensa. De fato, ó Kesava, tuas palavras foram exatamente estas: 'Eu reviverei aquela criança se ela sair morta do útero.' Aquela criança, ó filho, nasceu morta. Veja-o, ó principal dos homens. Cabe a i, ó Madhava, salvar Uttara e Subhadra e Draupadi e eu mesma, e o filho de Dharma (Yudhishthira), e Bhima e Phalguna, e Nakula, e o irresistível Sahadeva. Nesta criança estão confinados os ares vitais dos Pandavas e de mim mesma. Ó tu da linhagem Dasarha, dele depende o bolo fúnebre de Pandu, como também do meu sogro, e de Abhimanyu também, abençoado sejas, aquele teu querido sobrinho que era tão parecido contigo. Realize hoje o que será benéfico para todos esses. Eu te suplico seriamente, ó Janardana. Uttara, ó matador de inimigos, sempre repete as palavras ditas a ela por Abhimanyu. Sem dúvida, ó Krishna, aquelas palavras foram altamente agradáveis para ela. Ó tu da linhagem Dasarha, o filho de Arjuna disse para aquela filha de Virata, 'Teu filho, ó moça abençoada, irá para os meus tios maternos. Tomando sua residência com os Vrishnis e os Andhakas, ele obterá deles a ciência de armas, de fato, diversas armas extraordinárias e toda a ciência de política e moralidade.' Exatamente essas foram as palavras, ó filho, que aquele matador de heróis hostis, isto é, o filho de Subhadra, aquele herói irresistível, disse para Uttara, por sua afeição por ela. Ó matador de Madhu, inclinando nossas cabeças para ti, nós te rogamos para fazer verdadeiras aquelas palavras de Abhimanyu. Em virtude também do momento ter chegado, realize o que é altamente benéfico.' Tendo dito essas palavras para aquele herói da linhagem de Vrishni, Pritha de olhos grandes ergueu seus braços e com as outras damas em sua companhia, caiu no chão. Todas elas, com olhos tornados turvos pelas lágrimas, exclamaram repetidamente, dizendo, 'Ai, o filho do sobrinho de Vasudeva nasceu morto.' Depois que Kunti tinha falado daquela maneira, Janardana a segurou, ó Bharata, e a erguendo gentilmente do chão, a confortou como segue.'"

67

"Vaisampayana disse, 'Depois que Kunti tinha se levantado, Subhadra, vendo seu irmão, começou a chorar alto, e afligida com angústia excessiva, disse, 'Ó de olhos como pétalas de lótus, veja o neto de Arjuna de grande inteligência. Ai, a linhagem Kuru tendo sido diminuída, nasceu uma criança que é fraca e morta. A folha de grama (transformada em uma arma de grande eficácia), erguida pelo filho de Drona para empreender a destruição de Bhimasena, caiu sobre Uttara e Vijaya e eu mesma. Ai, aquela folha, ó Kesava, ainda está existindo não extraída em mim, depois ter perfurado meu coração, já que eu, ó herói irresistível, não vejo

esta criança com (seu pai que era) meu filho. O que o rei de alma virtuosa Yudhishthira o justo irá dizer? O que também dirão Bhimasena e Arjuna e os dois filhos de Madravati? Sabendo que o filho de Abhimanyu nasceu e morreu, os Pandavas, ó tu da linhagem de Vrishni, se considerarão como enganados por Aswatthaman. Abhimanyu, ó Krishna, era o favorito de todos os irmãos Pandava, sem dúvida. Ouvindo essa notícia, o que aqueles heróis, derrotados pela arma do filho de Drona, dirão? Que dor, ó Janardana, pode ser maior do que esta, isto é, que o filho de Abhimanyu tenha nascido morto? Reverenciando-te com minha cabeça, ó Krishna, eu procuro te gratificar hoje. Veja, ó principal dos homens, estas duas em pé aqui, isto é, Pritha e Draupadi. Quando, ó Madhava, o filho de Drona procurou destruir os embriões nos úteros das damas dos Pandavas, naquele momento, ó opressor de inimigos, tu disseste em cólera para o filho de Drona (estas palavras): 'Ó canalha de um Brahmana, ó mais vil dos homens, eu frustrarei teu desejo. Eu reviverei o filho do filho de Kiritin.' Ouvindo aquelas tuas palavras e conhecendo bem a tua força, eu procuro te gratificar, ó herói irresistível. Que o filho de Abhimanyu seja revivido. Se tendo te comprometido previamente tu não cumprires teu voto auspicioso, então saiba com certeza, ó chefe da linhagem Vrishni, que eu rejeitarei minha vida. Se, ó herói, este filho de Abhimanyu não reviver quando tu, ó irresistível, estás vivo e próximo, de que outra utilidade tu serás para mim? Portanto, ó irresistível, reviva este filho de Abhimanyu, esta criança possuidora de olhos parecidos com os dele, assim como uma nuvem carregada de chuva revive as colheitas sem vida (em um campo). Tu, ó Kesava, és de alma justa, sincero, e de destreza incapaz de ser frustrada. Cabe a ti, ó castigador de inimigos, fazer tuas palavras verdadeiras. Se tu somente desejares isto, tu podes reviver os três mundos (de existência) se mortos. O que dizer, portanto, desta criança querida, nascida, porém morta, do filho da tua irmã? Eu conheço tua pujança, ó Krishna. Portanto, eu te peço. Conceda este grande favor para os filhos de Pandu. Cabe a ti, ó poderosamente armado, mostrar compaixão por esta Uttara ou por mim, lembrando que eu sou tua irmã ou mesmo uma mãe que perdeu seu filho, e que se jogou sobre tua proteção.'"

68

"Vaisampayana disse, 'Assim endereçado, ó rei, (por sua irmã e outras), o matador de Kesin, extremamente afligido pela angústia, respondeu, 'Assim seja!' Essas palavras foram proferidas com sonoridade suficiente e elas alegraram todos os moradores dos apartamentos internos do palácio. O pujante Krishna, aquele principal dos homens, por proferir essas palavras, alegrou todas as pessoas reunidas lá, como alguém derramando água fresca em uma pessoa afligida com suor. Ele então entrou rapidamente no quarto de repouso no qual teu pai tinha nascido. Ele estava devidamente santificado, ó chefe de homens, com muitas guirlandas de flores brancas, com muitos vasos de água bem cheios arrumados em todos os lados; com carvão, embebido em ghee, de madeira Tinduka, e sementes de mostarda, ó tu de braços poderosos; com armas brilhantes devidamente arrumadas, e vários fogos em todos os lados. E ele estava povoado por muitas damas agradáveis e idosas convocadas para servirem (tua avó). Ele

estava também cercado por muitos médicos habilidosos e inteligentes, ó tu de grande inteligência. Dotado de grande energia, ele também viu lá todos os artigos que são destrutivos de Rakshasas, devidamente colocados por pessoas conhecedoras do assunto. Contemplando o quarto no qual teu pai tinha nascido assim equipado, Hrishikesa ficou muito contente e disse, 'Excelente, Excelente!' Quando ele da linhagem Vrishni disse isso e apresentou tal expressão alegre, Draupadi, se dirigindo para lá com grande velocidade, se dirigiu à filha de Virata, dizendo, 'Ó dama abençoada, aqui vem para ti teu sogro, o matador de Madhu, aquele Rishi antigo de alma inconcebível, aquele invencível.' A filha de Virata, controlando suas lágrimas, disse estas palavras em uma voz sufocada pela dor. Cobrindo-se adequadamente, a princesa esperou por Krishna como as divindades esperando reverentemente por ele. A dama desamparada, com coração agitado pela dor, vendo Govinda chegando, se entregou a estes lamentos; ‘Ó de olhos de lótus, veja nós dois privados do nosso filho. Ó Janardana, Abhimanyu e eu mesma fomos igualmente mortos. Ó tu da linhagem de Vrishni, ó matador de Madhu, eu procuro te gratificar por inclinar minha cabeça, ó herói, para ti. Ressuscite este meu filho que foi consumido pela arma do filho de Drona. Se o rei Yudhishthira o justo, ou Bhimasena, ou tu mesmo, ó de olhos de lótus, tivessem, naquela ocasião, dito, 'Que a folha de grama (inspirada por Aswatthaman em uma arma Brahma) destrua a mãe inconsciente;' ó pujante, então eu teria sido destruída e essa (ocorrência triste) não teria acontecido. Ai, que benefício foi colhido pelo filho de Drona por realizar este ato cruel, isto é, a destruição da criança no útero por meio de sua arma Brahma? A mesma mãe agora procura te gratificar, ó matador de inimigos, por inclinar sua cabeça. Certamente, ó Govinda, eu rejeitarei meus ares vitais se esta criança não reviver. Nele, ó justo, foram colocadas muitas esperanças por mim. Ai, quando essas foram frustradas pelo filho de Drona, que necessidade eu tenho, ó Kesava, de suportar a carga da vida? A esperança, ó Krishna, foi nutrida por mim que com minha criança em meu colo, ó Janardana, eu te saudaria com reverência. Ai, ó Kesava, aquela esperança foi destruída. Ó principal de todos os seres, pela morte deste herdeiro de Abhimanyu de olhos agitados, todas as esperanças em meu peito foram destruídas. Abhimanyu de olhos agitados, ó matador de Madhu, era muito querido para ti. Veja este filho dele morto pela arma-Brahma. Este filho é muito ingrato e muito cruel, como seu pai, pois, veja, desconsiderando a prosperidade e riqueza dos Pandavas, ele foi para a residência de Yama. Eu tinha, antes disso, jurado, ó Kesava, que se Abhimanyu morresse no campo de batalha, ó herói, eu iria segui-lo sem qualquer perda de tempo. Eu, no entanto, não mantive meu voto, cruel que eu sou e afeiçoada à vida. Se eu for até ele agora, o que, de fato, o filho de Phalguna irá dizer?'"

69

"Vaisampayana disse, 'A desamparada Uttara, desejosa de obter seu filho de volta, tendo se entregado àqueles lamentos comoventes, caiu em aflição ao solo como uma criatura demente. Vendo a princesa caída no chão privada de seu filho e com seu corpo descoberto, Kunti como também todas as (outras) damas Bharata profundamente angustiadas, começaram a chorar alto. Ressoando com a

voz dos lamentos, o palácio dos Pandavas, ó rei, logo foi convertido em uma mansão de tristeza onde ninguém podia permanecer. Extremamente afligida pela dor por causa de seu filho, a filha de Virata, ó rei, parecia ter sido derrubada por algum tempo pela tristeza e desânimo. Recuperando a consciência, ó chefe da linhagem de Bharata, Uttara pegou seu filho em seu colo e disse estas palavras: 'Tu és o filho de alguém que era familiarizado com todo o dever. Tu não estás consciente então do pecado que tu cometeste, já que tu não saúdas este principal da linhagem de Vrishni? Ó filho, te dirigindo ao teu pai diga a ele estas minhas palavras, isto é, 'É difícil para as criaturas vivas morrerem antes que sua hora chegue, já que embora privada de ti, meu marido, e agora privada do meu filho também, eu ainda estou viva quando eu deveria morrer, não dotada como eu sou de tudo o que é auspicioso e tudo que é possuidor de valor.' Ó de braços poderosos, com a permissão do rei Yudhishthira o justo eu irei engolir algum veneno virulento ou me jogar no fogo ardente. Ó senhor, difícil de destruição é meu coração já que, embora eu esteja privada de marido e filho, esse meu coração ainda assim não se parte em mil pedaços. Ressuscite, ó filho e veja esta rua bisavó aflita. Ela está profundamente afligida pela dor, banhada em lágrimas, extremamente triste, e mergulhada em um oceano de tristeza. Veja a venerável princesa de Panchala, e a princesa desamparada da linhagem Satwata. Veja eu mesma, extremamente angustiada pelo pesar, e parecendo com um veado perfurado por um caçador. Ressuscite, ó filho, e veja o rosto deste senhor dos mundos, que é dotado de grande sabedoria, e possuidor de olhos como pétalas de lótus e parecendo teu pai de olhar inquieto.' Vendo Uttara, que lamentava dessa maneira, caída no chão, todas aquelas senhoras, a erguendo, a fizeram se levantar. Tendo se levantado, a filha do rei dos Matsyas, convocando sua paciência, uniu suas mãos em reverência e tocou o solo com sua cabeça para saudar Kesava de olhos como pétalas de lótus. Aquele principal dos seres, ouvindo aqueles lamentos dela de cortar o coração, tocou água e retirou a (força da) arma Brahma. (Antes de realizar algum rito ou ato de natureza importante, os Hindus precisam tocar água ou realizar o que é chamado de 'achamana'. Uma pequena quantidade de água é pega na palma da mão direita e com ela são tocados os lábios, as narinas, as orelhas, e os olhos.) Aquele herói de glória imorredoura, pertencente à linhagem dos Dasarhas, prometeu dar à criança a vida dela. Então ele de alma pura disse estas palavras na audição do universo inteiro, 'Ó Uttara, eu nunca profiro uma mentira. Minhas palavras se confirmarão. Eu ressuscitarei esta criança na presença de todas as criaturas. Nunca antes eu proferi uma inverdade nem mesmo de brincadeira. Eu nunca me retirei da batalha. (Pelo mérito daquelas ações) que esta criança reviva! Como a justiça é cara para mim, como os Brahmanas são especialmente caros para mim, (pelo mérito daquela minha disposição) que o filho de Abhimanyu, que nasceu morto, reviva! Nunca surgiu um mal-entendido entre eu e meu amigo Vijaya (Arjuna). Que esta criança morta reviva por essa verdade! Como verdade e justiça estão sempre estabelecidas em mim, que este filho morto de Abhimanyu reviva (pelo mérito dessas)! Como Kansa e Kesi foram justamente mortos por mim, que esta criança reviva hoje por essa verdade!' Depois que essas palavras foram proferidas por Vasudeva, aquela criança, ó principal da linhagem de Bharata, se tornou animada e começou gradualmente a se mover, ó monarca.'"

70

"Vaisampayana disse, 'Quando a arma Brahma foi retirada por Krishna, naquele momento, o quarto de repouso foi iluminado por teu pai com sua energia. Todos os Rakshasas (que tinham ido lá) foram forçados a deixar o quarto e muitos deles encontraram com a destruição. No firmamento uma voz foi ouvida, dizendo, 'Excelente, ó Kesava, Excelente!' A resplandecente arma Brahma então voltou para o Avô (de todos os mundos). Teu pai obteve de volta os seus ares vitais, ó rei. A criança começou a se movimentar de acordo com sua energia e poder. As damas Bharata se encheram de alegria. Por ordem de Govinda, os Brahmanas foram feitos proferirem bênçãos. Todas as senhoras, cheias de alegria, louvaram Janardana. De fato, as esposas daqueles leões Bharata, isto é, Kunti e a filha de Drupada e Subhadra, e Uttara, e as esposas de outros leões entre homens, como pessoas (náufragas) que alcançaram a costa depois de terem obtido um barco, ficaram extremamente contentes. Então lutadores e atores e astrólogos e aqueles que investigam os sonos (de príncipes), e grupos de bardos e elogiadores todos proferiram os louvores de Janardana, enquanto proferindo bênçãos repletas dos louvores da linhagem de Kuru, ó chefe dos Bharatas. Uttara, se levantando no momento apropriado, com um coração encantado e carregando seu filho em seus braços, saudou com reverência o encantador dos Yadus. Regozijando-se imensamente, Krishna deu presentes para a criança de muitas pedras preciosas valiosas. Os outros chefes da linhagem de Vrishni fizeram o mesmo. Então o pujante Janardana, firmemente aderindo à verdade, concedeu um nome ao menino que foi teu pai, ó monarca. 'Já que este filho de Abhimanyu nasceu em uma época quando esta linhagem se tornou quase extinta, que seu nome seja Parikshit!' Isso mesmo foi o que ele disse. Então teu pai, ó rei, começou a crescer, e a alegrar todas as pessoas, ó Bharata. Quando teu pai tinha um mês de idade, ó herói, os Pandavas voltaram para sua capital, trazendo com eles uma profusão de riqueza. Sabendo que os Pandavas estavam perto, aqueles principais da linhagem de Vrishni saíram. Os cidadãos enfeitaram a cidade que recebeu o nome de elefante com guirlandas de flores em profusão, com belas bandeirolas e estandartes de diversos tipos. Os cidadãos também, ó rei, adornaram suas respectivas mansões. Desejosos de fazer o que era benéfico para os filhos de Pandu, Vidura ordenou que diversos tipos de culto fossem oferecidos para as divindades estabelecidas em seus respectivos templos. As principais ruas da cidade foram enfeitadas com flores. De fato, a cidade estava repleta do zumbido de milhares de vozes que pareciam com o bramido suavizado das ondas distantes do oceano. Com dançarinos todos dedicados à sua vocação, e com a voz de cantores, a cidade (Kuru) então parecia com a mansão do próprio Vaisravana. (A residência de Vaisravana é chamada de Alaka. Vaisravana é Kuvera, o senhor dos tesouros, amigo de Mahadeva, e chefe dos Yakshas.) Bardos e elogiadores, ó rei, acompanhados por mulheres belas eram vistos adornarem diversos locais isolados na cidade. As bandeirolas eram feitas flutuarem alegremente pelo vento em toda parte da cidade, como se inclinadas a mostrarem aos Kurus os pontos norte e sul da bússola. Todos os oficiais do governo também proclamaram

ruidosamente que aquele era para ser um dia de júbilo para o reino inteiro como uma indicação do sucesso do empreendimento para trazer uma profusão de pedras preciosas e outras preciosidades.'"

71

Vaisampayana, disse, 'Sabendo que os Pandavas estavam perto, aquele opressor de inimigos, isto é, Vasudeva, acompanhado por seus ministros, saiu para vê-los.'"

Os Pandavas então, se unindo com os Vrishnis segundo as formalidades costumeiras, entraram juntos, ó rei, na cidade chamada de elefante. Com o zumbido de vozes e o ruído de carros daquela hoste imensa, a Terra e o céu, e o próprio firmamento, ficaram por assim dizer totalmente preenchidos. Os Pandavas, com corações exultantes, acompanhados por seus oficiais e amigos entraram na capital, colocando aquele tesouro em sua dianteira. Dirigindo-se, de acordo com o costume, ao rei Dhritarashtra primeiro, eles adoraram seus pés, anunciando seus respectivos nomes. Aqueles principais da linhagem de Bharata, ó chefe de reis, então prestaram suas saudações respeitosas para Gandhari, para a filha de Suvala e para Kunti, Eles em seguida adoraram (seu tio) Vidura e encontraram Yuyutsu, o filho de Dhritarashtra com sua esposa Vaisya. Aqueles heróis foram então adorados por outros e eles resplandeciam com beleza, ó rei. Depois disso, ó Bharata, aqueles heróis ouviram as notícias daquele nascimento muito extraordinário e maravilhoso e alegre do teu pai. Sabendo daquele feito de Vasudeva de grande inteligência, eles todos adoraram Krishna, o alegrador de Devaki, que era de todo modo digno de culto. Então, depois de uns poucos dias, Vyasa, o filho de Satyavati, dotado de grande energia, chegou à cidade que recebeu o nome de elefante. Os perpetuadores da linhagem de Kuru adoraram o grande Rishi segundo o costume usual. De fato, aqueles heróis, com aqueles príncipes mais importantes das tribos Vrishni e Andhaka, prestaram suas adorações para o sábio. Depois de terem conversado sobre vários assuntos, o filho de Dharma Yudhishthira se dirigiu a Vyasa e disse, 'Aquele tesouro, ó santo, o qual foi trazido pela tua graça, eu desejo empregar naquele grande sacrifício conhecido pelo nome de Sacrifício de Cavalo. Ó melhor dos ascetas, eu desejo ter a tua permissão. Nós estamos todos, ó Rishi, à tua disposição e àquela de Krishna de grande alma.'"

"Vyasa disse, 'Eu te dou permissão, ó rei. Faça o que deve ser feito depois disso. Adore as divindades devidamente por realizares o Sacrifício de Cavalo com presentes abundantes. O Sacrifício de Cavalo, ó rei, é um purificador de todos os pecados. Sem dúvida, tendo adorado as divindades por meio daquele sacrifício tu certamente serás purificado de todos os pecados.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado, o rei Kuru Yudhishthira de alma justa então colocou seu coração, ó monarca, em fazer os preparativos necessários para o Sacrifício de Cavalo. Tendo revelado tudo isso para o Krishna Nascido na Ilha, o rei dotado de grande eloquência se aproximou de Vasudeva e disse, 'Ó

principal de todos os seres, a deusa Devaki, por causa de ti, veio a ser considerada como a mais afortunada das mães! Ó tu de glória imperecível, realize aquilo que eu te direi agora, ó de armas poderosas. Ó encantador dos Kurus, os diversos prazeres que nós desfrutamos foram todos obtidos através da tua pujança. A Terra inteira foi subjugada por ti com a ajuda da tua destreza e inteligência. Portanto, tu mesmo passe pelos ritos de iniciação. Tu és nosso maior preceptor e mestre. Se tu realizares o sacrifício, ó tu da linhagem de Dasarha, eu serei purificado de todos os pecados. Tu és Sacrifício. Tu és o Indestrutível. Tu és isso Tudo. Tu és Justiça. Tu és Prajapati. Tu és a meta de todas as criaturas. Essa é minha conclusão indubitável.'"

"Vasudeva disse, 'Ó de braços poderosos, fica bem para ti falar dessa maneira, ó castigador de inimigos. Tu és a meta de todas as criaturas. Essa é minha conclusão certa. Entre os heróis da linhagem de Kuru, por causa da tua virtude, tu brilhas hoje em grande glória. Eles foram todos lançados na sombra, ó rei, por ti. Tu és nosso rei, e tu és nosso superior. Com minha aprovação concedida livremente, adore as divindades no sacrifício sugerido. Ó Bharata, nos designe para quaisquer tarefas que tu queiras. Realmente, eu me comprometo que eu irei realizar tudo, ó impecável, que tu possas me mandar realizar. Bhimasena e Arjuna e os dois filhos de Madravati estarão sacrificando quando tu, ó rei, sacrificares.'" (O sentido é este: tu és o irmão mais velho dos Pandavas; se tu sacrificares, teus irmãos também virão a ser considerados como sacrificando contigo.)

72

"Vaisampayana disse, 'Assim endereçado por Krishna, Yudhishthira o filho de Dharma, dotado de grande inteligência, saudou Vyasa e disse estas palavras: 'Faça-me ser iniciado quando chegar a hora apropriada, como tu realmente conheces, para aquele rito. Este meu sacrifício é totalmente dependente de ti.'"

"Vyasa disse, 'Eu mesmo, ó filho de Kunti, e Paila e Yajnavalkya, iremos sem dúvida, realizar todos os ritos no momento apropriado. O teu rito de iniciação será realizado no dia da lua cheia pertencente ao mês de Chaitra. Que todos os artigos necessários para o sacrifício, ó principal dos homens, sejam preparados. Que Sutas bem versados na ciência de cavalos, e que Brahmanas também possuidores do mesmo saber, selecionem, depois de exame, um cavalo digno a fim de que o teu sacrifício possa ser completado. Soltando o animal segundo as injunções das escrituras, deixe-o vagar pela Terra inteira com sua faixa de mares, mostrando a tua glória refulgente, ó rei!'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado (pelo Rishi), Yudhishthira, o filho de Pandu, aquele senhor da Terra, respondeu, 'Assim seja!' E então, ó monarca, ele realizou tudo o que aquele proferidor de Brahma tinha ordenado. Todos os artigos necessários para o sacrifício, ó rei, foram devidamente obtidos. O filho nobre de Dharma, possuidor de alma incomensurável, tendo obtido todos os artigos necessários, informou o Krishna Nascido na Ilha disso. Então Vyasa de grande energia disse para o filho real de Dharma, 'Com relação a nós, nós

estamos todos prontos para te iniciar em vista do sacrifício. Que o Sphya e o Kurcha e todos os outros artigos que, ó tu da linhagem de Kuru, possam ser necessários para o teu sacrifício, sejam feitos de ouro. (Sphya era uma espada ou cimitarra de madeira, usada para matar o animal sacrifical. Kurcha é um punhado de grama Kusa. Todas essas coisas são ordenadas por Vyasa serem feitas de ouro puro.) Que o cavalo também seja solto hoje, para vagar pela Terra, de acordo com as ordenanças das escrituras. Que o animal, devidamente protegido, vague pela Terra.'"

"Yudhishthira disse, 'Que os arranjos sejam feitos por ti, ó regenerado, acerca da soltura deste cavalo para permitir a ele vagar pela Terra à sua vontade. Cabe a ti, ó asceta, dizer quem protegerá este corcel enquanto vagando pela Terra livremente de acordo com sua vontade.'"

"Vaisampayana continuou, 'Assim endereçado (pelo rei Yudhishthira), ó monarca, o Krishna Nascido na Ilha, disse, 'Aquele que nasceu depois de Bhimasena, que é o principal de todos os arqueiros, que é chamado de Jishnu, que é dotado de grande paciência e capaz de vencer toda resistência, ele protegerá o cavalo. Aquele destruidor dos Nivatakavachas é competente para conquistar a Terra inteira. Nele estão todas as armas celestes. Seu corpo é como aquele de um celestial em seus poderes de resistência. Seu arco e aljavas são celestes. Ele mesmo seguirá este cavalo, ele que é bem versado em Religião e riqueza. Ele é um mestre de todas as ciências. Ó principal dos reis, ele irá em conformidade com as escrituras, fazer o corcel vagar e pastar à sua vontade. Aquele príncipe de braços poderosos, de cor escura, é dotado de olhos parecidos com as pétalas do lótus. Aquele herói, o pai de Abhimanyu, protegerá o corcel. Bhimasena também é dotado de grande energia. O filho de Kunti possui poder incomensurável. Ele é competente para proteger o reino, ajudado por Nakula, ó monarca. Possuidor de grande inteligência e fama, Sahadeva irá, ó tu da linhagem de Kuru, atender devidamente todos os parentes que foram convidados para a tua capital.' Assim endereçado pelo Rishi, aquele perpetuador da linhagem de Kuru, isto é, Yudhishthira, realizou devidamente cada injunção e designou Phalguna para se encarregar do cavalo.'"

"Yudhishthira disse, 'Venha, ó Arjuna, que o cavalo, ó herói, seja protegido por ti. Somente tu és competente para protegê-lo, e ninguém mais. Aqueles reis, ó herói de armas poderosas, que se adiantarem para te enfrentar, tente, ó impecável, evitar batalhas com eles da melhor maneira que puderes. Tu deves também convidar todos eles para este meu sacrifício. De fato, ó poderosamente armado, siga adiante, mas tente estabelecer relações amistosas com eles.'"

"Vaisampayana continuou, 'O rei de alma justa Yudhishthira, tendo falado dessa maneira para seu irmão Savyasachin, mandou Bhima e Nakula protegerem a cidade. Com a permissão do rei Dhritarashtra, Yudhishthira então colocou Sahadeva, aquele principal dos guerreiros, para servir todos os hóspedes convidados.'"

73

"Vaisampayana disse, 'Quando chegou a hora da iniciação, todos aqueles grandes Ritwijas iniciaram devidamente o rei em vista do Sacrifício de Cavalo. Tendo terminado os ritos de amarração dos animais sacrificais, o filho de Pandu, isto é, rei Yudhishthira o justo dotado de grande energia, a iniciação estando terminada, brilhou com grande esplendor junto com aqueles Ritwijas. O cavalo que foi trazido para Sacrifício de Cavalo foi deixado solto, de acordo com as injunções das escrituras, daquele proferidor de Brahma, isto é, o próprio Vyasa de energia incomensurável. O rei Yudhishthira o justo, ó monarca, depois de sua iniciação, adornado com uma guirlanda de ouro em volta de seu pescoço, resplandecia em beleza como um fogo ardente. Tendo uma camurça preta como sua peça de roupa superior, portando um bastão na mão, e vestindo um tecido de seda vermelha, o filho de Dharma, possuidor de grande esplendor, brilhava como um segundo Prajapati sentado no altar sacrifical. Todos os seus Ritwijas também, ó rei, estavam vestidos com mantos similares. Arjuna também brilhava como um fogo ardente. Dhananjaya, a cujo carro foram atrelados corcéis brancos, então se preparou devidamente, ó rei, para seguir aquele cavalo da cor de um veado preto, por ordem de Yudhishthira. Puxando repetidamente seu arco chamado Gandiva, ó rei, e envolvendo sua mão em um invólucro feito de pele de iguana, Arjuna, ó monarca, se preparou para seguir aquele cavalo, ó soberano de homens, com um coração alegre. Toda Hastinapore, ó rei, com muitas crianças, foi àquele local pelo desejo de ver Dhananjaya, aquele principal dos Kurus, na véspera de sua jornada. Tão numerosa era a multidão de espectadores que foi ver o cavalo e o príncipe que iria segui-lo, que por causa da pressão de corpos, parecia que um fogo foi criado. Alto era o barulho que se elevava daquela multidão de homens que se reuniram para contemplar Dhananjaya o filho de Kunti, e este parecia encher todos os pontos do horizonte e o firmamento inteiro. E eles disseram, 'Lá vai o filho de Kunti, e lá aquele cavalo de beleza resplandecente. De fato, o herói de braços poderosos segue o cavalo, tendo se armado com seu arco excelente.' Essas foram as palavras que Jishnu de inteligência nobre ouviu. Os cidadãos também o abençoaram, dizendo, 'Que bênçãos sejam tuas! Vá com segurança e volte, ó Bharata.' Outros, ó chefe de homens, proferiram estas palavras, 'Tão grande é a multidão que nós não vemos Arjuna. Seu arco, no entanto, é visível para nós. Aquele mesmo é célebre arco Gandiva de vibração terrível. Abençoado sejas tu. Que todos os perigos fujam do teu caminho. Que o medo não te inspire em nenhum lugar. Quando ele voltar nós iremos vê-lo, pois é certo que ele voltará.' Arjuna de grande alma repetidamente ouviu essas e outras palavras gentis similares de homens e mulheres, ó chefe dos Bharatas. Um discípulo de Yajnavalkya, que era bem versado em ritos sacrificais e que era um mestre perfeito dos Vedas, procedeu com Partha para realizar ritos auspiciosos em favor do herói. Muitos Brahmanas também, ó rei, todos bem familiarizados com os Vedas, e muitos Kshatriyas também, seguiram o herói de grande alma, por ordem, ó monarca, de Yudhishthira o justo. O cavalo então vagou, ó principal dos homens, onde quer que ele quisesse sobre a Terra já conquistada pelos Pandavas com a energia de suas armas. No decorrer das viagens do cavalo, ó rei, muitas

batalhas grandiosas e admiráveis foram lutadas entre Arjuna e muitos reis. Essas eu descreverei para ti. O cavalo, ó rei, vagou por toda a Terra. Saiba, ó monarca, que do norte ele se dirigiu para o Leste. Oprimindo os reinos de muitos monarcas aquele cavalo excelente vagou. E ele foi seguido lentamente pelo grande guerreiro em carro Arjuna de corcéis brancos. Incontável, ó monarca, foi o número de Kshatriyas, de reis em miríades, que lutaram com Arjuna naquela ocasião, por terem perdido seus parentes no campo de Kurukshetra. Inúmeros Kiratas também, ó rei, e Yavanas, todos arqueiros excelentes, e diversas tribos de Mlechchas também, que tinham sido derrotados antes (pelos Pandavas no campo de Kurukshetra), e muitos reis Aryan, possuidores de soldados e animais dotados de grande vivacidade, e todos irresistíveis em luta enfrentaram o filho de Pandu em batalha. Assim ocorreram inúmeras batalhas em diversos países, ó monarca, entre Arjuna e os soberanos de diversos reinos que se aproximaram para enfrentá-lo. Eu irei, ó rei impecável, narrar para ti somente aquelas que ocorreram com grande fúria e que foram as principais entre todas as que ele lutou.'"

74

"Vaisampayana disse, 'Uma batalha ocorreu entre o ornado com diadema (Arjuna) e os filhos e netos dos Trigartas cuja hostilidade os Pandavas tinham atraído sobre si antes e todos os quais eram bem conhecidos como poderosos guerreiros em carros. Tendo sabido que aquele principal dos corcéis, o qual estava destinado ao sacrifício, tinha chegado ao seu reino, aqueles heróis, se envolvendo em armaduras, cercaram Arjuna. Montados em seus carros, puxados por cavalos excelentes e bem enfeitados, e com aljavas em suas costas, eles circundaram aquele cavalo, ó rei, e se esforçaram para capturá-lo. O ornado com diadema Arjuna, lançando crítica sobre aquele esforço deles, proibiu aqueles heróis, com palavras conciliadoras, ó castigador de inimigos. Desconsiderando a mensagem de Arjuna, eles o atacaram com suas flechas. O ornado com diadema Arjuna resistiu àqueles guerreiros que estavam sob o domínio da ignorância e paixão. Jishnu se dirigiu a eles sorridente e disse, 'Desistam, ó iníquos. A vida é um benefício (que não deve ser jogado fora).' No momento dele partir, ele tinha sido seriamente ordenado pelo rei Yudhishthira o justo, para não matar aqueles Kshatriyas cujos parentes tinham sido mortos antes no campo de Kurukshetra. Lembrando aquelas ordens do rei Yudhishthira o justo que era dotado de grande inteligência, Arjuna pediu aos Trigartas para desistirem. Mas eles desconsideraram a injunção de Arjuna. Então Arjuna derrotou Suryavarman, o rei dos Trigartas, em batalha, por atirar inúmeras flechas nele e riu em escárnio. Os guerreiros Trigarta, no entanto, enchendo os dez pontos com o estrépito de seus carros e rodas de carro, avançaram em direção a Dhananjaya. Então Suryavarman, mostrando sua grande leveza de mão, perfurou Dhananjaya com centenas de setas retas, ó monarca. Os outros grandes arqueiros que seguiam o rei e que estavam todos desejosos de realizar a destruição de Dhananjaya, atiraram chuvas de setas nele. Com inúmeras setas atiradas do seu próprio arco, o filho de Pandu, ó rei, cortou aquelas nuvens de setas; no que elas caíram. Dotado de grande energia, Ketuvarman, o irmão mais novo de Suryavarman, e

possuidor de vigor juvenil, lutou, por causa de seu irmão, contra o filho de Pandu possuidor de grande renome. Vendo Ketuvarman se aproximando em direção a ele para o combate, Vibhatsu, aquele matador de heróis hostis, o matou com muitas setas de pontas afiadas. Após a queda de Ketuvarman, o poderoso guerreiro em carro Dhritavarman, avançando em seu carro em direção a Arjuna, despejou uma perfeita chuva de setas nele. Vendo aquela leveza de mão demonstrada pelo jovem Dhritavarman, Gudakesa de energia poderosa e grande destreza ficou muito satisfeito com ele. O filho de Indra não podia ver quando o jovem guerreiro pegava suas setas e quando ele as colocava na corda de seu arco mirando nele. Ele somente viu chuvas de setas no ar. Por um breve espaço de tempo, Arjuna alegrou seu inimigo e mentalmente admirou seu heroísmo e habilidade. O herói Kuru, enquanto sorria, lutou com aquele jovem que parecia com uma cobra zangada. O poderosamente armado Dhananjaya, contente como ele estava ao contemplar a bravura de Dhritavarman, não tirou sua vida. Enquanto, no entanto, Partha de energia incomensurável lutava brandamente com ele sem desejar tirar sua vida, Dhritavarman disparou uma seta ardente nele. Profundamente perfurado na mão por aquela seta, Vijaya ficou entorpecido e aquele seu arco Gandiva caiu na Terra de seu aperto relaxado. A forma daquele arco, ó rei, quando ele caiu da mão de Arjuna, parecia, ó Bharata, com aquela do arco de Indra (que é visto no firmamento depois de uma chuva). Quando aquele arco grandioso e celeste caiu, ó monarca, Dhritavarman riu ruidosamente em batalha. Nisso, Jishnu, excitado pela raiva, limpou o sangue de sua mão e mais uma vez erguendo seu arco, despejou uma perfeita chuva de setas nele. Então um barulho alto e confuso se ergueu, enchendo o firmamento e tocando os próprios céus por assim dizer, de diversas criaturas que aplaudiram aquele feito de Dhananjaya. Vendo Jishnu inflamado pela fúria e parecendo com o próprio Yama quando ele aparece no fim do Yuga, os guerreiros Trigarta o cercaram rapidamente, vindo com pressa de seus postos e desejosos de resgatar Dhritavarman. Vendo-se cercado por seus inimigos, Arjuna ficou mais furioso do que antes. Ele então liquidou dezoito de seus guerreiros principais com muitas flechas de ferro firme que pareciam com as setas do próprio Indra grandioso. Os guerreiros Trigarta então começaram a fugir. Vendo eles se retirarem, Dhananjaya, com grande velocidade, disparou muitas flechas neles que pareciam cobras coléricas de veneno virulento, e riu alto. Os poderosos guerreiros em carro dos Trigartas, com corações deprimidos, fugiram em todas as direções, extremamente afligidos por Dhananjaya com suas setas. Eles então se dirigiram àquele tigre entre homens, aquele matador da hoste Samsaptaka (no campo de Kurukshetra), dizendo, 'Nós somos teus escravos. Nós nos rendemos a ti. Ordene-nos, ó Partha. Veja, nós esperamos aqui como os mais dóceis dos teus criados. Ó encantador dos Kurus, nós executaremos todas as tuas ordens.' Ouvindo essas palavras expressivas de sua submissão, Dhananjaya disse para eles, 'Ó reis, salvem suas vidas, e aceitem meu domínio.'" (Será lembrado que a hoste Samsaptaka que lutou com Arjuna por vários dias no campo de Kurukshetra consistia de guerreiros Trigarta liderados por seu rei Susarman. Samsaptaka significa 'jurado'. Aqueles soldados que tinham feito o juramento que eles iriam ou conquistar ou morrer eram chamados por aquele nome.)

75

"Vaisampayana disse, 'Aquele principal dos corcéis então procedeu para o reino de Pragjyotisha e começou a vagar lá. Nisso, o filho de Bhagadatta, que era extremamente heróico em batalha, saiu (para enfrentar Arjuna). O rei Vajradatta, ó chefe dos Bharatas, descobrindo o corcel (sacrifical) chegado dentro de seu reino, lutou (para detê-lo). O filho nobre de Bhagadatta, saindo de sua cidade, afligiu o corcel que estava vindo (e capturando-o), marchou de volta para sua própria cidade. Observando isso, poderosamente armado chefe da linhagem Kuru esticou seu Gandiva rapidamente, e avançou de repente em direção ao seu inimigo. Entorpecido pelas flechas atiradas do Gandiva, o filho heróico de Bhagadatta, deixando o corcel livre, fugiu de Partha. Entrando novamente em sua capital, aquele principal dos reis, irresistível em batalha, se envolveu em armadura, e montando no seu príncipe dos elefantes, saiu. Aquele poderoso guerreiro em carro tinha um guarda sol branco segurado sobre sua cabeça, e era abanado com um rabo de iaque branco como leite. Impelido por infantilidade e tolice, ele desafiou Partha, o poderoso guerreiro em carro dos Pandavas, afamado por feitos terríveis em batalha, para um combate com ele. O príncipe enfurecido então incitou em direção a Arjuna aquele seu elefante, que parecia com uma verdadeira montanha, e de cujas têmporas e boca saíam jorros de suco indicativos de excitamento. De fato, aquele elefante derramava suas secreções como uma massa imensa de nuvens derramando chuva. Capaz de resistir a feitos hostis da sua própria espécie, ele tinha sido equipado de acordo com as ordenanças dos tratados (sobre elefantes de guerra). Irresistível em batalha, ele tinha ficado tão enfurecido quanto a estar além do controle. Incitado adiante pelo príncipe com o laço de ferro, aquele elefante poderoso então parecia (enquanto ele avançava) como se ele abrisse caminho através do firmamento (como uma colina voadora). Vendo-o avançar em direção a ele, ó rei, Dhananjaya, cheio de raiva e permanecendo no solo, ó Bharata, enfrentou o príncipe sobre as costas dele. Cheio de ira, Vajradatta lançou rapidamente em Arjuna várias flechas de cabeça larga dotadas da energia do fogo e parecendo (conforme elas percorriam o ar) com uma nuvem de gafanhotos se movendo depressa. Arjuna, no entanto, com flechas lançadas do Gandiva, cortou aquelas flechas, algumas em dois e algumas em três pedaços. Ele as cortou no próprio firmamento com aquelas suas flechas percorrendo o céu. O filho de Bhagadatta, vendo suas flechas de cabeça larga assim cortadas, rapidamente atirou em Arjuna várias outras setas em uma linha contínua. Cheio de raiva nisso, Arjuna, mais rapidamente do que antes, disparou no filho de Bhagadatta várias flechas de trajetória reta equipadas com asas douradas. Vajradatta de energia imensa, atingido com grande força e perfurado por aquelas setas naquele combate violento, caiu no chão. A consciência, no entanto, não o abandonou. Montando em seu príncipe dos elefantes novamente no meio daquela batalha o filho de Bhagadatta, desejoso de vitória, muito calmamente lançou várias flechas em Arjuna. Cheio de ira, Jishnu então atirou no príncipe várias setas parecidas com chamas de fogo ardentes e que pareciam ser muitas cobras de veneno virulento. Perfurado por elas, o elefante poderoso, emitindo uma grande

quantidade de sangue, parecia com uma montanha de muitas fontes derramando córregos de água colorida com giz vermelho.'"

76

"Vaisampayana disse, 'Assim foi travada aquela batalha, ó chefe dos Bharatas, por três dias entre Arjuna e aquele príncipe como o combate entre aquele de cem sacrifícios e Vritra. No quarto dia, Vajradatta de grande poder riu ruidosamente e, se dirigindo a Arjuna, disse estas palavras: 'Espere, espere, ó Arjuna. Tu não irás escapar de mim com vida. Matando-te eu irei cumprir adequadamente o rito de água do meu pai. Meu pai idoso, Bhagadatta, que foi o amigo do teu pai, foi morto por ti por causa de seu peso de idade. No entanto, lute comigo que sou somente um garoto!' (Bhagadatta era o amigo de Indra, o pai de Arjuna.) Tendo dito essas palavras, ó tu da linhagem de Kuru, o rei Vajradatta, cheio de raiva, incitou seu elefante em direção ao filho de Pandu. Incitado adiante por Vajradatta de grande inteligência, aquele príncipe dos elefantes, como se desejoso de atravessar o firmamento, avançou em direção a Dhananjaya. Aquele príncipe dos elefantes encharcou Arjuna com uma chuva de suco emitido da extremidade de sua tromba, como uma massa de nuvens azuis encharcando uma colina com seu aguaceiro. De fato, instigado pelo rei, o elefante, rugindo repetidamente como uma nuvem, avançou em direção a Phalguna, com aquele barulho profundo emitido de sua boca. Na verdade, incitado por Vajradatta, aquele príncipe dos elefantes se moveu rapidamente na direção do poderoso guerreiro em carro dos Kurus, com o passo de alguém que parecia dançar em excitamento. Vendo aquele animal de Vajradatta avançando em direção a ele, aquele matador de inimigos, isto é, o poderoso Dhananjaya, confiando no Gandiva, manteve seu terreno sem tremer de medo. Lembrando que Vajradatta estava demonstrando ser um obstáculo para a realização de sua tarefa, e se lembrando da velha inimizade da casa (de Pragjyotisha em direção aos Pandavas), o filho de Pandu ficou muito inflamado com cólera contra o rei. Cheio de raiva, Dhananjaya impediu o progresso daquele animal com uma chuva de setas como a margem resistindo ao movimento das ondas do mar. Aquele príncipe dos elefantes possuidor de beleza (de forma), assim impedido por Arjuna, parou em seu rumo, com corpo perfurado por muitas flechas, como um porco-espinho com seus espinhos eretos. Vendo seu elefante impedido em seu rumo, o filho nobre de Bhagadatta, privado de razão pela raiva, disparou muitas setas afiadas em Arjuna. Arjuna de braços poderosos desviou todas aquelas setas com muitas setas matadoras de inimigos dele. A façanha parecia ser extremamente admirável. Uma vez mais o rei dos Pragjyotishas, inflamado pela ira, incitou violentamente seu elefante, que parecia com uma montanha, na direção de Arjuna. Vendo a besta avançando mais uma vez em direção a ele, Arjuna atirou nele com grande força uma flecha que parecia com uma verdadeira chama de fogo. Atingido profundamente nos próprios órgãos vitais, ó rei, pelo filho de Pandu, a besta de repente caiu no chão como um topo de montanha desprendido por um raio. Golpeado pela flecha de Dhartanjaya, o elefante, quando ele jazia sobre a Terra, parecia com um enorme rochedo montanhoso jazendo no chão, soltado pelo raio de Indra. Quando o elefante de

Vajradatta estava prostrado no chão, o filho de Pandu, se dirigindo ao rei que tinha caído com seu animal, disse, 'Não tema. De fato, Yudhishthira de energia imensa me disse enquanto me incumbia nesta tarefa estas palavras: 'Tu não deves, ó Dhananjaya, matar aqueles reis (que possam te enfrentar em batalha). Ó tigre entre homens, tu deves considerar tua tarefa como realizada se tu somente inabilitares aqueles reis hostis. Tu não deves também, ó Dhananjaya, matar os guerreiros daqueles reis que possam se adiantar para lutar contigo, com todos os seus parentes e amigos. Eles devem ser requisitados para virem ao Sacrifício de Cavalo de Yudhishthira.' Tendo ouvido essas ordens do meu irmão, eu não te matarei, ó rei. Levante; que nenhum medo seja teu; volte para tua cidade são e salvo, ó senhor da Terra. Quando o dia da lua cheia no mês de Chaitra chegar, tu deves, ó grande rei, te dirigir para o sacrifício do rei Yudhishthira o justo, pois ele ocorrerá naquele dia.' Assim endereçado por Arjuna, o filho real de Bhagadatta, derrotado pelo filho de Pandu, disse, 'Assim seja.'"

77

"Vaisampayana disse, 'Então ocorreu uma grande batalha entre o ornado com diadema Arjuna e as centenas de Saindhavas que ainda viviam depois do massacre de seu clã (no campo de Kurukshetra). Sabendo que aquele de corcéis brancos tinha entrado em seus territórios, aqueles Kshatriyas saíram contra ele, incapazes de tolerarem aquele principal da linhagem de Pandu. Aqueles guerreiros que eram tão terríveis quanto veneno virulento, descobrindo o cavalo dentro de seu domínio, o agarraram sem serem tomados por nenhum medo de Partha que era o irmão mais novo de Bhimasena. Avançando contra Vibhatsu que acompanhava a pé, armado com seu arco, o corcel sacrifical, eles o atacaram de um ponto próximo. Derrotados em batalha antes, aqueles Kshatriyas de energia poderosa, impelidos pelo desejo de vitória, cercaram aquele principal dos homens. Proclamando seus nomes e famílias e suas diversas façanhas, eles lançaram suas setas em Partha. Despejando chuvas de setas de tal energia feroz que eram capazes de impedir o progresso de elefantes hostis, aqueles heróis cercaram o filho de Kunti, desejosos de derrotá-lo em batalha. Eles mesmos sentados em carros, eles lutaram com Arjuna de feitos violentos que estava a pé. De todos os lados eles começaram a atacar aquele herói, aquele matador dos Nivatakavachas, aquele destruidor dos Samasaptakas, aquele matador do rei dos Sindhus. Circundando-o por todos os lados como dentro de uma gaiola por meio de mil carros e dez mil cavalos, aqueles bravos guerreiros expressaram sua exaltação. Lembrando-se da morte por Dhananjaya de Jayadratha em batalha, ó tu da linhagem de Kuru, eles despejaram chuvas pesadas de setas naquele herói como uma massa de nuvens derramando um aguaceiro pesado. Oprimido por aquela chuva de flechas, Arjuna parecia com o sol coberto por uma nuvem. Aquele filho principal de Pandu, no meio daquela nuvem de flechas, parecia com uma ave no meio de uma gaiola de ferro, ó Bharata. Vendo o filho de Kunti assim afligido pelas flechas, gritos de Oh e Ai foram proferidos pelos três mundos e o próprio Sol ficou desprovido de seu esplendor. Então, ó rei, um vento terrível começou a soprar, e Rahu consumiu ambos o Sol e a Lua ao mesmo tempo. Muitos meteoros atingiram

o disco solar e então se lançaram em direções diferentes. O príncipe das montanhas, isto é, Kailasa, começou a tremer. Os sete Rishis (celestes), como também os outros Rishis do Céu, tomados pelo medo, e afligidos pela dor e tristeza, deram suspiros ansiosos. Atravessando o firmamento, aqueles meteoros caíram no disco lunar também. Todos os pontos do horizonte ficaram cheios de fumaça e assumiram um aspecto estranho. Nuvens avermelhadas, com lampejos de relâmpago tremulando em seu meio e o arco de Indra medindo-as de lado a lado cobriram de repente o firmamento e derramaram carne e sangue sobre a Terra. Tal era o aspecto o qual toda a natureza assumiu quando aquele herói estava sendo oprimido por chuvas de flechas. De fato, quando Phalguna, aquele principal entre os Bharatas, estava assim afligido, aquelas maravilhas foram vistas. Oprimido por aquela nuvem densa de setas, Arjuna ficou entorpecido. Seu arco, Gandiva, caiu de seu aperto relaxado e sua proteção de couro também escorregou para baixo. Quando Dhananjaya ficou entorpecido, os guerreiros Saindhava novamente dispararam naquele guerreiro inconsciente, sem perda de tempo, outras flechas incontáveis. Compreendendo que o filho de Pritha estava privado de consciência, as divindades, com corações tomados pelo medo, começaram a procurar seu bem-estar por proferirem diversas bênçãos. Então os Rishis celestes, os sete Rishis, e os Rishis regenerados se dedicaram a recitações silenciosas pelo desejo de dar a vitória para o filho de Pritha de grande inteligência. Quando finalmente a energia de Partha resplandeceu por causa daquelas ações dos habitantes do Céu, aquele herói, que estava familiarizado com armas celestes de grande eficácia, permaneceu imóvel como uma colina. O alegrador dos Kurus então puxou seu arco celeste. E conforme ele esticava repetidamente a corda do arco, o som que se seguia parecia com o som alto de alguma máquina poderosa. Como Purandara derramando chuva, o pujante Arjuna então, com aquele seu arco, derramou chuvas incessantes de flechas sobre seus inimigos. Perfurados por aquelas flechas os guerreiros Saindhava com seus chefes se tornaram invisíveis como árvores quando cobertas por gafanhotos. Eles estavam aterrorizados pelo próprio som do Gandiva, e afligidos pelo medo eles fugiram. Em angústia de coração eles derramaram lágrimas e proferiram lamentos altos. O guerreiro poderoso se movia entre aquela hoste de inimigos com a rapidez de uma roda de fogo, todo o tempo perfurando aqueles guerreiros com suas setas. Como o grande Indra, o manejador do raio, aquele matador de inimigos, isto é, Arjuna, atirava de seu arco em todas as direções aquela chuva de flechas a qual parecia com uma visão produzida por mágica (em vez de alguma ação humana). O herói Kaurava, perfurando a hoste hostil com chuvas de setas, parecia resplandecente como o Sol outonal quando ele dispersa as nuvens com seus raios poderosos.'"

78

"Vaisampayana disse, 'O irresistível manejador do Gandiva, dedicado à batalha, permaneceu imóvel sobre o campo como o próprio Himavat. Os guerreiros Saindhava, reunidos novamente, lançaram em grande cólera repetidas chuvas de flechas nele. O herói de braços poderosos, rindo de seus inimigos, que tinham se

reagrupado novamente mas que estavam prestes a morrer, se dirigiu a eles nestas palavras brandas, 'Vocês lutam com todas as forças e se esforçam para me derrotar. No entanto, realizem todas as ações necessárias, pois um grande perigo espera vocês todos. Vejam, eu luto com todos vocês, desviando suas nuvens de setas. Determinados como vocês estão em batalha, esperem um pouco. Eu logo suprimirei seu orgulho.' O manejador do Gandiva, tendo dito essas palavras em fúria, se lembrou, no entanto, das palavras, ó Bharata, de seu irmão mais velho. Aquelas palavras foram, 'Tu não deves, ó filho, matar aqueles Kshatriyas que virão contra ti para o combate. Eles devem, no entanto, ser derrotados por ti.' Aquele principal dos homens, Phalguna, tinha sido assim endereçado pelo rei Yudhishthira o justo, de grande alma. Ele, portanto, começou a refletir dessa maneira. 'Exatamente assim eu fui incumbido por meu irmão. Guerreiros avançando contra mim não devem ser mortos. Eu devo agir de tal maneira quanto a não falsificar as palavras do rei Yudhishthira o justo.' Tendo chegado a essa conclusão, Phalguna, aquele principal dos homens, então disse para aqueles Saindhavas que eram todos ferozes em batalha, estas palavras: 'Eu digo o que é para o seu benefício. Embora ficando na minha frente, eu não desejo matar vocês. Aquele entre vocês que me disser que foi derrotado por mim e que é meu será poupado por mim. Tendo ouvido essas palavras minhas, ajam em direção a mim daquela maneira a qual possa melhor conduzir ao seu benefício. Por agirem de um modo diferente vocês irão se colocar em uma situação de grande medo e perigo.' Tendo dito essas palavras para aqueles guerreiros heróicos o chefe dos Kurus começou a lutar com eles. Arjuna estava inflamado pela ira. Seus inimigos, desejosos de vitória, estavam igualmente enfurecidos. Os Saindhavas então, ó rei, dispararam centenas e milhares de setas retas no manejador do Gandiva. Dhananjaya, com suas próprias flechas afiadas, cortou aquelas flechas de pontas afiadas e terríveis, parecendo com cobras de veneno virulento, antes que elas pudessem alcançá-lo. Tendo cortado aquelas setas afiadas equipadas com penas Kanka, Arjuna perfurou cada um dos guerreiros opostos a ele com uma seta afiada. Os Kshatriyas Saindhava, lembrando que foi Dhananjaya quem tinha matado seu rei Jayadratha, então arremessaram nele dardos e lanças com grande força. O ornado com diadema Dhananjaya de grande poder frustrou seu intento por cortar todas aquelas armas antes que alguma delas pudesse alcançá-lo. Finalmente o filho de Pandu ficou muito enfurecido. Com muitas flechas retas e de cabeça larga ele cortou as cabeças de muitos daqueles guerreiros que estavam avançando nele pelo desejo de vitória. Muitos fugiram, muitos avançaram em Arjuna; muitos não se moveram, todos eles, no entanto, proferiram tal barulho alto (de fúria e angústia) que parecia com o rugido do oceano. Conforme eles eram mortos por Partha de poder incomensurável, eles lutavam com ele, cada um segundo sua força e coragem. Seus animais estando todos esgotados, Partha conseguiu privar um grande número daqueles guerreiros de seus sentidos por meio de suas setas mais afiadas naquela luta. Então Dussala, sua rainha, a filha de Dhritarashtra, sabendo que eles tinham sido desanimados por Arjuna, pegou seu neto em seus braços e se dirigiu a Arjuna. A criança era o filho de Suratha (o filho de Jayadratha). O príncipe valente procedeu até seu tio materno em seu carro para a segurança de todos os guerreiros Saindhava. A rainha, chegando à presença de Dhananjaya, começou a chorar de

tristeza. O pujante Dhananjaya, vendo-a, soltou seu arco. Abandonando seu arco, Partha recebeu devidamente sua irmã e perguntou a ela quanto ao que ele poderia fazer para ela. A rainha respondeu para ele dizendo, 'Ó chefe dos Bharatas, esta criança é o filho do filho da tua irmã. Ele te saúda, ó Partha. Olhe para ele, ó principal dos homens.' Assim endereçado por ela, Partha perguntou por seu filho (Suratha), dizendo, 'Onde ele está?' Dussala então respondeu, dizendo, 'Queimando com dor por causa da morte de seu pai, o pai heróico desta criança morreu em grande angústia de coração. Ouça-me como ele encontrou com sua morte. Ó Dhananjaya, ele tinha sabido antes que seu pai Jayadratha tinha sido morto por ti, ó impecável. Extremamente afligido pela tristeza por isso, e sabendo da tua chegada aqui como o seguidor e protetor do cavalo sacrifical, ele imediatamente caiu e abandonou seus ares vitais. Realmente, profundamente afligido pela dor como ele estava, logo que ele soube da tua chegada ele desistiu da sua vida. Vendo-o prostrado no chão, ó senhor, eu peguei seu filho pequeno comigo e vim até ti, desejosa da tua proteção.' Tendo dito essas palavras, a filha de Dhritarashtra começou a lamentar em profunda aflição. Arjuna ficou diante dela em grande tristeza de coração. Seu rosto estava virado em direção ao solo. A irmã triste então disse para seu irmão, que estava igualmente triste, estas palavras: 'Veja tua irmã. Veja o filho do filho da tua irmã. Ó perpetuador da linhagem de Kuru, ó tu que conheces completamente todos os deveres, cabe a ti mostrar piedade por esta criança, esquecendo o príncipe Kuru (Duryodhana) e o perverso Jayadratha. Assim como aquele matador de heróis hostis, Parikshit, nasceu de Abhimanyu, assim esta criança de braços poderosos, meu neto, nasceu de Suratha. Trazendo ele comigo, ó chefe de homens, eu vim a ti, desejosa da segurança de todos os guerreiros. Escute estas minhas palavras. Este filho daquele teu inimigo perverso agora vem a ti, ó herói poderosamente armado. Cabe a ti, portanto, mostrar piedade por este menino. Ó castigador de inimigos, este menino procura te agradar por inclinar sua cabeça. Ele te pede por paz. Ó herói de armas poderosas, esteja inclinado a fazer as pazes. Ó tu que conheces todos os deveres, fique satisfeito com a criança cujos amigos e parentes foram todos mortos e que ela mesma não sabe nada do que aconteceu. Não ceda à ira. Esquecendo seu avô mal afamado e cruel, que te ofendeu tanto, cabe a ti mostrar tua graça em direção a esta criança.' Lembrando-se da rainha Gandhari e do rei Dhritarashtra, Dhananjaya, afligido pela angústia, se dirigiu a Dussala que tinha lhe falado dessa maneira, e respondeu para ela, criticando as práticas Kshatriya. 'Que vergonha para Duryodhana, aquele indivíduo egoísta, cobiçoso de reino e cheio de vaidade! Ai, foi por causa dele que todos os meus parentes foram despachados por mim para a residência de Yama.' Tendo dito isso, Dhananjaya confortou sua irmã e ficou inclinado a fazer as pazes. Alegremente ele a abraçou e então a despediu, dizendo a ela para voltar para seu palácio. Dussala mandou todos os seus guerreiros desistirem daquela grande batalha, e cultuando Partha, ela de rosto belo retrocedeu seus passos em direção à sua residência. Tendo derrotado aqueles heróis, isto é, os Saindhavas, dessa maneira, Dhananjaya começou a seguir o corcel que vagava à vontade. O heróico Arjuna seguiu devidamente aquele cavalo sacrifical assim como o divino manejador do Pinaka tinha antigamente seguido o veado através do firmamento. (A alusão é a Mahadeva perseguindo o Sacrifício quando o último fugiu dele na forma de um

veado.) O corcel, à vontade, vagou por vários reinos um depois do outro, aumentando os feitos de Arjuna. No decorrer do tempo, ó chefe de homens, o cavalo que vagava à sua vontade finalmente chegou dentro dos domínios do soberano de Manipura, seguido pelo filho de Pandu.'"

79

"Vaisampayana disse, 'O soberano de Manipura, Vabhruvahana, sabendo que seu pai Arjuna tinha chegado dentro de seus domínios, saiu com humildade, com vários Brahmanas e um tesouro em sua vanguarda. (Os Brahmanas eram para receber Arjuna devidamente e o tesouro deveria ser um presente ou oferenda de respeito.) Lembrando-se, no entanto, dos deveres dos Kshatriyas, Dhananjaya de grande inteligência, vendo o soberano de Manipura chegar daquela maneira não aprovou aquilo. Phalguna de alma justa disse com raiva, 'Esse teu comportamento não é adequado. Tu certamente decaíste dos deveres Kshatriya. Eu vim aqui como o protetor do cavalo sacrifical de Yudhishthira. Por que, ó filho, tu não lutarias comigo, vendo que eu entrei dentro dos teus domínios? Que vergonha para ti, ó tu de compreensão tola, que vergonha para ti que decaíste dos deveres Kshatriya! Que vergonha para ti que me receberia pacificamente, mesmo que eu tenha vindo aqui para lutar contigo. Ao me receber assim pacificamente tu agiste como uma mulher. Ó tu de compreensão ruim, se eu tivesse vindo a ti deixando de lado minhas armas, então esse teu comportamento seria adequado, ó pior dos homens.' Sabendo que essas palavras foram endereçadas por seu marido, a filha do rei das cobras, isto é, Ulupi, incapaz de tolerar isso, atravessou a Terra e chegou àquele local. (Ulupi era uma das esposas de Arjuna. Ela era, portanto, a madrasta de Vabhruvahana.) Ela viu seu filho lá totalmente desconsolado e com rosto pendendo para baixo. De fato, o príncipe foi repetidamente repreendido por seu pai que estava desejoso de lutar com ele, ó monarca. A filha da cobra, com todo membro possuidor de beleza, isto é, Ulupi, disse estas palavras compatíveis com justiça e dever para o príncipe que estava familiarizado com justiça e dever, 'Saiba que eu sou tua mãe Ulupi que sou a filha de uma cobra. Cumpra minha ordem, ó filho, porque tu então obterás grande mérito. Lute com teu pai, este principal da linhagem de Kuru, este herói que é irresistível em batalha. Sem dúvida, ele irá então ficar satisfeito contigo.' Dessa maneira o rei Vabhruvahana foi incitado contra seu pai por sua madrasta. Finalmente, dotado como ele era de grande energia, ele decidiu, ó chefe dos Bharatas, lutar com Dhananjaya. Pondo sua armadura de ouro brilhante e sua refulgente proteção para a cabeça, ele subiu em um carro excelente que tinha centenas de aljavas prontas sobre ele. Aquele carro estava equipado com os artigos necessários para a batalha e tinha corcéis unidos a ele que eram dotados da velocidade da mente. Ele tinha rodas excelentes e um Upashkara forte, e estava adornado com ornamentos dourados de todo tipo. Erguendo seu estandarte que estava enfeitado muito belamente e que portava o emblema de um leão em ouro, o belo príncipe Vabhruvahana procedeu contra seu pai para lutar. Aproximando-se do corcel sacrifical que era protegido por Partha, o príncipe heróico o fez ser capturado por pessoas bem versadas em conhecimentos sobre cavalos. Vendo o corcel apanhado,

Dhananjaya se encheu de alegria. Permanecendo sobre o solo, aquele herói começou a resistir ao avanço de seu filho que estava em seu carro. O rei afligiu o herói com repetidas chuvas de setas dotadas de pontas afiadas e parecidas com cobras de veneno virulento. A batalha que ocorreu entre pai e filho foi incomparável. Ela parecia o confronto entre as divindades e os Asuras antigamente. Cada um estava satisfeito por obter o outro como adversário. Então Vabhruvahana, rindo, perfurou o ornado com diadema Arjuna, aquele principal dos homens, no ombro com uma flecha reta. Equipada com penas, aquela flecha penetrou no corpo de Arjuna como uma cobra penetrando em um formigueiro. Atravessando o filho de Kunti, a flecha foi profundamente para dentro da Terra. Sentindo dor aguda, o inteligente Dhananjaya descansou por algum tempo, se apoiando em seu arco excelente. Ele resistiu, recorrendo à sua energia celeste e parecia externamente como alguém privado de vida. Aquele principal dos homens, então, recuperando a consciência, elogiou muito seu filho. Possuidor de grande esplendor, o filho de Sakra disse, 'Excelente, Excelente, ó de braços poderosos, ó filho de Chitrangada! Ó filho, vendo essa façanha, tão digna de ti, eu estou muito satisfeito contigo. Eu irei agora disparar estas setas em ti, ó filho. Permaneça para lutar (sem fugir).' Tendo dito essas palavras, aquele matador de inimigos disparou uma chuva de setas no príncipe. O rei Vabhruvahana, no entanto, com suas próprias setas de cabeça larga cortou todas aquelas setas que foram disparadas do Gandiva e que pareciam com o raio de Indra em esplendor, algumas em duas e algumas em três partes. Então o estandarte, decorado com ouro e parecendo com uma palmeira dourada, sobre o carro do rei foi cortado por Partha com algumas de suas flechas excelentes. O filho de Pandu, rindo, em seguida matou os corcéis do rei dotados de tamanho grande e velocidade notável. Descendo de seu carro, o rei, inflamado pela raiva, lutou a pé com seu pai. Satisfeito com a coragem de seu filho, aquele principal dos filhos de Pritha, isto é, o filho do manejador do raio, começou a afligi-lo imensamente. O poderoso Vabhruvahana, pensando que seu pai não era mais capaz de enfrentá-lo, novamente o afligiu com muitas setas parecidas com cobras de veneno virulento. Por um espírito de infantilidade ele então perfurou vigorosamente seu pai no peito com uma flecha afiada equipada com asas excelentes. Aquela flecha, ó rei, penetrou no corpo do filho de Pandu e alcançando seus próprios órgãos vitais lhe causou grande dor. O encantador dos Kurus, Dhananjaya, profundamente perfurado naquele momento por seu filho, então caiu em um desmaio sobre o solo, ó rei. Quando aquele herói, aquele carregador das responsabilidades dos Kurus caiu, o filho de Chitrangada também ficou privado de seus sentidos. O desmaio do último era devido aos seus esforços em batalha como também à sua dor ao ver seu pai morto. Ele tinha sido perfurado profundamente por Arjuna com nuvens de setas. Ele, portanto, caiu na vanguarda da batalha abraçando a Terra. Sabendo que seu marido tinha sido morto e que seu filho tinha caído na Terra, Chitrangada, em grande agitação mental dirigiu-se ao campo de batalha. Seu coração queimando com tristeza, enquanto chorava de modo comovente, e completamente trêmula, a mãe do soberano de Manipura viu seu marido morto.'"

80

"Vaisampayana disse, 'Aquela dama de olhos como pétalas de lótus, tendo lamentado copiosamente, e queimando de tristeza, finalmente perdeu seus sentidos e caiu no chão. Recuperando a consciência e vendo Ulupi, a filha do chefe das cobras, a rainha Chitrangada dotada de beleza celestial disse para ela estas palavras, 'Veja, ó Ulupi, nosso marido sempre vitorioso morto em batalha, por causa de ti, por meu filho jovem. Tu estás familiarizada com as práticas dos respeitáveis? Tu és uma esposa dedicada ao teu marido? Foi devido ao teu ato que teu marido foi derrubado, morto em batalha. Se Dhananjaya pecou contra ti em todo aspecto, perdoe-o eu te peço, ressuscite aquele herói. Ó dama virtuosa, tu estás familiarizada com a piedade. Tu és, ó abençoada, conhecida (por tuas virtudes) pelos três mundos. Como é que tendo feito teu marido ser morto por meu filho, tu não te entregas à dor? Ó filha do chefe das cobras, eu não choro por meu filho morto. Eu choro somente por meu marido que recebeu essa hospitalidade de seu filho.' Tendo dito essas palavras para a majestosa Ulupi, o filha do chefe das cobras, a ilustre Chitrangada procedeu para onde seu marido jazia sobre a Terra e se dirigindo a ele, disse, 'Levante, ó marido querido, tu ocupas o lugar principal nas afeições do rei Kuru (Yudhishthira). Aqui está aquele teu corcel. Ele foi libertado por mim. Na verdade, ó pujante, este corcel sacrifical do rei Yudhishthira o justo deve ser seguido por ti. Por que então tu ainda jazes imóvel sobre o solo? Meus ares vitais dependem de ti, ó encantador dos Kurus. Como é que aquele que é o dador dos ares vitais de outras pessoas rejeita seus próprios ares vitais hoje? Veja, ó Ulupi, essa visão agradável do teu marido jazendo prostrado no chão. Como é que tu não sofres, tendo feito ele ser morto através do meu filho quando tu o excitaste com tuas palavras? É adequado que este garoto deva sucumbir ao poder da morte e jazer assim no chão junto de seu próprio pai. Oh, que Vijaya, que ele que é chamado de Gudakesa, que este herói de olhos avermelhados, volte à vida. Ó dama abençoada, poligamia não é transgressão para os homens. Somente as mulheres incorrem em erro por aceitarem mais do que um marido. Portanto, não nutra tais pensamentos (de vingança). Esse relacionamento foi ordenado pelo próprio ordenador Supremo. Ele é, além disso, eterno e imutável. Cuide daquele relacionamento. Que tua união (com Dhananjaya) seja feita verdadeira. Se, tendo matado teu marido através do meu filho, tu não o reviveres hoje diante dos meus olhos, eu então rejeitarei meus ares vitais. Sem dúvida, ó dama venerável, afligida como eu estou pela tristeza e privada como eu estou de marido e filho, eu me sentarei aqui hoje em Praya na tua própria vista!' Tendo falado dessa maneira para a filha do chefe das cobras, que era uma co-esposa com ela de Arjuna, a princesa Chaitravahini sentou-se em Praya, ó rei, reprimindo a fala.'" (Sentar-se em Praya é permanecer sentado em um local específico, se abstendo de alimento e bebida com a intenção de rejeitar os próprios ares vitais.)

"Vaisampayana continuou, 'Parando de lamentar, a rainha triste, colocando sobre seu colo os pés de seu marido, sentou lá, suspirando pesadamente e desejando também a restauração de seu filho à vida. O rei Vabhruvahana então, recuperando os sentidos, viu sua mãe sentada daquela maneira no campo de batalha. Dirigindo-se a ela ele disse, 'O que pode ser mais doloroso do que a visão

de minha mãe, que foi criada no luxo, jazendo na terra nua junto de seu marido heróico esticado sobre o solo? Ai, este matador de todos os inimigos, este principal de todos os manejadores de armas, foi morto por mim em batalha. É evidente que os homens não morrem até que sua hora chegue. (O sentido é que 'tristeza não mata; uma pessoa não morre até que sua hora chegue. Se fosse de outro modo eu teria morrido, tão pesado é o fardo da minha aflição.') Oh, o coração desta princesa parece ser muito duro já que ele não se quebra nem à visão de seu marido de braços fortes e de peito largo jazendo morto no chão. É evidente que uma pessoa não morre até que chegue sua hora, já que nem eu nem minha mãe estamos desprovidos de vida (mesmo por tal visão). Ai, ai, a cota de malha dourada deste herói principal da linhagem de Kuru, morto por mim, seu filho, de propósito, está jazendo no solo, separada de seu corpo. Ai, ó Brahmanas, vejam meu pai heróico jazendo prostrado na Terra, em um leito de herói, morto por seu filho. Que benefício é feito para este herói, morto por mim em batalha, por aqueles Brahmanas que foram incumbidos de servir este principal da linhagem de Kuru dedicado a seguir o corcel? Que os Brahmanas ordenem qual expiação deve agora ser praticada por mim, um canalha pecaminoso e cruel, que matou seu próprio pai em combate. Tendo matado meu próprio pai, eu devo, sofrendo todos os tipos de miséria, vagar pela Terra, cruel que eu sou, me cobrindo com sua pele. Dêem-me as duas metades da cabeça do meu pai hoje, (para que eu possa vagar pela Terra com elas por aquele período), pois não há outra expiação para mim que matei meu próprio pai. Veja, ó filha da principal das cobras, teu marido morto por mim. Na verdade, por matar Arjuna em batalha eu realizei o que é agradável para ti. Eu irei hoje seguir no caminho pelo qual meu pai foi. Ó abençoada, eu não posso me consolar. Seja feliz hoje, ó mãe, vendo eu mesmo e o manejador do Gandiva abraçarmos a morte neste dia. Eu te juro pela própria verdade (que eu rejeitarei meus ares vitais).' Tendo dito essas palavras, o rei, profundamente afligido pela dor, ó monarca, tocou água e exclamou em tristeza, 'Que todas as criaturas, móveis e imóveis, me ouçam. Tu também me escute, ó mãe. Eu digo a verdade, ó melhor de todas as filhas das cobras. Se este melhor dos homens, Jaya, meu pai, não se levantar, eu emaciarei meu próprio corpo, sentando no campo de batalha. Tendo matado meu pai, não há salvação para mim (daquele pecado terrível). Afligido como eu estou pelo pecado de matar meu pai, eu terei sem dúvida que cair no Inferno. Por matar um Kshatriya heróico alguém se purifica por fazer uma doação de cem vacas. Por matar meu pai, no entanto, tão terrível foi meu pecado que minha salvação é impossível. Este Dhananjaya, o filho de Pandu, era o único herói dotado de energia imensa. Possuidor de alma justa, ele foi o criador do meu ser. Como eu posso ser resgatado depois de tê-lo matado?' Tendo proferido esses lamentos, o filho de grande alma de Dhananjaya, o rei Vabhruvahana, tocou água e ficou silencioso, prometendo passar fome até a morte.'"

"Vaisampayana continuou, 'Quando o rei de Manipura, aquele castigador de inimigos, afligido pela tristeza, junto com sua mãe, se sentou para passar fome até a morte, Ulupi então pensou na pedra preciosa que tem a virtude de reviver um homem morto. A pedra preciosa, o grande refúgio das cobras, assim pensada, chegou lá. A filha do príncipe das cobras, a erguendo, proferiu estas palavras que

alegraram muito os combatentes que permaneciam no campo. 'Levante, ó filho. Não sofra. Jishnu não foi derrotado por ti. Este herói não pode ser derrotado por homens como também pelas divindades com o próprio Vasava em sua liderança. Eu exibi essa ilusão, enganando seus sentidos, para o benefício deste principal dos homens, isto é, teu pai ilustre. Ó tu da linhagem de Kuru, desejoso de averiguar tua destreza, seu filho, este matador de heróis hostis, ó rei, veio aqui para lutar contigo. Foi por essa razão, ó filho, que tu foste instigado por mim a lutar. Ó rei pujante, ó filho, não suspeite que tu cometeste algum erro, nem o mínimo, por aceitares o desafio dele. Ele é um Rishi, de uma alma poderosa, eterno e indestrutível. Ó filho querido, o próprio Sakra é incapaz de derrotá-lo em batalha. Esta pedra preciosa celestial foi trazida por mim, ó rei. Ela sempre revive as cobras sempre que elas morrem. Ó rei pujante, coloque esta pedra preciosa no peito do teu pai. Tu então verás o filho de Pandu revivido.' Assim endereçado, o príncipe que não tinha cometido pecado, movido por afeição por seu pai, então colocou aquela pedra preciosa sobre o peito do filho de Pritha de energia incomensurável. Depois que a pedra preciosa tinha sido colocada em seu peito; o heróico e pujante Jishnu tornou a viver. Abrindo seus olhos vermelhos ele se levantou como alguém que tivesse dormido muito. Vendo seu pai, o herói de grande alma de energia grandiosa devolvido à consciência e totalmente à vontade, Vabhruvahana o adorou com reverência. Quando aquele tigre entre homens, ó pujante, despertou do sono da morte com todos os sinais auspiciosos de vida, o castigador de Paka derramou chuvas de flores celestiais. Timbales tocados por ninguém produziram sua música profunda como o ribombo das nuvens. Um barulho alto foi ouvido no firmamento consistindo nas palavras, 'Excelente, Excelente!' Dhananjaya de braços poderosos, se levantando e bem confortado, abraçou Vabhruvahana e cheirou sua cabeça. Ele viu sentada a uma distância de seu filho a mãe desse último afligida pela tristeza, na companhia de Ulupi. Dhananjaya perguntou, 'Por que é que tudo no campo de batalha parece portar as indicações de tristeza, admiração, e alegria? Se, ó matador de inimigos, a causa é conhecida por ti, então me diga. Por que tua mãe veio para o campo de batalha? Por que também Ulupi, a filha do príncipe das cobras, veio aqui? Eu sei que tu lutaste essa batalha comigo por minha própria ordem. Eu desejo saber qual foi a causa que trouxe as senhoras.' O soberano inteligente de Manipura, assim questionado por Dhananjaya, o gratificou por inclinar sua cabeça em reverência, e então disse, 'Que Ulupi seja questionada.'"

81

"Arjuna disse, 'Qual assunto a trouxe aqui, ó filha (nora) da linhagem de Kuru, e qual também é a causa da chegada no campo de batalha dela que é a mãe do soberano de Manipura? Tu nutres motivos amigáveis em direção a este rei, ó filha de uma cobra? Ó tu de olhares agitados, tu desejas o bem para mim também? Eu espero, ó tu de quadris amplos, que nem eu, nem este Vabhruvahana aqui, tenhamos, ó dama bela, feito alguma ofensa para ti inconscientemente. Chitrangada de membros impecáveis, descendente da linhagem de Chitravahana, te fez algum mal?' Para ele, a filha do príncipe das cobras respondeu sorridente,

'Tu não me ofendeste, nem Vabhruvahana me fez algum mal; nem a mãe desse príncipe que é sempre obediente a mim como uma criada. Escute como tudo isso foi ocasionado por mim. Tu não deves ficar zangado comigo. De fato, eu procuro te gratificar por inclinar minha cabeça em reverência. Ó tu da linhagem de Kuru, tudo isso foi feito por mim para o teu bem, ó pujante. Ó poderosamente armado Dhananjaya, ouça tudo o que eu fiz. Na grande batalha dos príncipes Bharata, tu mataste o filho nobre de Santanu por métodos injustos. O que eu fiz expiou teu pecado. Tu não derrubaste Bhishma enquanto lutando contigo. Ele estava envolvido em combate com Sikhandin. Confiando nele como tua ajuda, tu efetuaste a derrota do filho de Santanu. Se tu tivesses morrido sem teres expiado aquele pecado, tu terias então sem dúvida caído no Inferno por causa daquela tua ação pecaminosa. Isso mesmo que tu obtiveste do teu filho é a expiação daquele pecado. Antigamente, ó soberano da Terra, eu ouvi isso dito pelos Vasus enquanto eles estavam na companhia de Ganga, ó tu de grande inteligência. Depois da queda do filho de Santanu, aquelas divindades, isto é, os Vasus, indo às margens do Ganga, se banharam em suas águas, e chamando a deusa daquele rio, eles proferiram estas palavras terríveis tendo a sanção da própria Bhagirathi, isto é, 'O filho de Santanu Bhishma foi morto por Dhananjaya. Na verdade, ó deusa, Bhishma então estava envolvido em combate com outro, e tinha parado de lutar. Para essa falha nós hoje pronunciaremos uma maldição sobre Dhananjaya.' Com isso, a deusa Ganga concordou prontamente, dizendo 'Assim seja!' Ouvindo essas palavras eu fiquei muito aflita e penetrando nas regiões inferiores relatei tudo para o meu pai. Informado do que tinha acontecido, meu pai ficou mergulhado em angústia. Dirigindo-se aos Vasus, ele os solicitou por tua causa, agradando-os repetidamente por todos os meios em seu poder. Eles então disseram para ele, 'Dhananjaya tem um filho altamente abençoado que, dotado de juventude, é o soberano de Manipura. Ele irá, permanecendo no campo de batalha, lançar Dhananjaya na Terra. Quando isso acontecer, ó príncipe das cobras, Arjuna estará livre da nossa maldição. Volte.' Assim endereçado pelos Vasus, ele voltou e me informou do que tinha acontecido. Tendo sabido tudo isso, ó herói, eu te libertei da maldição dos Vasus exatamente dessa maneira. O próprio chefe das divindades é incapaz de te vencer em batalha. O filho é a própria pessoa. É por isso que tu foste derrotado por ele. Eu não posso ser considerada, ó pujante, como tendo cometido algum erro. Como, de fato, tu me considerarias criticável?' Assim endereçado (por Ulupi), Vijaya ficou alegre de coração e disse para ela, 'Tudo isso que tu fizeste, ó deusa, é altamente agradável para mim.' Depois disso, Jaya se dirigiu ao seu filho, o soberano de Manipura, e disse na audição de Chitrangada, a filha (nora) da casa de Kuru, 'O Sacrifício de Cavalo de Yudhishthira se realizará no dia da lua cheia no mês que vem de Chaitra. Vá lá, ó rei, com tua mãe e teus conselheiros e oficiais.' Assim endereçado por Partha, o rei Vabhruvahana de grande inteligência, com olhos lacrimosos, disse estas palavras para seu pai, 'Ó tu que estás familiarizado com todos os deveres, eu irei sem dúvida, por tua ordem, ao grande Sacrifício de Cavalo, e tomarei para mim mesmo a tarefa de distribuir alimento entre os regenerados. Porém, para mostrar tua graça em direção a mim, entre na tua própria cidade com tuas duas esposas. Que nenhum escrúpulo seja teu com relação a isto, ó tu que conheces totalmente todos os deveres. Ó senhor, tendo vivido por uma noite na tua própria mansão em

felicidade, tu podes então seguir o corcel, ó principal dos guerreiros vitoriosos.' O filho de estandarte de macaco de Kunti, assim endereçado por seu filho, respondeu ao filho de Chitrangada, dizendo 'Tu conheces, ó de braços poderosos, aquele voto que eu estou cumprindo. Ó tu de olhos grandes, até o término desse meu voto, eu não posso entrar na tua cidade. Ó principal dos homens, esse cavalo sacrifical vaga à vontade. (Eu tenho que segui-lo sempre.) Bênçãos para ti! Eu devo ir embora. Eu não tenho lugar nenhum onde descansar nem mesmo por um momento curto.' O filho do castigador de Paka então, devidamente adorado por seu filho e obtendo a permissão de suas duas esposas, deixou o local e prosseguiu em seu caminho.'"

82

"Vaisampayana disse, 'O corcel (sacrifical), tendo vagado por toda a Terra limitada pelo oceano, então parou e virou sua face para a cidade que recebeu o nome de elefante. Seguindo como ele seguia aquele cavalo, o ornado com diadema Arjuna também virou seu rosto em direção à capital Kuru. Vagando à sua vontade, o corcel então chegou à cidade de Rajagriha. Vendo-o chegado dentro de seu domínio, ó monarca, o filho heróico de Sahadeva, cumpridor dos deveres Kshatriya, o desafiou para lutar. Saindo de sua cidade, Meghasandhi, montado em seu carro e equipado com arco e flechas e proteção de couro, avançou na direção de Dhananjaya que estava a pé. Possuidor de grande energia, Meghasandhi, se aproximando de Dhananjaya, ó rei, disse estas palavras por um espírito de infantilidade e sem qualquer habilidade. 'Esse teu corcel, ó Bharata, parece se movimentar protegido somente por mulheres. Eu levarei o cavalo embora. Esforce-te para libertá-lo. Posto que meus antepassados não te ensinaram em combate, eu, no entanto, farei os deveres de hospitalidade para você. Ataque-me, pois eu te atacarei.' Assim endereçado, o filho de Pandu, sorrindo, respondeu para ele, dizendo, 'Resistir àquele me obstrui é o voto traçado para mim por meu irmão mais velho. Sem dúvida, ó rei, isso é conhecido por ti. Ataque-me com o melhor do teu poder. Eu não tenho raiva.' Assim endereçado, o soberano de Magadha atacou primeiro o filho de Pandu, derramando suas flechas sobre ele como Indra de mil olhos derramando um aguaceiro pesado de chuva. Então, ó chefe da linhagem de Bharata, o heróico manejador do Gandiva, com flechas disparadas de seu arco excelente, frustrou todas as setas disparadas cuidadosamente nele por seu adversário. Tendo assim frustrado aquela nuvem de setas, o herói de estandarte de macaco disparou várias setas ardentes em seu inimigo que pareciam cobras com bocas de fogo. Aquelas setas ele disparou em sua bandeira e em seu mastro de bandeira e carro e postes e canga e nos cavalos, poupando o corpo de seu inimigo e o motorista do seu carro. Embora Partha que era capaz de disparar o arco com a mão esquerda (tão bem quanto com a direita) poupasse o corpo do príncipe de Magadha, ainda assim o último, pensando que seu corpo era protegido por sua própria destreza, disparou muitas setas em Partha. O manejador do Gandiva, profundamente atingido pelo príncipe de Magadha, brilhava como uma Palasa (Butea frondosa) florescente na estação da primavera. Arjuna não tinha desejo de matar o príncipe de Magadha. Foi por isso que, tendo atingido o

filho de Pandu, ele conseguiu permanecer perante aquele principal dos heróis. Então Dhananjaya, ficando zangado, puxou seu arco com grande força, e matou os corcéis de seu adversário e então cortou a cabeça do motorista do seu carro. Com uma flecha de cabeça de navalha ele então cortou o arco grande e belo de Meghasandhi, e então sua proteção de couro. Então cortando sua bandeira e mastro de bandeira, ele os fez caírem. O príncipe de Magadha, extremamente aflito, e privado de seus corcéis e arco e motorista, ergueu uma maça e avançou com grande velocidade no filho de Kunti. Arjuna então, com muitas flechas equipadas com penas de urubu, cortou em fragmentos aquela maça do seu inimigo que avançava, a qual era adornada com ouro brilhante. Assim cortada em fragmentos, aquela maça com seus elos enfeitados com pedras preciosas e nós todos cortados, caiu sobre o solo como uma cobra sem ajuda arremessada por alguém. Quando seu inimigo ficou privado de seu carro, seu arco, e sua maça, aquele principal dos guerreiros, isto é, o inteligente Arjuna, não desejou atingi-lo. O herói de estandarte de macaco então, consolando seu inimigo triste que tinha sido cumpridor dos deveres Kshatriya, disse para ele estas palavras, 'Ó filho, tu mostraste suficientemente a tua aderência aos deveres Kshatriya. Vá agora. Grandiosas têm sido as façanhas, ó rei, que tu tens realizado em batalha embora tu sejas muito jovem em idade. A ordem que eu recebi de Yudhishthira foi que aqueles reis que se opõem a mim não devem ser mortos. É por isso que tu ainda vives, ó monarca, embora tu tenhas me ofendido em batalha.' Assim endereçado, o soberano de Magadha se considerou vencido e poupado. Pensando então que era seu dever fazer isso, ele se aproximou de Arjuna e unindo suas mãos em reverência o adorou. E ele disse, 'Eu fui derrotado por ti. Abençoado sejas tu, eu não ouso continuar o combate. Diga-me o que eu devo fazer agora por ti. Considere tua ordem como já realizada.' Consolando-o novamente, Arjuna mais uma vez disse para ele, 'Tu deves de dirigir ao Sacrifício de Cavalo do nosso rei o qual ocorre na próxima lua cheia de Chaitra.' Assim endereçado por ele, o filho de Sahadeva disse, 'Assim seja,' e então adorou devidamente aquele cavalo como também Phalguna, aquele principal dos guerreiros. O cavalo sacrifical então, provido de belas crinas, procedeu à sua vontade ao longo da costa marítima, se dirigindo aos países dos Bangas, dos Pundras, e dos Kosalas. Naqueles reinos Dhananjaya, com seu arco Gandiva, ó rei, derrotou inúmeros exércitos Mlechcha um após outro.'"

83

"Vaisampayana disse, 'Adorado pelo soberano de Magadha, o filho de Pandu tendo corcéis brancos unidos ao seu carro procedeu pelo sul, seguindo o corcel (sacrifical). Voltando no decorrer de suas vagueações à vontade, o corcel poderoso chegou à bela cidade dos Chedis que recebeu o nome da ostra. (O nome da cidade era Suktimati.) Sarabha, o filho de Sisupala, dotado de grande força, primeiro enfrentou Arjuna em batalha e então o adorou com honras apropriadas. Adorado por ele, ó rei, aquele melhor dos corcéis então procedeu para os reinos dos Kasis, dos Angas, dos Kosalas, dos Kiratas, e dos Tanganas. Recebendo devidas honras em todos aqueles reinos, Dhananjaya mudou sua

direção. De fato, o filho de Kunti então procedeu para o país dos Dasarnas. O soberano daquele povo era Chitrangada que era dotado de grande força e era um opressor de inimigos. Entre ele e Vijaya ocorreu um combate extremamente terrível. Trazendo-o sob seu domínio o ornado com diadema Arjuna, aquele principal dos homens, procedeu para os domínios do rei Nishada, isto é, o filho de Ekalavya. O filho de Ekalavya recebeu Arjuna em batalha. O combate que ocorreu entre o herói Kuru e os Nishadas foi tão furioso quanto a fazer os cabelos se arrepiarem. Invencível em batalha, o valente filho de Kunti derrotou o rei Nishada que demonstrou ser um obstáculo para o sacrifício. Tendo subjugado o filho de Ekalavya, ó rei, o filho de Indra, devidamente adorado pelos Nishadas, então procedeu em direção ao oceano do sul. Naquelas regiões ocorreram batalhas entre o herói ornado com diadema e os Dravidas e Andhras e os ferozes Mahishakas e os homens da colina de Kolwa. Subjugando aquelas tribos sem ter que realizar quaisquer feitos violentos, Arjuna procedeu para o país dos Surashtras, seus passos guiados pelo cavalo. Chegado em Gokarna, de lá ele se dirigiu para Prabhasa. Em seguida ele procedeu para a bela cidade de Dwaravati protegida pelos heróis da tribo Vrishni. Quando o belo cavalo sacrifical do rei Kuru alcançou Dwaravati, os jovens Yadava usaram a força contra aquele principal dos corcéis. O rei Ugrasena, no entanto, logo saiu e proibiu aqueles jovens de fazerem o que eles pensavam. Então o soberano dos Vrishnis e dos Andhakas, saindo de seu palácio, com Vasudeva, o tio materno de Arjuna, em sua companhia, alegremente encontrou com o herói Kuru e o recebeu com ritos apropriados. Os dois chefes idosos honraram Arjuna devidamente. Obtendo sua permissão, o príncipe Kuru então procedeu para onde o cavalo que ele seguia o conduzia. O corcel sacrifical então procedeu pela margem do oceano ocidental e finalmente alcançou o país das cinco águas que crescia com população e prosperidade. De lá, ó rei, o corcel procedeu para o país dos Gandharas. Chegando lá, ele vagou à vontade, seguido pelo filho de Kunti. Então ocorreu uma luta violenta entre o herói ornado com diadema e o soberano dos Gandharas, isto é, o filho de Sakuni, que tinha uma recordação amarga do rancor que seu pai nutria pelos Pandavas.'"

84

"Vaisampayana disse, 'O filho heróico de Sakuni, que era um poderoso guerreiro em carro entre os Gandharas, acompanhado por uma grande tropa, procedeu contra o herói Kuru de cabelo encaracolado. Aquela tropa estava devidamente equipada com elefantes e cavalos e carros, e estava enfeitada com muitas bandeiras e estandartes. Incapazes de suportar e, portanto, queimando para vingar a morte de seu rei Sakuni, aqueles guerreiros, armados com arcos, avançaram juntos em Partha. O invicto Vibhatsu de alma justa se dirigiu a eles pacificamente, mas eles não estavam desejosos de aceitar as palavras benéficas de Yudhishthira (através de Arjuna). Embora proibidos por Partha com palavras gentis, eles ainda assim cederam à ira e cercaram o corcel sacrifical. Nisso, o filho de Pandu se encheu de cólera. Então Arjuna, disparando despreocupadamente do Gandiva muitas flechas com cabeças como navalha que brilhavam com esplendor, cortou as cabeças de muitos guerreiros Gandhara. Enquanto eram assim

massacrados por Partha, os Gandharas, ó rei, extremamente aflitos, libertaram o cavalo, movidos por medo e desistiram da batalha. Resistido, no entanto, por aqueles combatentes Gandhara que ainda o cercavam por todos os lados, o filho de Pandu, possuidor de grande energia, cortou as cabeças de muitos, citando previamente aqueles a quem ele despachava dessa maneira. Quando os guerreiros Gandhara estavam sendo todos mortos em volta dele em batalha, o filho nobre de Sakuni se apresentou para resistir ao filho de Pandu. Para o rei Gandhara que estava lutando com ele, impelido pelo dever Kshatriya, Arjuna disse, 'Eu não pretendo matar os reis que lutam comigo, por causa das ordens de Yudhishthira. Pare, ó herói, de lutar comigo. Não corteje a derrota.' Assim endereçado, o filho de Sakuni, entorpecido pela insensatez, desconsiderou aquele conselho e cobriu com muitas setas rápidas o herói Kuru que parecia com o próprio Sakra nos feitos que ele realizava em combate. Então Partha, com uma seta em forma de meia-lua, cortou a proteção para a cabeça de seu inimigo. De alma incomensurável, ele também fez a proteção para a cabeça ser impelida a uma grande distância como a cabeça de Jayadratha (depois que ele a tinha cortado na batalha de Kurukshetra). Contemplando este feito, todos os guerreiros Gandhara ficaram muito surpresos. Que Arjuna poupou voluntariamente seu rei foi bem compreendido por eles. O príncipe dos Gandharas então começou a fugir do campo, acompanhado por todos os seus guerreiros que pareciam com um bando de veados assustados. Os Gandharas, por causa do medo, perderam sua razão e vagaram pelo campo, incapazes de fugir. Arjuna, com suas flechas de cabeça larga, cortou as cabeças de muitos. Havia muitos que tinham perdido seus braços por causa das flechas de Arjuna, mas eles estavam tão entorpecidos com medo que eles não estavam conscientes da perda daquele membro. Realmente, o exército Gandhara foi extremamente afligido por aquelas flechas grandes que Partha disparou do Gandiva. Aquele exército, o qual então consistia em homens e elefantes e cavalos apavorados, o qual perdeu muitos guerreiros e animais, e que estava reduzido a uma turba e totalmente aniquilado, começou a vagar e rodar em volta do campo repetidamente. Entre aqueles inimigos que estavam sendo assim massacrados nenhum podia ser visto resistindo em frente ao herói Kuru famoso pelos feitos mais notáveis. Não podia ser visto alguém que fosse capaz de suportar a destreza de Dhananjaya. Então a mãe do soberano dos Gandharas, cheia de temor, e com todos os ministros de estado idosos saiu de sua cidade, levando um Arghya excelente para Arjuna. Ela proibiu seu filho corajoso de coração firme de lutar por mais tempo, e gratificou Jishnu que nunca se fatigava com trabalho pesado. O pujante Vibhatsu a adorou e se tornou inclinado a mostrar bondade em direção aos Gandharas. Confortando o filho de Sakuni, ele disse, 'Tu, ó herói de braços poderosos, não fizeste o que é agradável para mim por colocar teu coração nessas medidas de hostilidade. Ó matador de heróis, tu és meu irmão, ó impecável. (Sakuni era o tio materno de Duryodhana e, portanto, de Arjuna também. O filho de Sakuni e Arjuna, por isso, eram primos.) Lembrando-me de minha mãe Gandhari, e por causa de Dhritarashtra também, eu não tirei tua vida. É por isso, ó rei, que tu ainda vives. Muitos dos teus seguidores, no entanto, foram mortos por mim. Que tal coisa não volte a acontecer. Que as hostilidades cessem. Que tua compreensão não se perca outra vez. Tu deves ir ao Sacrifício de Cavalo do nosso rei o qual ocorrerá no dia da lua cheia do mês de Chaitra.'"

85

"Vaisampayana disse, 'Tendo dito estas palavras, Partha partiu, seguindo o cavalo que vagava à sua vontade. O corcel sacrifical então se dirigiu para a estrada que levava à cidade que recebeu o nome de elefante. Yudhishthira soube de seus portadores de informações que o corcel tinha voltado. E sabendo também que Arjuna estava saudável e bem disposto, ele se encheu de alegria. Ouvindo também as façanhas, realizadas por Vijaya no país dos Gandharas como também em outros reinos, o rei ficou extremamente contente. Enquanto isso, o rei Yudhishthira o justo, vendo que o décimo segundo dia da quinzena iluminada do mês de Magha tinha chegado, e notando também que a constelação era favorável, convocou todos os seus irmãos, isto é, Bhima e Nakula e Sahadeva. Dotado de grande energia, o rei, ó tu da linhagem de Kuru, aquela principal de todas as pessoas familiarizadas com os deveres, disse estas palavras no momento apropriado. De fato, aquele principal de todos os oradores, se dirigindo a Bhima, o principal de todos os batedores, disse; 'Teu irmão mais novo (Arjuna), ó Bhimasena, está voltando com o cavalo. Eu fui informado disso por aqueles homens que tinham seguido Arjuna. O momento (para o sacrifício) chegou. O cavalo sacrifical está próximo. O dia da lua cheia do mês de Magha está próximo. O mês está prestes a terminar, ó Vrikodara. Deixe, portanto, Brahmanas eruditos conhecedores dos Vedas procurarem um local sacrifical para a realização bem sucedida do Sacrifício de Cavalo.' Assim endereçado, Bhima obedeceu ao comando real. Ele ficou muito contente ao saber que Arjuna de cabelo encaracolado estava prestes a voltar. Então Bhima saiu com vários homens que conheciam bem as regras de planejar terrenos sacrificais e construir estruturas. E ele levou consigo muitos Brahmanas versados em todos os ritos de sacrifícios. Bhima escolheu um belo local e o fez ser devidamente medido para colocar o complexo sacrifical. Numerosas casas e mansões foram construídas sobre ele e estradas largas também foram planejadas. Logo o herói Kaurava fez aquela terra abundar com centenas de mansões excelentes. A superfície foi nivelada e tornada lustrosa com pedras preciosas e jóias, e adornada com diversas estruturas feitas de ouro. Colunas foram erguidas, ornamentadas com ouro brilhante, e arcos triunfais altos e largos também foram construídos sobre aquele complexo sacrifical. Todos esses eram feito de ouro puro. O príncipe de alma justa também fez apartamentos serem devidamente construídos para a acomodação das senhoras e dos numerosos reis que, chamados de muitos reinos, eram esperados para agraciar o sacrifício com sua presença. O filho de Kunti também fez muitas mansões serem devidamente erguidas para Brahmanas que eram esperados virem de diversos reinos. Então Bhimasena de braços poderosos, por ordem do rei, enviou mensageiros para os grandes reis da Terra. Aqueles melhores dos reis foram ao Sacrifício de Cavalo do monarca Kuru para fazer o que era agradável para ele. E eles trouxeram com eles muitas pedras preciosas e muitas escravas mulheres e cavalos e armas. Os sons que provinham daqueles reis de grande alma que residiam dentro daqueles pavilhões tocavam os próprios céus e pareciam com o barulho feito pelo bramir do oceano. O rei Yudhishthira, o alegrador dos Kurus, designou para os monarcas que chegaram dessa maneira ao

seu sacrifício diversos tipos de alimento e bebida, e camas também de beleza celestial. O chefe dos Bharatas, isto é, o rei Yudhishthira o justo, designou vários estábulos bem enchidos com diferentes espécies de grãos e cana de açúcar e leite para os animais (que tinham vindo com os convidados). Àquele sacrifício do rei Yudhishthira o justo que era possuidor de inteligência superior chegou também um grande número de Munis todos os quais eram proferidores de Brahman. De fato, ó senhor da Terra, todos os principais entre a classe regenerada que estavam então vivos foram àquele sacrifício, acompanhados por seus discípulos. O rei Kuru os recebeu todos. O rei Yudhishthira de energia imensa, rejeitando todo o orgulho, ele mesmo seguiu todos os seus convidados para os pavilhões que tinham sido designados para sua residência. Então todos os mecânicos e engenheiros, tendo terminado os arranjos para o sacrifício informaram o rei Yudhishthira disso. Sabendo que tudo estava pronto, o rei Yudhishthira o justo, cheio de vigilância e atenção, ficou muito contente junto com seus irmãos todos os quais o honravam devidamente.'"

"Vaisampayana continuou, 'Quando o grande sacrifício de Yudhishthira começou, muitos dialéticos eloquentes iniciaram diversas proposições e disputaram sobre isso, desejosos de vencer uns aos outros. Os reis (convidados) observaram os preparativos excelentes daquele sacrifício, parecendo com aqueles do próprio chefe das divindades, feitos, ó Bharata, por Bhimasena. Eles viram muitos arcos triunfais feitos de ouro, e muitas camas e assentos e outros artigos de prazer e luxo, e multidões de homens reunidos em diferentes esportes. Havia também muitos cântaros e recipientes e caldeirões e jarros e tampas e coberturas. Os reis convidados não viram nada lá que não fosse feito de ouro. Muitas estacas sacrificais também foram instaladas, feitas segundo as indicações das escrituras, de madeira, e adornadas com ouro. Dotadas de grande refulgência, estas foram devidamente plantadas e consagradas (com Mantras escriturais). Os reis viram todos os animais, além disso, os quais pertencem à terra e todos aqueles que pertencem à água, reunidos lá na ocasião. E eles também viram muitas vacas e muitos búfalos e muitas mulheres idosas, e muitos animais aquáticos, muitos animais predadores e muitas espécies de aves, e muitos espécimes de criaturas vivíparas e ovíparas, e muitos que são nascidos da sujeira, e muitos pertencentes ao reino vegetal, e muitos animais e plantas que vivem ou crescem em montanhas. Contemplando o complexo sacrifical assim adornado com animais e vacas e cereais, os reis convidados ficaram cheios de admiração. Grandes pilhas de guloseimas caras foram mantidas preparadas para os Brahmanas e os Vaisyas. E quando estava terminada a alimentação de cem mil Brahmanas, baterias e pratos eram batidos. E tão grande era o número alimentado que os sons de baterias e pratos eram ouvidos repetidamente. De fato, dia a dia aqueles sons continuavam. Assim foi realizado aquele sacrifício do rei Yudhishthira de grande inteligência. Muitos morros de comida, ó rei, foram oferecidos na ocasião. Eram vistos muitos tanques grandes de coalhos e muitos lagos de ghee. Naquele grande sacrifício, ó monarca, foi vista a população inteira de Jamvudwipa, com todos os seus reinos e províncias reunidos. Milhares de nações e raças estavam lá. Um grande número de homens, ó chefe da linhagem de Bharata, adornados com guirlandas e usando brincos brilhantes feitos de ouro, pegando inúmeros

recipientes em suas mãos, distribuíram o alimento para as classes regeneradas às centenas e milhares. Os servidores dos Pandavas deram para os Brahmanas diversos tipos de alimento e bebida que eram, além disso, tão caros quanto a serem dignos de serem comidos e bebidos pelos próprios reis.'"

86

"Vaisampayana disse, 'Vendo aqueles reis, senhores da Terra, todos conhecedores dos Vedas, chegarem, o rei Yudhishthira, se dirigindo a Bhimasena, disse, 'Ó chefe de homens, que honras apropriadas sejam prestadas para estes reis que vieram (ao meu sacrifício), pois estes principais dos homens são todos dignos das maiores honras.' Assim endereçado pelo rei Yudhishthira de grande fama, o filho de Pandu Bhimasena de energia imensa fez como ele foi ordenado, ajudado pelos gêmeos. O principal de todos os homens, isto é, Govinda, chegou lá, acompanhado pelos Vrishnis, e com Valadeva na dianteira. Ele estava acompanhado por Yuyudhana e Pradyumna e Gada, e Nisatha e Samvo e Kritavarman. O poderoso guerreiro em carro Bhima lhes ofereceu o culto mais reverente. Aqueles príncipes então entraram nos palácios, enfeitados com pedras preciosas, que foram designados para eles. No fim de uma conversação que ele teve com Yudhishthira, o matador de Madhu se referiu a Arjuna que tinha ficado emaciado por consequência de muitas lutas. O filho de Kunti repetidamente questionou Krishna, aquele castigador de inimigos, acerca de Arjuna. Para o filho de Dharma, o senhor de todo o universo começou a falar sobre Jishnu, o filho de Sakra. 'Ó rei, um agente secreto meu residindo em Dwaraka veio a mim. Ele viu Arjuna, aquele principal dos filhos de Pandu. De fato, o último estava muitíssimo emaciado com a fadiga de muitas batalhas. Ó monarca pujante, aquele meu agente me informou que o herói poderosamente armado está muito perto de nós. Ponha-te a realizar teu Sacrifício de Cavalo.' Assim endereçado, o rei Yudhishthira o justo disse para ele, 'Por boa sorte, ó Madhava, Arjuna volta em segurança. Eu desejo averiguar de ti, ó encantador dos Yadavas, o que foi dito nesta questão por aquele mais poderoso dos heróis entre os filhos de Pandu.' Assim endereçado pelo rei Yudhishthira o justo, o senhor dos Vrishnis e dos Andhakas, aquele principal dos homens eloquentes disse estas palavras para aquele monarca de alma justa, 'Meu agente, se lembrando das palavras de Partha, as relatou para mim dessa maneira, ó grande rei, 'Yudhishthira, ó Krishna, deve ouvir estas minhas palavras quando chegar o momento. Ó chefe dos Kauravas, muitos reis virão (para o teu sacrifício). Quando eles chegarem, grandes honras devem ser prestadas a eles. Isto seria, de fato, digno para nós. Ó concessor de honras, o rei deve em seguida ser informado a meu pedido que ele deve fazer o que for necessário para impedir uma carnificina similar à que ocorreu no momento de oferecer o Arghya (na ocasião do sacrifício Rajasuya). Que Krishna também aprove isto. Não deixe, ó rei, que pela animosidade dos reis as pessoas sejam massacradas.' Meu homem em seguida relatou, ó rei, estas palavras de Dhananjaya. Escute enquanto eu as repito, 'Ó monarca, o soberano de Manipura, meu filho querido Vabhruvahana, virá ao sacrifício. Honre-o devidamente por

minha causa, ó pujante. Ele é sempre apegado e profundamente devotado a mim.' Ouvindo essas palavras, o rei Yudhishthira o justo as aprovou e disse o seguinte.'"

87

"Yudhishthira disse, 'Eu ouvi, ó Krishna, tuas palavras agradáveis. Elas são dignas de serem faladas por ti. Elas são agradáveis e doces como néctar, de fato, elas enchem meu coração com grande prazer, ó pujante. Ó Hrishikesa, eu soube que são incontáveis as batalhas que Vijaya tem lutado com os reis da Terra. Por que razão Partha está sempre dissociado do conforto e comodidade? Vijaya é extremamente inteligente. Isto, portanto, aflige muito meu coração. Eu sempre, ó Janardana, penso, quando eu estou afastado dos negócios, no filho de Kunti Jishnu. A sina daquele encantador dos Pandus é extremamente miserável. Seu corpo tem toda marca auspiciosa. Qual, no entanto, ó Krishna, é aquele sinal em seu corpo excelente por causa do qual ele tem sempre que suportar miséria e desconforto? Aquele filho de Kunti tem que suportar uma parte extremamente grande de tristeza. Eu não vejo qualquer indicação censurável em seu corpo. Cabe a ti me explicar a causa se eu merecer ouvi-la.' Assim endereçado, Hrishikesa, aquele aumentador da glória dos príncipes Bhoja, tendo refletido por um longo tempo, respondeu o seguinte, 'Eu não vejo qualquer traço criticável naquele príncipe, exceto que os ossos da face daquele leão entre homens são um pouco altos demais. É por causa disso que aquele principal dos homens tem sempre que estar viajando. Eu realmente não vejo nada mais pelo qual ele poderia ser feito tão desventurado.' Assim respondido por Krishna de grande inteligência, aquele principal dos homens, isto é, o rei Yudhishthira, disse para o chefe dos Vrishnis que isso era exatamente assim. A princesa Draupadi, no entanto, olhou com raiva e de soslaio para Krishna, (pois ela não podia suportar a atribuição de qualquer imperfeição a Arjuna). O matador de Kesi, isto é, Hrishikesa, aprovou aquela indicação de amor (por seu amigo) que a princesa de Panchala, que também era sua amiga, mostrou. (É digno de nota que Draupadi era sempre chamada por Krishna como sua sakhi ou 'amiga'. Krishna era muito cavalheiresco para com o outro sexo em uma época na qual as mulheres eram universalmente consideradas como inferiores aos homens.) Bhimasena e os outros Kurus, incluindo os sacerdotes sacrificais, que souberam dos triunfos agradáveis de Arjuna no decorrer de sua perseguição ao cavalo, ficaram muito satisfeitos. Enquanto eles ainda estavam ocupados em conversar sobre Arjuna, chegou um enviado daquele herói de grande alma portando uma mensagem dele. Dirigindo-se à presença do rei Kuru, o enviado inteligente curvou sua cabeça em reverência e o informou da chegada daquele principal dos homens, isto é, Phalguna. Ao receber essa notícia, lágrimas de alegria cobriram os olhos do rei. Grandes presentes foram feitos para o mensageiro pelas informações muito agradáveis que ele tinha trazido. No segundo dia a partir daquela data, um rumor alto foi ouvido quando aquele principal dos homens, aquele chefe dos Kurus, chegou. A poeira erguida pelos cascos daquele cavalo conforme ele andava próximo a Arjuna parecia tão bela quanto aquela erguida pelo corcel celeste Uchchaisravas. E conforme Arjuna avançou, ele ouviu muitas palavras alegres proferidas pelos cidadãos. 'Por boa

sorte, ó Partha, tu estás fora de perigo. Louvor a você e ao rei Yudhishthira! Quem mais além de Arjuna poderia voltar depois de ter feito o cavalo vagar pela Terra inteira e depois de ter vencido todos os reis em batalha? Nós não soubemos de tal façanha ter sido realizada nem por Sagara e outros reis de grande alma da antiguidade. Reis futuros também nunca serão capazes de realizar tal feito difícil, ó principal da linhagem de Kuru, como esse que tu realizaste.' Escutando tais palavras, agradáveis para os ouvidos, dos cidadãos, Phalguna de alma justa entrou no complexo sacrifical. Então o rei Yudhishthira com todos os seus ministros, e Krishna, o alegrador dos Yadus, colocando Dhritarashtra em sua frente, saíram para receber Dhananjaya. Saudando os pés de seu pai (Dhritarashtra), e então do rei Yudhishthira o justo de grande sabedoria, e então cultuando Bhima e outros, ele abraçou Kesava. Adorado por todos eles e os adorando em retorno segundo os ritos devidos, o herói de braços fortes, acompanhado por aqueles príncipes, descansou como um homem náufrago lançado sobre as ondas descansando ao alcançar a costa. Enquanto isso o rei Vabhruvahan de grande sabedoria, acompanhado por suas mães (Chitrangada e Ulupi), chegou à capital Kuru. O príncipe de braços poderosos saudou devidamente todos os seus superiores da linhagem de Kuru e os outros reis lá presentes, e foi honrado por eles todos em retorno. Ele então entrou na residência excelente da sua avó Kunti.'"

88

"Vaisampayana disse, 'Entrando no palácio dos Pandavas o príncipe de braços poderosos saudou sua avó em tons calmantes e gentis. Então a rainha Chitrangada, e (Ulupi) a filha da (cobra) Kauravya, se aproximaram juntas de Partha e Krishna com humildade. Elas então encontraram com Subhadra e as outras damas da linhagem de Kuru com as devidas formalidades. Kunti deu a elas muitas jóias e coisas caras. Draupadi e Subhadra e as outras damas da família de Kuru todas fizeram presentes para elas. As duas senhoras tomaram sua residência lá, usando camas e assentos caros, tratadas com afeição e respeito pela própria Kunti pelo desejo de fazer o que era agradável para Partha. O rei Vabhruvahana de grande energia, devidamente honrado (por Kunti), então encontrou com Dhritarashtra de acordo com os ritos apropriados. Dirigindo-se então ao rei Yudhishthira e Bhima e aos outros Pandavas, o poderoso príncipe de Manipura saudou todos eles com humildade. Eles todos o abraçaram com grande afeto e o honraram devidamente. E aqueles poderosos guerreiros em carro, muito satisfeitos com ele, fizeram grandes presentes de riqueza para ele. O rei de Manipura então se aproximou humildemente de Krishna, aquele herói armado com o disco e a maça, como um segundo Pradyumna se aproximando de seu pai. Krishna deu para o rei um carro muito valioso e excelente adornado com ouro e ao qual estavam atrelados corcéis excelentes. Então o rei Yudhishthira o justo, e Bhima, e Phalguna, e os gêmeos, cada um separadamente o honrou e fez presentes caros para ele. No terceiro dia, o sábio Vyasa, o filho de Satyavati, aquele principal dos homens eloquentes, se aproximando de Yudhishthira, disse, 'Deste dia em diante, ó filho de Kunti, comece teu sacrifício. A hora para isto

chegou. O momento para começar o rito está próximo. Os sacerdotes estão te apressando. Que o sacrifício seja realizado de tal maneira que nenhum membro possa se tornar defeituoso. Por causa da quantidade muito grande de ouro que é requerida para este sacrifício, ele veio a ser chamado de sacrifício de ouro abundante. Tu também, ó grande rei, faça o Dakshina deste sacrifício três vezes do que é ordenado. Que o mérito do teu sacrifício aumente três vezes. Os Brahmanas são competentes para o propósito. (Para um Sacrifício de Cavalo, o Dakshina ou presente sacrifical, pagável para o Ritwija principal ou a ser distribuído entre todos os Ritwijas incluindo os outros Brahmanas, é ordenado que seja de certa medida. Vyasa avisa Yudhishthira para fazer aquele Dakshina o triplo do que é a medida ordenada. Por aumentar dessa maneira o Dakshina, o mérito do sacrificador aumentará correspondentemente.) Obtendo os méritos então de três Sacrifícios de Cavalo, cada um com presentes abundantes, tu serás libertado, ó rei, do pecado de ter matado os teus parentes. O banho que alguém realiza após o término do Sacrifício de Cavalo, ó monarca, é altamente purificador e produtivo do maior mérito. Aquele mérito será teu, ó rei da linhagem de Kuru.' Assim endereçado por Vyasa de inteligência incomensurável, Yudhishthira de alma justa de grande energia passou pelo Diksha para o desempenho do Sacrifício de Cavalo. (O Diksha é a cerimônia de iniciação. Certos mantras são proferidos nos quais é declarada a intenção de realizar o que se deseja realizar.) O monarca de braços poderosos então realizou o grande Sacrifício de Cavalo caracterizado por doações de alimento e presentes em profusão e capaz de frutificar todo desejo e produzir todo mérito. Os sacerdotes, bem familiarizados com os Vedas, fizeram todos os ritos adequadamente, se movendo em todas as direções. Eles eram todos bem treinados, e possuidores de onisciência. Em nada houve um desvio das ordenanças e nada era abatido impropriamente. Aquelas principais das pessoas regeneradas seguiram o procedimento como prescrito (nas escrituras) e como ele devia ser seguido naqueles pontos acerca dos quais nenhuma orientação é dada. (O Karma de um sacrifício ou rito religioso é o procedimento. Ele está, naturalmente, formulado nas escrituras sobre o ritual. Há certos atos, no entanto, os quais, embora não prescritos, devem ser feitos de acordo com inferências razoáveis.) Aqueles melhores dos regenerados, tendo primeiro realizado o rito chamado Pravargya (um rito preliminar especial realizado em um sacrifício), também chamado de Dharma, passaram devidamente pelo rito de Abhishava (isto é, a extração do suco da planta Soma depois de sua consagração com Mantras), ó rei. Aqueles principais dos bebedores de Soma, ó monarca, extraindo o suco da Soma, então realizaram o rito Savana seguindo as injunções das escrituras. Entre aqueles que foram àquele sacrifício ninguém podia ser visto que estivesse triste, ninguém que estivesse pobre, ninguém que estivesse faminto, ninguém que estivesse mergulhado em aflição, e ninguém que parecesse ser vulgar. Bhimasena de energia imensa, por ordem do rei, fez alimento ser distribuído incessantemente entre aqueles que desejavam comer. Seguindo as injunções das escrituras, sacerdotes, bem versados em ritos sacrificais de todo tipo, realizavam todo dia todos os atos necessários para completar o grande sacrifício. Entre os Sadasayas do rei Yudhishthira de grande inteligência não havia ninguém que não estivesse bem familiarizado com os seis ramos de conhecimento (Védico). Não havia ninguém entre eles que não fosse um

cumpridor de votos, ninguém que não fosse um Upadhyaya; ninguém que não fosse bem versado em debates dialéticos. Quando chegou o momento para erigir a estaca sacrifical, ó chefe da linhagem de Bharata, foram instaladas seis estacas que eram feitas de Vilwa (Aegle marmelos, Linn), seis que eram feitas de Khadira (Acacia catechu, Linn ou Mimosa catechu), e seis que eram feitas de Saravarnin (Palasa; Butea frondosa de Roxburgh). Duas estacas foram levantadas pelos sacerdotes que eram feitas de Devadaru (Pinus Deodara de Roxburgh, ou Cedruz Deodara) naquele sacrifício do rei Kuru, e uma que era feita de Sleshmataka; (uma pequena árvore identificada com a Cordia latifólia. Aqui provavelmente significa alguma outra árvore). Por ordem do rei, Bhima fez algumas outras estacas serem instaladas, somente por causa da beleza, que eram feitas de ouro. Adornadas com tecidos excelentes fornecidos pelo sábio real, aquelas estacas brilhavam lá como Indra e as divindades com os sete Rishis celestes permanecendo ao redor deles no Céu. Vários tijolos dourados foram feitos para construir com eles um Chayana. O Chayana feito parecia em beleza com aquele que tinha sido feito para Daksha, o senhor das criaturas (na ocasião de seu grande sacrifício). O Chayana media dezoito cúbitos e quatro andares ou tocas. Uma ave dourada, da forma de Garuda, foi então feita, tendo três ângulos. (Essas eram provavelmente figuras desenhadas sobre o altar sacrifical, com pó de ouro. Hoje em dia é usado arroz em pó tingido de vermelho, amarelo, azul, etc.) Seguindo as injunções das escrituras, os sacerdotes possuidores de grande erudição então amarraram devidamente às estacas animais e aves, designando cada um para sua divindade específica. (Supõe-se que cada animal é agradável para uma divindade específica.) Touros, possuidores de qualificações tais como são mencionadas nas escrituras, e animais aquáticos foram devidamente atados às estacas depois que os ritos relativos ao fogo sacrifical tinham sido realizados. Naquele sacrifício do filho de grande alma de Kunti, trezentos animais foram amarrados às estacas instaladas, incluindo aquele principal dos corcéis. Aquele sacrifício parecia extremamente belo como se adornado com os Rishis celestes, com os Gandharvas cantando em coro e as diversas tribos de Apsaras dançando em alegria. Ele abundava, além disso, com Kimpurushas e estava adornado com Kinnaras. Por todos os lados havia residências de Brahmanas coroados com sucesso ascético. Lá eram vistos diariamente os discípulos de Vyasa, aquele principal dos regenerados, que eram compiladores de todos os ramos de ciência, e bem familiarizados com ritos sacrificais. Lá estava Narada, e lá estava Tumvuru de grande esplendor. Lá estavam Viswavasu e Chitrasena e outros, todos os quais eram proficientes em música. Nos intervalos dos ritos sacrificais, aqueles Gandharvas, hábeis em música e bem versados em dança, costumavam alegrar os Brahmanas que estavam ocupados no sacrifício.'"

89

"Vaisampayana disse, 'Tendo cozinhado, de acordo com os ritos devidos, os outros animais excelentes que foram sacrificados, os sacerdotes então sacrificaram, em conformidade com as injunções das escrituras, aquele corcel (que tinha vagado pelo mundo inteiro). Depois de cortarem aquele cavalo em

pedaços, de acordo com as indicações escriturais, eles fizeram Draupadi de grande inteligência, que era possuidora dos três requisitos de mantras, coisas, e devoção, sentar perto do animal dividido. Os Brahmanas então com mentes tranquilas, pegando a medula daquele corcel, a cozinharam devidamente, ó chefe da linhagem de Bharata. O rei Yudhishthira o justo, com todos os seus irmãos mais novos, então cheirou, em conformidade com as escrituras, a fumaça, capaz de purificar alguém de todo pecado, da medula que foi cozida dessa maneira. Os membros restantes, ó rei, daquele cavalo, foram derramados no fogo pelos dezesseis sacerdotes sacrificais possuidores de grande sabedoria. Tendo assim completado o sacrifício daquele monarca, que era dotado da energia do próprio Sakra, o ilustre Vyasa com seus discípulos elogiou o rei grandemente. Então Yudhishthira deu para os Brahmanas mil crores de nishkas dourados, e para Vyasa ele deu a Terra inteira. O filho de Satyavati, Vyasa, tendo aceitado a Terra, se dirigiu àquele principal da linhagem de Bharata, isto é, o rei Yudhishthira o justo, e disse, 'Ó melhor dos reis, a Terra a qual tu me deste eu devolvo para ti. Dê-me o valor de compra, pois Brahmanas são desejosos de riqueza (e não têm uso para a Terra).' Yudhishthira de grande alma de grande inteligência permanecendo com seus irmãos no meio dos reis convidados para seu sacrifício, disse para aqueles Brahmanas, 'O Dakshina ordenado nas escrituras para o grande Sacrifício de Cavalo é a Terra. Por isso, eu tenho doado para os sacerdotes sacrificais a Terra conquistada por Arjuna. Ó principais dos Brahmanas, eu entrarei nas florestas. Dividam a Terra entre vocês mesmos. De fato, dividam a Terra em quatro partes de acordo com o que é feito no sacrifício Chaturhotra. Ó melhores dos regenerados, eu não desejo me apropriar do que agora pertence aos Brahmanas. Esta mesma, ó Brahmanas eruditos, tem sido a intenção sempre nutrida por mim mesmo e meus irmãos.' Quando o rei disse essas palavras, seus irmãos e Draupadi também disseram, 'Sim, é isso mesmo.' Foi grande a sensação criada por este anúncio. Então, ó Bharata, uma voz invisível foi ouvida no firmamento, dizendo, 'Excelente, Excelente!' Os murmúrios também das multidões de Brahmanas enquanto eles falavam se ergueu. O Krishna Nascido na Ilha, aplaudindo-o muito, mais uma vez se dirigiu a Yudhishthira, na presença dos Brahmanas, dizendo, 'A Terra foi dada por ti para mim. Eu, no entanto, a dou de volta para ti. Dê ouro para estes Brahmanas. Que a Terra seja tua.' Então Vasudeva, se dirigindo ao rei Yudhishthira o justo, disse, 'Cabe a ti fazer como tu és ordenado pelo ilustre Vyasa.' Assim endereçado, o principal da linhagem de Kuru, junto com todos os seus irmãos, ficou contente de alma, e doou milhões de moedas douradas, realmente, triplicando o Dakshina ordenado para o Sacrifício de Cavalo. Nenhum outro rei será capaz de realizar que o rei Kuru realizou naquela ocasião do mesmo modo que Marutta. Aceitando aquela riqueza, o sábio Nascido na Ilha, Krishna, de grande erudição, deu-a para os sacerdotes sacrificais, dividindo-a em quatro partes. Tendo pagado aquela riqueza como o preço da Terra, Yudhishthira, purificado de seus pecados e seguro do Céu se regozijou com seus irmãos. Os sacerdotes sacrificais, tendo obtido aquela quantidade ilimitada de riqueza, a distribuíram entre os Brahmanas com muito prazer e segundo o desejo de cada recebedor. Os Brahmanas também dividiram entre eles mesmos, de acordo com a permissão de Yudhishthira, os diversos ornamentos de ouro que estavam no complexo sacrifical, inclusive os

arcos triunfais, as estacas, os jarros, e diversos tipos de recipientes. Depois que os Brahmanas tinham pegado tanto quanto eles desejavam, a riqueza que restou foi levada por Kshatriyas e Vaisyas e Sudras e diversas tribos de Mlechchas. Assim gratificados com presentes pelo rei Yudhishthira de grande inteligência, os Brahmanas, cheios de alegria, voltaram para suas respectivas residências. O santo e ilustre Vyasa ofereceu respeitosamente sua própria parte, a qual era muito grande, daquele ouro para Kunti. Recebendo aquele presente de afeição de seu sogro, Pritha ficou contente de coração e o destinou para a realização de diversas ações de mérito. O rei Yudhishthira, tendo se banhado na conclusão de seu sacrifício e se tornando purificado de todos os pecados, brilhava no meio de seus irmãos, honrado por todos, como o chefe dos celestiais no meio dos habitantes do Céu. Os filhos de Pandu, cercados pelos reis reunidos, pareciam tão belos, ó rei, como os planetas no meio das estrelas. Para aqueles reis eles fizeram presentes de várias pedras preciosas e jóias, e elefantes e cavalos e ornamentos de ouro, e escravas mulheres e tecidos e grandes medidas de ouro. De fato, o filho de Pritha por distribuir aquela riqueza imensa entre os monarcas convidados, brilhava, ó rei, como Vaisravana, o senhor dos tesouros. Convocando em seguida o heróico rei Vabhruvahana, Yudhishthira deu para ele diversas espécies de riqueza em profusão e lhe deu permissão para voltar para casa. O filho de Pandu, para satisfazer sua irmã Dussala, estabeleceu seu neto menino em seu reino paterno. O rei Kuru Yudhishthira, tendo um controle completo sobre seus sentidos, então despediu os reis reunidos todos os quais tinham sido devidamente classificados e honrados por ele. (Eles foram classificados ou agrupados para que não houvesse disputa ou descontentamento entre eles com relação às questões de precedência.) O filho ilustre de Pandu, aquele castigador de inimigos, então devidamente adorou Govinda de grande alma e Valadeva de grande poder, e os milhares de outros heróis Vrishni tendo Pradyumna como seu primeiro. Ajudado por seus irmãos, ele então os despediu para voltarem para Dwaraka. Assim mesmo foi celebrado aquele sacrifício do rei Yudhishthira o justo, o qual foi distinguido por uma abundância copiosa de comida e riqueza e pedras preciosas e jóias, e oceanos de vinhos de diferentes tipos. Havia lagos cujo lodo consistia em ghee, e montanhas de comida. Havia também, ó chefe da linhagem de Bharata, rios lamacentos feitos de bebidas tendo os seis tipos de sabor. De homens empenhados em fazer e comer as guloseimas chamadas Khandavaragas, e de animais mortos para alimentação, não havia nenhum fim. (Khandavaraga era feito de piper longum e gengibre seco em pó, e o suco da Phaseolus Mungo, com açúcar. Provavelmente, ele é idêntico ao que agora é chamado de Mungka laddu nos bazares de cidades Indianas.) O espaço vasto abundava com homens embriagados com vinho, e com senhoritas cheias de alegria. Os terrenos extensos ecoavam constantemente com os sons de baterias e o clangor de conchas. Com tudo isso, o sacrifício se tornou extremamente encantador. 'Que coisas agradáveis sejam dadas,' 'Que alimento agradável seja comido,' esses eram os sons que eram ouvidos repetidamente dia e noite naquele sacrifício. Ele foi como um grande festival, cheio de homens jubilosos e contentes. Pessoas de diversos reinos falam daquele sacrifício até hoje. Tendo derramado riqueza em torrentes, e diversos objetos de desejo, e jóias e pedras preciosas, e bebidas de várias espécies, o

principal da linhagem de Bharata, purificado de todos os seus pecados, e com seu propósito cumprido, entrou em sua capital. '"

90

"Janamejaya disse, 'Cabe a ti me falar de qualquer incidente extraordinário que tenha ocorrido no sacrifício dos meus avôs.'"

"Vaisampayana disse, 'Ouça, ó chefe de reis, sobre um incidente muito admirável que ocorreu, ó monarca pujante, na conclusão daquele grande Sacrifício de Cavalo. Depois que todos os principais dos Brahmanas e todos os parentes e amigos, e todos os pobres, os cegos, e os incapazes estavam satisfeitos, ó chefe da linhagem de Bharata, quando os presentes feitos em profusão estavam sendo falados por todos os lados, de fato, quando flores eram derramadas sobre a cabeça do rei Yudhishthira o justo, um mangusto de olhos azuis, ó impecável, com um lado de seu corpo transformado em ouro, chegou lá e falou em uma voz que era tão alta e profunda como o trovão. Repetidamente proferindo tais sons profundos e assim assustando todos os animais e aves, aquele habitante orgulhoso de um buraco, com corpo grande, falou em uma voz humana e disse, 'Ó reis, este grande sacrifício não é igual a um prastha de cevada em pó doado por um Brahmana generoso de Kurukshetra que estava cumprindo o voto Uncha.' Ouvindo essas palavras do mangusto, ó rei, todos aqueles principais dos Brahmanas ficaram muito surpresos. Aproximando-se do mangusto, eles então o questionaram, dizendo, 'De onde tu vens para este sacrifício, este recanto dos bons e dos pios? Qual é a extensão do teu poder? Que tua erudição? E qual o teu refúgio? Como nós devemos conhecer a ti que criticas dessa maneira este nosso sacrifício? Sem ter desconsiderado qualquer parte das escrituras, tudo o que deve ser feito foi realizado aqui segundo as escrituras e de acordo com a razão, com a ajuda de diversos ritos sacrificais. Aqueles que são merecedores de culto têm sido devidamente cultuados aqui segundo o modo indicado pelas escrituras. Libações têm sido derramadas no fogo sagrado com a ajuda de mantras apropriados. Aquilo que deve ser doado tem sido doado sem orgulho. A classe regenerada tem sido satisfeita com presentes de diversos tipos. Os Kshatriyas têm sido satisfeitos com batalhas lutadas de acordo com métodos justos. Os antepassados têm sido satisfeitos com Sraddhas. Os Vaisyas têm sido satisfeitos pela proteção oferecida a eles, e muitas principais das mulheres têm sido satisfeitas por realizarem seus desejos. Os Sudras têm sido satisfeitos por meio de palavras gentis, e outros com os restos da riqueza abundante reunida no local. Amigos e parentes têm sido satisfeitos pela pureza de comportamento mostrada por nosso rei. As divindades têm sido satisfeitas por libações de manteiga clarificada e atos de mérito, e dependentes e seguidores por proteção. Que, portanto, o que é verdadeiro, tu realmente declare para estes Brahmanas. De fato, declare o que está em conformidade com as escrituras e a experiência real, perguntado pelos Brahmanas que anseiam por saber. Tuas palavras parecem demandar crédito. Tu és sábio. Tu possuis também uma forma celeste. Tu viste para o meio de Brahmanas eruditos. Cabe a ti te explicar.' Assim

endereçado por aquelas pessoas regeneradas, o mangusto, sorrindo, respondeu para eles o seguinte. 'Ó regenerados, as palavras que eu proferi não são falsas. Nem eu as falei por orgulho. Aquilo que eu disse pode ter sido ouvido por vocês todos. Ó principais das pessoas regeneradas, este sacrifício não é igual em mérito à doação de um prastha de cevada em pó. Sem dúvida, eu devo dizer isso, ó principais dos Brahmanas. Ouçam-me com total atenção enquanto eu narro o que aconteceu realmente. Admirável e excelente foi a ocorrência que aconteceu. Ela foi testemunhada por mim e suas consequências foram sentidas por mim. O incidente se relaciona a um Brahmana generoso residindo em Kurukshetra no cumprimento do voto Unccha. Por causa daquele incidente ele alcançou o Céu, ó regenerados, junto com sua mulher e filho e nora. E pelo que então aconteceu metade do meu corpo veio a ser transformada em ouro.'"

"O Mangusto continuou, 'Ó regenerados, eu agora direi a vocês qual foi o resultado excelente da doação, feita por um Brahmana, de uma medida muito pequena (de cevada em pó) obtida por meios legais. Naquele local de terra virtuoso conhecido pelo nome de Kurukshetra, o qual é a residência de muitas pessoas justas, vivia um Brahmana no cumprimento do que é chamado de voto Unccha. Aquele modo de vida é como aquele do pombo. (O voto unccha consiste em subsistir de grãos de cereais apanhados da mesma maneira que o pombo do campo depois que as colheitas foram cortadas e removidas pelos proprietários.) Ele vivia lá com sua esposa e filho e nora e praticava penitências. De alma justa, e com sentidos sob controle completo, ele adotou o modo de vida que é seguido por um papagaio. De votos excelentes, ele costumava comer diariamente na sexta divisão. (O dia de 12 horas é dividido em 8 divisões.) Se não houvesse nada para comer na sexta divisão do dia, aquele Brahmana excelente jejuava por aquele dia e comia no dia seguinte na sexta divisão. Em uma ocasião, ó Brahmanas, ocorreu uma fome terrível na terra. Durante aquele tempo não havia nada armazenado na residência daquele Brahmana virtuoso. As ervas e plantas estavam todas secas e o reino inteiro ficou desprovido de víveres. Quando chegavam as horas habituais para alimentação, o Brahmana não tinha nada para comer. Isso ocorria dia após dia. Todos os membros de sua família sofriam de fome, mas eram obrigados a passarem os dias da melhor maneira que eles podiam. Um dia, no mês de Jaishtha, enquanto o Sol estava no meridiano, o Brahmana estava empenhado em apanhar grãos de cereais. Afligido pelo calor e fome, ele estava praticando essa penitência. Incapaz de obter grãos de cereais, o Brahmana logo ficou desgastado com fome e esforço. De fato, com todos os membros de sua família, ele não tinha nenhum alimento para comer. Aquele melhor dos Brahmanas passava os dias em grande sofrimento. Um dia, depois que chegou a sexta divisão, ele conseguiu obter um prastha de cevada. Aquela cevada foi então reduzida por aqueles ascetas a pó para fazer dela o que é chamado de Saktu. Tendo terminado suas recitações silenciosas e outros ritos diários, e tendo derramado libações no fogo sagrado adequadamente, aqueles ascetas dividiram aquela pequena quantidade de cevada em pó entre eles mesmos de modo que a parte de cada um chegou à medida de um Kudava. (Um prastha é composto de quatro Kudavas. Um Kudava é igual à cerca de doze punhados duplos.) Quando eles estavam prestes a sentarem para comer, chegou um convidado à sua residência. Vendo a pessoa

que chegou como um convidado, todos eles ficaram muito contentes. De fato, vendo-o, eles o saudaram e fizeram as costumeiras perguntas de bem-estar. Eles eram de mentes puras, autocontrolados, e dotados de fé e controle sobre as emoções. Livres de malícia, eles tinham conquistado a ira. Possuidores de piedade, eles nunca ficavam atormentados pela visão da felicidade de outras pessoas. Eles tinham rejeitado orgulho e arrogância e raiva. De fato, eles estavam familiarizados com todos os deveres, ó principais dos regenerados. Informando seu convidado das suas próprias penitências e da linhagem ou família à qual eles pertenciam, e averiguando dele em retorno aqueles detalhes, eles fizeram aquele seu convidado faminto entrar em sua cabana. Dirigindo-se a ele eles disseram, 'Este é o Arghya para ti. Esta água é para lavar teus pés. Há alguma grama Kusa espalhada para teu assento, ó impecável. Aqui está um Saktu limpo obtido por meios legais, ó pujante. Dado por nós, ó principal das pessoas regeneradas, o aceite.' Assim endereçado por eles, aquele Brahmana aceitou o Kudava de cevada em pó que foi oferecido para ele e o comeu inteiro. Mas sua fome, ó rei, não foi apaziguada pelo que ele comeu. O Brahmana no cumprimento do voto Unccha, vendo que a fome do seu convidado ainda não estava saciada, começou a pensar em qual outra comida ele poderia colocar diante dele para satisfazê-lo. Então sua esposa disse para ele, 'Que a minha parte seja dada para ele. Que esta principal das pessoas regeneradas fique satisfeita e então o deixe ir para onde quer que ele deseje.' Sabendo que sua esposa casta que falou dessa maneira estava ela mesma afligida pela fome, aquele melhor dos Brahmanas não pôde aprovar que sua parte da cevada em pó fosse dada ao convidado. De fato, aquele melhor dos Brahmanas possuidor de erudição, sabendo a partir do seu próprio estado que sua esposa idosa, esgotada, triste, e desamparada estava ela mesma afligida pela fome e vendo que aquela senhora que tinha ficado emaciada em mera pele e osso estava tremendo de fraqueza, se dirigiu a ela e disse, 'Ó bela, mesmo com animais, mesmo com vermes e insetos, esposas são alimentadas e protegidas. Não cabe a ti, portanto, falar assim. A mulher trata seu marido com bondade e o alimenta e protege. Tudo o que se refere à religião, prazer, e riqueza, enfermagem cuidadosa, prole para perpetuar a linhagem, são todos dependentes da esposa. De fato, os méritos do próprio homem como também de seus antepassados falecidos dependem também dela. A esposa deve conhecer seu marido por meio de suas ações. Na verdade, aquele homem que fracassa em proteger sua esposa ganha grande infâmia aqui e vai para o Inferno após a morte. Tal homem cai mesmo de uma posição de grande renome e nunca consegue alcançar as regiões de bem-aventurança após a morte.' Assim endereçada, ela respondeu a ele, dizendo, 'Ó regenerado, nossas ações religiosas e riqueza estão unidas. Pegue uma quarta parte desta cevada. De fato, fique satisfeito comigo. Verdade, prazer, mérito religioso, e Céu como adquiríveis por boas qualidades, das mulheres, como também todos os objetos de seu desejo, ó principal dos regenerados, são dependentes do marido. Na produção de prole a mãe contribui com seu sangue. O pai contribui com sua semente. O marido é a maior divindade da esposa. Pela graça do marido, mulheres obtêm prazer e prole como a recompensa. Tu és meu Pati (senhor) pela proteção que tu me dás. Tu és meu Bhartri pelos meios de sustento que tu me dás. Tu és, além disso, concessor de bênção para mim por tu teres me presenteado com um filho. Portanto, (em troca

por tantos favores), pegue minha parte da cevada e a dê para o convidado. Dominado pela decrepitude, tu és de idade avançada. Afligido pela fome tu estás extremamente enfraquecido. Esgotado com jejuns, tu estás muitíssimo emaciado. (Se tu pudeste ceder a tua parte, por que eu não deveria ceder a minha?)' Assim endereçado por ela, ele pegou a parte dela da cevada em pó e se dirigindo ao seu convidado disse, 'Ó regenerado, ó melhor dos homens, aceite esta medida de cevada em pó também.' O Brahmana, tendo aceitado aquela quantidade, a comeu imediatamente, mas sua fome ainda não estava saciada. Vendo-o insatisfeito, o Brahmana no cumprimento do voto Unccha ficou pensativo. Seu filho então disse para ele, 'Ó melhor dos homens, pegando minha parte da cevada a dê para o convidado. Eu considero esta minha ação como uma de grande mérito. Portanto, faça isso. Tu deves sempre ser mantido por mim com grande cuidado. O sustento do pai é um dever o qual os bons sempre cobiçam. O sustento do pai em sua velhice é o dever ordenado para o filho. Este mesmo é o sruti (audição) eterno corrente nos três mundos, ó Rishi erudito. Por viver escassamente tu és capaz de praticar penitências. O ar vital é a grande divindade que reside nos corpos de todas as criaturas incorporadas.'" (O sentido parece ser este: tu és capaz de suportar muito. De fato, por viver escassamente, tu és capaz de ganhar mérito religioso, pois o ar vital é uma grande divindade. Ele não deve ser rejeitado. Tua vida está em risco, pois se este convidado não for satisfeito, o pensamento disto irá te matar. Portanto, proteja tua vida por satisfazer este convidado com a minha parte da cevada.)

"O pai, nisso, disse, 'Mesmo se tu atingires a idade de mil anos, tu ainda me parecerás ser somente uma criança pequena. Tendo gerado um filho, o pai alcança o êxito através dele. Ó pujante, eu sei que a fome das crianças é muito forte. Eu sou velho. Eu irei de alguma maneira conseguir manter meus ares vitais. Ó filho, torne-te forte (por comeres o alimento que caiu como tua parte). Velho e decrépito como eu estou, ó filho, a fome mal me aflige. Eu tenho, além disso, por muitos anos, praticado penitências. Eu não tenho medo da morte.'"

"O filho disse, 'Eu sou tua progênie. O Sruti declara que a progênie de um homem é chamada de putra porque ele é resgatado por ela. O próprio pai, além disso, toma nascimento como seu filho. Portanto, salve a ti mesmo por meio de ti mesmo (na forma de teu filho).'"

"O pai disse, 'Em forma tu és como eu. Em conduta e em autocontrole tu também és meu semelhante. Tu tens sido examinado em várias ocasiões por mim. Eu irei, portanto, aceitar a tua parte da cevada, ó filho.' Tendo dito isso, aquela principal das pessoas regeneradas pegou alegremente a parte da cevada de seu filho e sorridente a ofereceu para seu convidado regenerado. Tendo comido aquela cevada também, a fome do convidado não foi saciada. O anfitrião de alma virtuosa no cumprimento do voto unccha ficou envergonhado (ao pensar que ele não tinha nada mais para dar). Desejosa de fazer o que era agradável para ele, sua nora casta então, trazendo a sua parte da cevada, se aproximou dele e disse, 'Através do teu filho, ó Brahmana erudito, eu obterei um filho. Portanto, pegue a minha parte da cevada e a dê para este convidado. Pela tua graça, numerosas regiões de beatitude serão minhas pela eternidade. Através do neto uma pessoa

obtém aquelas regiões se dirigindo para as quais alguém não tem que suportar qualquer tipo de miséria. Como o agregado triplo começando com Religião, ou o agregado triplo de fogos sagrados, há um agregado triplo de Céus eternos, dependendo do filho, do neto, e do bisneto. O filho é chamado de Putra porque que ele livra seus pais da dívida. Através dos filhos e netos uma pessoa sempre desfruta de felicidade daquelas regiões que estão reservadas para os pios e os bons.'"

"O sogro disse, 'Ó tu de votos e conduta excelentes, te vendo debilitada pelo vento e pelo sol, privada da tua própria cor, emaciada e quase desprovida de consciência por causa da fome, como eu posso ser tal transgressor contra as regras de virtude quanto a pegar a tua parte da cevada? Ó donzela auspiciosa, não cabe a ti falar assim, por causa daqueles resultados auspiciosos pelos quais toda família deve se esforçar. (O sentido é este: por causa daqueles resultados auspiciosos pelos quais toda família deve se esforçar, a nora deve ser bem tratada. Como então eu posso te privar de alimento?) Ó donzela auspiciosa, como eu posso te ver dessa maneira, na sexta divisão do dia, se abstendo de comida e cumprindo votos? Tu és dotada de pureza e boa conduta e penitências. Ai, até tu tens que passar teus dias em tanta miséria. Tu és uma criança, afligida pela fome, e pertences ao sexo mais delicado. Tu deves sempre ser protegida por mim. Ai, eu tenho que te ver desgastada com jejuns, ó tu que és a encantadora de todos os teus parentes.'"

"A nora disse, 'Tu és o superior do meu superior já que tu és a divindade da minha divindade. Tu és na verdade o deus do meu deus. Portanto, ó pujante, pegue minha parte da cevada. Meu corpo, ares vitais, e ritos religiosos todos têm um propósito, isto é, o serviço do meu superior. Pela tua graça, ó Brahmana erudito, eu obterei muitas regiões de felicidade após a morte. Eu mereço ser procurada por ti. Saiba, ó regenerado, que eu sou totalmente devotada a ti. Nutrindo também este pensamento, isto é, que minha felicidade é teu interesse, cabe a ti pegar esta minha parte da cevada.'"

"O sogro disse, 'Ó dama casta, por tal conduta tua tu irás brilhar em glória para sempre, pois dotada de votos e firmeza em ritos religiosos, teus olhos estão direcionados para aquele comportamento o qual deve ser observado em direção aos mais velhos. Portanto, ó nora, eu pegarei a tua parte da cevada. Tu não mereces ser desapontada por mim, considerando todas as tuas virtudes. Tu és realmente, ó donzela abençoada, a principal de todas as pessoas que cumprem os deveres de virtude.' Tendo falado assim para ela, o Brahmana pegou sua parte da cevada e a deu para seu convidado. Nisto o convidado ficou satisfeito com o Brahmana de grande alma dotado de grande piedade. Com alma satisfeita, aquela principal das pessoas regeneradas, possuidora de grande eloquência, que era ninguém mais do que a divindade da Justiça em uma forma humana, então se dirigiu àquele principal dos Brahmanas e disse, 'Ó melhor dos regenerados, eu estou muito satisfeito com este teu presente puro, este presente do que foi adquirido por ti por meios legais, e o qual tu cedeste livremente, de acordo com as regras de retidão. Na verdade, essa tua doação está sendo comentada no Céu pelos habitantes daquela região feliz. Veja, flores estão sendo derramadas do

firmamento sobre a Terra. Os Rishis celestes, as divindades, os Gandharvas, aqueles que caminham diante das divindades, e os mensageiros celestes, todos estão te elogiando, tomados pela admiração por tua doação. Os Rishis regenerados que moram nas regiões de Brahma, sentados em seus carros, estão desejosos de obter tua visão. Ó principal das pessoas regeneradas, vá para o Céu. Os Pitris residindo em sua própria região foram todos resgatados por ti. Outros também que não chegaram à posição de Pitris foram igualmente resgatados por ti por Yugas incontáveis. Pelo teu Brahmacharya, tuas doações, teus sacrifícios, tuas penitências, e tuas ações de piedade feitas com um coração puro, tu vais para o Céu. Ó tu de votos excelentes, tu praticaste penitências com grande devoção. Tuas doações, portanto, têm agradado muito as divindades, ó melhor dos regenerados. Já que tu fizeste este presente, em uma época de grande dificuldade, com um coração puro, tu, por essa tua ação, conquistaste o Céu. A fome destrói a sabedoria de alguém e rechaça sua compreensão correta. Alguém cuja inteligência está oprimida pela fome rejeita toda fortaleza. Aquele, portanto, que conquista a fome conquista o Céu sem dúvida. A virtude de uma pessoa nunca é destruída contanto que ela nutra a tendência de fazer doações. Desconsiderando afeição filial, desconsiderando o afeto que alguém sente pela própria esposa, e considerando a virtude como o mais importante, tu não prestaste atenção aos desejos da natureza. A aquisição de riqueza é uma ação de pouco mérito. Sua doação para uma pessoa merecedora é repleta de grande mérito. De mérito ainda maior é o momento (apropriado). Por fim, devoção (na questão de doação) é repleta do maior mérito. A porta do Céu é muito difícil de se ver. Por negligência os homens fracassam em obter uma visão dela. A tranca da porta do Céu tem cobiça como sua semente. Aquela tranca é mantida firme pelo desejo e afeição. Na verdade, a porta do Céu é inacessível. Aqueles homens que subjugaram a ira e conquistaram suas paixões, aqueles Brahmanas que são dotados de penitências e que fazem doações de acordo com a medida de sua habilidade, conseguem vê-la. É dito que aquele que doa cem, tendo mil, aquele que doa dez, tendo cem, e aquele que dá um punhado de água, não tendo riqueza, são todos iguais em relação ao mérito que eles ganham. O rei Rantideva, quando privado de toda sua riqueza, deu uma pequena quantidade de água com um coração puro. Por causa daquela doação, ó Brahmana erudito, ele foi para o Céu. A divindade da justiça nunca está tão satisfeita com presentes grandes de coisas caras como com presentes mesmo de coisas de nenhum valor, se adquiridas legalmente e dadas com devoção e fé. O rei Nriga fez doações de milhares de vacas para a classe regenerada. Por doar somente uma vaca que não pertencia a ele, ele foi para o Inferno. O filho de Usinara Sivi de votos excelentes, por doar a carne do seu próprio corpo, está se regozijando no Céu, tendo alcançado as regiões dos justos. Mera riqueza não é mérito. Bons homens adquirem mérito por se esforçarem da melhor maneira que podem e com a ajuda de recursos virtuosos. Uma pessoa não adquire tal mérito por meio de diversos sacrifícios assim como com uma pequena riqueza que foi ganha legalmente. Pela raiva, os frutos das doações são destruídos. Pela cobiça uma pessoa fracassa em ir para o Céu. Alguém conhecedor dos méritos da caridade, e levando uma direção justa de conduta consegue, através de penitências, desfrutar do Céu. O fruto, ó Brahmana, dessa doação feita por ti (de um prastha de cevada em pó) é

muito maior do que o que alguém adquire por muitos sacrifícios Rajasuya com presentes abundantes ou muitos Sacrifícios de Cavalo. Com este prastha de cevada em pó tu conquistaste a região eterna de Brahman. Vá em felicidade, ó Brahmana erudito, para a residência de Brahman que é sem a mácula da ignorância. Ó principal das pessoas regeneradas, um carro celeste está aqui para todos vocês. Suba nele como te agradar, ó Brahmana, eu sou a divindade da Justiça. Contemple-me! Tu salvaste teu corpo. A fama da tua realização durará no mundo. Com tua esposa, teu filho e tua nora, vá agora para o Céu.' Depois que a divindade da Justiça tinha dito estas palavras, aquele Brahmana, com sua esposa, filho e nora, procedeu para o Céu. Depois que aquele Brahmana erudito, conhecedor de todos os deveres, tinha ascendido para o Céu dessa maneira com seu filho, nora, e esposa numerando a quarta, eu saí do meu buraco. Lá com o cheiro daquela cevada em pó, com a lama causada pela água (que o Brahmana tinha dado para seu convidado), com o contato (do meu corpo) com as flores celestes que foram derramadas, com as partículas de cevada em pó que o bom homem tinha dado, e as penitências daquele Brahmana, minha cabeça se tornou dourada. Vejam, por causa da doação daquele Brahmana que era firme em verdade, e suas penitências, metade deste meu corpo amplo se tornou dourada. Ó regenerados, para converter o resto do meu corpo em ouro eu me dirijo repetidamente, com um coração alegre, para os retiros de ascetas e para os sacrifícios realizados por reis. Sabendo deste sacrifício do rei Kuru dotado de grande sabedoria, eu vim para cá com grandes esperanças. Eu, no entanto, não fui feito dourado. Ó principais dos Brahmanas, foi por isso que eu proferi aquelas palavras, isto é, que este sacrifício não pode de nenhuma maneira se comparar com (a doação) daquele prastha de cevada em pó. Com os grãos daquele prastha de cevada em pó eu fui feito dourado naquela ocasião. Este grande sacrifício, no entanto, não é igual àqueles grãos. Essa é minha opinião.' Tendo dito aquelas palavras para todos aqueles principais dos Brahmanas, o mangusto desapareceu de sua vista. Aqueles Brahmanas então voltaram para suas respectivas casas.'"

"Vaisampayana continuou, 'Ó conquistador de cidades hostis, eu agora te disse tudo relativo àquele incidente extraordinário o qual ocorreu naquele grande Sacrifício de Cavalo. Tu não deves, ó rei, pensar muito favoravelmente sobre sacrifício. Milhões de Rishis têm ascendido para o Céu com a ajuda somente de suas penitências. Abstenção de injúria com relação a todas as criaturas, contentamento, conduta, sinceridade, penitências, autodomínio, veracidade, e doações, cada um é igual em ponto de mérito ao sacrifício.'"

91

"Janamejaya disse, 'Ó Rishi pujante, reis gostam de sacrifícios. Os grandes Rishis gostam de penitências. Brahmanas eruditos são observadores de tranquilidade mental, calma de comportamento, e autodomínio. Consequentemente parece que nada pode ser visto neste mundo que possa se comparar com os frutos de sacrifícios. Esta é minha convicção. Esta convicção, além disso, parece estar indubitavelmente correta. Inúmeros reis, ó melhor das

pessoas regeneradas, tendo adorado as divindades em sacrifícios, ganharam grande fama aqui e alcançaram o Céu após a morte. Dotado de grande energia, o chefe pujante das divindades, isto é, Indra de mil olhos, obteve a soberania sobre as divindades pelos muitos sacrifícios que ele realizou com presentes em profusão e ele conseguiu a realização de todos os desejos. Quando o rei Yudhishthira, com Bhima e Arjuna ao lado dele, parecia com o próprio chefe das divindades em prosperidade e destreza, por que então aquele mangusto depreciou aquele grande Sacrifício de Cavalo do monarca de grande alma?'"

"Vaisampayana disse, 'Ouça-me, ó rei, enquanto eu te falo devidamente, ó Bharata, sobre as ordenanças excelentes relativas a sacrifício e os frutos também, ó soberano de homens, que o sacrifício produz. Antigamente, em uma ocasião Sakra realizou um sacrifício específico. Enquanto os membros do sacrifício eram espalhados, os Ritwijas ficaram ocupados em realizar os diversos ritos ordenados nas escrituras. O derramador de libações, possuidor de toda qualificação, ficou ocupado em derramar libações de manteiga clarificada. Os grandes Rishis estavam sentados em volta. As divindades foram convocadas uma a uma por Brahmanas satisfeitos de grande erudição proferindo Mantras escriturais em vozes gentis. Aqueles principais dos Adhwaryyus, não fatigados com que eles faziam, recitavam os Mantras do Yajurveda em timbres de voz suaves. Chegou a hora de matar os animais. Quando os animais escolhidos para o sacrifício foram apanhados, os grandes Rishis, ó rei, sentiram compaixão por eles. Vendo que os animais tinham todos ficados tristes, aqueles Rishis, dotados de riqueza de penitências, se aproximaram de Sakra e disseram para ele, 'Este método de sacrifício não é auspicioso. Desejoso de adquirir grande mérito como tu estás, esta é na verdade uma indicação da tua não familiaridade com sacrifício. Ó Purandara, animais não foram ordenados para serem mortos em sacrifícios. Ó pujante, esses teus preparativos são destrutivos de mérito. Este sacrifício não é consistente com a virtude. A destruição de criaturas nunca pode ser citada como sendo uma ação de virtude. Se tu desejas isto, que teus sacerdotes realizem o teu sacrifício de acordo com o Agama. Por realizar um sacrifício de acordo com (a verdadeira significação das) ordenanças escriturais, grande será o mérito conquistado por ti. Ó tu de cem olhos, realize o sacrifício com sementes de grãos que tenham sido mantidos por três anos. Isso mesmo, ó Sakra, será repleto de grande virtude e produtivo de resultados de grande eficácia.' A divindade de cem sacrifícios, no entanto, influenciada pelo orgulho e dominada pelo estupor, não aceitou essas palavras proferidas pelos Rishis. Então, ó Bharata, surgiu uma grande disputa naquele sacrifício de Sakra entre os ascetas quanto a como sacrifícios devem ser realizados, isto é, se eles devem ser realizados com criaturas móveis ou com objetos imóveis. Todos eles estavam desgastados com a discussão. Os Rishis então, aqueles contempladores da verdade, tendo feito um acordo com Sakra (acerca de apresentar a questão para arbitragem) questionaram o rei Vasu, 'Ó altamente abençoado, qual é a declaração Védica sobre sacrifícios? É preferível realizar sacrifícios com animais ou com sementes e sucos?' Ouvindo a pergunta, o rei Vasu, sem julgar inteiramente a força ou fraqueza dos argumentos dos dois lados, respondeu imediatamente, dizendo, 'Sacrifícios podem ser realizados com qualquer um dos dois tipos de objetos que

esteja preparado.' Tendo respondido a questão dessa maneira, ele teve que entrar nas regiões inferiores. De fato o soberano pujante dos Chedis teve que passar por aquela miséria por ter respondido falsamente. Portanto, quando surge uma dúvida, nenhuma pessoa, embora sábia, deve decidir a questão sozinha, a menos que ela seja o próprio Autonascido e Senhor pujante das criaturas. Doações feitas por um pecador com uma compreensão impura, mesmo quando elas são muito grandes, se tornam perdidas. Tais doações são em vão. Pelas doações feitas por uma pessoa de comportamento injusto, uma pessoa, isto é, que é de alma pecaminosa e que é um destruidor, fama justa nunca é obtida neste ou no outro mundo. Aquela pessoa de pouca inteligência que, desejosa de adquirir mérito, realiza sacrifícios com riqueza adquirida por meios injustos, nunca consegue ganhar mérito. Aquele patife inferior de alma pecaminosa, que assumindo hipocritamente uma aparência de virtude faz doações para Brahmanas, somente cria a convicção nos homens sobre sua própria virtude (sem ganhar mérito verdadeiro). Aquele Brahmana de conduta descontrolada, que adquire riqueza por meio de ações pecaminosas, subjugado pela paixão e entorpecimento, alcança finalmente a meta dos pecaminosos. Alguém, dominado pela cobiça e estupor, se torna inclinado na direção de riqueza sólida. Ele é visto perseguir todas as criaturas, incitado por uma compreensão pecaminosa e impura. Aquele que, tendo adquirido riqueza por tais meios, faz doações ou realiza os sacrifícios com ela, nunca desfruta dos resultados daquelas doações ou sacrifícios no outro mundo pela riqueza ter sido ganha por meios injustos. Homens dotados de riqueza de penitências, por doarem, ao melhor do seu poder, grãos de cereais apanhados do campo ou raízes ou frutas ou ervas cozidas ou água ou folhas, adquirem grande mérito e vão para o Céu. Tais doações, como também compaixão por todas as criaturas, e Brahmacharya, veracidade de palavras e bondade, e fortaleza, e perdão, constituem os alicerces eternos da Virtude a qual ela mesma é eterna. Nós ouvimos de Visvamitra e outros reis dos tempos antigos. De fato, Visvamitra, e Asita, e o rei Janaka, e Kakshasena e Arshtisena, e o rei Sindhudwipa, esses e muitos outros reis, dotados de riqueza de penitências, tendo feito doações de artigos adquiridos legalmente, obtiveram o maior sucesso. Aqueles entre Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas e Sudras que se dirigirem às penitências, ó Bharata, e que se purificam por meio de doações e outros atos de virtude, procedem para o Céu."

92

"Janamejaya disse, 'Se, ó ilustre, o Céu é o fruto da riqueza adquirida por meios legais, fale-me detalhadamente sobre isto. Tu és bem familiarizado com o assunto e, portanto, cabe a ti explicá-lo. Ó regenerado, tu disseste para mim qual foi o resultado sublime que coube àquele Brahmana, que vivia segundo o modo Unccha, por causa de sua doação de cevada em pó. Sem dúvida, tudo o que tu disseste é verdade. De que maneira, no entanto, era considerado certo o alcance do fim mais elevado em todos os sacrifícios? Ó principal das pessoas regeneradas, cabe a ti explicar isto para mim em todos os seus detalhes.'"

"Vaisampayana disse, 'Em relação a isto é citada esta velha narrativa, ó castigador de inimigos, do que ocorreu nos tempos passados no grande sacrifício de Agastya. Antigamente, ó rei, Agastya de grande energia, dedicado ao bem de todas as criaturas, entrou em um Diksha que se estendia por doze anos. (O Diksha consiste nos ritos iniciatórios praticados por alguém desejoso de realizar um sacrifício específico ou completar um voto específico. Um dia auspicioso é escolhido. Mantras são proferidos e o propósito é expresso em palavras. Havia muitos sacrifícios que se estendiam por muito tempo os quais eram em parte da natureza de votos. Até seu término o realizador ou cumpridor era citado como passando o período de Diksha.) Naquele sacrifício do Rishi de grande alma estavam engajados muitos Hotris que pareciam com fogos ardentes no esplendor de seus corpos. Entre eles estavam homens que subsistiam de raízes ou frutas, ou que usavam somente dois pedaços de pedra para descascar seus cereais, ou que eram sustentados somente pelos raios (da lua). Entre eles estavam também homens que nunca ingeriam algum alimento a menos que ele fosse colocado diante deles por outros desejosos de alimentá-los, e aqueles que nunca comiam alguma coisa sem terem primeiro servido as divindades, os Pitris, e convidados, e aqueles que nunca lavavam o alimento que eles comiam. Havia também Yatis e Bikshus entre eles, ó rei. Todos eles eram homens que tinham obtido uma visão da divindade da Justiça em sua forma incorporada. Eles tinham subjugado a ira e adquirido um domínio completo sobre todos os seus sentidos. Vivendo na observância de autodomínio, eles eram livres de orgulho e do desejo de ferir outros. Eles eram sempre observadores de uma conduta pura e nunca eram obstruídos (na execução de seus propósitos) por seus sentidos. Aqueles grandes Rishis compareceram naquele sacrifício e realizaram seus vários ritos. O Rishi ilustre (Agastya) obteve o alimento que foi reunido naquele sacrifício e que alcançou a medida necessária, por meios legais de acordo com o melhor do seu poder. Outros numerosos ascetas naquele tempo realizaram grandes sacrifícios. Quando Agastya, no entanto, estava dedicado àquele seu sacrifício, Indra de mil olhos, ó melhor dos Bharatas, parou de derramar chuva (sobre a Terra). Nos intervalos, ó rei, dos ritos sacrificais, esta conversa ocorreu entre aqueles Rishis de almas purificadas a respeito de Agastya de grande alma, isto é, 'Este Agastya, dedicado ao sacrifício, está fazendo doações de alimento com coração purgado de orgulho e vaidade. A divindade das nuvens, no entanto, parou de derramar chuva. Como, de fato, o alimento irá crescer? Este sacrifício do Rishi, ó Brahmanas, é grande e se estende por doze anos. A divindade não derramará chuva por estes doze anos. Refletindo sobre isto, cabe a vocês fazerem algum favor para este Rishi de grande inteligência, isto é, Agastya de penitências severas.' Quando essas palavras foram ditas, Agastya de grande destreza, gratificando aqueles ascetas por inclinar sua cabeça, disse, 'Se Vasava não derramar chuva por estes doze anos, eu irei então realizar o sacrifício mental. Esta é a ordenança eterna. Se Vasava não derramar chuva por estes doze anos, eu irei então realizar o Sacrifício do Tato. Este mesmo é o sacrifício eterno. Se Vasava não derramar chuva por estes doze anos, eu irei então, empregando todo o meu esforço, fazer arranjos para outros sacrifícios caracterizados pelo cumprimento dos votos mais difíceis e severos. (Ou, cumprindo meu voto firmemente, eu farei arranjos para muitos sacrifícios, criando os artigos que eu precisar somente pelo pensamento ou

decretos da minha vontade.) Este meu sacrifício atual, com sementes, foi arranjado por mim com trabalho se estendendo por muitos anos. Eu irei, com sementes, realizar muito bem. Nenhum impedimento surgirá. Este meu sacrifício não pode ser frustrado. Pouco importa se a divindade derrama chuva ou se nenhum aguaceiro acontece. De fato, se Indra, por sua própria vontade, não mostrar algum respeito por mim, eu irei, nesse caso, eu mesmo me transformar em Indra e manter todas as criaturas vivas. Toda criatura, de qualquer alimento que ela seja nutrida, continuará a ser nutrida por ele como antes. Eu posso até criar repetidamente uma ordem diferente de coisas. Que ouro e qualquer outra riqueza que há, venha para este lugar hoje. Que toda a riqueza que existe nos três mundos venha aqui hoje por sua própria vontade. Que todas as tribos de Apsaras celestes, todos os Gandharvas junto com os Kinnaras, e Viswavasu, e outros que existam (daquela classe), se aproximem desse meu sacrifício. Que toda a riqueza que existe entre os Kurus do Norte venha por sua própria vontade para estes sacrifícios. Que o Céu, e que todos aqueles que têm o Céu como seu lar, e o próprio Dharma, venham para cá.' Depois que o asceta tinha proferido estas palavras, tudo aconteceu como ele desejava, por causa de suas penitências, pois Agastya era dotado de uma mente que parecia com um fogo ardente e era possuidor de energia extraordinária. Os Rishis que estavam lá viram o poder das penitências com corações regozijantes. Cheios de admiração eles então disseram estas palavras de grande importância.'"

"Os Rishis disseram, 'Nós estamos muito satisfeitos com as palavras que tu proferiste. Nós, no entanto, não desejamos que tuas penitências sofram alguma diminuição. (Se um Brahmana produz resultados extraordinários por meio de suas penitências supõe-se que uma parte de suas penitências é destruída.) São aprovados por nós aqueles sacrifícios que são realizados por meios legais. De fato, nós desejamos devidamente aqueles sacrifícios que dependem de meios legais. Ganhando nosso alimento por meios legais e cumpridores dos nossos respectivos deveres, nós procuraremos passar pelas iniciações sacrificais e o derramamento de libações no fogo sagrado e os outros ritos religiosos. Nós devemos adorar as divindades, praticando Brahmacharya por meios legais. Completando o período de Brahmacharya nós saímos da nossa residência, observando métodos legais. Aquela compreensão, a qual está livre do desejo de infligir qualquer tipo de dano a outros, é aprovada por nós. Tu deves sempre, ó pujante, ordenar tal abstenção de dano em todos os sacrifícios. Nós então ficaremos altamente satisfeitos, ó principal dos regenerados. Depois da conclusão do teu sacrifício, quando despedidos por ti, nós iremos então, deixando este lugar, ir embora.' Quando eles estavam dizendo estas palavras, Purandara, o chefe das divindades, dotado de grande energia, vendo o poder das penitências de Agastya, derramou chuva. De fato, ó Janamejaya, até a conclusão do sacrifício daquele Rishi de destreza incomensurável, a divindade da chuva derramou chuva que encontrou com os desejos dos homens em relação à quantidade e momento. Colocando Vrihaspati perante ele, o chefe das divindades chegou lá, ó sábio nobre, e gratificou o Rishi Agastya. Na conclusão daquele sacrifício, Agastya, cheio de alegria, adorou aqueles grandes Rishis adequadamente e então despediu todos eles.'"

“Janamejaya disse, ‘Quem era aquele mangusto com uma cabeça dourada, que disse todas aquelas palavras em uma voz humana? Perguntado por mim, me diga isto.’”

"Vaisampayana disse, 'Tu não me perguntaste antes e, portanto, eu não te disse. Ouça enquanto eu te digo quem era aquele mangusto e por que ele podia assumir uma voz humana. Nos tempos antigos, o Rishi Jamadagni tencionou realizar um Sraddha. Sua vaca Homa aproximou-se dele e o próprio Rishi a ordenhou. Ele então colocou o leite em um recipiente que era novo, durável e puro. A divindade Dharma, assumindo a forma da Raiva, entrou naquele recipiente de leite. De fato, Dharma estava desejoso de averiguar o que aquele principal dos Rishis faria quando visse alguma injúria feita a ele. Tendo refletido dessa maneira, Dharma estragou aquele leite. Sabendo que quem estragou seu leite foi a Raiva, o asceta não ficou em absoluto enfurecido com ela. A Raiva, então, assumindo a forma de uma dama Brahmana, se mostrou para o Rishi. De fato, a Raiva, descobrindo que ela tinha sido conquistada por aquele principal da linhagem de Bhrigu, se dirigiu a ele, dizendo, 'Ó chefe da linhagem de Bhrigu, eu fui conquistada por ti. Há um ditado entre os homens que os Bhrigus são muito coléricos. Eu agora descobri que aquele ditado é falso, já que eu fui subjugada por ti. Tu és possuidor de uma alma poderosa. Tu és dotado de clemência. Eu permaneço aqui hoje, possuindo teu domínio. Eu temo tuas penitências, ó justo. Ó Rishi pujante, me mostre benevolência.'”

"Jamadagni disse, 'Eu tenho te visto, ó Raiva, em tua forma incorporada. Vá para onde quer que tu queiras, sem qualquer ansiedade. Tu não me fizeste nenhuma injúria hoje. Eu não tenho ressentimento contra ti. Aqueles para quem eu tinha mantido este leite são os Pitris altamente abençoados. Apresente-te perante eles e averigúe suas intenções.' Assim endereçada, tomada pelo medo, a Raiva desapareceu da visão do Rishi. Por causa da maldição dos Pitris ela se tornou um mangusto. Ela então começou a gratificar os Pitris para ocasionar um fim de sua maldição. Deles ela ouviu estas palavras, 'Por falar desrespeitosamente de Dharma tu atingirás o fim da tua maldição.' Assim endereçada por eles ela vagou por lugares onde sacrifícios eram realizados e por outros lugares sagrados, empenhada em criticar grandes sacrifícios. Foi ela que chegou ao grande sacrifício do rei Yudhishthira. Criticando o filho de Dharma por uma referência ao prastha de cevada em pó, a Raiva ficou livre de sua maldição, pois Yudhishthira (como o filho de Dharma) era o próprio Dharma. Isto mesmo foi o que ocorreu no sacrifício daquele rei de grande alma. O mangusto desapareceu lá na nossa própria vista.'”

(É difícil resistir à convicção que a parte deste capítulo que se refere ao mangusto é uma interpolação. Os Brahmanas não podiam tolerar a idéia de um sacrifício com tal profusão de doações, como aquele de Yudhishthira, ser criticável. Por isso a invenção sobre a transformação do mangusto. Realmente falando, a doutrina é nobre da doação de uma pequena quantidade de cevada feita sob as circunstâncias ser superior a respeito de mérito até a um Sacrifício de Cavalo realizado por um rei com doações em profusão feitas para os Brahmanas.)

Fim do Aswamedha Parva.